

THAÍS NASCIMENTO DO VALE

**IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NAS
NOTAS DE VIAGEM DE ROBERTO ARLT**

**ASSIS
2017**

THAÍS NASCIMENTO DO VALE

**IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NAS
NOTAS DE VIAGEM DE ROBERTO ARLT**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roberto Esteves

Bolsista: CAPES

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

V149i Vale, Thaís Nascimento do
Imagens e representações do Brasil nas notas de viagem
de Roberto Arlt / Thaís Nascimento do Vale. Assis, 2017.
242 f. : il.

Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Antonio Roberto Esteves

1. Arlt, Roberto, 1900-1942. 2. Literatura argentina. 3.
Rio de Janeiro - Descrição e viagens. 4. Escritos de viajantes.
5. Imprensa argentina. I. Título.

CDD 868.99



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE **Thaís Nascimento do Vale**,
DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE
CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS.

Ao(s) 12 de dezembro de 2017, às 14:00:00 horas, no(a) Sala de Videoconferência II - Prédio I,
reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros:
PROF. DR. Antonio Roberto Esteves do(a) UNESP/ASSIS, PROFA. DRA. Maria Zulma
Moriondo Kulikowski do(a) USP/SÃO PAULO, PROFA. DRA. Silvia Beatriz Adoue do(a)
UNESP/ARARAQUARA, PROFA. DRA. Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari do(a)
UNESP/ASSIS, PROFA. DRA. Katia Rodrigues Mello Miranda do(a) UNESP/ASSIS, sob a
presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da Tese de Doutorado de Thaís
Nascimento do Vale, intitulada "IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NAS NOTAS
DE VIAGEM DE ROBERTO ARLT". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos
membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final:
Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e
aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

PROF. DR. Antonio Roberto Esteves

PROFA. DRA. Maria Zulma Moriondo Kulikowski

PROFA. DRA. Silvia Beatriz Adoue

PROFA. DRA. Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari

PROFA. DRA. Katia Rodrigues Mello Miranda

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa concedida.

Ao Professor Dr. Antonio Roberto Esteves, que me orientou desde a graduação e durante a realização deste trabalho, agradeço imensamente pela confiança, dedicação, paciência e amizade.

À coordenação, docentes, técnicos e discentes do Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura e Vida Social, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis, que de alguma forma tenham participado desta caminhada.

Às professoras Dra. Silvia Beatriz Adoue e Dra. Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari, que também participaram da banca examinadora da qualificação, e Dra. María Zulma Moriondo Kulikowski e Dra. Katia Rodrigues Mello Miranda, pela leitura atenta do trabalho e pelos comentários realizados, contribuindo para o enriquecimento do mesmo.

Ao Professor Dr. Pablo Rocca, quem me proporcionou o contato com as *Aguafuertes Uruguayas* de Roberto Arlt.

Aos meus pais, Edna e Severino, ao meu irmão, Salvano, e aos meus avós maternos, Eva e José, pelo carinho e apoio irrestrito.

Ao Bruno, meu amado esposo, por sempre estar ao meu lado e por me apoiar incondicionalmente.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que o presente estudo se fizesse possível.

Gratidão.

*No curso da viagem há sempre alguma
transfiguração, de tal modo que aquele que parte
não é nunca o mesmo que regressa.*

(Octavio Ianni, 2003)

VALE, Thaís Nascimento do. **Imagens e representações do Brasil nas notas de viagem de Roberto Arlt**. 2017. 242 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

RESUMO

Este trabalho propõe o estudo das notas produzidas pelo escritor argentino Roberto Arlt (1900-1942), durante sua estada no Brasil, em 1930. Dessa viagem resultaram quarenta e duas crônicas intituladas *Notas de a bordo*, *Notas de viaje* e *De Roberto Arlt*, originalmente publicadas no jornal argentino *El Mundo*, entre 2 de abril e 31 de maio de 1930. Posteriormente esses textos foram compilados em livros sob os títulos: *Aguafuertes cariocas* (Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2013); *Águas-fortes cariocas e outros escritos* (Rio de Janeiro: Rocco, 2013) e *Águas-fortes portenhas seguidas por águas-fortes cariocas* (São Paulo: Iluminuras, 2013), sendo os dois últimos traduções para o português. Com a leitura de tais textos, busca-se compreender como são formadas as imagens e as representações sobre o Brasil, mais especificamente sobre o Rio de Janeiro, e como o espaço urbano é representado no que diz respeito à construção da identidade nacional, por meio da análise das estratégias de tradução dessas imagens para o código linguístico. Nota-se que a construção de heteroimagens nos textos arltianos está intrinsecamente ligada à transmissão de autoimagens, sendo necessário questionar em que medida a questão do idioma interfere nesse processo de representação do outro. Mais do que uma dificuldade em compreender o outro através de um idioma estrangeiro, a presença das autoimagens nas águas-fortes cariocas e a constatação de uma suposta superioridade dos argentinos em relação aos brasileiros traduzem o estranhamento da linguagem arltiana, não apenas naquilo que diz, mas na forma como o faz, e que caracterizou toda a sua obra. Partimos, para tanto, dos conceitos de narrativa de extração histórica (TROUCHE, 2006), imagologia literária (SOUSA, 2004), e dos estudos sobre a narrativa de viagem (IANNI, 2003; TODOROV, 2006; CARRIZO RUEDA, 2008) dentre outros que auxiliam na compreensão dos mecanismos narrativos utilizados pelo escritor, sobretudo no que diz respeito às relações entre *eu* e *outro*, auto e heteroimagem.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Arlt; *Aguafuertes cariocas*; narrativa de extração histórica; imagologia literária; biblioteca intertextual; literatura argentina.

VALE, Thaís Nascimento do. **Imágenes y representaciones de Brasil en las notas de viaje de Roberto Arlt**. 2017. 242 p. Tesis (Doctorado en Letras). Universidad Estadual Paulista (UNESP), Facultad de Ciencias y Letras, Assis, 2017.

RESUMEN

Este trabajo propone el estudio de las notas producidas por el escritor argentino Roberto Arlt (1900-1942), durante su viaje al Brasil, en 1930. De ese viaje resultaron cuarenta y dos crónicas intituladas *Notas de a bordo*, *Notas de viaje* e *De Roberto Arlt*, originalmente publicadas en el diario argentino *El Mundo*, entre 2 de abril y 31 de mayo de 1930. Posteriormente esos textos fueron compilados en libros bajo los títulos: *Aguafuertes cariocas* (Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2013); *Águas-fortes cariocas e outros escritos* (Rio de Janeiro: Rocco, 2013) e *Águas-fortes portenhas seguidas por águas-fortes cariocas* (São Paulo: Iluminuras, 2013), siendo los dos últimos traducciones para el portugués. Con la lectura de los textos, se busca comprender como son formadas las imágenes y las representaciones sobre el Brasil, más específicamente sobre el Rio de Janeiro, y cómo el espacio urbano es representado en lo que respecta a la construcción de la identidad nacional, por medio del análisis de las estrategias de traducción de esas imágenes para el código lingüístico. Se puede notar que la construcción de heteroimágenes en los textos arltianos está intrínsecamente asociada a la transmisión de autoimágenes, siendo necesario cuestionar en que medida la cuestión del idioma interfiere en ese proceso de representación del otro. Más que una dificultad en comprender el otro a través de un idioma extranjero, la presencia de las autoimágenes en las aguafuertes cariocas y la constatación de una supuesta superioridad de los argentinos en relación a los brasileños traducen el extrañamiento del lenguaje arltiano, no solo en lo que dice, pero en la forma como lo hace, y que ha caracterizado toda su obra. Partimos, para tanto, de los conceptos de narrativa de extracción histórica (TROUCHE, 2006), imagología literaria (SOUSA, 2004), y de los estudios sobre la narrativa de viaje (IANNI, 2003; TODOROV, 2006; CARRIZO RUEDA, 2008) entre otros que auxilian en la comprensión de los mecanismos narrativos utilizados por el escritor, sobretudo en lo que respecta a las relaciones entre el *yo* y el *otro*, auto y heteroimagen.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Arlt; *Aguafuertes cariocas*; narrativa de extracción histórica; imagología literaria; biblioteca intertextual; literatura argentina.

VALE, Thaís Nascimento do. **Images and representations of Brazil in travel notes of Roberto Arlt**. 2017. 242 p. Thesis (Doctorate in Languages). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2017.

ABSTRACT

This work proposes the study of the notes produced by the Argentine writer Roberto Arlt (1900-1942), during his stay in Brazil in 1930. This trip resulted in forty-two chronicles entitled *Notas de a bordo*, *Notas de viaje* and *De Roberto Arlt*, originally published in the Argentine newspaper *El Mundo*, between April 2 and May 31, 1930. Later these texts were compiled in books under the titles: *Aguafuertes cariocas* (Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2013); *Águas-fortes cariocas e outros escritos* (Rio de Janeiro: Rocco, 2013) and *Águas-fortes portenhas seguidas por águas-fortes cariocas* (São Paulo: Iluminuras, 2013), with the last two translations into Portuguese. With the reading of such texts, it seeks to understand how images and representations are made about Brazil, more specifically about Rio de Janeiro, and how the urban space is represented with regard to the construction of the national identity, through of the analysis of the translation strategies of these images into the linguistic code. It is noted that the construction of hetero-images in the arltian texts is intrinsically linked to the transmission of self-images, and it is necessary to question to what extent the question of language interferes in this process of representation of the other. More than a difficulty in understanding the other through a foreign language, the presence of self-images in *Aguafuertes cariocas* and the finding of a supposed superiority of the Argentineans in relation to the Brazilians translate the strangeness of the arltian language, not only in what it says, but in the way he does it, and that characterized all his work. For this purpose, the concepts of narrative of historical extraction (TROUCHE, 2006), literary imagology (SOUSA, 2004), and studies on travel narrative (IANNI, 2003; TODOROV, 2006; CARRIZO RUEDA, 2008) among others that help in the understanding of the narrative mechanisms used by the writer, especially with regard to the relations between the *self* and *other*, self- and hetero-images.

KEYWORDS: Roberto Arlt; *Aguafuertes cariocas*; narrative of historical extraction; literary imagology; intertextual library; Argentine literature.

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAS	09
1. VIAJANTES ARGENTINOS NO BRASIL: O CASO DE ROBERTO ARLT	14
1.1. Roberto Arlt: vida e obra	14
1.2. As águas-fortes no âmbito da narrativa de extração histórica	36
1.2.1. Crônica jornalística: <i>águas-fortes portenhas e outras</i>	42
1.2.2. Narrativa de viagem: <i>águas-fortes de viagem</i>	48
1.3. Viajantes argentinos no Brasil	61
1.3.1. Argentinos no Brasil – Século XIX	63
1.3.2. Argentinos no Brasil – Século XX	69
2. ÁGUAS-FORTES CARIOCAS: UM ESCRITOR, DOIS VIAJANTES?	88
2.1. <i>Notas de viaje: Rio de Janeiro, “una ciudad de gente decente”</i>	88
2.2. <i>De Roberto Arlt: Buenos Aires, “más hermosa ciudad de América”</i>	122
2.3. A viagem, a biblioteca e a representação do outro	153
3. IMAGENS E REPRESENTAÇÕES	165
3.1. Representações das mulheres	165
3.1.1. As mulheres na obra arltiana	165
3.1.2. A representação das mulheres nas águas-fortes cariocas	172
3.1.3. Uma exceção: <i>“¡Pobre brasilera!”</i>	182
3.2. Representações da população negra no Brasil	186
3.2.1. Da savana africana ao latifúndio da cana: breve contexto	186
3.2.2. A representação dos negros nas águas-fortes cariocas	191
3.2.3. <i>“Fiesta de la abolición de la esclavitud”</i>	197
3.3. Representações do idioma	202
3.3.1. <i>“El idioma de los argentinos”</i> e a linguagem arltiana	202
3.3.2. O idioma nas águas-fortes cariocas	210
PALAVRAS FINAIS	220
REFERÊNCIAS	223
ANEXOS	235

PALAVRAS INICIAIS

As cortinas do século XIX iniciam o seu movimento de fechamento, uma em direção à outra, quando às margens do palco, ainda visível, e “sob a conjunção dos planetas Mercúrio e Saturno”¹, nasce o filho do casal de imigrantes Carlos e Catalina. Aos oito anos, vende o seu primeiro conto² e aos dezoito publica o seu primeiro relato. Aos vinte e oito, consolida um lugar de enunciação nas páginas de um jornal e, simultaneamente, dentro da literatura argentina (SAÍTTA, 2008).

Em 1930, realiza sua primeira viagem internacional. Alguns dados acerca dessa viagem parecem ter saído das páginas escritas por esse personagem que modifica a data de seu nascimento, que mente sobre sua formação escolar e que diverge até em relação a seu próprio nome em suas autobiografias. E se a alusão, durante sua estadia em país estrangeiro, a uma entrevista concedida aos jornais locais até então poderia ser considerada mais uma de suas ficções, na realidade não o é. No dia 25 de março de 1930, uma terça-feira, um jornal carioca publica uma entrevista sob o título “O Rio de Janeiro é o diamante do Atlântico”. Pronunciada por um argentino, a frase em questão tem sua inspiração a partir de outra, comum aos portenhos, que é de considerar Buenos Aires como “a pérola do Prata”. Um personagem real e ficcionalizado, por si e pelos outros, que não considerava agradável ter que demonstrar às pessoas que um sobrenome poderia ser escrito por “uma vogal e três consoantes”³: “o vagabundo do Arlt. Grande escritor”⁴. O presente trabalho dedica-se a ele: Roberto Arlt (1900-1942), escritor argentino. Ou melhor: ao estudo de suas notas de viagem.

O interesse pela narrativa arltiana produzida em contextos de viagem não é novo. Mesmo em nosso caso, trata-se de ampliação de estudos anteriores realizados em torno de uma parcela das produções do escritor em situações de deslocamento de sua terra natal. Foi durante a pesquisa de iniciação científica intitulada *Tradução das Águas-fortes Asturianas* que iniciamos o nosso percurso pela obra arltiana e, posteriormente, o aprofundamos durante a realização do Mestrado, que culminou na dissertação *Tradução ao português das Águas-fortes*

¹ Em “*Autobiografías humorísticas de Roberto Arlt*” (ARLT, 2010b, p. 25, tradução nossa).

² Como relata em “*Autobiografías humorísticas de Roberto Arlt*” (ARLT, 2010b).

³ Em “*Yo no tengo la culpa*” (ARLT, 2013c, p. 37).

⁴ Em “*Una excusa: el hombre del trombón*” (ARLT, 2013c, p. 102).

Galegas, de Roberto Arlt. Em ambas ocasiões, embora a tradução ocupasse o centro de nossa pesquisa, foi possível observar características de tema e de estilo na elaboração dessas notas de viagem.

Diante de uma enorme quantidade de textos produzidos pelo escritor em contextos de viagem – e que, por outro lado, representam apenas uma pequena parcela do montante das águas-fortes escritas por Arlt – definimos como *corpus* para esta pesquisa as águas-fortes que se originaram da viagem do escritor argentino ao Brasil, no ano de 1930. O interesse pelas águas-fortes cariocas, como acabou sendo denominado o conjunto de textos produzidos no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, incluía também o fato de que tais textos permaneciam inéditos, em forma de livro, naquele momento.

Em 2013, no entanto, os textos arltianos sobre essa viagem foram compilados em *Aguafuertes cariocas* (Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2013), com investigação e prólogo de Gustavo Pacheco. Nesse mesmo ano, foram publicadas duas traduções desses textos para o português: *Águas-fortes cariocas e outros escritos* (Rio de Janeiro: Rocco, 2013), tradução e organização também por Gustavo Pacheco, e *Águas-fortes portenhas seguidas por águas-fortes cariocas* (São Paulo: Iluminuras, 2013), com compilação, tradução, ensaio introdutório, nota biográfica e cronologia por Maria Paula Gurgel Ribeiro.

Na edição argentina, temos um conjunto de quarenta textos, sendo que o primeiro se refere à nota de anúncio da viagem, “*Con el pie en el estribo*”, publicada em *El Mundo* no dia 8 de março de 1930, dias antes de deixar a cidade de Buenos Aires e na qual Arlt anuncia sua viagem. Seguem-se a essa, as águas-fortes sobre o Rio, cujos dois primeiros textos, “*Ya estamos en Río de Janeiro*” (02/04/1930) e “*Costumbres cariocas*” (03/04/1930), foram publicados originalmente no jornal *El Mundo* como *Notas de a bordo*. Os catorze textos seguintes são publicados como *Notas de viaje*, a saber: “*De todo un poco*” (04/04/1930); “*En la caverna de un compatriota*” (05/04/1930); “*Hablemos de cultura*” (06/04/1930); “*Los Pescadores de perlas*” (07/04/1930); “*La ciudad de piedra*” (08/04/1930); “*¿Para qué?*” (09/04/1930); “*Algo sobre urbanidad popular*” (10/04/1930); “*Y la vida nocturna ¿dónde está?*” (11/04/1930); “*Trabajar como negro*” (12/04/1930); “*Tipos raros*” (13/04/1930); “*Ciudad sin flores*” (14/04/1930); “*Ciudad que trabaja y que se aburre*” (15/04/1930); “*Porqué vivo en un hotel*” (16/04/1930) e “*Río de Janeiro en día de domingo*” (22/04/1930).

Os outros vinte e três textos que compõem o livro organizado por Pacheco foram originalmente publicados em *El Mundo* como *De Roberto Arlt*. São eles: “*Divagaciones y locomotoras de fantasía*” (24/04/1930); “*Castos entretenimientos*” (25/04/1930); “*¡Qué lindo país!*” (26/04/1930); “*Dos obreros distintos*” (27/04/1930); “*Cosas del tráfico*” (28/04/1930); “*Llamémoslo ‘jardín zoológico’*” (29/04/1930); “*Sólo escribo sobre lo que veo*” (30/04/1930); “*Se lo recomiendo para combatir el calor*” (01/05/1930); “*La belleza de Río de Janeiro*” (03/05/1930); “*¡Pobre brasilerita!*” (04/05/1930); “*Elogio de una moneda de cinco centavos*” (05/05/1930); “*No me hablen de antigüedades*” (06/05/1930); “*Amabilidad y realidad*” (07/05/1930); “*¡Treinta y seis millones!*” (08/05/1930); “*Elogio de la triple amistad*” (11/05/1930); “*Vento fresco*” (12/05/1930); “*Redacción de O Jornal*” (13/05/1930); “*Fiesta de la abolición de la esclavitud*” (14/05/1930); “*El que desprecia su tierra*” (15/05/1930); “*Os mininos*” (16/05/1930); “*Espérenme, que llegaré en aeroplano*” (21/05/1930); “*Viaje a Petrópolis*” (22/05/1930) e “*Diario del que va a viajar en aeroplano*” (29/05/1930).

A edição brasileira de 2013 da Rocco, organizada e traduzida por Pacheco, inclui, além do conjunto de textos presentes em *Aguafuertes cariocas*, um apêndice com três águas-fortes: “*Argentinos na Europa*” (18/10/1928), “*A crônica nº 231*” (31/12/1928) e “*O idioma dos argentinos*” (17/01/1930); três autobiografias (*Crítica Magazine*, 28/02/1927; *Cuentistas Argentinos de Hoy* (1921-1928), 1929; e *Mundo Argentino*, 26/08/1931); e uma “*Entrevista com Roberto Arlt*” (*La literatura Argentina*, 12/08/1929).

A edição da Iluminuras traz as sessenta e nove águas-fortes portenhas selecionadas para compor a primeira compilação de tais textos (Buenos Aires: Victoria, 1933) e outras quatro águas-fortes: “*A crônica nº 231*” (31/12/1928), “*Como querem que eu escreva a vocês?*” (03/09/1929), “*O cortiço da nossa literatura*” (21/12/1928) e “*Penhas de artistas em Boedo*” (22/10/1932), cujas traduções são resultado da dissertação de mestrado de Maria Paula Gurgel Ribeiro, *Tradução de “Águas-fortes Portenhas”, de Roberto Arlt* (RIBEIRO, 2001). Ao conjunto das águas-fortes sobre o Rio de Janeiro mencionadas na edição argentina, são incluídas nesse livro outras quatro: “*Rumo ao Brasil, de 1ª classe*” (31/03/1930) e “*Dou o oceano de presente*” (01/04/1930), publicadas como *Notas de a bordo*, “*Propostas comerciais*” (30/05/1930) e “*Este é Soiza Reilly*” (31/05/1930), como *De Roberto Arlt*.

Para compor o *corpus* que será analisado nas próximas páginas consideraremos, portanto, sob a definição de águas-fortes cariocas, quarenta e dois textos. Desta forma, será considerado o conjunto de textos comum às três publicações mencionadas, bem como os dois últimos textos incluídos apenas por Ribeiro, levando-se em conta principalmente o fato de que os dois últimos foram escritos por Arlt ainda no Brasil.

Com a leitura de tais textos, busca-se compreender como é construída a imagem do Brasil e como o espaço urbano é representado no que diz respeito à construção de uma identidade nacional, por meio da análise das estratégias de tradução dessas imagens para o código linguístico. A presente proposta visa comprovar que a construção de heteroimagens nos textos arltianos está intrinsecamente ligada à transmissão de autoimagens. Partimos, para tanto, dos conceitos de narrativa de extração histórica (TROUCHE, 2006), imagologia literária (SOUSA, 2004), e dos estudos sobre a narrativa de viagem (IANNI, 2003; TODOROV, 2006; CARRIZO RUEDA, 2008), dentre outros que auxiliam na compreensão dos mecanismos narrativos utilizados pelo escritor, sobretudo no que diz respeito às relações entre *eu* e *outro*, auto e heteroimagem.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo está subdividido em três tópicos principais. Em “Roberto Arlt: vida e obra”, tratamos dos aspectos principais da trajetória pessoal e profissional do escritor, no qual, por alguns momentos, nos detemos nas quantificações da produção literária arltiana. Embora, por um lado, isso seja pouco usual nos estudos do universo literário, por outro, aproxima-nos dos moldes através dos quais Arlt concebeu a própria obra. Em “As águas-fortes no âmbito da narrativa de extração histórica”, buscou-se focalizar a água-forte a partir das concepções de gêneros híbridos, tais como a crônica jornalística e a narrativa de viagem. Em “Viajantes argentinos no Brasil” buscamos traçar uma breve cartografia dos argentinos que viajaram e escreveram sobre o Brasil desde meados do século XIX até a década de sessenta do século XX, em cujo contexto pode ser incluída a viagem de Arlt de 1930 e os textos que produziu sobre ela.

O segundo capítulo, dividido em três partes, detém-se na leitura das águas-fortes cariocas tendo como pano de fundo o contexto brasileiro no momento em que tais textos foram escritos, por meio tanto de dados históricos quanto de notícias produzidas pelos jornais da época. Ainda nesse capítulo realizou-se uma leitura da

crítica das águas-fortes cariocas, incluindo as concepções de imagologia literária e de biblioteca para empreendermos uma análise da forma como Arlt traduz o Brasil a seus leitores portenhos.

O último capítulo também se divide em três subcapítulos. O primeiro detém-se na análise da representação da figura feminina nas águas-fortes cariocas considerando essa presença na obra arltiana como um todo. O segundo subcapítulo recupera aspectos históricos referentes à presença de populações negras no Brasil a partir das quais é analisada a forma como Arlt as representa, bem como a questão da escravidão no país e como aparece na obra. Por fim, é analisada a forma como o argentino concebeu o idioma português falado no Brasil e a utilização que o autor faz dele, a partir de sua própria concepção de língua.

Adentrar à obra arltiana buscando compreender os processos por meio dos quais Arlt constrói as imagens e representações acerca do Brasil e de sua população, por um lado, reforça a constatação da impossibilidade de existência do “*outro*” sem um “*eu*”, que emerge e se faz presente de tal forma que permite que as águas-fortes cariocas sejam, não apenas notas de viagem sobre o Brasil, mas também uma interpretação da sociedade argentina a partir do distanciamento desta, e, por outro, possibilita a compreensão sobre o lugar que ocupa o idioma nesse processo de enxergar o outro e a si mesmo.

1. VIAJANTES ARGENTINOS NO BRASIL: O CASO DE ROBERTO ARLT

1.1. Roberto Arlt: vida e obra

“En efecto, ¿cómo decir brevemente, lo que uno piensa sobre Roberto Arlt sin despertar todas las desconfianzas, todos los equívocos?”⁵
(MASOTTA, 1982, p. 82)

A dificuldade à qual alude Masotta (1982), no texto usado como epígrafe, quando nos debruçamos a escrever sobre o argentino Roberto Arlt, ainda que seja uma breve apresentação de sua vida e de sua obra, como nos propomos a fazer aqui, está talvez no fato de que o próprio escritor, de certa maneira, antecipou-se nesta tarefa em diferentes ocasiões, nas quais apresentou dados díspares sobre o mesmo aspecto, além de informações que seriam posteriormente reelaboradas pela crítica.

Arlt escreveu, pelo menos, três autobiografias⁶: *Autobiografías humorísticas* (*Don Goyo*, 14/12/1926); *Autobiografía* (*Crítica Magazine*, nº 28, 28/02/1927) e *Roberto Arlt* (*Cuentistas de Hoy* (1921-1928) – edição de Guillermo Miranda Klix e Álvaro Yunque – Buenos Aires: *Claridad*, 1929 – Fragmentos de *Los siete locos*) e, em cada uma delas, varia o seu próprio nome, bem como divergem as datas de nascimento apresentadas. Na primeira, o escritor afirma que seu nome é Roberto Godofredo Christophersen Arlt e que nasceu no dia 26 de abril de 1900, ao passo que, na segunda, apresenta-se como Roberto Christophersen Arlt, nascido em uma noite de 1900 e, finalmente, na terceira autobiografia aparece o nome com o qual tornou-se um escritor reconhecido, Roberto Arlt, cuja data de nascimento afirma ser o dia 7 de abril de 1900.

Essas divergências são matéria para biógrafos e críticos que se dedicaram ao estudo de sua vida e de sua obra. E se, por algum motivo, Omar Borré (1996 *apud*

⁵ “Em efeito, como dizer brevemente o que se pensa sobre Roberto Arlt sem despertar todas as desconfianças e todos os equívocos?” (MASOTTA, 1982, p. 82, tradução nossa).

⁶ Para a realização deste estudo, no que concerne sobretudo às obras publicadas por Arlt, consideramos as informações presentes na “Bibliografía de Roberto Arlt”, organizada em ordem cronológica e publicada por Silvia Saítta, em seu livro *El escritor en el bosque de ladrillos* (Buenos Aires: Debolsillo, 2008), salvo especificações em contrário.

SAÍTTA, 2008, p. 29) relata que “*El acta de nacimiento indica: Roberto Godofredo Christophersen Arlt*”⁷, anos depois, Sylvia Saítta (2008, p. 16) afirma que o nome presente na certidão de nascimento é Roberto Arlt: “*Lo cierto es que Roberto Arlt nació el 26 de abril de 1900 a las once de la noche en La Piedad, 677, según consta en su partida de nacimiento*”⁸. Porém, conforme a própria estudiosa publicaria anos mais tarde, em “*Roberto Arlt en sus biografías*” (2013), na certidão de batismo, encontrada por Roberto Alfredo Colimodio Galoso, consta o nome Roberto Emilio Gofredo⁹, assim como em sua certidão de casamento com Carmen Antinucci. Para a estudiosa:

*Esta inestabilidad del nombre propio muestra que además de ser una de las marcas del artificio que se esconde detrás de la construcción de toda fábula de origen, es también el punto de partida en la construcción de una identidad inestable, propia de quienes, como Arlt, son inmigrantes o hijos de inmigrantes, cuyos nombres propios señalan el lugar del que se proviene.*¹⁰ (SAÍTTA, 2013, p. 133)

Essa instabilidade, vivida pelos imigrantes e seus filhos, e, portanto, também por Arlt, é reflexo de um contexto histórico, social e cultural em que Buenos Aires, cidade moderna, se converte no “grande cenário latino-americano de uma *cultura de mescla*” (SARLO, 2005, p. 201) e, para ilustrá-lo, Sarlo (2005) recorre a Arlt e transcreve trechos de duas águas-fortes portenhas, “*Corrientes, por la noche*” (26/03/1929) e “*Silla en la vereda*” (11/12/1929), publicadas no jornal *El Mundo* e que descrevem o pulsar dessa sociedade em desenvolvimento, das quais transcrevemos abaixo trechos pertencentes à água-forte sobre a rua Corrientes:

Caída entre los grandes edificios cúbicos, con panoramas de pollos a “lo spiedo” y salas doradas, y puestos de cocaína, y vestíbulos de teatros ¡qué maravillosamente atorranta es por la noche la calle Corrientes! ¡Qué linda y qué vaga! Más que calle parece una cosa viva, una creación que rezuma cordialidad por todos sus poros; calle

⁷ “A certidão de nascimento indica: Roberto Godofredo Christophersen Arlt” (BORRÉ, 1996 *apud* SAÍTTA, 2008, p. 29, tradução nossa).

⁸ “O certo é que Roberto Arlt nasceu no dia 26 de abril de 1900, às onze horas da noite, em *La Piedad, 677*, segundo consta em sua certidão de nascimento” (SAÍTTA, 2008, p. 16, tradução nossa).

⁹ Segundo Saítta (2013, p. 132-133): “*Obvio es señalar que ‘Gofredo’ es una errata de Godofredo y que entonces Arlt estaba en lo cierto cuando afirmaba llamarse como se llamaba*”.

¹⁰ “Esta instabilidade do nome próprio demonstra que além de ser uma das marcas do artificio que se esconde por detrás da construção de toda uma fábula de origem, é também o ponto de partida na construção de uma identidade instável, característica daqueles que, como Arlt, são imigrantes ou filhos de imigrantes, cujos nomes próprios assinalam o lugar de sua origem” (SAÍTTA, 2013, p. 133, tradução nossa).

nuestra, la sola calle que tiene alma en esta ciudad, la única que es acogedora, amablemente acogedora, como una mujer trivial, y más linda por eso.

[...]

Vigilantes, canillitas, “fiocas”, actrices, porteros de teatros, mensajeros, revendedores, secretarios de compañías, cómicos, poetas, ladrones, hombres de negocios inenabrigables, autores, vagabundas, críticos teatrales, damas del medio mundo; una humanidad única, cosmopolita y extraña se da la mano en este único desaguadero que tiene la ciudad para su belleza y alegría.

[...]

Calle única, calle absurda, calle linda. Calle para soñar, para perderse, para ir de allí a todos los éxitos y a todos los fracasos; calle de alegría; calle que las vuelve más gauchas y compadritas a las mujeres; calle donde los sastres le dan consejos a los autores y donde los polizontes confraternizan con los turros; calle de olvido, de locura, de milonga, de amor. Calle de las rusas, de las francesas, de las criollas que dejaron demasiado pronto el hogar para ir a correr la juerga tras de un malevito; calle de tango, de ensueño; calle que recuerdan los presos en el cuadro quinto; calle que al amanecer se azulea y oscurece porque la vida sólo es posible al resplandor artificial de los azules de metileno, de los verdes de sulfato de cobre, de los amarillos de ácido pícrico que le inyectan una locura de pirotecnia y celos.¹¹ (ARLT, 1998, p. 230-233)

Sobre o impacto da imigração no crescimento da Argentina, cabe mencionar que das nações que receberam mais imigrantes europeus no período por volta da metade do século XIX até a década de cinquenta do século XX, o país encontra-se em segundo lugar (LATTES e SAUTU 1978 *apud* SARLO, 2005). De acordo com Lattes (1974), os efeitos dessa imigração massiva são fundamentais para o processo de urbanização da Argentina, uma vez que os imigrantes se instalavam sobretudo nas cidades, contribuindo desta forma para o crescimento da população

¹¹ “Caída entre os grandes edifícios cúbicos, com panoramas de frango no espeto e salas douradas, e postos de cocaína, e vestíbulos de teatros. Que maravilhosamente ‘atorranta’ é a rua Corrientes à noite! Que linda e que displicente! Mais que rua, parece uma coisa viva, uma criação que escorre cordialidade por todos seus poros; rua nossa, a única rua que possui alma nesta cidade, a única que é acolhedora, amavelmente acolhedora, como uma mulher trivial, e mais linda por isso. [...] Vigilantes, vendedores de jornais, ‘fiocas’, atrizes, porteiros de teatros, mensageiros, revendedores, secretários de companhias, comédicos, poetas, ladrões, homens de negócios inenabrigáveis, autores, vagabundas, críticos teatrais, damas do meio mundo; uma humanidade única, cosmopolita e estranha se dá a mão neste único desaguadeiro que tem a cidade para sua beleza e alegria. [...] Rua única, rua absurda, rua linda. Rua para sonhar, para perder-se, para ir dali a todos os éxitos e a todos os fracassos; rua de alegria; rua que torna mais generosas e ‘compadritas’ as mulheres; rua onde os alfaiates dão conselhos aos autores e onde os gambás confraternizam com os bandidos; rua do esquecimento, da loucura, de milonga, de amor. Rua das russas, das francesas, das crioulas que deixaram demasiado cedo o lar para ir festejar seguindo um malandro; rua de tango, de sonho; rua que lembram os presos no quadro quinto; rua que ao amanhecer se azuleia e escurece porque a vida só é possível ao resplendor artificial dos azuis de metileno, dos verdes de sulfato de cobre, dos amarelos de ácido pícrico que injetam uma loucura de pirotecnia e ciúmes. (ARLT, 1998, p. 230-233, tradução nossa).

urbana, destacando-se o caso de Buenos Aires, com cerca de metade de sua população constituída por estrangeiros no início do século passado (LATTES, 1974). Acerca dos desdobramentos dessa imigração no país, Sarlo (2005) comenta que a contribuição dos imigrantes e de seus filhos é estimada em setenta e cinco por cento do crescimento de Buenos Aires.

Dentre essa parcela significativa de estrangeiros está o casal Carlos Arlt e Catalina Iobstraibitzer, que no dia 26 de abril do ano de 1900, daria à luz um menino: Roberto Arlt. Pouco tempo depois o casal se mudaria com seu filho para o bairro de San José de Flores, marcado por contrastes sociais, mas que conserva em si as características de uma população de província, no que se refere à cultura e à sua estrutura urbana (SAÍTTA, 2008).

Outros dois aspectos da biografia arltiana narrados pelo próprio escritor estão relacionados à sua formação escolar e ao início de sua escrita. No primeiro caso, e de acordo com Sarlo (2005), o aumento das taxas de alfabetização e escolaridade beneficiam também os filhos dos estrangeiros. Embora o escritor afirme em sua autobiografia de 1929 que cursou o terceiro ano da escola primária, sendo expulso em seguida por o considerarem inútil, e repita essa informação acerca de sua escolaridade em uma quarta autobiografia publicada em *Mundo Argentino*¹² (26/08/1931), Saítta (2008) relata que depois de uma mudança de escola, provavelmente ocasionada por questões de comportamento, o escritor “*repite el tercer grado, pero no lo echan de la escuela como orgullosamente afirmará después [...]*”¹³ (SAÍTTA, 2008, p. 18), ao contrário, permanece estudando até concluir o quinto ano em uma terceira escola:

*A los catorce años, Arlt da por finalizados sus estudios primarios. No cursa el último grado tal vez porque no hay sexto grado en la escuela número 17 y son pocas las escuelas en las que se dicta; tal vez, porque su madre no quiere volver a intentarlo en la escuela número 1, de donde muy posiblemente tuvo que cambiarlo por los reiterados problemas de conducta.*¹⁴ (SAÍTTA, 2008, p. 20)

¹² Essa autobiografia é compilada e traduzida por Gustavo Pacheco em *Águas-fortes cariocas e outros escritos* (Rio de Janeiro: Rocco, 2013). A data de publicação coincide com a data em que foi publicado o conto “*Noche terrible*”, listado por Saítta (2008).

¹³ “Repete o terceiro ano, no entanto, não o expulsam da escola como orgulhosamente afirmará depois [...]” (SAÍTTA, 2008, p. 18, tradução nossa).

¹⁴ “Aos catorze anos, Arlt dá por concluídos seus estudos primários. Não cursa a último ano talvez porque não há sexto ano na escola número 17 e são poucas as escolas nas quais é oferecido; talvez porque sua mãe não quer tentar novamente na escola número 1, de onde muito provavelmente teve que retirá-lo por reiterados problemas de conduta” (SAÍTTA, 2008, p. 20, tradução nossa).

Com relação ao início de sua trajetória como escritor, Arlt afirmaria que escreveu seu primeiro conto aos oito anos para vendê-lo por cinco pesos a Joaquim Costa, seu vizinho no bairro de Flores: “*yo soy el primer escritor argentino que a los ocho años de edad ha vendido los cuentos que escribí. [...] Y ése fue el primer dinero que gané con la literatura*”¹⁵ (ARLT, 2010b, p. 26-27).

Porém, o primeiro texto publicado pelo escritor foi o relato “Jevohá”, na *Revista Popular*, nº 26, em 24 de junho de 1918. Publicou também um ensaio ficcional, “*Las ciencias ocultas en la ciudad de Buenos Aires*”, na *Tribuna Libre*, nº 63, no dia 28 de janeiro de 1920, que, segundo Saítta (2008, p. 27), “*es también una autobiografía ficcional, en la que Arlt narra una experiencia personal y exhibe una privación cultural y una ausencia de formación intelectual que legitime su literatura*”¹⁶. Das leituras possíveis sobre o trecho citado, Janete Elenice Jorge (2014), que contrapõe alguns aspectos do discurso crítico sobre a produção arltiana, sobretudo no que diz respeito às relações entre a vida e a obra do escritor, afirma: “o que acreditamos que não se pode afirmar é que o texto *Las ciencias ocultas en la ciudad de Buenos Aires*, ou qualquer outro texto elaborado por Arlt, seja simplesmente o reflexo de uma ‘realidade do escritor’ exterior à escritura” (JORGE, 2014, p. 549).

Após essas duas primeiras publicações, Roberto Arlt é convocado para cumprir o serviço militar obrigatório em Córdoba, para onde parte em março de 1920, deixando a cidade de Buenos Aires pela primeira vez (SAÍTTA, 2008). Arlt permaneceu na província de Córdoba por quatro anos, período em que conhece Carmen Antinucci, com quem viria a se casar no dia 31 de maio de 1921 (SAÍTTA, 2013). A única publicação do escritor que data desse período é “*Recuerdos del adolescente*”, na *Babel. Revista de Arte y Crítica*, nº 11, em janeiro de 1922, e que constitui um fragmento do primeiro capítulo do que viria a ser seu primeiro romance, *El juguete rabioso*, o qual vinha sendo escrito desde 1919 (SAÍTTA, 2008), publicado anos depois.

É também durante esse período, fora da cidade portenha, que nasce sua filha, Mirta Electra Arlt, em 1923. No ano seguinte ele retorna a Buenos Aires com sua esposa e sua filha. De sua relação com Carmen, sempre conturbada e

¹⁵ “Eu sou o primeiro escritor argentino que aos oito anos de idade vendeu os contos que escreveu. [...] E esse foi o primeiro dinheiro que ganhei com a literatura” (ARLT, 2010b, p. 26-27, tradução nossa).

¹⁶ “É também uma autobiografia ficcional, na qual Arlt narra uma experiência pessoal e exhibe uma privação cultural e uma ausência de formação intelectual que legitime sua literatura” (SAÍTTA, 2008, p. 27, tradução nossa).

constantemente retomada por parte da crítica para explicar a obra literária arltiana, sobretudo no que se refere aos papéis femininos – noiva, esposa e sogra – resultará a dedicatória do livro de contos *El jorobadito*, marcada pelo tom irônico que lhe é característico:

A mi esposa Carmen Antinucci.

*Me hubiera agradado ofrecerte una novela amable como una nube sonrosada, pero quizá nunca escribiré obra semejante. De allí que te dedico este libro, trabajado por calles oscuras y parajes taciturnos, en contacto con gente terrestre, triste y somnolienta. Te ruego lo recibas como una prueba del grande amor que te tengo. No repares en sus palabras duras. Los seres humanos son más parecidos a monstruos chapoteando en las tinieblas que a los luminosos ángeles de las historias antiguas. Por eso no encontrarás aquí doradas palabras mentirosas, ni verás asomar el pie de plata de la felicidad, pero tú, que eres comprensiva y tan amiga mía, recíbelo como recibiste mis otros libros, escritos bajo tu mirada pensativa. Tu agrado será mi mejor premio.*¹⁷ (ARLT, 2012, p. 16)

Arlt publica, em 1925, três textos: outros dois fragmentos do romance *El juguete rabioso*, “*El Rengo*” na revista *Proa*, nº 8, em março; e “*El poeta parroquial*”, também na revista *Proa*, nº 10, em maio, sendo que esse, no entanto, acabou não integrando o romance posteriormente. Publicou ainda o conto “*La tía Pepa*”, em *Los Pensadores*, em dezembro.

Em 1926 são publicados vários relatos, sendo um deles em *Mundo Argentino*: “*El gato cocido*”¹⁸ (27/10/1926) e os outros vinte e um em *Don Goyo*¹⁹, revista

¹⁷ “À minha esposa, Carmen Antinucci. Teria me agradado oferecer-te um romance amável como uma nuvem rosada, mas talvez nunca escreva obra semelhante. Por isso dedico-te este livro, trabalhado por ruas escuras e paisagens silenciosas, em contato com gente terrestre, triste e sonolenta. Peço-te que o receba como uma prova do grande amor que tenho por você. Não repare em suas palavras duras. Os seres humanos são mais parecidos a monstros pisoteando na escuridão do que aos anjos das histórias antigas. Por isso não encontrará aqui douradas palavras mentirosas nem verá assomar o pé de prata da felicidade, mas você, que é compreensiva e tão minha amiga, receba como recebeu meus outros livros, escritos sob teu olhar pensativo. O teu agrado será o meu melhor prêmio” (ARLT, 2012, p. 16, tradução nossa).

¹⁸ Na bibliografia proposta por Saítta (2008) esse texto aparece como relato jornalístico, no entanto, ele compõe o conjunto de contos do livro *Cuentos Completos* (Buenos Aires: Losada, 2012).

¹⁹ “*Epístola de los baúles*” (26/01/1926); “*Epístola de los genios porteños*” (23/02/1926); “*Mi traje y el teniente coronel*” (02/03/1926); “*El poeta triste*” (23/03/1926); “*El hombre feliz*” (30/03/1926); “*Espartaco Nasón*” (20/04/1926); “*Guía para místicos*” (04/05/1926); “*Epístola a un provinciano*” (11/05/1926); “*A un poeta bien vestido*” (18/05/1926); “*La aventura con el cosmético*” (15/06/1926); “*El gallinero matemático*” (29/06/1926); “*Episodios tranviarios*” (13/07/1926); “*Pensamientos de un propietario*” (20/07/1926); “*Un fantástico compañero de viaje*” (31/08/1926); “*El dinamitero*” (07/09/1926); “*Epístola de un L. C. erudito al jefe de policía*” (05/10/1926); “*Fantásticos proyectos para modernizar a Buenos Aires*” (12/10/1926); “*Nuestra policía, la mejor del mundo*” (19/10/1926); “*Cartas de pésame*” (02/11/1926); “*El ensanche de la calle Corrientes*” (16/11/1926) e “*Autobiografía humorística*” (14/12/1926).

lançada em outubro de 1925 pela editora Haynes para a qual Arlt escreve uma nota quinzenal a partir de janeiro de 1926, o que, como destaca Saítta (2008), será o seu primeiro trabalho estável e remunerado no âmbito do jornalismo. Ainda de acordo com Saítta (2008), dessa primeira experiência estável no jornalismo, cujas publicações seguirão até fevereiro de 1927, resultam vinte e dois relatos breves, com foco narrativo na primeira pessoa e presença de dados autobiográficos, nos quais são narrados episódios da adolescência e da juventude do escritor. São narradas situações absurdas nas quais o autor ficcionaliza personagens reais, familiares e também outros do bairro onde cresceu (SAÍTTA, 2008, p. 49).

Em novembro desse ano é publicado o seu primeiro romance, *El juguete rabioso*, pela Editorial Latina, com dedicatória a Ricardo Güiraldes, quem acabou definindo o título da obra, uma vez que Arlt tinha denominado-a de *La vida puerca* (SAÍTTA, 2008). Composto por quatro capítulos, “*Los ladrones*”, “*Los trabajos y los días*”, “*El juguete rabioso*” e “*Judas Iscariote*”, a obra tem como personagem central o adolescente Silvio Astier. Narrado em primeira pessoa, o romance é contado a partir do momento em que um velho sapateiro andaluz inicia Silvio, aos catorze anos, nos deleites e afãs da literatura bandolesca no saguão de uma antiga casa na rua Rivadavia (ARLT, 2008b). De acordo com Viñas (2008, p. 18):

*Si **El juguete rabioso** puede ser leído como una introducción a las **Aguafuertes**, la colección de artículos publicados sobre todo en el diario **El Mundo**, alrededor de 1930, funciona como **húmus** o ‘sustrato’ de la primera novela de Roberto Arlt. Incluso, entre la ficcionalización narrativa y el presunto costumbrismo se establece (sic) una peculiaridad dialéctica, que no sólo se refiere al vaivén entre géneros sino también al borramiento de los límites clásicos.²⁰*

No ano seguinte a produção do escritor se resume a apenas cinco textos dispersos: o relato “*El regimiento 8º ‘Cazadores de queso’*” (*Don Goyo*, 01/02/1927); o conto “*El monstruo*” (*Crítica Magazine*, nº 13, 07/02/1927); uma das autobiografias já citadas, “*Autobiografía*” (*Crítica Magazine*, nº 20, 28/02/1927); o artigo “*Ricardo*

²⁰ “Se *El juguete rabioso* pode ser lido como uma introdução às *Aguafuertes*, a coleção de artigos publicados, sobretudo no diário *El Mundo*, por volta de 1930, funciona como húmus ou ‘substrato’ do primeiro romance de Roberto Arlt. Inclusive, entre a ficcionalização narrativa e o alegado costumbrismo se instala uma peculiaridade dialética, que não apenas se refere ao vai e vem entre gêneros, mas também ao borramento dos limites clássicos” (VIÑAS, 2008, p. 18, tradução nossa).

Güiraldes en la intimidad” (*Crítica*, 10/10/1927) e o relato “*Un error judicial*”²¹ (*Mundo Argentino*, 22/11/1927).

O ano de 1928 é decisivo na trajetória de Roberto Arlt como escritor-jornalista, uma vez que a editora Haynes inaugura o primeiro tablóide do jornalismo argentino, *El Mundo*, em 14 de maio de 1928 (SAÍTTA, 2008). São publicados inicialmente dois contos arltianos: “*El insolente jorobadito*” (14/05/1928) e “*Pequeños propietarios*” (23/05/1928)²², os únicos contos publicados em *El Mundo* por Arlt e que mais tarde seriam incorporados ao livro *El jorobadito* (1933).

Embora, como vimos, o argentino já tivesse colaborado anteriormente com outros jornais e revistas, é a partir de sua participação em *El Mundo* que “*la historia del periodismo argentino y la historia de Arlt coinciden y se superponen, leer una sin leer la otra es empobrecer a ambas*”²³ (SAÍTTA, 2008, p. 92). Após a publicação dos dois primeiros contos, Arlt escreve para uma coluna diária do jornal, que inicialmente teve como diretor Alberto Gerchunoff, antes, editor de *La Nación*, as primeiras sessenta e duas crônicas: “*más ligadas a la coyuntura diaria que a la viñeta costumbrista*”²⁴ (SAÍTTA, 2008, p. 73), as quais aparecem sem título e sem assinatura²⁵. Diante da perda de anunciantes e da diminuição das tiragens,

²¹ Assim como “*El gato cocido*”, esse texto aparece na bibliografia proposta por Saítta (2008) como relato periodístico. Porém foi incorporado ao livro *Cuentos Completos* (Buenos Aires: Losada, 2012).

²² Na bibliografia de Saítta (2008) os contos aparecem com as datas “9 e 15 de maio” e “10 e 23 de maio”, respectivamente. A autora explica que “*Los primeros días de abril de 1928 comienza un período de génesis, de pruebas y repruebas, de tiradas secretas y misteriosas, que culminan en la mañana del 14 de mayo, cuando El Mundo sale a la calle*” (SAÍTTA, 2008, p. 72). Em *Aguafuertes gallegas y asturianas* (1999), Saítta confirmará o que Arlt afirma em seu texto “*La crónica nº 231*” (31/12/1928): o primeiro conto – ou crônica, como Arlt se refere ao texto em questão – fora publicado no dia 14 de maio daquele ano.

²³ “A história do jornalismo argentino e a história de Arlt coincidem e se superpõem; ler uma sem ler a outra é empobrecer a ambas” (SAÍTTA, 2008, p. 92, tradução nossa).

²⁴ “Mais ligadas à conjuntura diária que à vinheta costumbrista” (SAÍTTA, 2008, p. 73, tradução nossa).

²⁵ “*Las señoras ancianas se asustan de los perros que procuran casa y comida*” (18/05/1928); “*Radiotelefonía pestosa*” (19/05/1928); “*Anatomía, fisiología e higiene del gracioso*” (21/05/1928); “*En todo café de barrio hay un hombre que mira con tristeza jugar al billar*” (25/05/1928); “*Las baratijas inútiles y el alma del hombre honrado*” (28/05/1928); “*El filósofo de las 10 de la mañana es el terror de las familias bien constituidas*” (29/05/1928); “*El oficio de contrabandista que ayer requería coraje se hace hoy a base de capital*” (30/05/1928); “*¿Para fabricar bombas es necesario ser especialista o aficionado?*” (31/05/1928); “*El Dr. Marston demuestra que las morochas son más sencillas a las emociones que las rubias*” (03/06/1928); “*Motivo por el que los maridos abandonan transitoriamente el hogar*” (04/06/1928); “*Los paraísos de opio prosperan en Buenos Aires*” (11/06/1928); “*Fue trasladado al museo de ciencias naturales el pez luna*” (12/06/1928); “*El hombre del quiosco es un fenómeno del mercantilismo porteño*” (14/06/1928); “*Cremanessi, anarquista sentimental y enamorado*” (15/06/1928); “*Buenos Aires asistirá en breve a un proceso que será célebre*” (16/06/1928); “*El hombre que cena en el restaurant es un caso típico de misantropía*” (17/06/1928); “*Un regocijante caso del Departamento de Policía*” (20/06/1928); “*Cada ladrón porteño gana trimestralmente 1.487 pesos con 25 centavos*” (21/06/1928); “*El terror de los inquilinos es el hombre de la portería*” (22/06/1928); “*El señor Wright y el diablo cojuelo*” (23/06/1928); “*La mendicidad en la*

Gerchunoff renuncia à direção do jornal, que passa para Carlos Muzio Sáenz Peña, que até então era diretor da revista *Mundo Argentino* (SAÍTTA, 2008). A partir de 5 de agosto de 1928, a coluna passa a ser publicada com o título de “*Aguafuertes Porteñas*”. São publicadas nove águas-fortes com essa denominação, porém sem a identificação do autor²⁶. No dia 14 de agosto, é publicada a água-forte “*El ‘affaire’ de la casa de gobierno*” com suas iniciais, R. A., e a partir de 15 de agosto, com a publicação de “*El hombre que ocupa la vidriera del café*”, os textos passam a ser assinados com o nome completo do escritor. Com a mudança da direção de *El Mundo*, juntamente com o título da coluna e o nome do autor dos textos, delineava-se uma nova postura do narrador:

Con el nombre, avanza también la primera persona gramatical, pues si hasta entonces las afirmaciones pertenecían a un “nosotros” que alternaba con “el cronista de la nota”, muy pronto Arlt asume una primera persona que convertirá este espacio periodístico en el lugar donde volcar opiniones propias, sostener posiciones muchas veces

Avenida de Mayo” (24/06/1928); “*La influencia del bigote en la lucha por la vida*” (25/06/1928); “*Junto al palacio de justicia prospera el testigo falso*” (26/06/1928); “*Los peluqueros porteños efectuarán un concurso original*” (27/06/1928); “*La mujer porteña parece insensible al frío*” (28/06/1928); “*3.650.000 \$ malgasta anualmente en propinas la población porteña*” (29/06/1928); “*¿Cuándo se levantará una estatua a la muchacha porteña que se gana la vida?*” (30/06/1928); “*¿Quiere ganar dinero? Instale una academia para anarquistas*” (01/07/1928); “*Ciertas mujeres han puesto en práctica un nuevo y sutil método de estafa*” (02/07/1928); “*En Rosario las ratas se han aficionado a las encomiendas*” (03/07/1928); “*Un cuidador de locos se ahorcó en el Hospicio de las Mercedes*” (04/07/1928); “*Calles estrechas y gente que no sabe caminar*” (05/07/1928); “*El trágico fraudulento*” (06/07/1928); “*Divertido origen de la palabra squenun*” (07/07/1928); “*El facineroso gremio de los mensajeros*” (08/07/1928); “*Todo jefe tiene un amigo que es empleado subalterno de su repartición*” (09/07/1928); “*La presencia de la perrera altera la paz de los barrios suburbanos*” (10/07/1928); “*Apuntes filosóficos acerca del hombre que se tira a muerto*” (11/07/1928); “*La pavorosa agencia de publicaciones*” (12/07/1928); “*El elogio del empleado que hace méritos*” (13/07/1928); “*Reflexiones acerca del hombre que no se quita el sombrero*” (14/07/1928); “*El hombre que se avergüenza de almorzar con café con leche*” (15/07/1928); “*Una hermana fea y otra linda no deben salir juntas*” (16/07/1928); “*De las distintas maneras como se canta ‘La tosca negra’*” (17/07/1928); “*El almacenero retirado es un hombre triste*” (18/07/1928); “*Los choques de subterráneo fomentan las aventuras de amor*” (19/07/1928); “*El juez y los usureros*” (20/07/1928); “*Somos útiles a la sociedad*” (21/07/1928); “*La caridad bien entendida*” (22/07/1928); “*En ómnibus de extramuros*” (23/07/1928); “*Del hombre al que no le cobraron boleto en el tranvía*” (24/07/1928); “*El espíritu de la calle Corrientes no cambiará con el ensanche*” (25/07/1928); “*El origen de ciertas frases pintorescas*” (26/07/1928); “*En qué quedamos ¿hace frío o calor?*” (27/07/1928); “*Comerciantes de Libertad, Cerrito y Talcahuano*” (28/07/1928); “*El gremio de las curanderas y santeras*” (29/07/1928); “*Elogio del lavacopas*” (30/07/1928); “*Con autorización del superior gobierno nacional*” (31/07/1928); “*Divertida y admirable disposición policial*” (01/08/1928); “*Entierro por mensualidades*” (02/08/1928); “*Apuntes sobre el piropo*” (03/08/1928) e “*El hombre que canta gratuitamente*” (04/08/1928).

²⁶ “*La tragedia del hombre que busca empleo*” (05/08/1928); “*El autor cuyo drama no se representó*” (06/08/1928); “*¿Soy fotogénico?*” (07/08/1928); “*Absurdo resultado de las industrias caseras*” (08/08/1928.); “*Una calle de turcos, en Floresta*” (09/08/1928); “*De las distintas formas de dormir en nuestra ciudad*” (10/08/1928); “*Su majestad el quinielero*” (11/08/1928); “*La decadencia de la tarjeta postal*” (12/08/1928) e “*Importancia de una gallina en la calle Cuenca*” (13/08/1928).

*controvertidas e intervenir en las discusiones culturales del momento.*²⁷ (SAÍTTA, 2008, p. 73-74)

Somente no ano de 1928 foram publicados, portanto, duzentos e dez textos no jornal *El Mundo*, sendo cento e quarenta e oito destes denominados como águas-fortes portenhas. Além dos dois contos publicados nos primeiros dois números de *El Mundo*, anteriormente citados, Arlt publicou ainda um fragmento do que viria a ser seu segundo romance “*La sociedad secreta*” (*Pulso*, julho de 1928); e os contos “*Ester Primavera*” (*La Nación*, 09/09/1928) e “*Las fieras*” (*Vértice*, novembro de 1928).

Segue, em 1929, um ritmo intenso de publicações quase que diariamente. Ao todo, foram publicadas duzentas e noventa e cinco águas-fortes portenhas no segundo ano de existência do jornal. Esses dois primeiros anos de trabalho na redação de *El Mundo* concentram em si cerca de um quarto de toda a produção jornalística arltiana.

O interesse nos relatos arltianos está intrinsecamente relacionado ao enorme crescimento de Buenos Aires nas primeiras décadas do século XX, o que “torna possível, literariamente verossímil e culturalmente aceitável o *flâneur* que lança o olhar anônimo de quem não será reconhecido por aqueles que observa, o olhar que não supõe a comunicação com o outro” (SARLO, 2005, p. 202). Sarlo (2005) recupera a imagem desse *flâneur* e descreve-o como um observador que se encontra mergulhado no cenário urbano do qual também faz parte, para afirmar que o escritor argentino é um *flâneur* modelo:

O circuito do transeunte anônimo só é possível na grande cidade que, mais do que um conceito demográfico ou urbanístico, é uma categoria ideológica e um mundo de valores. Arlt produz seu personagem e sua perspectiva nas *Aguafuertes*, constituindo a si mesmo num *flâneur* modelo. À diferença dos costumbristas anteriores, ele se mistura à paisagem urbana como um olho e um ouvido que se deslocam ao acaso. Tem a atenção flutuante do *flâneur* que passeia pelo centro e pelos bairros, bisbilhotando na pobreza nova da grande cidade e nas formas mais evidentes da marginalidade e do delito. (SARLO, 2005, p. 203)

²⁷ “Com o nome, avança também a primeira pessoa gramatical, pois se até então as afirmações pertenciam a um ‘nós’ que alternava com ‘o cronista da nota’, imediatamente Arlt assume uma primeira pessoa que convertirá esse espaço jornalístico em um lugar para emitir opiniões próprias, sustentar posições muitas vezes controversas e intervir nas discussões culturais do momento” (SAÍTTA, 2008, p. 73-74, tradução nossa).

Além das publicações resultantes daquilo que chama a atenção desse *flâneur* portenho, são publicados no mês de outubro desse ano o conto “*Beso de muerte*” (*Crítica*, 19/10/1929) e o seu segundo romance, *Los siete locos*, pela editora Latina. O romance em questão tinha tido três de seus fragmentos publicados anteriormente: “*La sociedad secreta*” (*Pulso*, julho de 1928), como já mencionamos; “*El humillado*”, em *Cuentistas Argentinos de Hoy (1921-1928)*, edição organizada por Guillermo Miranda Klix e Álvaro Yunque (Buenos Aires: Claridad, 1929) e “*Naufragio*” (*Claridad*, em março de 1929). *Los siete locos* está dividido em três capítulos e tem como protagonista Remo Erdosain, cuja história é narrada a partir do momento em que ele é despedido da *Compañía Azucarera* onde trabalhava como cobrador, após roubar seiscentos pesos e sete centavos (ARLT, 2008b).

No ano seguinte, 1930, são publicadas apenas sessenta e cinco águas-fortes portenhas. Isso não significa, no entanto, uma queda na produção arltiana, deve-se, porém, ao fato de que as suas publicações no jornal *El Mundo*, pela primeira vez desde que a seção passou a ser denominada *Aguafuertes porteñas*, mudará constantemente de nome. São escritos, por exemplo, cinco textos sob a denominação *Aguafuertes silvestres*: “*Alma de ‘linghera*” (08/02/1930); “*Pueblo chico...*” (09/02/1930); “*El ‘camp-fire*” (10/02/1930); “*Cosas del campamento*” (11/02/1930); “*Camino de Buenos Aires*” (12/02/1930). Além disso, no ano de 1930, Arlt realizaria sua primeira viagem ao exterior, sobre a qual serão publicados os textos que tratam do Uruguai e do Brasil. Após o retorno a Buenos Aires, os textos do argentino continuam sendo publicados com a denominação *De Roberto Arlt*, totalizando cento e sessenta e cinco notas, entre 1º de junho de 1930 e 10 de janeiro de 1931. O título da seção somente voltaria ao tradicional *Aguafuertes porteñas* em 14 de janeiro do ano seguinte. Também foram publicados três contos durante o ano de 1930 em *El Hogar*: “*El silencio*” (21/03/1930); “*Ruptura de compromiso*” (02/05/1930) e “*Una clase de gimnasia*” (18/07/1930), além de um fragmento intitulado “*S.O.S.*” (*Argentina*, 02/11/1930), do romance *Los lanzallamas*, e um fragmento do conto “*El traje del fantasma*”, sob o título “*En la orilla*” (*El Hogar*, 05/12/1930).

A partir do dia 14 de janeiro de 1931, Arlt volta a publicar as águas-fortes portenhas em sua coluna diária, totalizando, neste ano, cento e cinquenta e oito notas, e um artigo jornalístico, “*Arlt habla de los rematadores*” (26/07/1931). Além disso, publicou quatro contos: “*Clase de box*” (*El Hogar*, 30/01/1931); “*La hostilidad*”

(*El Hogar*, 01/05/1931); “*Noche terrible*” (*Mundo Argentino*, 26/08/1930) e “*La batalla*” (*El Hogar*, 11/12/1931), e um segundo fragmento de seu terceiro romance foi publicado em *Azul*, “*Un alma al desnudo*” (nº 11, no mês de agosto). Também aparece a segunda edição de seu primeiro romance, *El juguete rabioso*, publicada pela editora *Claridad*. Em novembro é publicado o seu terceiro romance, *Los lanzallamas*, pela mesma editora. Trata-se da continuação de seu segundo romance, de acordo com o próprio autor que afirma em seu prólogo: “*Con Los lanzallamas finaliza la novela de Los siete locos. Estoy contento de haber tenido la voluntad de trabajar, en condiciones bastante desfavorables, para dar fin a una obra que exigía soledad y recogimiento*”²⁸ (ARLT, 2008b, p. 385). Além de explicitar as dificuldades de escrever um romance diante das demandas do jornal, pois diferente de outros escritores, que possuem tempo e dinheiro, afirma Arlt que “*ganarse la vida escribiendo es penoso y rudo*”²⁹ (2008b, p. 385), o escritor reflete ainda sobre a forma como escreve, considerando as críticas que recebia: “*Se dice de mí que escribo mal. Es posible. De cualquier manera, no tendría dificultad en citar a numerosa gente que escribe bien y a quienes únicamente leen correctos miembros de sus familias*”³⁰ (ARLT, 2008b, p. 385).

Em 1932 há novamente uma queda na produção das rotineiras águas-fortes, totalizando cento e dezessete textos sob esta denominação, além de outros quatro quando o título da seção passa a ser *Viñetas santiagueñas*. Percebe-se ainda que há uma variação na produção do argentino, que escreve o prólogo do livro *Poemas*, de Alfonso Ferrari Amores (Rañó, 1932); três contos: “*Un escritor fracasado*” (*La Nación*, 17/01/1932), “*Una tarde de domingo*” (*Mundo Argentino*, 20/04/1932) e “*Luna roja*” (*El Hogar*, 16/11/1932); um artigo e duas entrevistas para *Actualidad*: “*Manuel Gálvez asustado*” (nº 2, maio de 1932), “*Desocupados en Puerto Nuevo*” (nº 3, junho de 1932) e “*Entre los huelguistas de Avellaneda*” (nº, 4, julho de 1932); e outros quatro artigos para a revista *Bandera Roja*: “*Roberto Arlt, escribe: Zamora y el gran inquisidor*” (04/04/1932), “*Roberto Arlt, escribe: De Tomaso y Zamora*” (11/04/1932), “*El bacilo de Carlos Marx*” (18/04/1932) e “*Escribe Roberto Arlt:*

²⁸ “Com *Los lanzallamas* finaliza o romance *Los siete locos*. Estou contente de ter tido a vontade de trabalhar em condições bastante desfavoráveis, para dar fim a uma obra que exigia solidão e isolamento” (ARLT, 2008b, p. 385, tradução nossa).

²⁹ “Ganhar a vida escrevendo é penoso e duro”²⁹ (ARLT, 2008b, p. 385, tradução nossa).

³⁰ “Dizem que escrevo mal. É possível. De qualquer maneira não teria dificuldade em citar muitas pessoas que escrevem bem e que são lidas apenas por membros de suas famílias” (ARLT, 2008b, p. 385, tradução nossa).

Ghioldi, y el bacilo de Marx (04/05/1932). Também nesse ano, publica seu quarto e último romance, *El amor brujo*, pela editora Victoria, além do livro *Trescientos millones. Prueba de amor*, pela Rañó, com as duas peças de teatro que dão título ao livro. Em *El amor brujo*, assim como nos dois romances que o precedem, o narrador com foco na terceira pessoa, conta a história de Estanislao Balder, “*un típico personaje arltiano: plural, contradictorio, sensitivo y caótico; vive una permanente ansiedad, está encarnando un papel del que quisiera evadirse aunque a veces se autoconvence de estar en la verdad*”³¹ (ARLT, M., 1972, p. 9).

Nos anos seguintes as publicações serão constantemente modificadas. Em 1933 foram publicados em sua coluna cento e treze textos, ora como *Aguafuertes Porteñas*, ora como *Hospitales en la miseria*, *Aguafuertes teatrales* ou ainda *Aguafuertes fluviales*, enquanto em 1934 foram cento e dezoito textos, cujas variações são: *Aguafuertes Patagónicas*, *Aguafuertes Municipales*, *La ciudad se queja*, *Buenos Aires se queja*, *Aguafuertes bonaerenses*, *Aguafuerte de cualquier parte* e ainda *Aguafuertes porteñas*. No ano de 1933, Arlt escreveu ainda três contos: “*El gran Guillermito*” (*Mundo Argentino*, 18/01/1933), “*La jugada*” (*El Hogar*, 07/07/1933) e “*Estoy cargada de muerte*” (*Mundo Argentino*, 09/08/1933), e teve duas compilações de parte de sua obra reunida em livros: *Aguafuertes porteñas*, pela editora Victoria, e *El jorobadito*, pela editora Anaconda. A primeira se refere à compilação de sessenta e nove águas-fortes portenhas publicadas entre 1928 e 1933 em *El Mundo* e que posteriormente seriam republicadas ou mesmo incorporadas a outras compilações. A segunda, por sua vez, inclui nove dos vários contos publicados por Arlt em diferentes jornais e revistas, são eles: “*El jorobadito*”, “*Escritor fracasado*”; “*Ester Primavera*”; “*La luna roja*”; “*Pequeños propietarios*”; “*Las fieras*”; “*Una tarde de domingo*”; “*El traje del fantasma*” e “*Noche terrible*”³².

Além das notas já mencionadas, foram ainda publicadas em 1934 duas farsas teatrais: “*La juerga de los polichinelos*”, em *La Nación* (25 de março de 1934) e “*Escenas de un grotresco*”, na *Gaceta de Buenos Aires* (4 de agosto de 1934), dois

³¹ “Um típico personagem arltiano: plural, contraditório, sensitivo e caótico. Vive uma ansiedade permanente, está encarnando um papel do qual desejaria evadir-se ainda que às vezes convença a si mesmo de estar certo” (ARLT, M., 1972, p. 9, tradução nossa).

³² Assim aparecem os títulos na coletânea de contos publicada pela Losada (2012). Em relação à forma como Saítta (2008) os indica em sua bibliografia, há três pequenas modificações nos contos “*El insolente jorobadito*”, “*Un escritor fracasado*” e “*La luna roja*”, possivelmente tendo em vista que a autora os apresenta conforme foram publicados originalmente nos jornais e revistas. Além disso, o conto “*El traje fantasma*” não aparece na bibliografia de Saítta com esse nome, podendo ser também resultado de uma alteração no título ao ser compilado para o livro.

artigos com o título “*Apuntes fragmentarios de la vida en el sur*”, em *Actualidad*, uma burleria intitulada “*Un hombre sensible*” (13/05/1934), em *La Nación*, e o conto “*La muerte del sol*” (05/12/1934), em *Mundo Argentino*.

É possível supor que a constante diminuição das notas artianas tenha de certa forma motivado o diretor do jornal na decisão de enviar Arlt em uma nova viagem, em fevereiro de 1935, quando o argentino parte para a Espanha, além do fato de que, como observa Mirta Arlt (1971, p. 7), “*irse a España significaba una distinción y una ventaja económica, pero también la obligación de mantener el interés amenazado por el desgaste de cinco años de crónicas de la ciudad y del país*”³³. O anúncio da viagem é publicado em “*Señores... me voy a España*”, no dia 12 de fevereiro de 1935:

*¡Y aún no puedo creerlo! Aunque a ustedes les parezca un disparate. Sí, no puedo creerlo, tan largamente, con tanto ardor de años e imposibilidades he deseado este viaje. ¡Ah! Y algo que no me avergüenzo de confesar: No me atrevo a escribir una sola palabra que pueda, con su referencia, dar una imagen de la arquitectura de este sueño. Aquí, sobre el escritorio, tengo dos guías de España: en una valija de mano, un montón blanco de cartas; allí doblado, al socaire, un mapa [...]. Y aunque les parezca pueril, a mí este viaje se antoja extraordinario, tan riquísimo de posibilidades, que hora tras hora le tomo el pulso al tiempo decreciente que me separa del día jueves en que me embarcaré.*³⁴ (ARLT, 1935 apud SAÍTTA, 1999, p. 32-33).

As publicações em 1935 e 1936 serão quase exclusivamente decorrentes da viagem de Roberto Arlt à Espanha e ao norte da África. Em 1935, são publicadas dez *Aguafuertes porteñas* e uma nota como *Hasta la vista*, intitulada “*Mañana me embarco*” (13/02/1935), antes de sua partida, e o conto “*Yo no sé si soy ella*”, em *El Hogar* (22/02/1935).

Resultado da viagem empreendida entre 1935 e 1936 foram escritos duzentos e vinte relatos de viagem, que incluem: *Aguafuertes de viaje*, *Aguafuertes*

³³ “Ir à Espanha significava uma distinção e uma vantagem econômica, mas também a obrigação de manter o interesse ameaçado pelo desgaste de cinco anos de crônicas da cidade e do país” (ARLT, M., 1971, p. 7, tradução nossa).

³⁴ “Ainda não posso crer! Mesmo que lhes pareça um disparate. Sim, não posso acreditar, tanto tempo, com tanto ardor de anos e impossibilidades desejei essa viagem. Ah! E algo que não tenho vergonha de confessar. Não me atrevo a escrever uma palavra que possa, com sua referência, dar a imagem da arquitetura deste sonho. Aqui, no escritório, tenho dois guias da Espanha: em uma mala de mão, um monte branco de cartas; ali dobrado, um mapa [...]. E ainda que lhes pareça pueril, esta viagem parece-me extraordinária, tão riquíssima de possibilidades, que de hora em hora conto o tempo que me separa da quinta-feira em que embarcarei” (ARLT, 1935 apud SAÍTTA, 1999, p. 32-33, tradução nossa).

españolas, Aguafuertes africanas, Aguafuertes gallegas, Aguafuertes asturianas, Aguafuertes vascas, Aguafuertes madrileñas, Cartas de España, Cartas de Madrid e Artículo periodístico, sendo que os últimos sete textos desse conjunto foram publicados quando Arlt já se encontrava em Buenos Aires. Resulta ainda, de sua viagem à Sevilha, o ensaio “*Un panorama de evocación histórica. En una carpeta de veinte centímetros se encierra, en el Archivo de Indias de Sevilla, todo el proceso inicial del descubrimiento de América*” em *El Hogar* (02/08/1935). Em 1936 é publicado também o conto “*Debajo del agua*” em *Mundo Argentino* (19/04/1936) e outros seis artigos após encerrar as notas sobre a viagem, sendo cinco deles dedicados ao cinema e um à estreia de sua peça teatral, *El fabricante de fantasmas*. Também em dezembro desse ano serão publicados vinte e três dos relatos de viagem sobre a Espanha e o norte da África em *Aguafuertes españolas*, pela editora Lorenzo Rosso. O restante dos relatos acerca dessa viagem permanecerá inédito em livro por algumas décadas até surgirem novas compilações, tais como: a terceira edição de *Aguafuertes españolas*, com apresentação de Mirta Arlt (Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1971); *Aguafuertes gallegas y asturianas* (Buenos Aires: Losada, 1999)³⁵, *Aguafuertes madrileñas. Presagios de una guerra civil* (Buenos Aires: Losada, 2000) e *Aguafuertes vascas* (Buenos Aires: Simurg, 2005), realizadas por Saítta; e *Aguafuertes* (andaluzas, marroquíes, gallegas, asturianas, vascas y madrileñas), recentemente organizada por Toni Montesinos, a mais completa obra sobre os relatos de viagem arltianos, pois compreende todos os textos publicados nas quatro obras mencionadas anteriormente (Madrid: Hermida Editores, 2015).

Nos anos seguintes a produção arltiana se modifica em diversos aspectos. Primeiramente, Arlt deixa de publicar as famosas águas-fortes e, embora permaneça escrevendo para *El Mundo*, o fará de forma menos assídua. E se, por um lado, não escreve mais nenhum romance desde 1932, observa-se um aumento significativo em relação à publicação de contos. Em 1937, portanto, as notas publicadas em *El Mundo* aparecem ora como *Tiempos presentes*, ora como *Al margen del cable*. Há

³⁵ Trata-se de uma segunda compilação das notas sobre a Galícia, na qual foram incluídas também as notas sobre as Astúrias. A primeira compilação das águas-fortes sobre a Galícia foi publicada em 1997, com edição, prólogo e notas de Rodolfo Alonso. Nela, aparecem apenas vinte notas sobre a Galícia das vinte e sete que Saítta compilou posteriormente em *Aguafuertes Gallegas y Asturianas* (1999). Aparece ainda uma nota cujo título não consta na bibliografia proposta por Saítta (2008) e na compilação mencionada. Trata-se do texto “*La pesca del pulpo. Una maquina neumatica natural. Curiosos cambios de color*”.

ainda um conjunto de nove textos que aparecem como *El infierno santiaguense*, totalizando setenta e quatro notas publicadas em sua seção em *El Mundo*. Escreve também um ensaio, “*Diciembre, mes del pan dulce*”, para *El Hogar* (17/12/1937) e dezoito contos para *El Hogar* e *Mundo Argentino*. No ano seguinte serão publicadas cinquenta e seis notas como “*Al margen del cable*” em *El Mundo*, a obra teatral “*Separación feroz*”, em *El Litoral* (Santa Fe, 01/01/1938) e catorze contos em *El Hogar* e *Mundo Argentino*.

Os textos publicados em 1939, em sua maioria, continuam sob o título da seção *Al margen del cable*, além de quatro notas publicadas como *Cosas nuestras*, dois como *Artículo periodístico* e três textos como *El problema hospitalario*, em *El Mundo*, além de outros dois artigos publicados em *Mundo Argentino* e dezenove contos, também em *El Hogar* e *Mundo Argentino*. É também nesse ano que Arlt conhecerá Elizabeth Mary Shine, com quem se casa no ano seguinte (SAÍTTA, 2008).

Os anos que se seguem são os de menor produtividade. Em 1940, são publicadas em *El Mundo* quarenta e seis textos: vinte e cinco notas *Al margen del cable*, três *La guerra frente a las pizarras* e outras dezessete como *Artículo periodístico*, além de um artigo de anúncio de sua peça teatral “*La fiesta del hierro*” aos que se somam um ensaio para *Argentina Libre* e cinco contos: “*Los hombres fieras*” (03/01/1940); “*Jabulgot el farsante*” (17/01/1940); “*La palabra que entiende el elefante*” (20/03/1940) e “*El crimen casi perfecto*” (29/05/1940), em *Mundo Argentino*, e “*La factoría de Farjalla Bill Alí*” (31/05/1940), em *El Hogar*. Em novembro deste ano Arlt realiza uma viagem ao Chile, conforme conta Elizabeth, sua segunda esposa: “*Roberto le pidió a Carlos Muzzo Sáenz Peña, el director de **El Mundo**, que lo mandara a Chile como enviado. Se había peleado conmigo y quería irse. Nos seguíamos peleando por carta*”³⁶ (ABÓS, 1999). Apesar das brigas, Arlt consegue que Elizabeth viaje também para o Chile, “*donde pasan quince días en una armonía impensable, la única época sin peleas*”³⁷ (SAÍTTA, 2008, p. 285). Após esse período, Elizabeth relata:

³⁶ “Roberto pediu a Carlos Muzzo Sáenz Peña, diretor de *El Mundo*, que o enviasse ao Chile como correspondente. Tinha brigado comigo e queria ir. Seguimos brigando por carta” (ABÓS, 1999, tradução nossa).

³⁷ “Onde passam quinze dias em uma harmonia incomum, a única época sem brigas” (SAÍTTA, 2008, p. 285, tradução nossa).

*Yo regresé de Chile en enero de 1941. Él me siguió pronto, pese a que el diario quería que la etapa de Chile fuera el inicio de un largo viaje periodístico por América Latina. Para justificar el fin de una gira que tantas tramitaciones había costado, fue a verlo a Muzzio Sáenz Peña, que supervisaba personalmente todo lo que Arlt escribía, no tanto por sus errores de ortografía, como se dijo, sino porque Roberto solía causar muchos problemas, ya que retrataba en sus artículos y libros a personas reales que se quejaban amargamente. Mi marido le dijo a Muzzio: “No puedo seguir, tengo un cáncer en la lengua”, y le mostró una pequeña afta que le había salido. Muzzio, por supuesto, no lo creyó. A partir de ese momento, su situación en el diario empeoró. Ya no le dieron el lugar que le correspondía. No lo tenían mal, pero no tan bien como antes.*³⁸ (ABÓS, 1999)

Em 1941, os trinta e dois textos publicados em *El Mundo* são denominados *Cartas de Chile, Mujeres de Chile* – resultantes de sua passagem pelo Chile – *Artículos periodísticos* e *Los problemas del Delta*. Arlt publica também uma novela, “*Un viaje terrible*”³⁹, no número 6 de *Nuestra Novela* (11/07/1941), os contos “*Ven, mi ama Zobeida quiere hablarte*” (*El Hogar*, 12/04/1941) e “*La última aventura*” (*Mundo Argentino*, 10/12/1941), além dos ensaios “*Luis Franco, poeta cósmico, por Roberto Arlt*”, em *Argentina Libre* (28/08/1941) e “*Los autores independientes en los teatros comerciales*”, em *La Hora* (02/12/1941).

Em 1942 são publicadas vinte notas como *Al margen del cable* e um *Artículo periodístico*, em *El Mundo*; quatro contos, “*Singular historia de Abulabas y el pedazo de hielo*” (20/03/1942) e “*Juicio del Cadí prudente*” (22/05 /1942), em *El Hogar*, “*Historia de Nazra Yamil y Farid*”⁴⁰ (10/06/1942) e “*Los esbirros de Venecia*” (01/07/1942), em *Mundo Argentino*, e o artigo “*Al industrial desconocido*” (01/07/1942), na revista *Trompo*.

Os textos publicados em *El Mundo* que compreendem o período após a viagem à Espanha, ou seja, entre 1937 e 1942, encontram-se compilados em duas obras: a primeira, se refere ao livro cujas crônicas tinham sido publicadas em *El*

³⁸ “Eu regresé de Chile em janeiro de 1941. Ele me seguiu logo, ainda que o jornal quisesse que a etapa do Chile fosse o início de uma longa viagem jornalística pela América Latina. Para justificar o fim de uma viagem que tantas tramitações tinha custado, foi até Muzzio Sáenz Peña, que supervisionava pessoalmente tudo o que Arlt escrevia, não tanto por seus erros de ortografia, como se dizia, mas porque Roberto costumava causar muitos problemas, já que retratava pessoas reais em seus artigos e livros que se queixavam amargamente. Meu marido disse a Muzzio: ‘Não posso seguir, tenho um câncer na língua’, e mostrou-lhe uma pequena afta que tinha saído. Muzzio, obviamente, não acreditou. A partir desse momento, sua situação no diário piorou. Já não lhe deram o lugar que lhe correspondia. Não o tinham mal, mas não tão bem como antes” (ABÓS, 1999, tradução nossa).

³⁹ Apesar de figurar como novela na bibliografia de Saítta (2008), esse texto seria incorporado ao livro *Cuentos completos* (Buenos Aires: Losada, 2012).

⁴⁰ Embora esse texto na bibliografia de Saítta apareça sem qualquer classificação, consideramo-lo como conto uma vez que foi inserido na obra *Cuentos Completos* (Buenos Aires: Losada, 2012).

Mundo e posteriormente no jornal *El Nacional*, do México. Trata-se do livro *Al margen del cable: crónicas publicadas en El Nacional, México, 1937-1941*, pela editora *Losada*, em 2003, organizado por Rose Corral. As demais crônicas foram então organizadas e publicadas no livro *El paisaje en las nubes, Crónicas en El Mundo 1937-1942*, por *Fondo de Cultura Económica*, em 2009, também organizado por Rose Corral e com prólogo de Ricardo Piglia.

Acerca dos contos, como já salientamos, a maior parte concentra-se a partir de 1937. Como vimos, Arlt publica nove deles no livro *El jorobadito* (1933) e outros quinze em *El criador de gorilas* (1941). Compilações posteriores foram organizadas, das quais vale mencionar o livro *Cuentos Completos* (Buenos Aires: *Losada*, 2012) que, além dos contos que compõem as duas obras mencionadas, inclui outros quarenta e nove, totalizando um conjunto de setenta e três contos arltianos.⁴¹

Mais complicado seria quantificar suas publicações em *El Mundo* e nos demais jornais para os quais escreveu, tal como Arlt fazia em algumas de suas notas. Em “*La crónica nº 231*”, por exemplo, publicada no último dia do ano de 1928, o autor menciona: “*Doscientas treinta y una crónicas he escrito hasta hoy, último día del año, en este diario cordial y fuerte, con la cordialidad que brinda la juventud, fuente inacabable de espíritu nuevo*”⁴² (ARLT, 1998, p. 367) e, mais adiante, explica: “*Con el primer número de **El Mundo** apareció mi primera crónica. [...] Ahora contemplo nuevamente el diario y leo: Número 230. Mañana será el número 231*”⁴³⁴⁴ (ARLT, 1998, p. 367). Em outra nota, “*¡Con ésta van 365!*”⁴⁵, publicada em 14 de maio de 1929, um ano após o primeiro número de *El Mundo*, Arlt quantifica: “*Un año.*

⁴¹ Três desses contos, como vimos, foram incluídos por Saítta (2008) em sua biografia com outra definição. Há ainda o fato de que o conto “*El traje fantasma*” não consta, com esse nome, nessa biografia. Dos oitenta e cinco contos que Saítta lista, um aparece duas vezes – “*Debajo del agua*” (*Mundo Argentino* 19/04/1936 e 19/04/1939) – e outros dois, devido ao fato de apresentarem nomes próximos e de aparecem uma única vez na compilação de contos, possivelmente se tratem dos mesmos textos – “*La aventura de Baba, en Dimisch esh Sham*” e “*La aventura de Baba*” (*El Hogar*, 23/01/1937 e 23/07/1937, respectivamente), dos quais o primeiro está na compilação, e “*La venganza*” e “*La venganza del médico*” (*Mundo Argentino*, 11/05/1939 e 30/08/1939, respectivamente), sendo que apenas o segundo aparece na compilação – o que modificaria essa cifra para oitenta e seis contos escritos, ou algo próximo a isso.

⁴² “Duzentas e trinta e uma crônicas eu escrevi até hoje, último dia do ano, neste jornal cordial e forte, com a cordialidade que brinda a juventude, fonte inesgotável de espírito novo” (ARLT, 2013c, p. 231).

⁴³ De acordo com o escritor, ele teria publicado uma nota para cada número de *El Mundo*. Na relação dos textos cuja existência foi confirmada – como Saítta (2008) explica em “Bibliografia de Roberto Arlt –, esse seria o número 212.

⁴⁴ “Com o primeiro número do *El Mundo* apareceu minha primeira crônica. [...] Agora contemplo novamente o jornal e leio: número 230. Amanhã será o número 231” (ARLT, 2013c, p. 231).

⁴⁵ A publicação desta nota foi projetada pelo autor em “*La crónica nº 231*”, na qual pode-se ler: “Espero, para o fim de 1929, poder escrever, nesta mesma página: ‘Continuo encantado da vida. Escrevi trezentas e sessenta e cinco águas-fortes’” (ARLT, 2013c, p. 234), que acaba antecipando-a.

365 notas o sea 156 metros de columna, lo cual equivale a 255.500 palabras”⁴⁶ (ARLT, 2010b, p. 455). Para Arlt, quantificar leituras e publicações era uma forma de compensação, conforme menciona Saítta (2008, p. 82):

*Arlt sabe que detrás de su nombre, de “esas cuatro letras inexpresivas”, no hay nada: no hay antepasados que hayan peleado en las guerras de la independencia, no hay escritores ilustres, no hay más que un pasado inmigratorio cuyos orígenes tampoco son claros. Por eso exhibe, con vanidad, saberes y lecturas. [...] La exhibición de lecturas ocupa un lugar que, ni por linaje ni por adquisición, pueden otorgar otros títulos. Arlt escribe a partir de un vacío que debe ser colmado con los libros y los autores que menciona. Antes de él no hay nada que autorice su texto, sino que ese vacío se llena con los libros que ha leído y con la exhibición de la cantidad de lo que escribe, como si los números pudieran traducir el valor material de una escritura.*⁴⁷

Estamos certos de que não é a quantidade de obras escritas pelo autor que determina o seu valor. Ainda assim, trata-se de uma produção bastante intensa e diversa no âmbito da literatura argentina. Arlt escreveu quatro romances. Oitenta e seis contos. Mil oitocentas e quarenta e sete notas para *El Mundo*⁴⁸, ou, como diria o próprio escritor, 1.292.900 palavras. Quase 790 metros de coluna de jornal. Adicione-se a esses números algumas peças teatrais, além de artigos para jornais e revistas da época. Arlt produziu cerca de dois mil textos: uma infinidade de letras, palavras, linhas e páginas escritas em sua *Underwood*. Ele visitou três continentes, seis países, várias cidades, inúmeras ruas, cafés e personagens, sobre os quais escreveu nessa obra. Tratou de personagens dos mais variados tipos: homens e

⁴⁶ “Um ano. 365 notas, ou seja, 156 metros de coluna, o que equivale a 255.500 palavras” (ARLT, 2010b, p. 455, tradução nossa).

⁴⁷ Arlt sabe que por trás de seu nome, ‘dessas quatro letras inexpresivas’, não há nada: não há antepassados que lutaram nas guerras da independência, não há escritores ilustres, não há mais que um passado imigratório cujas origens tampouco são claras. Por isso exhibe, com vaidade, saberes e leituras. [...] A exibição de leituras ocupa um lugar que, nem por linhagem, nem por aquisição, podem outorgar outros títulos. Arlt escreve a partir de um vazio que deve ser preenchido com os livros e os autores que menciona. Antes dele não há nada que autorize o seu texto, por isso preenche esse vazio com os livros que leu e com a exibição da quantidade do que escreve, como se os números pudessem traduzir o valor material de uma escritura” (SAÍTTA, 2008, p. 82, tradução nossa).

⁴⁸ Considerou-se aqui a bibliografia apresentada por Saítta (2008). É possível que haja mais textos. Ao comparar essa bibliografia a de Scroggins (1998), por exemplo, na qual constam os textos publicados entre 19 de maio de 1928 e 24 de abril de 1933, embora muitos dos textos que Saítta listou estejam ausentes nessa, temos três textos que não apareceram em Saítta: “*Versiones y comentarios de antesala*” (31/05/1928 – mesma data em que consta em Saítta a nota “¿Para fabricar bombas es necesario ser especialista o aficionado?”), “*Los técnicos de balística*” (12/09/1930) e “*Un nuevo novelista: Alvaro Sol*” (20/06/1932). Scroggins (1998) insere também nessa listagem quatro resenhas: “*Reseña de ‘Los siete locos’ por ‘Last Reason’*” (16/12/1929), “*Reseña de Los Lanzallamas por R. L.*” (25/01/1932), “*Reseña de 300 millones por Raúl Scalabrini Ortiz*” (27/06/1932) e “*Reseña de El amor brujo, por Pedro Juan Vignale*” (08/08/1932).

mulheres, brancos e negros, pobres e ricos. Loucos, ladrões, golpistas, prostitutas, políticos, trabalhadores, escritores, leitores e outros, muitos outros. Seu último texto, “*El paisaje en las nubes*” (27/07/1942) é publicado no dia seguinte à sua morte, em 26 de julho de 1942. Acompanha o texto a seguinte nota da redação:

*Roberto Arlt contribuyó con su pluma a ennoblecer esta página, y su prestigio irradiaba sobre todas las firmas que aparecen en ella. Ésta es su última nota, y en este momento de tremendo dolor no podríamos decir si es o no mejor que otras suyas. Pero repite una de las más preclaras modalidades de su conducta de escritor propenso a destacar el lado paradójico de la vida. Debe leérsela con una emoción particular, pues representa la última expresión de un espíritu excepcional en quien todos veíamos un hermano eminente.*⁴⁹ (ARLT, 2009, p. 752)

No texto em questão, Arlt narra a história de George Zabriskie, um *chauffeur* na cidade de Nova York que escreve *Geografía de la mente* que, segundo o argentino, “*es el itinerario fantasmagórico que sigue con su espíritu hambriento de luz el prisionero de la ciudad de cemento gris. [...] es una ventana abierta en el glorioso mundo del paisaje*”⁵⁰ (ARLT, 2009, p. 754). O título da nota nos remete à paisagem das nuvens, vista pelo “*hombre que se asfixiaba entre las murallas de la ciudad titánica*”⁵¹ (ARLT, 2009, p. 754).

Para as nuvens se volta também o olhar de Piglia (2004) que narra a experiência de encontrar-se anos mais tarde diante das fotografias do velório de Arlt, cujo caixão, conta Piglia, tivera que ser retirado pela janela. Ainda que contestada⁵² – afinal, na história de Arlt as fronteiras entre realidade e ficção foram constantemente borradas por escritores e pela crítica, mas antes disso, pelo próprio

⁴⁹ “Roberto Arlt contribuiu com sua pena a enobrecer esta página, e seu prestígio irradiava sobre todas as assinaturas que aparecem nela. Esta é sua última nota, e neste momento de tremenda dor não poderíamos dizer se é ou não melhor do que as outras que escreveu. Mas repete uma das mais ilustres modalidades de sua conduta de escritor propenso a destacar o lado paradoxal da vida. Deve ser lida com uma emoção particular, pois representa a última expressão de um espírito excepcional no qual todos víamos um irmão eminente (ARLT, 2009, p. 752, tradução nossa).

⁵⁰ “No itinerário fantasmagórico que segue com seu espírito faminto de luz o prisioneiro da cidade de cimento cinza. [...] é uma janela aberta no glorioso mundo da paisagem” (ARLT, 2009, p. 754, tradução nossa).

⁵¹ “Homem que se asfixiava entre as muralhas da cidade titânica” (ARLT, 2009, p. 754, tradução nossa).

⁵² Acerca do que narra Piglia, Saítta (2011) comenta: “*No importa si esa escena es verdadera – y me inclino a pensar que no lo es, pues Arlt fue velado en la casa del Círculo de la Prensa –; tampoco importa si las fotos existieron o no. Lo que importa de ese relato – de allí su recurrencia, y su genialidad – es que Piglia le construye un desenlace alegórico a una vida que, precisamente, hizo de su propio comienzo, y a través de la reiterada reflexión sobre el nombre propio, una fábula de origen y una alegoría sobre su incómodo lugar de enunciación en la literatura argentina*”.

Arlt, que constrói acerca de si seu próprio personagem – “*ese féretro suspendido sobre Buenos Aires es una buena imagen del lugar de Arlt en la literatura argentina*”⁵³ (PIGLIA, 2004, p. 33).

O lugar de Arlt na literatura argentina representaria ainda, conforme nos informa Jitrik (2009), uma das linhas da narrativa argentina, embora o autor reconheça a arbitrariedade dessa divisão, que tem Borges, de um lado, e Arlt, do outro:

*Es como si en esa oposición se ejemplificaran dos fuerzas, difíciles de definir por otra parte, que gobernarían un modo de pensar los rasgos de este sistema, diferenciales respecto de otros. Así, no resultaría difícil establecer, como tende a hacerlo determinada crítica, sendos linajes: el relativo a Arlt empezaría con ‘El Matadero’ de Echeverría, incluido la obra de Cambaceres, la de Gálvez, hasta prolongarse en la de Ernesto Sabato; el que encarnaría Borges empezaría en el modernismo, incluiría la vanguardia y escritores como Macedonio Fernández hasta los que posteriormente estarían filiados en la empresa **Sur**, capitaneada por Victoria Ocampo.*⁵⁴ (JITRIK, 2009, p. 186)

Também Beatriz Sarlo (2007) explica as distintas reações dos intelectuais diante do processo de modernização de Buenos Aires a partir dessa dicotomia de forma que, enquanto Borges “*imaginó la primera forma de su literatura trabajando con el sentimiento de la nostalgia respecto de una ciudad y una sociedad que ya casi no existían entonces*”⁵⁵ (SARLO, 2007, p. 218), Roberto Arlt, por outro lado, “*sintetizó el entusiasmo y la expectativa (que no excluía la crítica) frente a los elementos nuevos que rápidamente estaban afectando el perfil urbano y la vida cotidiana en Buenos Aires*”⁵⁶ (SARLO, 2007, p. 218).

⁵³ “Esse féretro suspenso sobre Buenos Aires é uma boa imagem do lugar de Arlt na literatura argentina” (PIGLIA, 2004, p. 33, tradução nossa).

⁵⁴ “É como se nessa oposição se exemplificassem duas forças, difíceis de definir por outra parte, que representariam um modo de pensar as características desse sistema, distintas com relação a outros. Assim, não resultaria difícil estabelecer, como tende a fazer determinada crítica, cada uma das linhagens: a relativa a Arlt, iniciada com ‘El Matadero’ de Echeverría, incluída a obra de Cambaceres, a de Gálvez, até prolongar-se na de Ernesto Sabato; e a que incluiria Borges iniciaria no modernismo, incluiria a vanguarda e escritores como Macedonio Fernández até os que posteriormente estariam filiados à empresa *Sur*, capitaneada por Victoria Ocampo” (JITRIK, 2009, p. 186, tradução nossa).

⁵⁵ “Imaginou a primeira forma de sua literatura trabalhando com o sentimento da nostalgia no que diz respeito a uma cidade e uma sociedade que já quase não existiam naquele momento” (SARLO, 2007, p. 218, tradução nossa).

⁵⁶ “Sintetizou o entusiasmo e a expectativa (que não excluía a crítica) diante dos novos elementos que rapidamente estavam afetando o perfil urbano e a vida cotidiana em Buenos Aires” (SARLO, 2007, p. 218, tradução nossa).

Ainda que o seu reconhecimento diante da crítica tenha sido tardio, não há dúvida quanto à importância da narrativa arltiana na literatura argentina. No entanto, há que se retroceder temporalmente a fim de melhor definir o lugar de Arlt, não no cânone da literatura, mas no seu contexto sócio-histórico.

É Sarlo (2007, p. 220) quem afirma que “*para entender a Arlt es necesario entender algo más: el lugar y la gente desde donde Arlt había llegado a la literatura*”⁵⁷. A diversidade de temas, personagens e aspectos sociais abordados em suas obras é reflexo de uma sociedade em constante transformação. Diferente do que ocorreu com a geração de oitenta, a Era Radical (1916-1930) surge como expressão das aspirações das camadas mais populares, homens e mulheres de origem humilde e de herança crioula em alguns casos, acaba dando espaço também aos filhos de imigrantes (ROMERO, 2002, p. 127). Além disso, “*la inmigración, detenida por la guerra europea, recomenzó poco después de lograda la paz, y, por cierto, alcanzó entre 1921 y 1930 uno de los más altos niveles, puesto que arrojó un saldo de 878 000 inmigrantes definitivamente radicados*”⁵⁸ (ROMERO, 2002, p. 127-128).

As tensões sociais no país após a guerra europeia, diante da qual o governo argentino se manteve neutro, e a revolução socialista na Rússia possibilitaram uma perspectiva de transformação da qual decorrem várias greves, agravadas também pelo crescente aumento do desemprego, dos preços das mercadorias e da diminuição dos salários reais (ROMERO, 2002, p. 130).

De acordo com Romero (2002), enquanto o mundo se aproximava de uma crise dada a sua situação econômica, “*el radicalismo no percibió el problema y se mantuvo imperturbable en una política de buena administración y de mantenimiento del sistema económico tradicional*”⁵⁹ (ROMERO, 2002, p. 136), de forma que após o retorno de Hipólito Yrigoyen, em 1928, e a manutenção de um governo que já não possuía a compreensão necessária para as demandas sociais e econômicas da época, ocorre o golpe militar, em 1930.

⁵⁷ “Para entender Arlt, é necessário entender algo mais: o lugar e as pessoas desde onde Arlt tinha chegado à literatura” (SARLO, 2007, p. 220, tradução nossa).

⁵⁸ “A imigração, detida pela guerra europeia, recomeçou pouco depois de estabelecida a paz, e, por consequência, alcançou entre 1921 e 1930 um dos mais altos níveis, uma vez que atingiu um saldo de 878 000 imigrantes definitivamente radicados” (ROMERO, 2002, p. 127-128, tradução nossa).

⁵⁹ “O radicalismo não percebeu o problema e se manteve inabalável em uma política de boa administração e de manutenção do sistema econômico tradicional” (ROMERO, 2002, p. 136, tradução nossa).

Por outro lado, foi durante o período radical que o país presenciou significativa expansão cultural, na arte, na literatura, no teatro, nas editoras, no campo do jornalismo, da rádio e do cinema, na difusão do tango – sendo reconhecido socialmente na Argentina e também fora dela – na criação de entidades culturais, universidades populares e bibliotecas (JITRIK, 2009, p. 175-176). Essa estabilidade cultural, nos explica Jitrik (2009), possui práticas sujeitas às críticas e destas, por sua vez, podem decorrer um sentimento de enfrentamento. É dessa vontade de ruptura que se consolida a literatura arltiana, marcada, segundo Sarlo (2007), pela exageração e pela radicalidade.

1.2. As águas-fortes no âmbito da narrativa de extração histórica

“Respeto para el hombre... para la humanidad que lleva el hombre en sí. Es lo que encuentro en Río. [...] Yo no quiero buscar las razones históricas de dicho fenómeno. La historia me importa un pepino. Que hagan historia los otros.”⁶⁰ (ARLT, 2013a, p. 31)

O percurso realizado até aqui, adentrando no conjunto da obra do escritor Roberto Arlt, nos permite a constatação de que a produção jornalística esteve presente desde o início de sua carreira como escritor. Não se trata apenas de verificar a existência dessa dupla jornada: ser escritor e ser escritor-jornalista, e sim de constatar a importância desta segunda atividade, e talvez principal, na composição da obra arltiana. Até o momento, nos referimos aos textos arltianos, sobretudo àqueles que aparecem com outras denominações na seção do jornal *El Mundo*, prática recorrente como pudemos constatar, ora como notas, ora como relatos, ou ainda como crônicas, não os diferenciando conceitualmente. Cabe definir, no entanto, se há distinção entre os textos que Arlt denominou originalmente como “águas-fortes” em relação aos demais textos publicados por ele e quais seriam essas diferenças.

⁶⁰ “Respeito para com o homem... para a humanidade que leva o nome em si. É o que encontro no Río. [...] Eu não quero procurar as razões históricas de tal fenômeno. Estou me lixando para a história. Que façam história os outros” (ARLT, 2013c, p. 267).

Como vimos, a expressão *aguafuertes porteñas* foi a primeira a ser utilizada como título da coluna para a qual Arlt escrevia em *El Mundo*. Depois, outras águas-fortes foram sendo incorporadas ao longo dos anos: *aguafuertes silvestres; uruguayas; teatrales; fluviales; patagónicas; municipales; bonaerenses; de cualquier parte; de viaje; españolas; africanas; gallegas; asturianas; vascas e madrileñas*. Em todos esses casos temos o composto “águas-fortes” mais o adjetivo que, em geral, alude ao contexto espacial a que se referem tais textos. Por exemplo, as águas-fortes portenhas e municipais se referem à cidade de Buenos Aires, capital da Argentina, enquanto as águas-fortes bonaerenses se referem àquelas que tratam da província de Buenos Aires. As águas-fortes patagônicas tratam da região que compreende parte da Argentina e do Chile, enquanto as águas-fortes africanas denominam os textos escritos por Arlt em sua passagem pela África, em 1935. As águas-fortes uruguaias e españolas, se referem aos textos escritos no Uruguai e na Espanha, respectivamente. Há ainda aquelas que são denominadas conforme a localidade específica da Espanha, ou seja, as províncias galegas, asturiana, vascas e madrilena. As águas-fortes fluviais, “*de cualquier parte*” e de viagem são, em geral, resultados de textos produzidos durante o trânsito do escritor, provavelmente este seja também o caso das águas-fortes silvestres⁶¹. As águas-fortes teatrais seriam, portanto, o único caso em que o adjetivo não se refere a uma localidade.

Por outro lado, em vários momentos Arlt substitui a denominação do termo “águas-fortes” por outros, a saber: *Informaciones de viaje; Recuerdos porteños; Notas de a bordo; Notas de viaje; De Roberto Arlt; Viñetas santiagueñas; Hospitales en la miséria; La ciudad se queja; Buenos Aires se queja; Hasta la vista; Cartas de España; Cartas de Madrid; Artículo periodístico*⁶²; *Reseña cinematográfica e Artículo periodístico sobre El fabricante de fantasmas*. De maneira geral, as mudanças na definição da coluna ocorrem com o intuito de denominar um conjunto de textos a partir de sua temática, sendo que para isso Arlt opera de distintos modos. Por

⁶¹ O vocábulo “*silvestre*” pode se referir a lugar “agreste, inculto ou não cultivado”, de acordo com o *Diccionario de la Real Academia Española*. Se observamos as publicações anteriores às *Aguafuertes Silvestres*, veremos que no dia 3 de fevereiro Arlt publica a nota “*La tragedia de un hombre que va a Mar del Plata*”, à qual seguem “*Deje a los colonos en paz*” (04/02/1930), “*Rumbo al campamento*” (05/02/1930), “*Elogio de la montaña*” (06/02/1930) e “*Campeones de café con leche*” (07/02/1930), para então publicar cinco águas-fortes silvestres: “*Alma de ‘linghera’*” (08/02/1930); “*Pueblo chico...*” (09/02/1930); “*El ‘camp-fire’*” (10/02/1930); “*Cosas del campamento*” (11/02/1930) e “*Camino de Buenos Aires*” (12/02/1930).

⁶² Em geral, os textos apontados por Saitta (2008) como *Artículo periodístico* são mencionados na compilação realizada por Corral (2009) como “Sem título”, o que indica, em realidade, uma ausência de título no que se refere à seção do jornal.

exemplo, no ano de 1932, Arlt empreende duas investigações que se convertem em matéria para sua coluna: o primeiro conjunto, sobre o “Depósito Policial de Menores”, que denuncia a falta de responsabilidade dos juízes e também o descaso em relação ao sistema responsável por esses menores que ao invés de prevenir o crime, acaba gerando-o (SAÍTTA, 2008, p. 84), é composto por quatro textos que se intitulam da mesma forma, “*Escuela primaria de delincuencia*”⁶³, alterando apenas o seu final e que permanecem sob a denominação *Aguafuertes porteñas*, ao passo que o segundo conjunto, um total de trinta e três textos sobre as más condições dos hospitais municipais, publicados já no início de 1933, a coluna passa a ser denominada como “*Hospitales en la miseria*” (SAÍTTA, 2008).

A partir de 1937, Arlt abandona definitivamente a denominação “*águas-fortes*” de sua coluna, adotando outras: *Tiempos presentes*, *Al margen del cable*, *El infierno santiaguense*, *Cosas nuestras*; *El problema hospitalario*; *Artículo periodístico*; *La guerra frente a las pizarras*; *Cartas de Chile*; *Mujeres de Chile* e *Los problemas del Delta*. Talvez seja possível afirmar que Arlt substitua a denominação *Aguafuertes* por *Al margen del cable*, predominante neste período, ainda que continue substituindo-a em alguns momentos. Embora não realizemos uma análise exaustiva e totalizadora dos textos publicados nesse período, observamos uma mudança em relação à forma como eles se organizam: não se restringem apenas às observações do escritor sobre a sociedade portenha, ainda que essa esteja presente, ou mesmo de outras realidades vivenciadas por ele, mas de assuntos e personagens muitas vezes distantes temporal e, principalmente, espacialmente. Segundo Corral (2009, p. 24), “*más de una tercera parte de las últimas crónicas de Arlt está dedicada a la situación que vive Europa en esos años*”⁶⁴. Nesses textos, o foco na primeira pessoa é muitas vezes substituído pela terceira, tendo em vista o distanciamento do escritor em relação aos assuntos narrados. Em “*La vida extraña de Lilian Valerie Smith que simulaba ser un coronel británico*”, publicada em 29 de março de 1937, por exemplo, temos logo na primeira linha a presença do narrador: “*Yo he visto una fotografía del coronel Leslie Bligh Barker. Es un guapo mozo, en traje de noche.*”⁶⁵ (ARLT, 2009, p.

⁶³ “*Escuela primaria de delincuencia. I parte*” (26/09/1932); “*Escuela primaria de delincuencia. II parte*” (27/09/1932); “*Escuela primaria de delincuencia. III parte*” (28/09/1932) e “*Escuela primaria de delincuencia. Fin*” (29/09/1932).

⁶⁴ “Mais de um terço das últimas crônicas de Arlt está dedicado à situação que vive a Europa nesses anos” (CORRAL, 2009, p. 24, tradução nossa).

⁶⁵ “Vi uma fotografia do coronel Leslie Bligh Barker. É um rapaz bonito, em traje de noite” (ARLT, 2009, p. 62, tradução nossa).

62). Embora inicie a nota de forma que o pronome em primeira pessoa seja explicitado ao narrar aquilo que vê, o que se segue são comentários com foco na terceira pessoa: *“El coronel Barker es una pobre mujer abandonada en Australia por su marido, madre de un niño. La única que podría conocer su secreto es otra mujer, su esposa May Ward, la cual no habla.”*⁶⁶ (ARLT, 2009, p. 62). Para Corral (2009, p. 21), *“Arlt sobressale en la composición de lugar que suele colocar al inicio de cada crónica, un inicio muy cuidado, de ciudades y paisajes que nunca visito y que le debe mucho a la fotografía y sobre todo al cine [...]”*⁶⁷.

A mensagem nesses textos tem sobretudo um caráter referencial de acontecimentos, lugares e pessoas dos quais Arlt toma conhecimento, em geral, por meio de matérias veiculadas em jornais estrangeiros que chegavam a *El Mundo*, como ocorre na nota *“Silencio sobre las aguas”*, publicada em 19 de julho de 1937, dia em que, segundo Arlt, encerram-se as buscas pela aviadora Amelia Earhart após um acidente nas águas do Pacífico, buscas estas que perduraram por doze dias. Arlt informa o fato jornalístico de maneira gradativa e, ao mesmo tempo, poética. Não é o fato narrado que conta, mas o modo de fazê-lo. É na parte central da nota que a notícia pouco a pouco desvelada é finalmente exposta: *“La verdad. Amelia Earhart ha muerto. Ha muerto de modo inexplicable, porque su accidente aún no ha sido reconstruido”*⁶⁸ (ARLT, 2003, p. 25). Ainda sobre esse conjunto de textos, afirma Corral (2009, p.19-20):

*En estas crónicas Arlt reconstruye la noticia y la ficcionaliza en varios sentidos: interioriza el punto de vista; introduce monólogos, diálogos entre actores políticos del momento, con personajes históricos y con otros ficticios; escenifica encuentros, inventa situaciones e interlocutores para dar cuerpo a lo que es un simple informativo. Existe una gran variedad de procedimientos formales para “narrar” los sucesos. Las crónicas más literarias, en las que predominan el ejercicio imaginativo del escritor y su destreza estilística, son sin duda las más seductoras.*⁶⁹

⁶⁶ “O coronel Barker é uma pobre mulher abandonada na Austrália por seu marido, mãe de um menino. A única que poderia conhecer seu segredo é outra mulher, sua esposa May Ward, que não fala” (ARLT, 2009, p. 62, tradução nossa).

⁶⁷ “Arlt sobressai na composição de lugar que costuma colocar no início de cada crónica, um início bem cuidado, de cidades e paisagens que nunca visitou e que deve muito à fotografia e sobretudo ao cinema [...]” (CORRAL, 2009, p. 21, tradução nossa).

⁶⁸ “A verdade. Amelia Earhart está morta. Morreu de modo inexplicável, porque seu acidente ainda não foi reconstruído” (ARLT, 2003, p. 25, tradução nossa).

⁶⁹ “Nestas crônicas Arlt reconstrói a notícia e a ficcionaliza em vários sentidos: interioriza o ponto de vista; introduz monólogos, diálogos entre atores políticos do momento, com personagens históricos e com outros fictícios; encena encontros, inventa situações e interlocutores para dar corpo ao que é

Diante disso, no que se refere à produção arltiana até 1936, acreditamos que a mudança de águas-fortes para outras denominações seja decorrente de agrupamentos temáticos mais do que de mudanças na estrutura textual ou no posicionamento do escritor. Isso posto, e uma vez que as publicações recentes do conjunto que constitui o nosso *corpus* de investigação, como vimos, foram denominadas como águas-fortes cariocas, nos dedicaremos à definição do termo “águas-fortes”, tomado por Arlt das artes plásticas, o qual adotaremos para definir nosso objeto de análise, bem como toda a produção que tenha sido publicada entre 1928 e 1936 no jornal *El Mundo*.

Para Ricardo Piglia (2009, p. 12): “Arlt ha titulado la mayoría de sus crónicas usando el modelo de una técnica gráfica (las aguafuertes, el ácido que fija la imagen) porque quiere fijar una imagen, registrar un modo de ver.”⁷⁰. De acordo com Horácio González (2008, p. 63), “Aguafuerte como técnica pictórica remite a una lámina grabada cuyo molde se trata con ácido nítrico”⁷¹. Trata-se de um:

Adecuado sistema para implicar lo que hace Arlt con la escritura: burilada coloquialidad, expresión airada de las opiniones, desprecio impetuoso y definitivo por la necedad, nervura localización del lenguaje en un arrebatado aquí y ahora urbano, captación sobradora, socarrona, chispeante de tipos existenciales muy filigranados. Ácidas viñetas y bajorrelieves, aptos para calibrar el juicio personal y ponerlo como mascarón preciosamente adornado de un artículo periodístico. (GONZÁLEZ, 2008, p. 63)⁷²

Também Ana Silvia Galán (2010, p. 453-454) irá se ocupar da relação dos textos arltianos e sua denominação:

uma simples notícia. Existe uma grande variedade de procedimentos formais para ‘narrar’ os acontecimentos. As crônicas mais literárias, nas quais predominam o exercício imaginativo do escritor e sua destreza estilística, são sem dúvida as mais sedutoras” (CORRAL, 2009, p. 19-20, tradução nossa).

⁷⁰ “Arlt nomeou a maioria de suas crônicas usando o modelo de uma técnica gráfica (as águas-fortes, o ácido que fixa a imagem) porque quer fixar uma imagem, registrar um modo de ver” (PIGLIA, 2009, p. 12, tradução nossa).

⁷¹ “Água-forte, como técnica pictórica, remete a uma lâmina gravada cujo molde se trata com ácido nítrico” (GONZÁLEZ, 2008, p. 63, tradução nossa).

⁷² “Adequado sistema para definir o que faz Arlt com a escritura: burilada coloquialidade, expressão airada das opiniões, desprezo impetuoso e definitivo pela estupidez, nevrálgica localização da linguagem em um arrebatado aqui e agora urbano, captação intrusa, esnobe, irônica, preenchida por tipos existenciales muito filigranados. Ácidas vinhetas e baixos-relevos, aptos para calibrar o juízo pessoal e colocá-lo como máscara preciosamente adornada de um artigo de jornal” (GONZÁLEZ, 2008, p. 63, tradução nossa).

Asumidas por la primera persona identificada con su nombre – lo cual le procura una apreciable popularidad –, las aguafuertes se ajustan a su denominación: son estampas diarias que Arlt compone con la fusión de varios elementos, entre ellos, la lúcida observación de la ciudad y sus habitantes, la intención de testimoniar – y por qué no corregir – usos, costumbres, vicios y el dominio de un lenguaje urbano y popular, ajustado al asunto tratado, que mezclaba productivamente todas las jergas.⁷³

As água-fortes constituem-se como um gênero híbrido criado por Arlt, no limite entre a ficção e a crônica jornalística, e que se insere no âmbito das narrativas de extração histórica (TROUCHE, 2006). Em *América: história e ficção* (2006), André Trouche analisa a produção literária hispano-americana buscando demonstrar a existência de uma “atitude escritural comum de transferir à ficção o resgate e o questionamento da experiência histórica” (TROUCHE, 2006, p. 21) na sua construção.

O diálogo entre literatura e história é característica recorrente na literatura, sendo que há uma série de denominações que buscam abarcar o conjunto das obras ficcionais que se nutrem da matéria histórica, como György Lukács, com o “romance histórico” e Linda Hutcheon, com a “metaficção historiográfica”. Há ainda outras classificações, tais como: “novo romance histórico”, de Aínsa, Menton e Perkowska, “narrativa de extração histórica”, de Trouche, “narrativa histórica” de Glória da Cunha e “ficção histórica” de Weinhardt (ESTEVES, 2010). Nossa opção, no entanto, consiste em adotar o composto “narrativas de extração histórica” definido como “o conjunto de narrativas que encetam o diálogo com a história, como forma de produção de saber e como intervenção transgressora” (TROUCHE, 2006, p. 44), tal como justifica Trouche em sua obra:

Encontra-se no fato de que o diálogo com a história não se restringe ao âmbito do romance histórico, e sua linha de continuidade, ou ao âmbito das chamadas metaficções historiográficas. Ao contrário, no universo do sistema literário hispano-americano, muito antes do século XIX, já encontramos significativa produção narrativa que toma o histórico como intertexto. (TROUCHE, 2006, p. 43)

⁷³ “Assumidas pela primeira pessoa identificada com seu nome – o que lhe proporciona uma apreciável popularidade –, as águas-fortes se enquadram em sua denominação: são estampas diárias que Arlt compõe com a fusão de vários elementos, entre eles, a lúcida observação da cidade e seus habitantes, a intenção de testemunhar – e por quê não corrigir – usos, costumes, vícios e o domínio de uma linguagem urbana e popular, ajustada ao assunto tratado, que mesclava produtivamente todos os jargões” (GALÁN, 2010, p. 453-454, tradução nossa).

Desta forma, a água-forte se insere no rol das narrativas de extração histórica uma vez que, ao tecer o seu relato, Arlt entrecruza o discurso ficcional e o discurso histórico para construir uma nova forma mas que, ao mesmo tempo, conjuga elementos de gêneros diversos, os quais se caracterizam por manter essa estreita relação com a intenção de, ao escrever um texto literário, reproduzir uma parcela da realidade, tal como a crônica jornalística.

1.2.1. Crônica jornalística: águas-fortes portenhas e outras

A água-forte, como vimos, constitui-se como um gênero híbrido no qual as fronteiras entre a ficção e a história são constantemente diluídas, tal como a crônica, que ocupa o seu cerne. Originalmente do grego “chronikós”, “relativo a tempo (chrónos), pelo latim *chronica*, o vocábulo ‘crônica’ designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica” (MOISÉS, 2007, p. 101). Sua marca temporal, no entanto, não se restringe à sua origem: “trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido” (ARRIGUCCI JR, 1985, p. 43). Para Arrigucci Jr., essa definição também poderia ser aplicada “ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar” (ARRIGUCCI JR, 1985, p. 43).

Na crônica, a relação com o tempo não se refere apenas ao seu conteúdo, mas perpassa todo o seu percurso, desde a sua produção, quando em meio às rotativas do jornal o escritor-jornalista precisa encerrá-la antes de fechar a edição, até cumprir o seu propósito diante dos leitores e, então, ser descartada, afinal, “ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha” (CANDIDO, 1992, p. 14). No caso específico da produção arltiana, o próprio Arlt (2008b, p. 385), em seu prólogo a *Los lanzallamas*, afirma: “*Escribí siempre en redacciones estrepitosas, acosado por la obligación de la columna cotidiana.*”⁷⁴. De acordo com Saítta (2008, p. 74-75):

⁷⁴ “Escrevi sempre em redações barulhentas, pressionado pela obrigação da coluna cotidiana” (ARLT, 2008, p. 385, tradução nossa).

El periodismo impone sus ritmos, sus tiempos, sus leyes, y Arlt se queja; se queja de la extensión de las notas, se queja del poco tiempo disponible para escribir; se queja de los apurones por los que tiene que pasar para dejar la nota lista; se queja de los lectores que envían una carta – que Arlt transcribe – pero que no cubre la totalidad de la columna; se queja de las interrupciones, de la falta de temas, de la abundancia de temas, de las pocas ganas que tiene de escribir...⁷⁵

Para Massaud Moisés (2007, p. 105), trata-se de um gênero que oscila entre a reportagem, “o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial”, e a obra literária, “recriação do cotidiano por meio da fantasia” e, havendo a predominância do discurso literário, “a crônica deriva para o conto ou a poesia, conforme se acentue o aspecto narrativo ou contemplativo”⁷⁶ (MOISÉS, 2007, p. 108). Isso é o que se nota em Arlt, cujos textos sempre circulam entre diversos gêneros discursivos e são de difícil catalogação.

Um dos aspectos acerca do caráter ambíguo da crônica literária, segundo o autor, é o fato de que ela oscila entre esses dois polos, podendo ser crônica-poema, quando o que se coloca em ênfase é a temática do “eu”, em oposição ao terreno da crônica-conto, cuja ênfase é dada aos acontecimentos narrados, com predomínio do “não-eu”, levando o autor a constatar que “o meio termo entre acontecimento e lirismo parece o lugar ideal da crônica” (MOISÉS, 2007, p. 115).

Conceituada, enfim, como a “poetização do cotidiano”, além da ambiguidade a que nos referimos, Moisés (2007) acrescenta que são características essenciais da crônica literária: a brevidade, a subjetividade, o diálogo, o estilo entre o oral e o escrito, a presença de temas do cotidiano, a ausência do transcendente e a efemeridade. Acerca dessa última característica, Jorge de Sá (1985, p. 10) comenta que “a crônica surge primeiro do jornal, herdando a sua precariedade, esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia”.

⁷⁵ “O jornalismo impõe seus ritmos, seus tempos, suas leis, e Arlt se queixa, se queixa da extensão das notas, se queixa do pouco tempo disponível para escrever, se queixa dos apuros pelos quais tem que passar para deixar a nota pronta, se queixa dos leitores que enviam uma carta – que Arlt transcreve – mas que não cobre a totalidade da coluna, se queixa das interrupções, da falta de temas, da abundância de temas, da pouca vontade que tem de escrever...” (SAÍTTA, 2008, p. 74-75, tradução nossa).

⁷⁶ Para Moisés, “há quem considere o debate das idéias como um possível terceiro tipo de crônica, mas a rigor trata-se de prosa doutrinária em forma de artigo de jornal, como poderia ser de revista ou capítulo de livro, e não de crônica” (2007, p. 108).

Ao contrário da efemeridade à qual está sujeita na estampa das rotativas dos jornais, porém decorrente dela, a crônica desde muito tempo carrega sobre si a designação de “gênero menor”. Ainda que não tenha sucumbido ao tempo, a aplicação desse termo em relação à crônica é ressignificada por Antonio Candido (1992, p. 14) para demonstrar que aquilo que outrora seria considerado definição por sua suposta “fragilidade” conserva em si as qualidades de um gênero cuja “perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. Para Candido (1992, p. 14), “em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

Para Sá (1985, p. 9), o que separa a crônica do conto é a densidade: enquanto o contista se detém na construção dos elementos narrativos: personagem, tempo, espaço e atmosfera “que darão força ao fato ‘exemplar’”, o cronista escreve com maior liberdade ou, em outras palavras, “age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários, sem ter sequer a preocupação de colocar-se na pele de um narrador, que é, principalmente, personagem ficcional” (SÁ, 1985, p. 9), uma vez que a crônica é narrada pelo seu próprio autor.

As fronteiras que delimitam a crônica literária, como vimos, são bastante tênues em relação aos outros gêneros que ela acaba incorporando, visto que se trata de um gênero híbrido. Para Juan Villoro (2006), o fato de que Alfonso Reyes tenha concebido o ensaio como o “centauro dos gêneros” leva-o a buscar um símbolo mais complexo para a crônica, ou seja, o de “ornitorrinco da prosa”:

De la novela extrae la condición subjetiva, la capacidad de narrar desde el mundo de los personajes y crear una ilusión de vida para situar al lector en el centro de los hechos; del reportaje, los datos inmodificables; del cuento, el sentido dramático en espacio corto y la sugerencia de que la realidad ocurre para contar un relato deliberado, con un final que lo justifica; de la entrevista, los diálogos; y del teatro moderno, la forma de montarlos; del teatro grecolatino, la polifonía de testigos, [...]; del ensayo, la posibilidad de argumentar y conectar saberes dispersos; de la autobiografía, el tono memorioso y la reelaboración en primera persona.⁷⁷ (VILLORO, 2006)

⁷⁷ “A crônica extrai do romance a condição subjetiva, a capacidade de narrar a partir do mundo dos personagens e criar uma ilusão de vida para situar o leitor no centro dos acontecimentos; da reportagem, os dados imodificáveis; do conto, o sentido dramático no espaço curto e a sugestão de que a realidade ocorre para contar um relato deliberado, com um final que o justifica; da entrevista, os diálogos; e do teatro moderno, a forma de montá-los; do teatro greco-latino, a polifonia de

No trecho transcrito Villoro (2006) sintetiza essa variedade de características em torno da crônica, advindas de diversos gêneros. No caso das águas-fortes, um gênero híbrido que reúne em si as características de diversos outros gêneros, dentre os quais encontra-se a crônica, também híbrida, talvez seja o caso de dizer que nos encontramos diante de uma “quimera da literatura”, a partir de uma hibridização da aparência e também da essência enquanto gênero, e que tal como a quimera, que cuspiu fogo, atinge a alma de seus leitores com sua linguagem que fere mas também ilumina, à medida que oferece um novo olhar acerca da sociedade.

Como vimos, a denominação águas-fortes – e suas variáveis – refere-se aos escritos arltianos produzidos entre 1928 e 1936 que abarcam uma diversidade de temas, como tentaremos explicitar nas próximas linhas. A primeira nota que Arlt escreve sob a denominação águas-fortes portenhas, “*La tragedia del hombre que busca empleo*”, ainda sem que o nome do escritor apareça, é publicada no dia 5 de agosto de 1928. Arlt inicia a sua narrativa descrevendo uma cena do cotidiano com a qual se depara logo cedo: uma fila de pessoas diante de uma loja com a grade entreaberta, aguardando para uma entrevista de emprego. Adiante, Arlt introduz um diálogo com um comerciante que, por sua vez, relata como são as entrevistas com tais candidatos, que afirmam diversos saberes e qualificações e, no entanto, quando contratados, aceitam um salário cujo máximo são cento e cinquenta pesos. Arlt revela um aspecto da sociedade portenha em que a oferta de mão de obra é superior às vagas de empregos e conclui que, “*sin embargo, afuera está la llanura, están los campos, pero la gente no quiere salir afuera*”⁷⁸ (ARLT, 1998, p. 186). Nesta primeira água-forte temos uma estrutura que pouco se modificará nas seguintes: um texto curto, com descrições de cenas e/ou narrativas elaboradas a partir da observação do cotidiano que, como vimos, resulta na denominação de Arlt como “*flâneur modelo*” (SARLO, 2005, p. 203) e, em muitos casos, com a presença de diálogos.

O procedimento mais comum através do qual Arlt empreende a sua escrita, no que diz respeito aos temas que se propõe a escrever, é abordado pelo escritor em seus relatos e ocorre fora das dependências da redação: refere-se às longas

testemunhas, [...]; do ensaio, a possibilidade de argumentar e conectar saberes diversos; da autobiografia, o tom memorioso e a reelaboração em primeira pessoa” (VILLORO, 2006, tradução nossa).

⁷⁸ “E, no entanto, nos arredores está a planície, estão os campos, mas as pessoas não querem sair para os arredores” (ARLT, 2013c, p. 210).

caminhadas pelos bairros da cidade portenha, a partir das quais descreve suas paisagens e seus personagens; relata conversações nos trens e nos cafés que frequenta, às vezes participando como interlocutor, em outras apenas como ouvinte; detém-se a narrar cenas e acontecimentos, presenciados ou dos quais toma conhecimento por terceiros. Definida pelo autor como “*baños de multitud y de callejeo*”⁷⁹ (ARLT, 1998, p. 116-117), essa prática lhe proporciona “*los extraordinarios encuentros de la calle. Las cosas que se ven. Las palabras que se escuchan. Las tragedias que se llegan a conocer*”⁸⁰ (ARLT, 1998, p. 116) convertem-se em matéria para suas notas. Sobre tais aspectos da obra arltiana, Ribeiro (2001, p. 18) comenta que o argentino “escrevia sobre essas histórias que havia escutado, criava outras, relatava as transformações pelas quais a cidade passava, traçava o perfil de seus habitantes, mais especificamente, a pequena burguesia”, presente na maioria de suas notas em *El Mundo*: “Arlt criticava duramente os valores pequeno-burgueses – a ânsia pela ascensão social, a valorização do casamento, o dinheiro como fonte de felicidade – não só nas águas-fortes, como em toda a sua obra” (RIBEIRO, 2001, p. 18).

E quando do seu perambular não surge um assunto sequer, qualquer assunto pode virar uma nota. Em “*Una excusa: el hombre del trombón*” (29/01/1930), Arlt se detém a falar dos ensaios de um vizinho músico, sempre nos mesmos horários e duas vezes ao dia, e reconhece: “*Escribo sobre eso como podría escribir sobre cualquier otra cosa; pero el tiempo urge; el dibujante reclama la nota para ilustrarla*”⁸¹ (ARLT, 1998, p. 95). No entanto, a falta de temas, que é inclusive relatada em alguns textos, trata-se de uma preocupação presente desde o início de sua carreira e da qual recorda em “*La crónica nº 231*” (31/12/1928), mencionando que quando escreveu sua primeira nota, confeccionou também uma lista dos assuntos das próximas vinte e duas águas-fortes. E relembra: “*con qué emoción me preguntaba entonces: cuando se agote esta lista de temas ¿sobre qué escribiré?*”⁸² (ARLT, 1998, p. 367).

⁷⁹ “Banhos de multidão e de perambulação” (ARLT, 2013c, p. 127).

⁸⁰ “Os extraordinários encontros da rua. As coisas que se vê. As palavras que se escuta. As tragédias que se chega a conhecer” (ARLT, 2013c, p. 127).

⁸¹ “Escrevo sobre isso como poderia escrever sobre qualquer outra coisa, mas o tempo urge; o desenhista reclama a matéria para ilustrá-la” (ARLT, 2013c, p. 101).

⁸² “Com que emoção eu me perguntava então: quando essa lista de temas se esgotar, sobre o que eu escreverei?” (ARLT, 2013c, p. 231).

Outra constante em sua obra se refere aos temas que advêm das histórias contadas nas cartas recebidas de seus leitores, como é o caso de “*La mujer que juega a la quiniela*” (09/11/1928); “*¿Cómo quieren que les escriba?*” (03/09/1929); “*La terrible sinceridad*” (20/12/1929); “*Para ser periodista*” (31/12/1929) e “*La inutilidad de los libros*” (26/02/1930). Em “*¿Cómo quieren que les escriba?*”, por exemplo, Arlt comenta sobre as divergências de opiniões nas cartas que recebe, nas quais estão presentes tanto elogios quanto críticas acerca de um mesmo aspecto de seu texto, bem como reflexões sobre sua escrita:

*¿De qué modo debo dirigirme a mis lectores? Seriamente, no creía que le dieran tanta importancia a estas notas. Yo las escribo así nomás, es decir, converso así con ustedes, que es la forma más cómoda de dirigirse a la gente. Y tan cómoda que hasta algunos me reprochan, aunque gentilmente, el empleo de ciertas palabras.*⁸³ (ARLT, 1998, p. 370-371)

Nas águas-fortes é constante a presença da cidade de Buenos Aires, sendo considerada ela também personagem arltiana, de acordo com Maria Paula G. Ribeiro (2001, p. 19). A autora observa ainda que nas notas onde figuram apenas comentários acerca da cidade, “há um tom ameno e até melancólico no texto arltiano, ao contrário de quando se refere à ‘fauna’ portenha que a habita” (RIBEIRO, 2001, p. 20). Em “Uma Buenos Aires de palavras: a devoradora cidade de Roberto Arlt”, Janete E. Jorge (2009) trata da construção da cidade ficcional arltiana nos romances *Los siete locos* e *Los lanzallamas* e que, por sua vez, acompanha o perambular de Erdosain pela cidade que, mais do que um conceito geográfico, reflete as mazelas da humanidade e suas complexidades (JORGE, 2009). Para a autora: “Da Buenos Aires histórica o leitor encontrará apenas rastros de ruas, praças, monumentos históricos e outros lugares presentes na topografia da urbe portenha. A cidade de Arlt nasce da escrita e somente nela se sustenta” (JORGE, 2009, p. 54).

Em relação à cidade portenha especificamente nas águas-fortes, Ribeiro (2001) comenta que, ao contrário do que ocorre em *Luna de enfrente* e *Fervor de Buenos Aires*, de Borges, “a cidade que Arlt nos mostra tem outro cenário. Trata-se

⁸³ “De que modo devo me dirigir aos meus leitores? Sério, eu não acreditava que dessem tanta importância a essas notas. Eu as escrevo assim mesmo, isto é, converso assim com vocês, que é a forma mais cômoda de se dirigir às pessoas. E tão cômoda que alguns até me recriminam, embora gentilmente, o emprego de certas palavras” (ARLT, 2013c, p. 235).

dos cafés imundos, teatros de quinta categoria, pensões baratas, cortiços; lugares habitados e frequentados por ladrões, rufiões, prostitutas, comerciantes inescrupulosos” (RIBEIRO, 2001, p. 20). Alguns temas se repetem, outros vão sendo incorporados ao grande emaranhado da obra arltiana à medida que os anos passam, acompanhando o pulsar de uma cidade em constante transformação, como é o caso de Buenos Aires. De acordo com Saítta (2008, p. 88-89):

El cambio urbano posterior a la crisis del treinta repercute en la escritura arltiana y politiza su mirada sobre la ciudad. Arlt asume el rol de un periodista que usa la visibilidad de sus notas para denunciar y señalar un sistema equivocado. La carga moral y por momentos puritana que siempre tuvieron sus notas encuentra ahora salidas y resoluciones más concretas. Porque si bien Arlt siempre señaló los malos usos y costumbres tanto de altas autoridades como de vivillos y pequeños estafadores, recién en los treinta puede incidir sobre ellos; si siempre se mostró muy molesto por los modos en que políticos, abogados, manosantas y curanderos hacían uso del desamparo, el poder de su columna le permite incidir en ellos.⁸⁴

Para Saítta (2008, p. 92), “*del costumbrismo a la denuncia, de aguafuertista a fiscal, la trayectoria de Arlt en el periodismo de los años treinta acompaña el movimiento que la prensa en su conjunto está realizando*”⁸⁵. É também a partir de 1930 que as notas arltianas, resultado da mescla de diversos gêneros, incorporam ainda características da narrativa de viagem.

1.2.2. Narrativa de viagem: águas-fortes de viagem

Caminhar, observar e escrever sobre a vida cotidiana de Buenos Aires: eis o modo pelo qual Arlt teceu a maior parte de seus relatos. No entanto, sua produção

⁸⁴ “A mudança urbana posterior à crise de trinta repercute na escritura arltiana e politiza seu olhar sobre a cidade. Arlt assume o rol de um jornalista que usa a visibilidade de suas notas para denunciar e criticar um sistema equivocado. A carga moral e por momentos puritana que sempre tiveram suas notas encontra agora saídas e resoluções mais concretas. Porque se Arlt sempre chamou a atenção aos maus usos e costumes tanto das altas autoridades como de vagos e pequenos vigaristas, a partir dos anos trinta pode incidir sobre eles; se sempre se mostrou muito incomodado pelos modos em que políticos, advogados, ‘mãos santas’ e curandeiros faziam uso do desamparo, o poder de sua coluna lhe permite incidir sobre eles” (SAÍTTA, 2008, p. 88-89, tradução nossa).

⁸⁵ “Do costumbrismo à denúncia, de aguafortista a fiscal, a trajetória de Arlt no jornalismo dos anos trinta acompanha o movimento que a imprensa no seu conjunto está realizando” (SAÍTTA, 2008, p. 92, tradução nossa).

bibliográfica inclui, ainda, em determinadas ocasiões, uma forma distinta de compor suas águas-fortes a partir de uma tessitura nova, considerando o conjunto de sua obra, ainda que bastante antiga no rol de relatos acerca da existência humana. Tratam-se dos textos que agregam ao teor jornalístico de suas populares águas-fortes o interesse pelas narrativas de viagem, resultantes dos deslocamentos físicos empreendidos pelo escritor-jornalista, agora, também, escritor-viajante.

Escrever sobre viagens seja, talvez, escrever sobre a vida em si. Isso porque a viagem, seja ela real ou imaginária, permeia e se confunde com a vida (TODOROV, 2006); permeia e se confunde com a história, individual ou coletiva, com a história da própria humanidade (IANNI, 2003; ESTEVES e ZANOTO, 2010). Em seu texto “A viagem e seu relato”, o questionamento de Todorov (2006, p. 231), “O que *não* é uma viagem?”, sintetiza uma infinidade de linhas acerca desse assunto, afinal, o termo invoca uma ampla variedade de “significações e conotações, simultâneas, complementares ou mesmo contraditórias” (IANNI, 2003, p. 13).

De acordo com Todorov (2006, p. 232), também o interesse pelos roteiros de viagem, e não apenas as viagens em si, permeia a nossa história: “os relatos de viagem são tão antigos quanto as próprias viagens – ou mais”. Tomemos então os relatos do período das grandes navegações e descobertas, as viagens de Américo Vespúcio, Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, que mais especificamente marcam a nossa história como continente e como nação. As descobertas do Novo Mundo, a partir do ponto de vista europeu, carregam em si implicações que alteram o *status quo* do Velho Mundo, que “somente começou a existir quando os navegantes descobriram e conquistaram o Novo Mundo” (IANNI, 2003, p. 22).

Antes de prosseguir, porém, cabe esclarecer o posicionamento adotado em relação às distintas designações que se referem às produções nas quais a viagem está presente, isto é: narrativa de viagem, literatura de viajantes, livro de viagens, relato de viagem e literatura de viagem. De acordo com Carrizo Rueda (2008), as duas primeiras se referem a denominações que abarcam de forma mais ampla as duas últimas, que se constituem em formas basicamente diferentes e acerca das quais é necessário estabelecer as seguintes distinções: a denominação “relato de viagem” refere-se a uma categoria que se caracteriza pela presença de memórias a partir das quais temos informações diversas sobre o percurso realizado por certos territórios (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 10), enquanto a denominação “literatura de viagem” refere-se a um conjunto que “*abarca todas aquellas obras caracterizadas*

*por complejos procesos ficcionales, donde cualquier referencia al itinerário se subordina a vicisitudes de la existencia de los personajes*⁸⁶ (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 10). Para o primeiro caso, são tomados como exemplos autores como Marco Polo, Pigafetta e Darwin, enquanto Homero, Virgílio e Jonathan Swift aparecem como modelos que ilustram o segundo caso (CARRIZO RUEDA, 2008). Acerca dessa distinção, a autora salienta ainda que a “literatura de viagens” possui “*como referente primordial una ficción, mientras que el ‘relato de viajes propiamente dicho’ es un género mixto, en el que no se puede separar de ningún modo, lo documental de los recursos atribuidos a la ‘literariedad’*”⁸⁷ (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 11). Por fim, a denominação “livro de viagens” seria uma alternativa considerando que nem todo “relato de viagem” resultará em um livro (CARRIZO RUEDA, 2008).

Diante disso, não restam dúvidas de que o conjunto de textos que constitui o *corpus* deste trabalho refere-se à categoria sob a denominação “relato de viagens”, deixando claro que, ainda quando nos refiramos a ele como “narrativa de viagem” e “literatura de viagem”, estamos considerando que se tratam de “*relato de viajes propiamente dicho*”, a partir da definição proposta por Carrizo Rueda (2008, p. 28):

*Se trata de un discurso narrativo-descriptivo en el que predomina la función descriptiva como consecuencia del objeto final que es la presentación del relato como un espectáculo imaginario, más importante que su desarrollo y su desenlace. Este espectáculo abarca desde informaciones de diversos tipos, hasta las mismas acciones de los personajes. Debido a su inescindible estructura literário-documental, la configuración del material se organiza alrededor de núcleos de clímax que en última instancia, responden a un principio de selección y jerarquización situado en el contexto histórico, y que responde a expectativas y tensiones profundas de la sociedad a la que se dirigen.*⁸⁸

⁸⁶ “Abarca todas aquellas obras caracterizadas por complexos processos ficcionais, nas quais qualquer referência ao itinerário se subordina a vicissitudes da existência dos personagens” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 10, tradução nossa).

⁸⁷ “Como referente primordial uma ficção, enquanto que o ‘relato de viagens propriamente dito’ é um gênero misto, no qual não é possível separar de modo algum, o documental dos recursos atribuídos à ‘literariedade’” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 11, tradução nossa).

⁸⁸ “Trata-se de um discurso narrativo-descriptivo no qual predomina a função descritiva como consequência do objeto final que é a apresentação do relato como um espetáculo imaginário, mais importante que seu desenvolvimento e seu desenlace. Este espetáculo abarca desde informações de diversos tipos, até as próprias ações dos personagens. Devido a sua indivisível estrutura literário-documental, a configuração do material se organiza em torno de núcleos de clímax que, em última instância, respondem a um princípio de seleção e hierarquização situado no contexto histórico, e que responde a expectativas e tensões profundas da sociedade à qual se dirige” (CARRIZO RUEDA, 2008, p. 28, tradução nossa).

Ao tratar dos tipos de viagem, Todorov (2006) o faz a partir da oposição de dois planos: o espiritual, também denominado como interior, e o material, ou exterior, salientando, porém, que não se trata de polos incompatíveis, ao contrário, “estão quase sempre presentes simultaneamente, variando somente as proporções e as hierarquias” (TODOROV, 2006, p. 234).

Uma segunda oposição no âmbito dos relatos de viagem diz respeito à antítese entre cumplicidade e hostilidade, de forma que “a viagem real será, algumas vezes, exaltada, como encarnação ou prefiguração da viagem espiritual, e outras, denegrada, na medida em que é necessário preferir o interior ao exterior” (TODOROV, 2006, p. 235), considerando-se uma sociedade que “privilegia o espiritual em detrimento do material” (TODOROV, 2006, p. 235). Diante do embate entre essas duas tradições, Todorov (2006) posiciona-se a partir da constatação da impossibilidade de existência de um “eu” sem um “tu”, ou seja, sem a figura do “outro”:

Não se pode chegar ao fundo de si excluindo-se os outros. O mesmo se dá com os países estrangeiros, com as culturas diferentes: aquele que só conhece o seu corre sempre o risco de confundir cultura e natureza, de instituir o hábito como norma, de generalizar a partir de um exemplo único: ele mesmo. (TODOROV, 2006, p. 238)

Todorov se ocupa dessa tensão entre aquilo que diz respeito ao “eu” e aquilo que diz respeito ao “outro”, identificando uma terceira oposição entre relato alegórico e relato não alegórico, designando esse último como impressionista, no qual o escritor “negligencia o mundo e se concentra no eu, do qual relata as impressões sucessivas” (TODOROV, 2006, p. 239), ao passo que o relato alegórico “submete as observações do viajante a um desenho preconcebido que elas estão destinadas a ilustrar” (TODOROV, 2006, p. 239). Todorov trata ainda de duas características do gênero em questão nos dias atuais, sendo que neste momento nos interessa mais particularmente a análise da primeira, que se refere à tensão entre sujeito observador e objeto observado, presente na própria designação dos textos:

É o que designa, a seu modo, a denominação “relato de viagem”: relato, isto é, narração pessoal e não descrição objetiva, mas também viagem, um marco, portanto, e circunstâncias exteriores ao sujeito. Se só um dos dois aspectos figurar, deixamos o gênero em questão para passarmos a outro. [...] O limite de um lado, é a ciência;

do outro, a autobiografia; o relato de viagem vive da interpenetração das duas. (TODOROV, 2006, p. 240)

As fronteiras às quais se refere Todorov (2006), isto é, a ciência e a autobiografia, divergem daquelas consideradas por Carrizo Rueda (2008), ou seja, a ficção e o documental e, no entanto, nenhum dos autores está equivocado porque, de fato, muitas são as fronteiras a partir das quais o relato de viagem se constitui como gênero híbrido.

O desenvolvimento da cidade de Buenos Aires e o crescimento dos níveis de escolarização tornaram possíveis as mudanças no perfil do público leitor e também na consolidação de um mercado editorial argentino (SARLO, 2005), influenciando não apenas as configurações de um “novo jornalismo”, mas também a narrativa de viagem argentina produzida a partir da década de 1920, conforme afirma Saítta (2008), para quem o surgimento de um jornalismo massivo e comercial oportuniza que outros escritores viajem. As mudanças nas relações entre escritores e leitores são analisadas por Saítta (2008), que inclui, além de Roberto Arlt, escritores como Alberto Ghirardo, Leónidas Barletta, Raúl González Tuñón e Cayetano Córdova Iturburu:

Ya no se trata del viaje estético y consumidor de los hombres del ochenta, ni tampoco del viaje de escritores de la clase alta, para quienes – como son los casos de Oliverio Girondo y Victoria Ocampo – el viaje representa el contato con las élites internacionales, sino de cronistas profesionales que viajan y que responden con su trabajo a una demanda del diario, que exige una escritura rápida, donde desaparece la posibilidad de corrección, y, al mismo tiempo, quita libertad al imponer pautas muy precisas: uso de cierto tono de lenguaje coloquial, prohibición de temas, brevedad y un formato determinado.⁸⁹ (SAÍTTA, 2008, p. 182)

Arlt realiza três viagens internacionais: a primeira, em 1930, que inicialmente tinha como destino os países sul americanos, Uruguai, Brasil, Colombia, Guianas e Equador, e que teve o seu retorno antecipado, tendo o escritor visitado apenas os dois primeiros países. A segunda, se refere à viagem pela Espanha e norte da

⁸⁹ “Já não se trata da viagem estética e consumidora dos homens de 1880, nem da viagem de escritores da classe alta, para os quais – como são os casos de Oliverio Girondo e Victoria Ocampo – a viagem representa o contato com as elites internacionais, mas de cronistas profissionais que viajam e que respondem com seu trabalho a uma demanda do jornal, que exige uma escritura rápida, onde desaparece qualquer possibilidade de correção e, ao mesmo tempo, tira a liberdade ao impor pautas muito precisas: uso de certo tom de linguagem coloquial, proibição de certos temas, brevidade e um formato determinado” (SAÍTTA, 2008, p. 182, tradução nossa).

África, entre fevereiro de 1935 e maio de 1936, e, em novembro de 1940, viaja pela terceira vez para fora do país, desta vez tendo como destino o Chile.

Entre a viagem ao Uruguai e ao Brasil e a viagem à Europa, Arlt empreende ainda outras duas viagens pela Argentina, como escritor-viajante: a primeira, pelas cidades ao longo da bacia do Rio da Prata, visitando Rosario, Paraná, Santa Fe, Hernandarias, La Paz, Esquina, Reconquista, Barranqueras, Resistencia, Corrientes e Bella Vista (SAÍTTA, 2008), da qual resultaram vinte e nove *Aguafuertes fluviales*⁹⁰, publicadas entre 10 de agosto e 20 de setembro de 1933. A segunda, pelo sul argentino, a partir da qual são escritas vinte e três *Aguafuertes Patagónicas*, em 1934, acerca das cidades de Patagones, Viedma, Neuquén e Bariloche (SAÍTTA, 2008). Segundo Saítta (2008), para descrever as novas paisagens, o autor utiliza-se da comparação e da analogia para compor sua narrativa.

Em fevereiro de 1935 Arlt parte para a Espanha, como anuncia na nota “*Señores... me voy a España*” (12/02/1935), publicada antes de sua viagem. As primeiras *Aguafuertes españolas* incluem aspectos diversos sobre as cidades andaluzas que visita, dentre as quais estão Cádiz, Barbate e Sevilla. Em “*Llegada a Cádiz*” (09/04/1935), Arlt afirma que o conhecimento dos argentinos sobre a cidade é obtido por meio da música espanhola e das fotografias e questiona: “*Pero este trozo de España embellecido a través de las referencias literarias, ¿es auténtico para la visión de ultramar? En lo que atañe a ciertos trozos, sí; pero no en la totalidad*”⁹¹ (ARLT, 2015a, p. 43). Dedicar-se então a descrever a cidade, e se retorna à pintura ou à música é para romper com parte da visão que elas lhe proporcionam, ou, pelo menos, ampliá-la, ao passo que, com relação aos literatos, afirma: “*Y entonces, usted comprende y se dice: ‘Los literatos que han escrito sobre España, me han engañado. No han visto nada porque estaban ciegos, o no querían ver.’ A veces*

⁹⁰ “*En el ‘Rodolfo Aebi’*” (10/08/33); “*Hombres de mar y hombres de tierra*” (13/08/33); “*Horizontes ribereños*” (14/08/33); “*Cuando no van bien las cosas*” (15/08/33); “*Paraná, tacita de porcelana*” (16/08/33); “*Calles de Paraná*” (17/08/33); “*Vida suave y tranquila*” (18/08/33); “*Charlas de sobremesa*” (19/08/33); “*Partir... es morir un poco*” (20/08/33); “*La ciudad del morir barato*” (21/08/33); “*Panorama de la costa entrerriana*” (22/08/33); “*Pueblo de la Paz*” (23/08/33); “*En el canal de los peces leprosos*” (28/08/33); “*El cine y estos pueblitos*” (30/08/33); “*Yacaré tomando sol*” (31/08/33); “*Rancherío de Reconquista*” (01/09/33); “*Reconocimiento trágico*” (02/09/33); “*Llegada a puerto importante*” (03/09/33); “*Camino a Resistencia*” (04/09/33); “*Resistencia, ciudad de cine*” (05/09/33); “*En dirección a Corrientes*” (07/09/33); “*La ciudad de Corrientes*” (08/09/33); “*El Cristo del ataúd*” (11/09/33); “*El expreso de Shangai correntino*” (12/09/33); “*El hipódromo de Corrientes*” (13/09/33); “*Bella Vista*” (15/09/33); “*Anochecer en Bella Vista*” (18/09/33); “*Hacia Buenos Aires*” (19/09/33) e “*Termino el viaje*” (20/09/33).

⁹¹ “*Mas este recorte da Espanha embelezado por meio de referências literárias é autêntico para a visão de ultramar? No que diz respeito a certos aspectos, sim, mas não em sua totalidade*” (ARLT, 2015a, p. 43, tradução nossa).

*pienso que todo está por escribirse nuevamente*⁹² (ARLT, 2015a, p. 45). Arlt retoma também as imagens provenientes do cinema e comenta acerca de tal procedimento: “*Les ruego a mis lectores que me disculpen esas abundantes referencias que siempre hago del cine en mis notas, pero ir al cine es, en cierto modo, viajar de una manera ideal, mucho más de lo que algunos pueden suponerse.*”⁹³ (ARLT, 2015a, p. 46). Além do diálogo com seus leitores, visando explicitar um aspecto do *modus operandi* de sua escrita, Arlt trata daquilo que discutimos no tópico anterior, isto é, das inúmeras significações através das quais historicamente se concebeu o termo “viagem”. Com relação aos primeiros textos produzidos na Espanha, eles exemplificam o modo a partir do qual Arlt irá escrever esses relatos de viagem, conforme sintetiza Saítta (2008, p. 195):

*En Cádiz, Arlt inaugura la rutina que sostendrá a lo largo del viaje: caminar mucho por la ciudad, hablar con la gente que encuentra en las calles, visitar los lugares históricos, descubrir las zonas no turísticas, recabar informaciones en los diarios locales, conversar con los personajes clave de cada ciudad, e instalarse en algún café para registrar los aspectos económicos y políticos del lugar.*⁹⁴

Arlt viaja também para o Marrocos, onde visitará as cidades de Tánger, Tetuán e Ceuta, e sobre as quais escreverá as *Aguafuertes africanas*, marcadas por uma série de referências literárias: seja quando inicia a nota “*La danza voluptuosa*”⁹⁵ recordando uma passagem de *La gloria de don Ramiro*⁹⁶, ou em outra, recordando a leitura do *Livro das mil e uma noites*, “*el calco perfecto de las actividades psíquicas de los mercaderes de los pueblos de Oriente*”⁹⁷ (ARLT, 2015a, p. 114), que relatam uma diversidade de sentimentos contraditórios que a experiência desperta, tratados

⁹² “E então, você compreende e diz para si mesmo: ‘Os literatos que escreveram sobre a Espanha, me enganaram. Não viram nada porque estavam cegos, ou não queriam ver.’ Às vezes penso que tudo está para ser escrito novamente” (ARLT, 2015a, p. 45, tradução nossa).

⁹³ “Peço aos meus leitores que me perdoem essas abundantes referências que sempre faço do cinema em minhas notas, mas ir ao cinema é, de certo modo, viajar de uma maneira ideal, muito mais do que alguns podem imaginar” (ARLT, 2015a, p. 46, tradução nossa).

⁹⁴ “Em Cádiz, Arlt inaugura a rotina que mantendrá durante sua viagem: caminhar muito pela cidade, conversar com gente que encontra nas ruas, visitar os lugares históricos, descobrir as zonas não turísticas, coletar informações nos diários locais, conversar com os personagens-chave de cada cidade, e instalar-se em algum café para registrar os aspectos econômicos e políticos do lugar” (SAÍTTA, 2008, p. 195, tradução nossa).

⁹⁵ As duas publicações que trazem parte das águas-fortes africanas apresentam tais textos com os títulos reduzidos ou modificados, tendo em vista a bibliografia proposta por Saítta (2008), impossibilitando a sua identificação em alguns casos.

⁹⁶ Obra do escritor argentino Enrique Rodríguez Larreta (1873-1961), publicada em 1908.

⁹⁷ “O molde perfeito das atividades psíquicas dos mercadores dos povos do Oriente” (ARLT, 2015a, p. 114, tradução nossa).

pelo próprio Arlt: *“África, África que suscita y desenrosca de nuestros corazones los sentimientos más contradictorios, África que por momentos nos seduce con su color y en otros emana de su carnaza una bestialidad tan repulsiva que aterroriza...”*⁹⁸ (ARLT, 2015a, p. 108).

Em Granada, que encerra a sua trajetória no sul espanhol, uma de suas notas retoma a questão literária: *“Aunque nos cueste trabajo admitirlo, la Pardo Bazán, Ricardo León, los Álvarez Quintero reflejan mejor la psicología del pueblo español, que sus Cansinos-Assens, Ramones de la Serna, los Valle-Inclán, etcétera”*⁹⁹ (ARLT, 2015a, p. 184), e encerra dizendo: *“A mí personalmente, la Pardo Bazán, Ricardo León, Pereda, Azorín, me aburren y revientan... pero son verídicos”*¹⁰⁰ (ARLT, 2015a, p. 184). Essas questões não desaparecem completamente, porém serão outros os assuntos das notas arltianas que a partir de então serão escritas durante sua passagem pelo norte da Espanha, conforme aponta Saítta (2008, p. 217):

*A medida que avanza su viaje, el paisaje entrevisto en libros y guías se evapora para dejar paso a una situación económica al borde del estallido, con multitud de desocupados y cesantes, con huelgas y conflictos de descontento político. [...] Su estadía en Galicia y Asturias marca así los pasos previos de quien, una vez en Madrid, en febrero de 1936, se sumergirá de lleno en la vida política española, intentando dar respuestas y vaticinando castástrofes.”*¹⁰¹

Na Galícia, Arlt visita as cidades de Vigo, Pontevedra, Santiago de Compostela, Betanzos e La Coruña, cujas características são retomadas em *“Aspectos de la vida en La Coruña”* (03/11/1935), a última das vinte e sete águas-fortes galegas publicadas:

⁹⁸ *“África, África que suscita e desenrosca de nossos corações os sentimentos mais contraditórios, África que por momentos nos seduz com sua cor e em outros emana de sua carnadura uma bestialidade tão repulsiva que aterroriza...”* (ARLT, 2015a, p. 108, tradução nossa).

⁹⁹ *“Ainda que nos custe trabalho admitir, a Pardo Bazán, Ricardo León, os Álvarez Quintero refletem melhor a psicologia do povo espanhol, que seus Cansinos-Assens, Ramones de la Serna, os Valle-Inclán, etcétera”* (ARLT, 2015a, p. 184, tradução nossa).

¹⁰⁰ *“A mim pessoalmente, a Pardo Bazán, Ricardo León, Pereda, Azorín, me aborrecem e cansam... mas são verídicos”* (ARLT, 2015a, p. 184, tradução nossa).

¹⁰¹ *“À medida que avança sua viagem, a paisagem entrevista em livros e guias se evapora para dar lugar a uma situação econômica às margens de estourar, com multidão de desocupados e disponíveis, com greves e conflitos de descontentamento político. [...] Sua estadia na Galícia e em Asturias marca assim os passos prévios de quem, uma vez em Madri, em fevereiro de 1936, mergulhará completamente na vida política espanhola, buscando dar respostas e antecipando castástrofes”* (SAÍTTA, 2008, p. 217, tradução nossa).

Vigo, activo y serio. Discreción y parsimonia de gente que rehúye frivolidades. Pontevedra: comercialmente, muerta. No se habla de negocios que no medran, sino de política... y nacional. Santiago de Compostela: taciturno, secular, episcopal. Huele a incienso, tiene oscuridades de refugio para oración. Se enloquece allí. Betanzos: festivo, semimarinero y campesino. Bullanguero. La Coruña: cosmopolita, jovial, con gente que charla por los codos y que no se despega de las mesas de los cafés, como en Madrid.¹⁰² (ARLT, 1999, p. 138)

Na sequêcia, o escritor-viajante percorre as cidades de Oviedo e Gijón, na província de Astúrias, sobre a qual são publicadas oito águas-fortes asturianas nas quais Arlt detém-se sobretudo a relatar os acontecimentos em Oviedo no ano anterior à sua estadia, quando a cidade foi tomada, entre 5 e 14 de outubro, pelas tropas do governo, após uma violenta greve, como explica logo no início da nota *“Oviedo con reminiscencias de Buenos Aires - Soldados, guardias de asalto, cañones y fusiles - Las personas temen hablar”* (05/11/1935), em que comenta também os procedimentos adotados para escrever as notas sobre a província:

Para formar el cuadro de aquellos nueve días de bombardeo, que no interrumpió ni un solo minuto, he seguido el procedimiento de interrogar a dependientes de comercio, acomodadoras de cine, pequeños comerciantes, artesanos, porteros. De consiguiente, estas aguafuertes carecen de brillantes epopéyicas; son oscuras y monótonas, como eran oscuros y tediosos los días de la población refugiada en los subsuelos. En cambio, satisface la curiosidad de las personas a quienes les interesa saber ‘cómo se vivió en aquellos momentos’.¹⁰³ (ARLT, 1999, p. 144)

Após passagem por Santander, Arlt chega ao País Basco onde trata, dentre outros assuntos, do movimento nacionalista basco, *“Cristiano y antifascista, y cuya finalidad es descoyuntar las provincias vascas del estado español y constituir las en una república independiente, está agrupado en un partido de masa, sólidamente*

¹⁰² “Vigo, ativa e séria. Discrição e parcimônia de gente que evita frivolidades. Pontevedra: comercialmente morta. Não se fala de negócios que não prosperam, mas de política... e nacional. Santiago de Compostela: taciturna, secular, episcopal. Cheira a incenso, possui a obscuridade dos refúgios para oração. Ali se enlouquece. Betanzos: festiva, semimarinheira e camponesa. Barulhenta. A Coruña: cosmopolita, jovial, com gente que fala pelos cotovelos e que não desgruda das mesas dos cafés, como em Madri” (ARLT, 1999 *apud* VALE, 2012, p. 195).

¹⁰³ “Para construir o quadro daqueles nove dias de bombardeio, que não parou nem por um minuto, segui o procedimento de interrogar vendedores, lanterninhas, pequenos comerciantes, artesãos, porteiros. Desse modo, estas águas-fortes carecem de epopeias brilhantes. São escuras e monótonas, como eram escuros e tediosos os dias da população refugiada nos subterrâneos. Porém, satisfazem a curiosidade das pessoas a quem interessa saber ‘como se viveu naqueles momentos’” (ARLT, 1999, p. 144, tradução nossa).

*organizado*¹⁰⁴ (ARLT, 2015a, p. 340-341), acerca do qual Arlt transcreve ainda os argumentos dos chefes do movimento em questão, dentre os quais está o fato de que possuem um idioma e um território próprios, ao que agregam: “*Estamos sometidos por la fuerza. Y si usted busca una causa económica en nuestro movimiento, le diremos lo siguiente: el capital vasco controla el 65 por ciento de la fuerza económica española*”¹⁰⁵ (ARLT, 2015a, p. 340). Na primeira nota sobre a cidade de Madri, “*Etapas apasionante de la política española*” (24/01/1936), Arlt (2015a, p. 423) trata da formação do Bloco Popular das Esquerdas:

*Madrid, enero 16 (por avión). Reproducido por todos los periódicos de la península, apareció hoy jueves, el sensacional documento en que se da noticia oficial de haberse formado el BLOQUE POPULAR DE IZQUIERDAS, y cuya finalidad es concurrir en frente único a las elecciones para obtener una mayoría de votos sobre las DERECHAS, aún divididas.*¹⁰⁶

As notícias mencionadas por Arlt resultam da publicação do documento contendo o “Programa da Aliança Eleitoral de 1936”, assinado no dia 15 de janeiro daquele ano pela aliança entre a Esquerda Republicana, a União Republicana, o Partido Socialista, a União Geral dos Trabalhadores, o Partido Comunista, a Federação Nacional da Juventude Socialista, o Partido Sindicalista e o Partido Operário de Unificação Marxista (BROUÉ, 1992).

Nas águas-fortes seguintes Arlt trata da capital espanhola, descreve a cidade madrilenha a partir de sua alegria, suas cores e seus cafés, bem como suas paisagens e suas ruas principais: “*A las nueve de la mañana Madrid se lava la cara y comienza a largarse a la calle. Una neblina sonrosada envuelve los blancos rascacielos de la Gran Vía*”¹⁰⁷ (ARLT, 2015a, p. 429), e continua sua descrição tratando dos costumes de seus habitantes: “*Todos los comercios aún están cerrados. Son numerosos los establecimientos cuyos dependientes retiran las*

¹⁰⁴ “Cristão e antifascista, e cuja finalidade é separar as províncias vascas do estado espanhol e constituí-las em uma república independente, está agrupado em um partido de massa, solidamente organizado” (ARLT, 2015a, p. 340-341, tradução nossa).

¹⁰⁵ “Estamos submetidos pela força. E se o senhor busca uma causa econômica em nosso movimento, lhe diremos o seguinte: o capital vasco controla 65 por cento da força econômica espanhola” (ARLT, 2015a, p. 340, tradução nossa).

¹⁰⁶ “Madri, janeiro 16 (por avião). Reproduzido por todos os jornais da península, apareceu hoje quinta-feira, o sensacional documento no qual se dá a notícia oficial da formação do BLOCO POPULAR DE ESQUERDA, e cuja finalidade é concorrer em frente única às eleições para obter a maioria dos votos sobre a DIREITA, ainda divididas” (ARLT, 2015a, p. 423, tradução nossa).

¹⁰⁷ “Às nove da manhã Madri lava o rosto e começa a sair à rua. Uma neblina rosada envolve os brancos arranha-céus da Grande Vía” (ARLT, 2015a, p. 429, tradução nossa).

*persianas de las vidrieras a las diez de la mañana*¹⁰⁸ (ARLT, 2015a, p. 429). Apesar das belezas de Madri encantarem o escritor, os acontecimentos políticos voltam a ocupar o centro de seus relatos: “*Arlt analiza los discursos políticos, transcribe sus párrafos más significativos, discute con las versiones aparecidas en los diarios madrileños, lee los diarios marxistas que aparecen a toda hora*”¹⁰⁹ (SAÍTTA, 2008, p. 223). Em “*El triunfo de las izquierdas*” (26/02/1936), Arlt anuncia a vitória do bloco popular recentemente criado aos leitores argentinos: “*Cuando estos artículos lleguen a Buenos Aires, con las diversas fotografías del acto electoral del domingo 16, en Madrid, las noticias del triunfo de las Izquierdas españolas serán meticulosamente conocidas en nuestra capital*”¹¹⁰ (ARLT, 2015a, p. 444), e acompanha de perto o clima que se instala após esse inesperado resultado: “*El lunes por la mañana Madrid parecía estar en estado de sitio. Se movilizaron 7.400 guardias de seguridad y 1.000 agentes de vigilancia.*”¹¹¹ (ARLT, 2015a, p. 450). Os acontecimentos decorrentes do cenário político espanhol vão se agravando e Arlt questiona, em “*Política española: más sucesos graves*” (27/04/1936): “*¿Estamos al margen de la guerra civil?*”¹¹² (2015a, p. 518).

Após quase dois meses desde a última água-forte espanhola, e já em Buenos Aires, Arlt publica sete notas sobre a situação política espanhola. Na primeira delas, “*Despedida de Madrid*” (26/06/1936), Arlt (2015a, p. 523) recomenda: “*¡Oh, incauto viajero de tierras españolas: si deseas conocer la península, que la última ciudad que visites sea Madrid!*”¹¹³ e, ao final da nota, outra recomendação: “*No acudas a la villa de Madrid, viajero inexperto. Madrid es la tentación. [...] No vayas a Madrid, que cuando tengas que marcharte los ojos se te llenarán de lágrimas...*”¹¹⁴ (ARLT, 2015a, p. 526).

¹⁰⁸ “Todos os comércios ainda estão fechados. São numerosos os estabelecimentos cujos empregados abrem as persianas das vitrines às dez da manhã” (ARLT, 2015a, p. 429, tradução nossa).

¹⁰⁹ “Arlt analisa os discursos políticos, transcreve seus parágrafos mais significativos, discute com as versões publicadas nos jornais madrilênses, lê os jornais marxistas que aparecem a toda hora” (SAÍTTA, 2008, p. 223, tradução nossa).

¹¹⁰ “Quando esses artigos chegarem a Buenos Aires, com as diversas fotografias do ato eleitoral do domingo 16, em Madri, as notícias do triunfo da Esquerda espanhola serão meticulosamente conhecidas em nossa capital” (ARLT, 2015a, p. 444, tradução nossa).

¹¹¹ “Na segunda-feira pela manhã Madri parecia estar em estado de sítio. Mobilizaram-se 7.400 guardas de segurança e 1.000 agentes de vigilância” (ARLT, 2015a, p. 450, tradução nossa).

¹¹² “Estamos à margem da guerra civil?” (ARLT, 2015a, p. 518, tradução nossa).

¹¹³ “Oh, incauto viajante de terras espanholas: se deseja conhecer a península, que a última cidade que visite seja Madri!” (ARLT, 2015a, p. 523, tradução nossa).

¹¹⁴ “Não vá a Madri, viajante inexperto. Madri é a tentação. [...] Não vá a Madri, que quando tiver de ir embora, os olhos se encherão de lágrimas...” (ARLT, 2015a, p. 526, tradução nossa).

Após publicar “*De Madrid hacia Barcelona*” (30/06/1936) e “*Barcelona la grande*” (11/07/1936), nas quais relata seu último trajeto em terras espanholas, são publicadas três notas sob o título “*Roberto Arlt opina sobre la actual situación española*” e “*Oviedo otra vez en llamas*”, marcadas pela angústia de quem acompanhou de perto os acontecimentos que desembocaram na Guerra Civil Espanhola e que se estenderia até o ano de 1939. Para Mirta Arlt (1971, p. 9):

Las Aguafuertes españolas lo apartan de la veta socarrona de las Aguafuertes porteñas. Alterna el asombro y la ternura con la causticidad crítica. Se ha sumergido en un mundo nuevo y diferente del nuestro. No puede trabajar con sobrentendidos porque el lector porteño no comparte el escenario. Habrá que ingeniarse para no fatigar. La necesidad lo coloca en escritor-actor que se dirige a un lector-espectador.

*Para esquivar el riesgo de lo descriptivo utilizará la palabra en forma dramática. Es decir, el lector de estas **Aguafuertes** va a participar, se interesará, no sólo por lo que le cuentan sobre el paisaje o las gentes, sino por lo que le pasa a quien lo cuenta. [...]*

Esto requiere un trabajo (lo cual no quiere decir que sea intencionado, frío o mental) de seducción previa por parte del narrador-actor, quien está rescatando sin saberlo una tradición oral extinguida por la imprenta.¹¹⁵

De fato, essas águas-fortes revelam um escritor cujo olhar costumeiro é substituído pela curiosidade e pela sensibilidade em face da realidade espanhola e ainda pela preocupação em oferecer dados, informações e descrições que possam suscitar aos leitores portenhos um panorama acerca desse contexto.

Arlt realizaria ainda uma última viagem para fora do país, em 1940. Como mencionamos na primeira parte deste capítulo, a viagem que incluiria outros países da América Latina inicia-se e encerra-se no Chile. Sobre o país são publicados sete textos, sendo três como *Artículo periodístico*: “*Nerviosidad de la política chilena*” (09/12/1940), “*Estructura política de Chile*” (19/12/1940) e “*Magnitud de la voluntad contrarrevolucionaria*” (30/12/1940); três como *Cartas de Chile*: “*La necesidad del*

¹¹⁵ “As *Aguafuertes españolas* o distanciam da veia gozadora das *Aguafuertes porteñas*. Alterna o assombro e a ternura com a causticidade crítica. Submerge em um mundo novo e diferente do nosso. Não pode trabalhar com subentendidos porque o leitor portenho não compartilha o cenário. Terá que engenhar-se para não fatigar. A necessidade o coloca em escritor-ator que se dirige a um leitor-espectador. Para esquivar-se do risco do descritivo utilizará a palavra em forma dramática. Ou seja, o leitor dessas *Aguafuertes* vai participar, se interessará, não só pelo que lhe contam sobre a paisagem ou as pessoas, mas pelo que ocorre com quem conta. [...] Isto requer um trabalho (o qual não quer dizer que seja intencionado, frio ou mental) de sedução prévia por parte do narrador-ator, quem está resgatando sem saber uma tradição oral extinta pela imprensa” (ARLT, M., 1971, p. 9, tradução nossa).

transandino” (07/01/1941), “*Déficit de salario y alimentación*” (30/01/1941) e “*Panorama global de la economía chilena*” (18/02/1941); e um como *Mujeres de Chile*: “*El arte crepuscular de Chela Reyes*” (18/03/1941)¹¹⁶. Com exceção deste último, que trata da poetisa chilena Chela Reyes (1904-1988) e de sua obra, os demais concentram-se nas questões políticas do Chile, governado pela Frente Popular Chilena desde as eleições de 1938 e sob constante ataque da “Frente Anticomunista Chilena”, formação recente dos Partidos Conservador e Liberal, e na sua situação econômica, a partir de informações, dados e números fornecidos pelo escritor, cuja análise encontra-se sintetizada no parágrafo abaixo:

*El estado financiero, industrial y agrícola de Chile nos revela que el país se encuentra en un estado de seria depresión económica y en las condiciones más favorables para la realización de la revolución democrático-burguesa que pretende efectuar el Frente Popular. El tenso equilibrio que el Frente mantiene con las derechas no puede prolongarse. El cambio de economía propiciado por los partidos democráticos significa la ruina de las derechas. Este cambio es fatal porque lo exigen las masas. Los índices de costo de la vida y salario nos revelan por otra parte que el estancamiento del país dentro de su círculo vicioso es imposible de mantener. De la modificación de las enumeradas condiciones, del definitivo abandono de su absurda política proteccionista, depende la ampliación de su mercado interno y externo. En síntesis: Chile, o se renueva o se extingue.*¹¹⁷ (ARLT, 2009, p. 628-629)

Da viagem ao Chile, notamos uma produção reduzida quando a comparamos às demais viagens empreendidas por Arlt. Além disso, modificam-se também os assuntos tratados pelo autor, que em suas duas primeiras viagens ao exterior buscou oferecer aos leitores portenhos comentários sobre a situação social e política, mas também sobre as paisagens e os costumes das populações. Talvez por

¹¹⁶ Como mencionamos, os textos publicados em *El Mundo* entre 1937 e 1942 foram compilados em duas obras por Rose Corral. No que se refere às publicações sobre o Chile, o texto “*La necesidad del transandino*” pertence ao conjunto de *Al margen del cable. Crónicas publicadas en El Nacional, México, 1937-1941* (2003) e os demais em *El paisaje en las nubes: crónicas en El Mundo 1937-1942* (2009). Além disso, a publicação “*Magnitud de la voluntad contrarrevolucionaria*”, listada por Saítta (2008) como *Artículo periodístico* aparece como *Cartas de Chile* na compilação de Corral (2009).

¹¹⁷ “O estado financeiro, industrial e agrícola do Chile nos revela que o país se encontra em um estado de séria depressão econômica e nas condições mais favoráveis para a realização da revolução democrático-burguesa que pretende efetuar a Frente Popular. O tenso equilíbrio que a Frente mantém com a direita não pode prolongar-se. A mudança na economia proporcionada pelos partidos democráticos significa a ruína da direita. Esta mudança é fatal porque as massas a exigem. Os índices de custo de vida e salário nos revelam por outro lado que o estancamento do país dentro de seu círculo vicioso é impossível de manter. Da modificação das enumeradas condições, do definitivo abandono de sua absurda política protecionista, depende a ampliação de seu mercado interno e externo. Em síntese: Chile, ou se renova ou se extingue” (ARLT, 2009, p. 628-629, tradução nossa).

esses motivos a viagem ao Chile seja pouco citada nos estudos da obra artiana, sobretudo quando se trata de incluí-la no rol dos textos escritos em contextos de viagem uma vez que se afastam daquilo que se caracterizou como relato de viagem.

1.3. Viajantes argentinos no Brasil

“El hábito de viajar despierta una insaciabilidad de paisaje, necesidad compuesta de llegar y partir, y un solo miedo: quedarse.”¹¹⁸
(ARLT, 1999, p. 173)

De acordo com Esteves e Zanoto (2010, p. 13), “a viagem faz parte da existência humana, seja enquanto espécie ou coletividade, seja enquanto indivíduo, uma vez que está associada ao homem desde os princípios de sua existência”. De fato, e como vimos, a viagem atravessa a história da humanidade e, no caso específico do Brasil, também desempenha um papel importante de sua história ou, pelo menos, do momento a partir do qual ela começa a ser contada, ainda que sob o olhar do estrangeiro.

Os primeiros a viajarem ao Brasil foram os portugueses, cuja história, conhecida por todos, narra a descoberta de um Novo Mundo. Novo, pelo menos para os portugueses, que foram os primeiros a escreverem suas narrativas de viagem sobre o que viria a ser o Brasil. A primeira delas é a “Carta de Pero Vaz de Caminha”, escrita entre 26 de abril e 1º de maio de 1500, primeiro documento de “nossa” história. Nesta, o escrivão Pero Vaz de Caminha narra ao rei D. Manuel o achamento da Terra de Vera Cruz, em 22 de abril de 1500, e suas impressões acerca da nova terra. Trata-se de um relato em que são narrados os primeiros dias dos portugueses neste ambiente e os primeiros contatos com os povos indígenas que aqui viviam, em que se destacam a inocência deste povo, seus costumes e sua falta de crenças, na visão dos portugueses. É, inclusive, aludido pelo próprio escrivão que a compreensão daquilo que diziam os indígenas, por meio de gestos, era resultado daquilo que desejavam os portugueses:

¹¹⁸ “O hábito de viajar desperta uma insaciabilidade de paisagem, necessidade composta de chegar e partir, e um só medo: ficar” (ARLT, 1999, p. 173, tradução nossa).

Viu um dêles umas contas de rosário, brancas; fêz sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se êle queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que lho não havíamos de dar! E depois tornou (*a entregar*) as contas a quem lhas dera. (CAMINHA, 1963, p. 35)

Muito do que fora relatado nesta primeira narrativa de viagem, e nas demais que se seguiram, viria a constituir as imagens acerca do Brasil que perpetuariam, algumas delas, até os dias atuais. Essas imagens e representações acerca do Brasil, de forma geral, apresentam o país como local exótico, com uma riqueza e diversidade de fauna e flora, bem como população receptiva e amistosa.

De acordo com França (1999), no que diz respeito às narrativas de viagem de estrangeiros ao Brasil, dois acontecimentos são determinantes: o desembarque de D. João VI, no ano de 1808, e a abertura dos portos. O historiador nos informa que, no período anterior a essa medida, o número de relatos de viajantes reduzido deve-se a uma política de isolamento mantida pela coroa portuguesa em relação à colônia: “Esse contraste pré e pós desembarque é especialmente notável no caso do Rio de Janeiro. A cidade e os seus habitantes são retratados num sem-número de páginas da literatura de viagens do Oitocentos” (FRANÇA, 1999, p. 9), diferentemente do que ocorre em relação ao Rio colonial, uma vez que “as descrições desse período da vida carioca, feitas por estrangeiros, são bem mais escassas e, salvo raras exceções, muito pouco conhecidas” (FRANÇA, 1999, p. 9).

Em seu livro, *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)* (1999), o autor nos apresenta trinta e cinco textos sobre o Rio de Janeiro. O primeiro deles refere-se ao relato de Pero Lopes de Sousa e data de 1531, resultado da expedição de Martim Afonso de Sousa, que permaneceu no local no período de 30 de abril a 31 de julho de 1531 (FRANÇA, 1999). Acerca do nome da cidade, o autor menciona:

Como se depreende do início da narrativa, o nome Rio de Janeiro – proveniente do equívoco de se ter tomado a baía por um rio – não foi cunhado pela expedição de Martim Afonso. Fernão de Magalhães, em 1519, tinha se referido à região da mesma maneira e, antes dele, João Dias Solis (1508). Varnhagen avança a hipótese de que teria sido Gonçalo Coelho, na expedição exploratória de 1501, o autor do feliz engano. (FRANÇA, 1999, p. 13-14)

Segundo França (2012), foi o historiador O’Gorman quem concebeu a chegada dos europeus à América não como descoberta e sim como invenção. Em *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)* (2012)¹¹⁹, França compartilha dessa ideia em relação ao Brasil e aos brasileiros como invenção ou construção por parte dos europeus.

Interessa-nos, porém, aqui, tratar das imagens sobre o Brasil a partir de um ponto de vista pouco explorado: as imagens sobre o Brasil a partir do olhar dos argentinos e veiculadas na literatura argentina. Para tal, empreenderemos uma análise dos relatos produzidos por alguns desses viajantes com o intuito de verificar quais imagens e representações acerca do Brasil foram difundidas entre os argentinos e quais delas se repetem nos textos de Arlt objetos deste estudo.

1.3.1. Argentinos no Brasil – Século XIX

Iniciaremos o nosso percurso a partir das obras escritas ainda no século XIX. Acerca deste período, nos deteremos brevemente em cinco obras sobre o Brasil¹²⁰, sendo as duas primeiras escritas em 1846, por dois escritores que, naquele momento, encontravam-se exilados de sua terra natal: José Mármol (1817-1871) e Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888).

A primeira se refere ao texto “*Examen crítico de la juventud progresista de Rio de Janeiro*”, de José Mármol, publicado pela primeira vez na revista carioca *Ostensor brasileiro*, em março de 1846. No ano seguinte, o texto é publicado em uma versão em espanhol, na cidade de Montevideu. De acordo com Molina (2014), o texto de Mármol trata, sobretudo, de defender a existência de uma literatura nacional, no entanto, em meio às várias contradições presentes na obra, “*siendo la principal la mirada que tiene sobre la monarquía, ora como posible aliada, ora como*

¹¹⁹ Ao contrário da obra mencionada anteriormente, cujos textos referem-se à cidade do Rio de Janeiro, esta antologia está composta por relatos de viagem a Angra dos Reis, Ilha de Santa Catarina, Ilha Grande, Olinda, Parati, Porto Alegre, Recife, Salvador, Santos, São Luís, São Sebastião e São Vicente (FRANÇA, 2012).

¹²⁰ Sobre a presença de viajantes argentinos em terras brasileiras, estamos considerando, nesta e na seção seguinte, a relação de escritores proposta por Pasero (2011), em seu texto “*Viajantes argentinos en el Brasil: representaciones en tránsito de la lengua portuguesa*”, à qual incluímos ainda: Alfonsina Storni, Roberto Arlt e Rodolfo Bioy Casares.

*instigadora de los atrasos brasileños, va dejando entrever sus aspiraciones*¹²¹ (MOLINA, 2014, p. 15). Ao convocar a juventude carioca para participar da “revolução”, modo como refere-se àquilo que propõe, deixa transparecer o seu desejo de que os jovens brasileiros adiram à causa dos exilados, ou seja, derrotar Rosas (MOLINA, 2014, p. 15). A história mostrará que, *“en cierto sentido, Mármol anticipa en casi un lustro el accionar de D. Pedro II, quien, finalmente, cederá algunas tropas para formar el Ejército Grande [...] que en 1852 derrocará, finalmente, a Rosas”*¹²² (MOLINA, 2014, p. 16).

A segunda obra sobre o Brasil é uma carta escrita por Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) e que, embora tenha sido escrita em 20 de fevereiro de 1846, ou seja, antes do texto de Mármol, só viria a público três anos depois, quando incorporada ao livro *Viajes en Europa, Africa y América* (Chile: ALLCA XX, 1849). Sarmiento deixa o porto de Valparaíso em fins de 1845, rumo a Montevideu, primeira parada da viagem cujo propósito seria estudar os sistemas educativos e de colonização dos países europeus, africanos e norte americano, incluindo ainda dois países da América do Sul: Uruguai e Brasil. Chega ao Rio de Janeiro em fevereiro do ano seguinte, considerando o que narra na carta que escreve para Miguel Piñero: *“Despues de veinte dias de residencia en esta ciudad, permanezco inmóvil, los brazos tendidos, las fibras sin elasticidad, agobiado bajo la influencia letárgica”*¹²³ (SARMIENTO, 1996, p. 57).

Nas primeiras linhas da carta, escrita em pleno verão, Sarmiento detém-se aos comentários sobre a força do sol: *“El sol está ahí ya, en el borde del horizonte, escudriñando los mas recóndidos recesos de este cráter abierto en cuyo interior está fundada Rio Janeiro”*¹²⁴ (SARMIENTO, 1996, p. 56). E, mais adiante: *“Es un tirano sobre cuya faz no es uno osado de echar una mirada furtiva; sus rayos se sienten*

¹²¹ “Sendo a principal a visão que tem da monarquia, ora como possibilidade aliada, ora como instigadora dos atrasos brasileiros, vai deixando entrever suas aspirações” (MOLINA, 2014, p. 15, tradução nossa).

¹²² “De certa forma, Mármol antecipa em quase um quinquênio o acionar de D. Pedro II, quem, finalmente, cederá algumas tropas para formar o Exército Grande [...] que em 1852 derrotará, finalmente, a Rosas” (MOLINA, 2014, p. 16, tradução nossa).

¹²³ “Depois de vinte dias de residência nesta cidade, permaneço imóvel, os braços estendidos, as fibras sem elasticidade, atordoado sob a influência letárgica” (SARMIENTO, 1996, p. 57, tradução nossa).

¹²⁴ “O sol está aí já, na beira do horizonte, examinando os mais recôndidos recessos desta cratera aberta em cujo interior está fundado o Rio de Janeiro” (SARMIENTO, 1996, p. 56, tradução nossa).

*presentes a toda hora, agudos como flecha, penetrantes como lluvia de agujas*¹²⁵ (SARMIENTO, 1996, p. 56-57). Acerca dos efeitos de tanto calor no estrangeiro que não está acostumado a tais temperaturas, Sarmiento (1996, p. 57) afirma:

El extranjero venido de climas templados, se siente paralizado en sus movimientos, como en aquellas pesadillas en que el brazo no obedece a la impulsión que quisiera darle la voluntad en un soñado peligro; anda escondiéndose del astro matador, i asechando¹²⁶ su ausencia para ir a contemplar como un intruso las obras de este artífice supremo de las maravillas tropicales.¹²⁷

Assim como o sol, a paisagem é descrita como imponente: *“Paséome atónito por los alrededores de Rio de Janeiro, i a cada detalle del espectáculo, siento que mis facultades de sentir no alcanzan a abarcar tantas maravillas”*¹²⁸ (SARMIENTO, 1996, p. 60).

Mármol e Sarmiento conhecem um Brasil em que a escravidão era uma realidade e que, embora também o fosse na Argentina, uma vez que a abolição no país vizinho somente ocorreria no ano de 1853, no entanto, caracteriza-se de modo distinto ao que ocorria no Brasil, tendo em vista também que a lei de ventre livre data desde 1813. Além disso, naquele período, Sarmiento encontrava-se exilado no Chile, primeiro país da América do Sul a abolir a escravidão, em 1823. Diante da presença de uma *“larga recua de negros”*, o argentino relata a sensação de que é do sentimento de debilidade que decorrem as injustiças humanas cometidas, agregando a essa observação a opinião de que aqueles que continuam escravizando os negros são as nações menos civilizadas, ou seja, portugueses e espanhóis:

La raza negra queda hoy tan solo esclavizada por los últimos en la escala de los pueblos civilizados, los portugueses i los españoles. La esclavatura es como los pañales de la industria. Hasta los romanos,

¹²⁵ “É um tirano sobre cuja face ninguém ousa dar uma olhada furtiva, seus raios são sentidos a todo momento, agudos como flecha, penetrantes como chuva de agulhas” (SARMIENTO, 1996, p. 56-57, tradução nossa).

¹²⁶ Primeira edição: *acechando* (Nota no original).

¹²⁷ “O estrangeiro vindo de climas moderados, sente-se paralisado em seus movimentos, como naqueles pesadelos em que o braço não obedece ao impulso desejado em um sonhado perigo. Anda escondendo-se do astro matador, e buscando sua ausência para ir contemplar como um intruso as obras deste artífice supremo das maravilhas tropicais” (SARMIENTO, 1996, p. 57, tradução nossa).

¹²⁸ “Passeio atônito pelos arredores do Rio de Janeiro e a cada detalhe do espetáculo sinto que minhas facultades de sentir não conseguem abarcar tantas maravilhas” (SARMIENTO, 1996, p. 60, tradução nossa).

la guerra se hizo como medio de hacer provisiones, hasta ayer no mas la industria que nacia traia un esclavo para atarlo a la tahona, o uncirlo al yugo. Pero cuando el hombre se ha encontrado en posesion de las matemáticas, ha dejado de explotar hombres, i sustituido a la fuerza de los caballos mismos, la del vapor que pone en movimiento las máquinas de su invencion. Hai esclavos donde no hai poderes dinámicos, donde el individuo se reconoce débil en presencia de las resistencias físicas; hailos en el Brasil, en Cuba, i en la extremidad sur de los Estados Unidos.¹²⁹ (SARMIENTO, 1996, p. 58)

Sarmiento encara a situação de escravidão como um atraso ao desenvolvimento da população (e da civilização, portanto), além de uma injustiça, o que não o isenta de demonstrar, no entanto, uma série de preconceitos em relação ao assunto. Para ele, “*el cáncer de la esclavatura lleva la degradación al hogar doméstico*”¹³⁰ (SARMIENTO, 1996, p. 58), de maneira que:

Así el crimen cometido contra una raza, i consentido por la moral pública, va deponiendo lentamente sus jérmenes en el seno mismo de la raza opresora, para obrar a la larga una de aquellas grandes e infalibles compensaciones, con que el mal se equilibra en el mundo moral tornándose siempre en desagravio de los oprimidos!¹³¹ (SARMIENTO, 1996, p. 58-59)

Sarmiento detém-se na figura do mulato, o qual define como “*raza viril que conserva la sangre ardiente del africano, templada para bullir bajo los rayos verticales del sol, al mismo tiempo que la organizacion de su cráneo lo liga a la familia europea*”¹³² (SARMIENTO, 1996, p. 59). E continua, mais adiante: “*Me detengo sin quererlo sobre las brillantes cualidades morales de esta raza intermediaria entre el blanco, que se enerva en los climas ecuatoriales, i el negro,*

¹²⁹ “A raça negra é hoje somente escravizada pelos últimos na escala das populações civilizadas, os portugueses e os espanhóis. A escravidão é como o princípio da indústria. Até os romanos, a guerra era feita como meio de fazer provisões, até ontem a indústria que nascia trazia um escravo para prendê-lo ao tacho, acorrentá-lo ao jugo. Mas quando o homem se encontrou com as matemáticas, deixou de explorar homens, e substitui a força dos cavalos, a do vapor que põe em movimento as máquinas de sua invenção. Há escravos onde não há poderes dinâmicos, onde o indivíduo se reconhece débil na presença das resistências físicas; há no Brasil, em Cuba e na extremidade sul dos Estados Unidos” (SARMIENTO, 1996, p. 58, tradução nossa).

¹³⁰ “O câncer da escravidão leva a degradação ao lar doméstico” (SARMIENTO, 1996, p. 58, tradução nossa).

¹³¹ “Assim o crime cometido contra uma raça, e consentido pela moral pública, vai depositando lentamente seus genes no seio da raça opressora, para realizar com o tempo uma daquelas grandes e infalíveis compensações, com que o mal se equilibra no mundo moral tornando-se sempre em alívio dos oprimidos” (SARMIENTO, 1996, p. 58-59, tradução nossa).

¹³² “Raça viril que conserva o sangue ardente do africano, quente para ferver sob os raios verticais do sol, ao mesmo tempo que a organização de seu crânio o liga à família europeia” (SARMIENTO, 1996, p. 59, tradução nossa).

*incapaz de elevarse a las altas rejiones de la civilizacion*¹³³ (SARMIENTO, 1996, p. 59). Ao final de tais considerações, no entanto, o autor afirma que não encontrou no Brasil o brasileiro: *“El brasileño de oríjen es noble, aunque a veces mulato, condecorado de cruces de diamantes, ministro, aduanero, empleado, o hacendado, en cuya última funcion tiene que habérselas con el portugues”*¹³⁴ (SARMIENTO, 1996, p. 66).

O argentino inclui em seu relato sobre a cidade carioca aspectos referentes a sua arquitetura urbana e seus meios de transporte. Com relação à arquitetura, Sarmiento observa que o tipo de granito utilizado para a construção, *“la mas rica especie de granito azul con criaderos de rubi”*¹³⁵ (1996, p. 62), é mais uma das muitas vantagens que a natureza proporcionou ao Rio de Janeiro e compara os materiais com os quais se constroi nos países vizinhos: *“barro o adobes i reboque de tierra mojada”*¹³⁶ (1996, p. 62), no Chile, tijolo e cal, em Montevideo, enquanto no Rio *“se construye con granito, cortado en paralelógramos que sostienen el marco de las ventanas i puertas [...], de manera que estos trozos de piedras forman el esqueleto del edificio”*¹³⁷ (SARMIENTO, 1996, p. 62). Acerca dos meios de transporte, Sarmiento descreve capacíssimos ônibus e sobre os meios de locomoção aquática, afirma que o Brasil *“sale ya del rol de los pueblos Sud-Americanos, que tan supina incapacidad han mostrado hasta aquí en todo lo que tiene relacion con la viabilidad”*¹³⁸ (SARMIENTO, 1996, p. 65).

Aparecem ainda no relato sarmientiano comentários sobre a produção agrícola no país, como por exemplo, sobre a produção de café desde seu princípio, incluindo também comentários sobre o estado de São Paulo. A última parte de sua carta narra o encontro com distintas personalidades durante sua estadia no Rio e relata um convite realizado por Hamilton no qual, dentre outras pessoas, conhece o

¹³³ “Detenho-me sem querer sobre as brilhantes qualidades morais desta raça intermediária entre o branco, que se debilita em climas equatoriais, e o negro, incapaz de elevar-se às altas regiões da civilização” (SARMIENTO, 1996, p. 59, tradução nossa).

¹³⁴ “O brasileiro de origem é nobre, ainda que às vezes mulato, condecorado de cruces de diamante, ministro, aduaneiro, empregado, ou fazendeiro, e nesta última tem que lidar com o português” (SARMIENTO, 1996, p. 66, tradução nossa).

¹³⁵ “A mais rica espécie de granito azul com criadeiros de rubi” (SARMIENTO, 1996, p. 62, tradução nossa).

¹³⁶ “Barro ou adobe e reboque de terra molhada” (SARMIENTO, 1996, p. 62, tradução nossa).

¹³⁷ “Constrói-se com granito, cortado em paralelogramas que sustentam o marco das janelas e portas [...], de modo que esses pedaços de pedra formam o esqueleto do edifício” (SARMIENTO, 1996, p. 62, tradução nossa).

¹³⁸ “Sai do rol das populações sul americanas, que tanta incapacidade demonstraram até aqui em tudo o que diz respeito com a viabilidade” (SARMIENTO, 1996, p. 65, tradução nossa).

general Rivera, de Montevideo, que o desagrada. Também conhece e supreende-se com José Mármol e com sua obra *Cantos del Pelegrino*.

A terceira obra na qual aparecem aspectos do Brasil, que data do século XIX, foi escrita por Carlos Guido y Spano (1827-1918): “*Ráfagas: colaboración en la prensa, política, literatura*” (Buenos Aires: Igon Hermanos Editores, 1879). Segundo Pasero, após retornar da Europa no ano de 1848, Guido y Spano relata:

*Regreso a Río de Janeiro. Estoy de nuevo entre los míos: ventura, placer, júbilo. Vengo de una antigua sociedad convulsionada, a un gran centro de la joven América, donde al amparo de una constitución dictada por varones ilustres, esparcen sus beneficios el comercio, la libertad y la paz. No sabe lo que es paz quien no haya habitado la ilustrada, la bella capital del Brasil reclinada como una sultana entre sus bosques siempre verdes, llena de gracia oriental y de esplendor americano. [...] Reina en Río de Janeiro la más fina cultura y si las relaciones sociales no son tan accesibles cual sucede en los países de origen español, nada hay más afable que la hospitalidad brasileña cuando se ha llegado a merecerla.*¹³⁹ (GUIDO Y SPANO, 1879 *apud* PASERO, 2011, p. 140)

A referência à França como “antiga sociedade convulsionada” se deve ao fato de que, naquele ano, o país estava em plena revolução. Outro ponto que chama a atenção é a referência à hospitalidade brasileira, presente em muitas narrativas de viagem sobre o Brasil, ainda que Guido y Spano saliente que é algo a ser merecido e, portanto, não dispensada à todas as pessoas que por ali transitavam.

Na sequência, temos o livro *En viaje: 1881-1882* (París: Librería de Garnier Hermanos, 1884), de Miguel Cané (1851-1905). A viagem que deu origem ao livro tampouco tinha como destino o Brasil, porém Cané se detém no país durante o seu trajeto, que inclui ainda as praias africanas e a França.

E, finalmente, a obra *El Brasil intelectual: impresiones y notas literarias* (Buenos Aires: Félix Lajouane, 1900), de Martín García Mérou (1862-1905), na qual o argentino afirma que, “*de todas las literaturas sudamericanas, ninguna es tan poco*

¹³⁹ “Regresso ao Rio de Janeiro. Estou de novo entre os meus: fortuna, prazer, alegria. Venho de uma antiga sociedade convulsionada, a um grande centro da jovem América, onde o amparo de uma constituição ditada por varões ilustres, difundem seus benefícios o comércio, a liberdade e a paz. Não sabe o que é paz quem não tenha habitado a ilustrada, a bela capital do Brasil reclinada como uma sultã entre os bosques sempre verdes, cheia de graça oriental e de esplendor americano. [...] Reina no Rio de Janeiro a mais fina cultura e se as relações sociais não são tão acessíveis como sucede nos países de origem espanhola, nada há mais afável que a hospitalidade brasileira, quando se chegou a merecê-la” (GUIDO Y SPANO, 1879 *apud* PASERO, 2011, p. 140, tradução nossa).

*conocida entre nosotros como la del Brasil*¹⁴⁰ (GARCÍA MÉROU, 1900, p. 1). Essa afirmação inicial se desenvolve e de certa maneira dialoga com o tema anteriormente tratado por Mármol, conforme nos chama a atenção Molina (2014, p. 22): “*más de cinco décadas después el tema de la independencia moral (intelectual) apuntado por Mármol y Joaquim Norberto, aún resuena*”¹⁴¹. Acerca disso, García Mérou (1900, p. 8) afirma:

*También en el Brasil, la inmensa mayoría de los libros, delatan una especie de infiltración del espíritu de los maestros extranjeros. Los que aspiran á poseer una literatura aborigen y un arte indígena, se sublevan contra este sometimiento del espíritu y claman por “una independencia moral”, como complemento de la independencia política. ¿Pueden aspirar á ella nuestros vecinos y jactarse de poseer un “espíritu brasileiro”, cuando no tienen todavía una nacionalidad formada y homogénea, y una verdadera etnografía moral?*¹⁴²

Apesar de tais considerações, o estudo proposto por García Mérou (1900, p. 453) encerra: “*Encarrilado el Brasil en una marcha tranquila, su progreso intelectual es incesante y él promete días de futura gloria á su literatura*”¹⁴³.

1.3.2. Argentinos no Brasil – Século XX

Já no século XX são muitos os escritores argentinos que viajam para o Brasil e que relatam essa experiência por meio das narrativas de viagem. Dentre as obras de viajantes argentinos que escreveram sobre o Brasil, temos: *Quince días en el Brasil* (1913), de Carlos Peralta Alvear; *Un viaje al Brasil: impresiones y recuerdos* (1924), de Pablo Oliva Vélez; *El Brasil y la Argentina: sus respectivos crecimientos*

¹⁴⁰ “De todas as literaturas sul americanas, nenhuma é tão pouco conhecida entre nós como a do Brasil” (GARCÍA MÉROU, 1900, p. 1, tradução nossa).

¹⁴¹ “Mais de cinco décadas depois o tema da independência moral (intelectual) apontado por Mármol e Joaquim Norberto ainda ressoa” (MOLINA, 2014, p. 22, tradução nossa).

¹⁴² “Também no Brasil, a imensa maioria dos livros, delatam uma espécie de infiltração do espírito dos professores estrangeiros. Os que aspiram por uma literatura aborigem e uma arte indígena protestam contra essa submissão do espírito e clamam por uma ‘independência moral’, como complemento da independência política. Podem desejá-la nossos vizinhos e orgulhar-se de possuir um ‘espírito brasileiro’, quando não possuem ainda uma nacionalidade formada e homogênea, e uma verdadeira etnografia moral?” (GARCÍA MÉROU, 1900, p. 8, tradução nossa).

¹⁴³ “Encarrilhado o Brasil em uma marcha tranquila, seu progresso intelectual é incessante e promete dias de futura glória a sua literatura” (GARCÍA MÉROU, 1900, p. 453, tradução nossa).

(1922), de Alberto B. Martínez; as *Aguafuertes cariocas* (1930), de Roberto Arlt; “*Diario de viaje*” e “*Diario de navegación*”, de Alfonsina Storni (1930); *Síntesis del Brasil* (1935), de León R. Naboulet; *Brasil en el corazón de los argentinos* (1937), de M. C. Blanch de la Vega; *Getulio Vargas y la unidad brasileña* (1939), de Ricardo J. Montalvo; “*Corisco, el sucesor de Lampeao*”, de Bernardo Kordon; *Getulio Vargas, 1941*, de André Carrazzoni; “*Antonio Mendes, el santo revolucionario del sutao*”, de Bernardo Kordon; *El Brasil moderno* (1942), de Ricardo Sáenz Hayes; “*Imágenes de Brasil*” (1943), de María Rosa Oliver; *Historia del Brasil* (1935), de Juan Gregorio Beltrán; *El sentido de la tierra en la narrativa; La literatura del Brasil* (1948), de Miguel Alfredo D’Elía; e “*Unos días en el Brasil*” (1991), de Adolfo Bioy Casares.

No ano de 1930 dois argentinos escrevem sobre o Brasil: a escritora Alfonsina Storni (1892-1938) e o escritor-jornalista Roberto Arlt. Da viagem de Alfonsina Storni à Europa, com passagem pelo Brasil, foram publicados os textos “*Diario de navegación*” (16/02/1930) e “*Diario de viaje*” (09/03/1930), em *La Nación*. Em “*Diario de navegación*”, temos os textos: “*El buque*”, “*La imagen*”, “*Golfo de Santa Catalina*”, “*Prosa*”, “*Nublado*” e “*Bahía de Santos*”. Em “*Diario de viaje*”, temos: “*Orden*”, “*Río de Janeiro*”, “*Brazos*”, “*Un joven de Río*” e “*Una golondrina*”. Da viagem de Roberto Arlt ao Brasil foram publicadas quarenta e duas crônicas no jornal *El Mundo* como “*Notas de a bordo*”, “*Notas de viaje*” e “*De Roberto Arlt*”, acerca das quais nos deteremos no capítulo seguinte.

No ano de 1942, Ricardo Sáenz Hayes (1888-1976) publica o livro *El Brasil Moderno*. Embora tenha sido publicado mais de uma década após as crônicas de Roberto Arlt, pode-se dizer que o livro de Sáenz Hayes se encontra em um contexto histórico similar. Uma das representações mais comuns acerca da população, desde que os portugueses aqui chegaram, e já a mencionamos em Guido y Spano, se refere à cordialidade de seu povo, presente também em Sáenz Hayes (1942, p. 16) logo nas primeiras páginas de sua obra: “*Si es argentino el buscador de impresiones que viene a estudiar el presente y el pasado de la nación, entonces la cordialidad sube de punto y se exterioriza con demostraciones de gentileza que llegan muchas veces a la verdadera hidalguía*”¹⁴⁴. No entanto, Sáenz Hayes (1942) não apenas constata esse comportamento muitas vezes presente nos relatos sobre o Brasil, mas

¹⁴⁴ “Se é argentino o buscador de impressões que vem a estudar o presente e o passado da nação, então a cordialidade sobe de ponto e se exterioriza com demonstrações de gentileza que chegam muitas vezes à verdadeira fidalguia” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 16, tradução nossa).

procura explicar as raízes de tal comportamento, ainda que desconheça quão distantes temporalmente elas se encontrem, a partir do que se denomina como “complexo de inferioridade”: *“Lo cierto es que todas las naciones de Hispanoamérica han padecido del mismo deprimente complejo con respecto a Europa en el discurso del siglo XIX”*¹⁴⁵ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 16).

Mas, se por um lado, Sáenz Hayes busca razões para tal comportamento a partir da existência de um sentimento que aproximaria o Brasil do restante das nações americanas, por outro, ele mesmo o contradiz algumas páginas adiante, ao tratar do otimismo que se observa na população: *“El buen brasileño en ningún momento se ha considerado inferior a ningún pueblo. Leamos sus mejores libros, sus más autorizados historiadores, sus más perspicuos poetas y hallaremos un presentimiento de futuro grandioso”*¹⁴⁶ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 26).

Voltando às demonstrações de gentilezas dispensadas a um argentino, Sáenz Hayes (1942) revela o seu intuito: dedicar-se ao estudo do Brasil, de seu passado e de seu presente. Tal intuito é possivelmente compartilhado em alguns meios, suscitando questionamentos sobre o tempo de sua permanência em território brasileiro e se sua intenção era a de escrever um livro sobre o país, levando-o a refletir sobre a forma como têm sido escritas as narrativas de viagem – e, possivelmente, a própria escrita:

*Ambos interrogantes son lógicos y se complementan, razón por la cual casi siempre reciben la misma respuesta. Si apenas unos meses pasaría yo en tierra brasileña, mal podría escribir un libro que reclama varios años de residencia, de observación directa y de estudio. Sin embargo, por una de esas ironías muy frecuentes, nada se hace con más facilidad que un libro de impresiones sobre un país.*¹⁴⁷ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 17)

O argentino se refere ao escritor que tece comentários acerca de um país no qual esteve por um breve período e que, no entanto, *“capta el ritmo y las leyes de*

¹⁴⁵ “O certo é que todas as nações hispanoamericanas padeceram do mesmo deprimente complexo no que diz respeito à Europa no discurso do século XIX” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 16, tradução nossa).

¹⁴⁶ “O bom brasileiro em nenhum momentou considerou-se inferior a nenhum povo. Leiamos seus melhores livros, seus mais autorizados historiadores, seus mais perspicazes poetas e encontraremos um sentimento de futuro grandioso” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 26, tradução nossa).

¹⁴⁷ “Ambas as perguntas são lógicas e se complementam, razão pela qual quase sempre recebem a mesma resposta. Se apenas uns meses passaria em terras brasileiras, mal poderia escrever um livro que necessita vários anos de residência, de observação direta e de estudo. No entanto, por uma dessas ironias muito frequentes, nada se faz com mais facilidade que um livro de impressões sobre um país” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 17, tradução nossa).

*una sociedad como si a ella le hubiera dedicado la vida entera*¹⁴⁸ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 17) como o “sociólogo de três semanas”. Por outro lado, reconhece que *“por grande que sea la capacidad intuitiva del viajero, mucho es lo que dejará de ver y de comprender en cualquier nación que visite con tiempo limitado”*¹⁴⁹ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 17), algo que se torna ainda mais complexo considerando as dimensões de um país como o Brasil, em que é possível questionar, segundo Sáenz Hayes (1942), se os próprios brasileiros teriam esse conhecimento acerca do seu país.

Sobre a escrita de narrativas de viagem, Sáenz Hayes (1942) distingue a existência de dois tipos de viajantes internacionais: o primeiro se refere aos viajantes que se dedicam a leitura de uma “biblioteca inteira” sobre o país antes de visitá-lo, enquanto o segundo tipo abarca aqueles que ignoram totalmente qualquer referência impressa sobre o destino em questão. Podemos enquadrá-lo no primeiro tipo de viajante, porque muitas são as obras às quais recorre em seu texto, de leituras prévias ou ainda realizadas no curso de sua estadia no Brasil, as quais incluem tanto escritores estrangeiros sobre o Brasil como obras de escritores e especialistas brasileiros. No que se refere à noção de “biblioteca”, cabe mencionar que com ela, de acordo com Samoyault (2008, p. 123), “a literatura mantém uma relação de repetição; em compensação, a biblioteca exerce sobre o texto um poder de modelização. Ela constitui então um filtro entre o texto e o mundo”, acerca do qual nos deteremos mais adiante.

Com relação às paisagens e à natureza, e ainda sobre o processo criativo daquele que viaja de uma nação a outra, o argentino trata da impossibilidade de escrever sem fazer comparações. No entanto, se é por meio da comparação que muitos viajantes delineiam as semelhanças e as diferenças observadas nas situações de deslocamento, Sáenz Haynes afirma que o Rio não se parece com nenhuma outra cidade do mundo e que cidade e natureza encontram-se inseparáveis, sendo impossível rememorar a primeira sem evocar a segunda: *“Ninguna otra urbe del mundo es más acogedora, si exceptuamos el hechizo de París con quien llega por primera vez a su regreso cosmopolita. Río acoge de otra*

¹⁴⁸ “Capta o ritmo e as leis de uma sociedade como se a ela tivesse dedicado a vida inteira” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 17, tradução nossa).

¹⁴⁹ “Por maior que seja a capacidade intuitiva do viajante, muito é o que deixará de ver e de compreender em qualquer nação que visite com tempo limitado” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 17, tradução nossa).

*manera, con más desenvoltura y benevolencia*¹⁵⁰ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 34). Em capítulo mais adiante, ao tratar da viagem à cidade de Petrópolis, retomará essa aproximação entre as capitais brasileira e francesa, com intuito de ilustrar o seu argumento, de que ir ao Rio sem visitar Petrópolis é como viajar a Paris sem ir a Versalhes (SÁENZ HAYES, 1942).

Estabelece ainda uma comparação explícita entre Buenos Aires e Rio de Janeiro para descrever este último, afirmando que em ambas as capitais: *“hay dos ciudades y un proceso de renovación integral. La una es antigua, colonial, baja, modesta y sin refinamientos. Moderna es la otra, erguida, sobresaliente, altanera, con jactancias de comodidades y de higiene elemental”*¹⁵¹ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 34). Ao analisar as transformações da paisagem natural, critica-as em alguns aspectos: *“Río quiere ser una ciudad ultramoderna, con los mismos planos arquitectónicos de Nueva York y Chicago. Y lo consigue a pesar del error que hay en ello”*¹⁵² (SÁENZ HAYES, 1942, p. 35).

Apesar de criticar a quantidade de edifícios que penetram na paisagem, o argentino reconhece outro lado do processo de modernização, pelo qual passa a cidade antiga: *“pasma el pensar que la población viviera sin higiene ni salud. Las calles estrechas que hoy vemos bien iluminadas y relucientes de aseo, debieron de ser charcas inmundas, pozos de fiebre endémica, cementerios de vivos”*¹⁵³ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 36), e afirma que, nestes tempos, *“venir al Brasil valía tanto como prepararse a una muerte segura”*¹⁵⁴ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 36), recordando que mais de um argentino o fizera: *“Más de un prohombre nuestro, Mitre, Sarmiento, Alberdi, muy de paso, y José Mármol, el cantor de **El Peregrino**, estuvieron aqui en horas que la nacionalidad argentina lo exigía”*¹⁵⁵ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 36).

¹⁵⁰ “Nenhuma outra cidade do mundo é mais acolhedora, com exceção do encanto de Paris com quem chega pela primeira vez ao seu retorno cosmopolita. Rio acolhe de outra maneira, com mais desenvoltura e benevolência” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 34, tradução nossa).

¹⁵¹ “Há duas cidades e um processo de renovação integral. Uma é antiga, colonial, baixa, modesta e sem refinamentos. Moderna é a outra, vertical, sobressaliente, altaneira, com jactâncias de comodidades e de higiene elementar” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 34, tradução nossa).

¹⁵² “Rio quer ser uma cidade ultramoderna, com os mesmos planos arquitetônicos de Nova York e Chicago. E consegue apesar do erro que há nisso” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 35, tradução nossa).

¹⁵³ “Pasma pensar que a população vivia sem higiene nem saúde. As ruas estreitas que hoje vemos bem iluminadas e reluzentes, deviam ser imundas, poços de febre endêmica, cemitérios de vivos” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 36, tradução nossa).

¹⁵⁴ “Vir ao Brasil era o mesmo que preparar-se para uma morte certa” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 36, tradução nossa).

¹⁵⁵ “Mais de um homem nosso, Mitre, Sarmiento, Alberdi, muito brevemente, e José Mármol, o cantor de *El Peregrino*, estiveram aqui em momentos que a nacionalidade argentina o exigia” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 36, tradução nossa).

Como vimos, o relato de Sarmiento inicia-se justamente tratando de sua indisposição após alguns dias acamado, ao que o autor de *Facundo* justificava também devido ao calor que fazia, clima que o escritor acredita ser determinante para a forma como vive a população: “*la acción del clima en la formulación del carácter es innegable*”¹⁵⁶ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 38).

Sáenz Hayes (1942) recorre ao pensador inglês Buckle, quem distingue duas expressões a partir das quais se manifesta a civilização – uma “europeia” e outra “não europeia” –, cujas ideias de “raça”, clima e civilização não podem ser esquecidas “*sin asomo de rencor*”, por nenhum brasileiro culto, segundo o autor. A primeira expressão, “*se distingue por el esfuerzo que el hombre lleva a término para vencer a la naturaleza, para que no le sea contraria y para que se le someta servilmente*”¹⁵⁷ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 40), ao passo que, na segunda expressão, “[...] *o no europea, el hombre es un instrumento ciego, un ente sin voluntad y sin inteligencia a quien la naturaleza oprime y deprime*”¹⁵⁸ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 40). No caso específico do Brasil, de acordo com Buckle, três são as causas que influenciam “*el proceso evolutivo de la nación: los vientos alisios, los calores excesivos y la exuberancia de la flora y la fauna*”¹⁵⁹ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 40).

Dos “fatores físicos”, em especial no que se refere ao clima, para a questão da população negra, parece ser um caminho óbvio quando se trata de escrever sobre o Brasil e sua população. Em Sáenz Hayes, no entanto, a visão acerca do negro, inclusive por conta das leituras às quais recorre para tratar do assunto, tais como João Ribeiro e Gilberto Freyre, demonstra sua divergência em relação à grande maioria dos viajantes: “*con el adelanto de mis estudios y lecturas sobre la extraordinaria evolución del Pueblo brasileño, puedo comprobar que sus más nobles pensadores realizan una verdadera rehabilitación del negro*”¹⁶⁰ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 41).

¹⁵⁶ “A ação do clima na formulação do caráter é inegável” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 38, tradução nossa).

¹⁵⁷ “Distingue-se pelo esforço que o homem desempenha para vencer a natureza, para que não o contrarie e para que se submeta a ele servilmente” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 40, tradução nossa).

¹⁵⁸ “[...] ou não europeia, o homem é um instrumento cego, um ente sem vontade e sem inteligência a quem a natureza oprime e deprime” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 40, tradução nossa).

¹⁵⁹ “O processo evolutivo da nação: os ventos alísios, o calor excessivo e a exuberância da flora e da fauna” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 40, tradução nossa).

¹⁶⁰ “Com o avanço de meus estudos e leituras sobre a extraordinária evolução da população brasileira, pude comprovar que seus mais nobres pensadores realizam uma verdadeira reabilitação do negro” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 40, tradução nossa).

Quando a maioria dos viajantes, incluindo os argentinos, oferece um olhar sobre o Brasil a partir de sua capital, ou seja, Rio de Janeiro, como é o caso de Sarmiento, dois capítulos do livro de Sáenz Hayes (1942) voltam sua atenção para a cidade de São Paulo, que após ser visitada pelo argentino é descrita a partir de suas características modernas, comparando-a com Londres, Nova York e Buenos Aires, bem como para o crescimento de sua população a partir das informações fornecidas por seu interlocutor, quem afirma que a prosperidade da cidade é resultado das plantações de café e do “*espíritu que nos han legado los **bandeirantes**...*”¹⁶¹ (SÁENZ HAYES, 1942, p. 56). Percorre então a história da população paulista, marcada pela violência, pela caça aos índios e pela exploração dos negros, ressaltando que aqueles tiveram em sua defesa os jesuítas, ao passo que estes foram tratados com uma indiferença que, não tendo nenhuma explicação para tal, Sáenz Hayes considera a possibilidade de que esta realidade tenha sido resultado da crença religiosa que possivelmente teriam os jesuítas em relação aos negros, aludindo à maldição de Canaã, neto de Noé. Voltando-se ao presente, real preocupação do paulista, segundo Sáenz Hayes, quem afirma que o crescimento de uma cidade é o crescimento de sua população:

*Quando la nación ha sido favorecida por la naturaleza con llanuras fértiles, con mieses y ganados, con yacimientos auríficos, de carbón, de acero, de petróleo y de múltiples materias primas, entonces se convierte en mercado interno y externo de sus productos agrícolas, ganaderos e industriales. Pero sin población suficiente, consumidora y productora a la vez, no hay progreso ni riqueza posibles.*¹⁶² (SÁENZ HAYES, 1942, p. 64)

Sáenz Hayes (1942) inclui ainda dados sobre a política de imigração, da exportação do café, da produção de algodão e outros, dos reflexos negativos da guerra no Velho Mundo e da crescente produção industrial em São Paulo e, nos capítulos seguintes, no país como um todo, tratando das possibilidades de crescimento do país e fortalecimento de sua indústria a partir de um percurso histórico bem definido. Trata da forma como vive a população brasileira e dos

¹⁶¹ “Espírito que nos deixaram os bandeirantes” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 56, tradução nossa).

¹⁶² “Quando a nação foi favorecida pela natureza com planícies férteis, com colheitas e gados, com depósitos de ouro, de carvão, de aço, de petróleo e de múltiplas matérias primas, então converte-se em mercado interno e externo de seus produtos agrícolas, pecuários e industriais. Mas sem população suficiente, consumidora e produtora por sua vez, não há progresso nem riqueza possíveis” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 64, tradução nossa).

problemas sociais que a atinge, observando a ausência de lutas de classes no país, bem como marca as diferenças do sindicato no Brasil e na Europa.

A narrativa de Sáenz Hayes se detém ainda sobre as quatro constituições brasileiras, lidas durante sua estadia na cidade de Petrópolis; a questão da escravidão; a necessidade reiterada da “aproximação” dos países latino-americanos e, no que se refere às relações Argentina-Brasil, trata daquilo que Ricardo Levene chamou de “*la unión de las inteligencias*” e da iniciativa deste argentino que resultou na criação da Biblioteca de Autores Argentinos e Brasileiros (SÁENZ HAYES, 1942, p. 132-133). Dedicou ainda um capítulo sobre a figura de Rui Barbosa e outros dois a Getúlio Vargas que, segundo Sáenz Hayes (1942, p. 158), “*tiene el aire campesino, la piel tostada por el sol y los vientos de la pampa riograndense, las manos velosas y gruesas y el andar inconfundible de la persona que monta a caballo con frecuencia*”¹⁶³ e acerca do qual apresenta os mais diversos pontos de vista.

Segundo Baggio (2001), dos escritores argentinos que estiveram no Brasil, com exceção de García Mérou, “apenas o livro de Ricardo Sáenz Hayes, *El Brasil moderno*, tem fôlego e preocupação evidente em compreender, em linhas gerais, a vida econômica, política, social e intelectual do Brasil” (BAGGIO, 2001, p. 2). De fato, *El Brasil moderno* oferece uma visão mais atenta sobre a realidade brasileira, com um amplo repertório de leituras que ao invés de reproduzirem representações estereotipadas sobre o país e sua população, oferecem conhecimentos e questionamentos importantes para alguém que se propõe a pensar sobre a nação.

Em 1943, María Rosa Oliver (1898-1977) publica na revista *Sur* o texto “*Imágenes del Brasil*”, no qual a autora também reitera a necessidade da aproximação entre os dois países já no primeiro parágrafo:

*De esa nación inmensa que es el Brasil, he visto una mínima parte; de sus muchos habitantes, grupos pequeños; pero he querido esos lugares y esos seres que en todo sentido se encuentran tan cerca de nosotros. Tan cerca, que parece locura que no exista entre nuestros países mayor intercambio espiritual y material. Tan cerca, que uno puede llegar al Brasil sin advertir que cambia de tierra.*¹⁶⁴ (OLIVER, 1943, p. 26)

¹⁶³ “Possui um ar campesino, a pele queimada pelo sol e os ventos da pampa riograndense, as mãos peludas e grossas e o andar inconfundível de quem monta a cavalo com frequência” (SÁENZ HAYES, 1942, p. 158, tradução nossa).

¹⁶⁴ “Dessa nação imensa que é o Brasil, vi uma mínima parte; de seus muitos habitantes, pequenos grupos; mas quis esses lugares e esses seres que em todos os sentidos se encontram tão próximos de nós. Tão próximos, que parece loucura que não exista entre nossos países maior intercâmbio

A autora relata o trajeto realizado em direção a São Paulo pelo rio Paraná, em 1942, onde as paisagens, explica, não permitem uma demarcação das fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai. Do barco, observa as pessoas às margens e questiona-se: “¿Hablarán ya el portugués – nos preguntamos –, o todavía el castellano?”¹⁶⁵ (OLIVER, 1943, p. 26) e responde logo em seguida: “En cuanto les dirigimos la palabra vemos que no hablan ni un idioma ni el otro. Su lengua es el guaraní, tanto en la costa argentina como en la brasileira”¹⁶⁶ (OLIVER, 1943, p. 26).

As mudanças em relação à paisagem e às pessoas ocorrem na medida em que avança a viagem: “Sólo al desembarcar nos encontramos – nosotros, los argentinos – en tierra ignota. Sólo entonces empezamos a preguntarnos lo que continuamente nos preguntaremos después en el Brasil: ‘¿Porque nadie nos ha hablado nunca de todo eso?’”¹⁶⁷ (OLIVER, 1943, p. 27). Deve-se considerar, principalmente, o fato de ter entrado no Brasil “por esa puerta trasera llamada Porto Epitassio (sic)”¹⁶⁸ (OLIVER, 1943, p. 27) ao invés de ter desembarcado na famosa baía de Guanabara ou ainda no aeroporto Santos Dumont.

A viagem segue com destino a São Paulo, de trem. A autora observa no Brasil uma influência de Portugal muito mais presente do que a da Espanha no que se refere aos demais países americanos: “Para aquellos de nosotros que conocemos Europa, el aspecto de las poblaciones que acabo de describir nos es familiar: lo que nos extraña es encontrarlas en un país limítrofe”¹⁶⁹ (OLIVER, 1943, p. 28). Revela ainda que a influência observada é menos evidente no que se refere ao tipo físico, em relação ao qual distingue-se o brasileiro do português como se distingue o crioulo do espanhol: “Tanto allá como aquí, la tierra marca a sus hijos nativos”¹⁷⁰ (OLIVER, 1943, p. 28). María Rosa Oliver relata que há, em São Paulo,

espírito e material. Tão próximo, que alguém pode chegar ao Brasil sem perceber que muda de terra” (OLIVER, 1943, p. 26, tradução nossa).

¹⁶⁵ “Falarão já o português – nos perguntamos –, ou ainda o castelhano?” (OLIVER, 1943, p. 26, tradução nossa).

¹⁶⁶ “Quando nos dirigimos a eles, vemos que não falam nem um idioma nem o outro. Sua língua é o guarani, tanto na costa argentina como na brasileira” (OLIVER, 1943, p. 26, tradução nossa).

¹⁶⁷ “Só ao desembarcar nos encontramos – nós, os argentinos – em terra ignota. Só então começamos a nos perguntar o que continuamente nos perguntaremos depois no Brasil: ‘¿Por que ninguém nunca nos falou sobre tudo isso?’” (OLIVER, 1943, p. 27, tradução nossa).

¹⁶⁸ “Por essa porta traseira chamada Porto Epitácio” (OLIVER, 1943, p. 27, tradução nossa).

¹⁶⁹ “Para aqueles de nós que conhecemos a Europa, o aspecto das populações que acabo de descrever nos é familiar: o que nos estranha é encontrá-las em um país limítrofe” (OLIVER, 1943, p. 28, tradução nossa).

¹⁷⁰ “Tanto lá como aqui, a terra marca seus filhos nativos” (OLIVER, 1943, p. 28, tradução nossa).

uma intensa vida cultural e que a cidade se aproxima, em alguns aspectos, mais de Buenos Aires do que do Rio de Janeiro:

*La vida cultural en San Pablo es intensa y activa y participa del ritmo dinámico y cosmopolita de la ciudad. La mayoría de los grandes industriales permanece ajena a ella, pero no así la gente de origen colonial, cuyos hijos son alumnos del grupo de profesores franceses de la Universidad de San Pablo; hombres jóvenes, estos profesores, y conscientes de lo que de Europa se puede aceptar aún y de lo que de ella debe descartarse ya. La capital paulista, como la nuestra, necesita de esa discriminación. Hay vestigios de Europa ya caducos, que resultan un peso muerto en una sociedad joven. Y es en la expresión artística y literaria donde ellos más se evidencian. En San Pablo, por ejemplo, se realizó hace 23 años la **semana de arte moderno**, que fué el primer movimiento de vanguardia en **toda América**, pero América estaba ausente en la expresión de ese grupo que sólo reflejaba los “ismos” europeos. Comparada con Rio, San Pablo se resiente aún de esa falta de originalidad, de esa complacencia en la copia bien hecha, tan característica de las ciudades ricas, de las sociedades que han progresado sin mayor esfuerzo.¹⁷¹ (OLIVER, 1943, p. 32)*

Além dos comentários acerca das influências europeias e da busca por algo que seja originalmente brasileiro, a autora relata o contato com artistas como Mario de Andrade, Di Cavalcanti e Osvaldo de Andrade, dentre outros. O trajeto de São Paulo ao Rio de Janeiro é realizado também em trem, onde a descrição da paisagem se sobrepõe:

Por vías serpentinadas se atraviesa una región montañosa. De nuevo pasamos por aldeas con lindos campanarios, por pueblos más clásicos y menos industrializados. Entre el verde de los mangos y los bananeros, las ropas tendidas – azul añil, azafrán, rosadas – parecen estandartes desplegados al viento. Las sierras aterciopeladas nos ocultan a trechos el sol, que de pronto brilla sobre

¹⁷¹ “A vida cultural em São Paulo é intensa, ativa e participa do ritmo dinâmico e cosmopolita da cidade. A maioria dos grandes industriais permanece distante dela, mas não estão as pessoas de origem colonial, cujos filhos são alunos do grupo de professores franceses da Universidade de São Paulo; homens jovens, esses professores, e conscientes do que da Europa pode-se aceitar ainda e do que dela deve-se descartar já. A capital paulista, como a nossa, necessita dessa discriminação. Há vestígios da Europa já caducos, que se convertem em peso morto em uma sociedade jovem. É na expressão artística e literária onde eles mais se evidenciam. Em São Paulo, por exemplo, realizou-se há 23 anos a *semana de arte moderno*, que foi o primeiro movimento de vanguarda em *toda* a América, mas a América estava ausente na expressão desse grupo que só refletia os “ismos” europeus. Comparada com o Rio, São Paulo se ressentia ainda dessa falta de originalidade, dessa complacência com a cópia bem feita, tão característica das cidades ricas, das sociedades que progressaram sem maior esforço” (OLIVER, 1943, p. 32, tradução nossa).

*estanques tranquilos o sobre ríos correntosos.*¹⁷² (OLIVER, 1943, p. 35)

A beleza, apenas pressuposta quando se encontrava ainda em São Paulo, agora é narrada com um sentimento de comoção e deslumbramento. Além das avenidas beira-mar e dos pontos turísticos da capital, María Rosa Oliver trata também de um Rio desconhecido dos viajantes, ausente nos cartões postais e afirma: “*No; no hay que visitar a Río como turista, pues entonces se pierden los detalles y los detalles importan. Hay que ver a Río con calma, seguir su ritmo de ciudad criolla; hay que mezclarse a su pueblo*”¹⁷³ (OLIVER, 1943, p. 37).

Também no Rio a autora relaciona-se com poetas, escritores, jornalistas e artistas brasileiros como Cecília Meireles e Manuel Bandeira, entre outros, o que a faz concordar com algo que Gabriela Mistral tinha dito sobre a arte da convivência humana, possuída pelos brasileiros. No que se refere às questões étnicas, tanto no Brasil como na Argentina, Oliver (1943, p. 43) ressalta:

*Si he insistido en los orígenes étnicos de muchos brasileiros lo he hecho en honor de su país. Me explicaré brevemente: Nuestra América es un continente de razas mezcladas, y debemos aceptar este hecho innegable para no crearnos problemas sin solución. En el Norte de nuestra República, allá donde la sangre autóctona y la del inmigrante europeo se han mezclado, la raza es linda y fuerte si tiene alimentación suficiente y buenas condiciones sanitarias. En el Brasil, la mezcla del negro y del blanco da un resultado magnífico cuando la población está bien nutrida. El tipo físico es sano, armonioso, de piel fina y satinada, de andar rítmico y de porte digno. El Brasil, al descartar ese elemento envilecedor que es el prejuicio racial, ha dado un ejemplo al mundo. De las tan discutidas democracias ha cumplido a la perfección por lo menos una: la genética.*¹⁷⁴

¹⁷² “Por vias serpentinadas se atravessa uma região montanhosa. Novamente passamos por aldeias com lindos campanários, por povoados mais clássicos e menos industrializados. Entre o verde das mangas e as bananeiras, as roupas estendidas – azul anil, cor de açafão, rosadas – parecem estandartes soltos ao vento. As serras aveludadas nos ocultam em alguns trechos o sol, que logo brilha sobre estanques tranquilos ou sobre os rios correntosos” (OLIVER, 1943, p. 35, tradução nossa).

¹⁷³ “Não, não há que visitar o Rio como turista, pois nesse caso perdem-se os detalhes e os detalhes importam. Há que ver o Rio com calma, seguir seu ritmo de cidade crioula; há que misturar-se a sua gente” (OLIVER, 1943, p. 37, tradução nossa).

¹⁷⁴ “Se tenho insistido nas origens étnicas de muitos brasileiros o fiz em honra do país. Explico-me, brevemente: Nossa América é um continente de raças misturadas, e devemos aceitar este fato inegável para não criarmos problemas sem solução. No Norte de nossa República, lá onde o sangue autóctone e o do imigrante europeu se misturaram, a raça é linda e forte se possui alimentação suficiente e boas condições sanitárias. No Brasil, a mescla do negro e do branco dá um resultado magnífico quando a população está bem nutrida. O tipo físico é sadio, harmonioso, de pele fina e acetinada, de andar rítmico e de porte digno. O Brasil, ao descartar esse elemento corruptor que é o

Quando ainda se encontrava em São Paulo, a autora menciona como consequência negativa da industrialização a presença de japoneses, observando ainda que, de acordo com alguns brasileiros, essa presença não é um perigo, assim como não deve ser a presença dos alemães no sul do país e justifica: “*Como no soy racista, creo que serán asimilados. Las circunstancias les demostrarán que es preferible pertenecer a un espacioso país, cuyo pueblo es magnánimo y de carácter dulce, que a ese Tercer Reich donde cabe tanto odio en tan poco espacio*”¹⁷⁵ (OLIVER, 1943, p. 29). Os comentários acerca de japoneses e alemães decorrem dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939. A autora narra que se encontrava em Petrópolis, na casa de Gabriela Mistral, quando é anunciado o ataque de um submarino alemão que afundou cinco navios brasileiros e que, ao retornar ao Rio, encontrou “*las calles centrales cerradas al tráfico, la juventud las llenaba gritando: ‘¡Muera el fascismo, queremos la guerra!’*”¹⁷⁶ (OLIVER, 1943, p. 46). O ataque mencionado ocorreu em meados de 1942 e como nos informa a argentina, o Brasil declara guerra uma semana após o ataque.

Ao final do texto a autora revela que o antagonismo entre brasileiros e argentinos é motivo de conversas com brasileiros e, ao buscar as causas de tal comportamento, recorda que o contato entre as duas nações era antes possível apenas aos ricos nos transatlânticos que os levavam à Europa, onde possivelmente se iniciara esse “torneio de vaidade”. Sobre a mesma questão, um *chauffeur* oferece-lhe outra causa possível: a recusa dos jogadores argentinos em aceitar que seus adversários façam gol. Para a autora: “*la conclusión a que llegó el chauffeur carioca no era, en el fondo, tan distinta de la mía. Estando la vanidad de por medio se termina siempre, materialmente o de otra manera, a ‘patadas’*. *El corazón y el cerebro se olvidan como cosas innecesarias*”¹⁷⁷ (OLIVER, 1943, p. 48), e termina o texto retomando a necessidade do conhecimento mútuo entre as duas nações e afirmando sua crença em um interamericanismo em todas as direções do continente.

preconceito racial, deu um exemplo ao mundo. Das tão discutidas democracias cumpriu com perfeição pelo menos uma: a genética” (OLIVER, 1943, p. 43, tradução nossa).

¹⁷⁵ “Como não sou racista, creio que serão assimilados. As circunstâncias lhes demonstrarão que é preferível pertencer a um espaçoso país, cuja população é magnânima e de caráter doce, que a esse Terceiro Reich onde cabe tanto ódio em tão pouco espaço” (OLIVER, 1943, p. 29, tradução nossa).

¹⁷⁶ “As ruas centrais fechadas para o tráfego, a juventude as preenchia gritando: ‘Morte ao fascismo, queremos a guerra!’” (OLIVER, 1943, p. 46, tradução nossa).

¹⁷⁷ “A conclusão a que cheguei o *chauffeur* carioca não era, no fundo, tão distinta da minha. Estando a vaidade no caminho se termina sempre, materialmente ou de outra maneira, a ‘patadas’. O coração e o cérebro são esquecidos como coisas desnecessárias” (OLIVER, 1943, p. 48, tradução nossa).

Também o escritor Adolfo Bioy Casares (1914-1999) escreve suas impressões sobre o Brasil, em uma viagem ao país no ano de 1960, da qual resulta a publicação do livro *Unos días en el Brasil (Diario del viaje)*, publicado por *La Compañía de los Libros*, em 2010. O livro em questão teve uma edição anterior e não comercial, publicada pelo Grupo Editor Latinoamericano, em 1991, a qual Casares tinha prometido buscar para Michel Lafon, responsável pelo posfácio da edição futura, e que, não tendo tempo para fazê-lo, o faria Damián Tabarovsky, em 1999, após a morte do escritor, como menciona Lafon (2010, p. 76): “*Damián Tabarovsky, con una enorme generosidad, me regala su ejemplar de **Unos días en el Brasil**, que Bioy no tuvo tiempo de darme*”¹⁷⁸.

O diário de viagem de Bioy Casares, cuja estadia no Brasil ocorreu entre 23 e 30 de julho de 1960, subdivide-se em uma nota introdutória e nove relatos: um para cada dia de sua estadia mais o relato da viagem de retorno à Buenos Aires, sendo que cada um deles se inicia com sua localização temporal – *Sábado, 23 de julio; Domingo, 24 de julio; Miércoles, 27 de julio; Jueves, 28 de julio* – e, às vezes, também espacial – *Lunes, 25 de julio. Río de Janeiro; Martes, 26 de julio, Río de Janeiro; Viernes, 29 de julio. San Pablo; Sábado, 30 de julio. San Pablo; Sábado, 30 de julio. En San Pablo y en vuelo* – uma vez que o escritor visita três cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo.

O autor inicia o livro de sua viagem ao Brasil a partir das recordações de uma viagem anterior: “*acaso completen mi Diario del viaje de 1960 algunas referencias a un viaje de 1951*”¹⁷⁹ (BIOY CASARES, 2010, p. 19), ano em que viajou para a Europa e participou do PEN Club. É durante essa viagem que conhece Ophelia, “*una brasilerita dorada y roliza, de ojos azules*”¹⁸⁰ (BIOY CASARES, 2010, p. 20), cuja possibilidade de rever em 1960 é o que teria feito Bioy Casares aceitar o convite de Antonio Aíta para participar do PEN Club em 1960, ou pelo menos assim o narra na nota introdutória do seu diário de viagem:

A principios de junio de 1960, en una reunión de la comisión directiva del PEN Club Argentino, Antonio Aíta, su presidente, me anunció:

¹⁷⁸ “Damián Tabarovsky, com uma enorme generosidade, presenteia-me com seu exemplar de *Unos días en el Brasil*, que Bioy não teve tempo de me dar” (LAFON, 2010, p. 76, tradução nossa).

¹⁷⁹ “Talvez completem meu Diário de viagem de 1960 algumas referências a uma viagem de 1951” (BIOY CASARES, 2010, p. 19, tradução nossa).

¹⁸⁰ “Uma brasileirinha dourada e carnuda de olhos azuis” (BIOY CASARES, 2010, p. 20, tradução nossa).

– *Ya está arreglado. Usted y yo vamos al congreso del PEN, en Río.*
 – *¿Cómo se le ocurre? – pregunté –. ¿Para qué voy a ir, si yo no hablo? Soy escritor por escrito.*
 – *Eso no importa.*
 – *Además tengo mucho que hacer. Por ahora no puedo moverme de Buenos Aires.*
Al rato acepté la proposición. Cuando salí a la calle, pasaba un clamoroso grupo de muchachos y uno dijo:
 – *Quién iba a pensar que volverías a ver a Ofelia.*
*Recordé que entre los presagios enumerados por De Quincey está la frase casualmente oída en la calle. En este caso me pareció que se volvía creíble por la circunstancia de que el nombre Ofelia no es demasiado corriente.*¹⁸¹ (BIOY CASARES, 2010, p. 21-22)

Aceito o convite, a viagem se realiza no dia 23 de julho, no qual Bioy Casares, após sua chegada ao Rio, relata um movimentar-se sob as imposições de Aíta e tendo em vista o cronograma do congresso. Neste primeiro relato, o autor menciona: *“noto en Aíta y en algunos compatriotas una reacción airada ante el hecho de que los brasileños hablen su idioma, tengan costumbres que no son los nuestros, coman platos que no comemos”*¹⁸² (BIOY CASARES, 2010, p. 24), demonstrando o desconhecimento que, embora, como vimos, tenha sido objeto de reflexão de outros argentinos a partir de meados do século XIX, prevalece ainda na década de sessenta do século XX. A essa observação, segue-se outra, na qual os argentinos confortavelmente se contradizem, segundo Bioy Casares (2010, p. 24): *“a) la Argentina es una gran nación, en un continente de pueblos inferiores y pobres; el único país europeo en América; b) los europeos tienen que bajar el cogote y reconocer la importancia de nuestra pujante América Latina”*¹⁸³. Há, nesta passagem, a manutenção da visão de que aquilo que é melhor – a Argentina, neste caso, segundo a opinião dos compatriotas do autor – se caracteriza como europeu,

¹⁸¹ “No início de junho de 1960, em uma reunião da comissão diretiva do PEN Club Argentino, Antonio Aíta, seu presidente, me disse: – Já está certo. Você e eu vamos ao congresso do PEN, no Rio. – Como disse? – perguntei – Para quê eu vou ir se eu não falo? Sou escritor por escrito. – Isso não importa. – Além disso, tenho muito o quê fazer. Nesse momento não posso sair de Buenos Aires. Em seguida aceitei a proposta. Quando sai na rua, passava um clamoroso grupo de moços e um disse: – Quem iria pensar que voltaria a ver a Ofelia. Recordei que entre os presságios enumerados por De Quincey está a frase casualmente ouvida na rua. Neste caso, pareceu-me que era possível pelo fato de que o nome Ofelia não era muito comum” (BIOY CASARES, 2010, p. 21-22, tradução nossa).

¹⁸² “Noto em Aíta e em alguns compatriotas uma reação airada diante do fato de que os brasileiros falem seu idioma, tenham costumes que não são os nossos, comam pratos que não comemos” (BIOY CASARES, 2010, p. 24, tradução nossa).

¹⁸³ “a) A Argentina é uma grande nação, em um continente de povos inferiores e pobres; o único país europeu na América; b) os europeus tem que baixar o nariz e reconhecer a importância de nossa pujante América Latina” (BIOY CASARES, 2010, p. 24, tradução nossa).

resultado de uma visão eurocentrista do mundo e que influenciou as colônias e o que viria depois delas, além da costumeira aproximação, por parte dos próprios argentinos, da Argentina aos países europeus, distanciando-a dos países da América Latina, ao mesmo tempo em que requerem o seu reconhecimento enquanto conjunto.

No dia seguinte, Bioy Casares (2010) narra brevemente os acontecimentos: sessão do congresso pela manhã, almoço com Aíta, volta ao congresso e jantar com a delegação italiana, tornando explícito o seu aborrecimento: “*el congreso es un pseudo parlamento que **bombina en el vacío***”¹⁸⁴ (BIOY CASARES, 2010, p. 28). Na segunda-feira realiza a reserva de sua viagem para Brasília e retoma as atividades do congresso: “*no hay salvación: tengo que hablar. Balbuceo tres o cuatro palabras, en voz muy débil; quedo trémulo y extenuado*”¹⁸⁵ (BIOY CASARES, 2010, p. 30). Encaminha uma carta para Ophelia e assiste à conferência de Mario Praz. Livre de Aíta, desiste de entrar em uma feira do livro e decide então realizar um passeio que fazia com seus pais: “*para recordar las escalas en Río de los viajes con mis padres, voy a comer al hotel Copacabana, que está por ahí cerca*”¹⁸⁶ (BIOY CASARES, 2010, p. 31).

Na terça-feira, o autor demonstra seu desânimo em relação à viagem: “*escribo unas pocas líneas y, enseguida, las ganas de escribir desaparecen. Estoy cómodo, viviendo sin impaciencia ni propósito*”¹⁸⁷ (BIOY CASARES, 2010, p. 32). Lê uma carta de Silvina, para quem escreve em seguida, e dá continuidade aos preparativos de sua viagem para Brasília. Participa do congresso, onde volta a redigir seu diário: “*mientras escribo este diario, ¿cómo lo diré?, acaece, ocurre, al alcance de mi oído, una disertación literaria de Cecilia Meireles, con dulzura de frasco de caramelo licuado*”¹⁸⁸ (BIOY CASARES, 2010, p. 33). Detêm-se na figura de Moravia, retomando e sintetizando dois diálogos ocorridos nos dias anteriores,

¹⁸⁴ “O congresso é um pseudo parlamento que *roda no vazio*” (BIOY CASARES, 2010, p. 28, tradução nossa).

¹⁸⁵ “Não há salvação: tenho que falar. Balbuceio três ou quatro palavras, em voz muito baixa, fico trémulo e extenuado” (BIOY CASARES, 2010, p. 30, tradução nossa).

¹⁸⁶ “Para recordar as escalas no Rio das viagens com meus pais, vou comer no hotel Copacabana, que está nos arredores” (BIOY CASARES, 2010, p. 31, tradução nossa).

¹⁸⁷ “Escrevo umas poucas linhas e, em seguida, a vontade de escrever desaparece. Estou confortável, vivendo sem impaciência nem propósito” (BIOY CASARES, 2010, p. 32, tradução nossa).

¹⁸⁸ “Enquanto escrevo este diário, como direi? Acontece que ocorre, ao alcance do meu ouvido, uma dissertação literária de Cecilia Meireles, com doçura de frasco de caramelo liquefeito” (BIOY CASARES, 2010, p. 33, tradução nossa).

narra seu encontro com o embaixador argentino e as observações que este faz sobre o Brasil.

Finalmente, no dia 27 de julho, o autor de *La invención de Morel* (1940) viaja para Brasília. Neste relato predomina o caráter descritivo: “*desde lo alto veo cerros y algunos bosques; ya sobre Brasilia, tierra roja y casas altas, unas pocas, diseminadas*”¹⁸⁹ (BIOY CASARES, 2010, p. 39). E, mais adiante: “*el camino del aeropuerto al hotel es largo; bordea un lago y, a la izquierda, las embajadas, que por ahora son una sucesión de terrenos baldíos con letreros blancos, cada uno con el nombre de un país*”¹⁹⁰ (BIOY CASARES, 2010, p. 39). Livre de uma agenda pré-estipulada e de encontros, almoços e jantares, Bioy Casares descreve a capital, inaugurada recentemente – no dia 21 de abril daquele ano –, sendo possível que seja o primeiro escritor argentino a descrevê-la: “*Brasilia está en una enorme meseta quebrada; no se ven montañas en la lejanía; el lugar es el valle de un río, con un lago; la tierra es roja; los árboles (no consigo saber cómo se llaman) son raquíticos [...]*”¹⁹¹ (BIOY CASARES, 2010, p. 40). Para Bioy Casares (2010, p. 40), “*aquello tiene algo del sueño de arte moderno de un funcionario imaginativo; tal vez, de un demagogo imaginativo*”¹⁹². Apesar disso, afirma desconhecer sua necessidade, considerando ainda as mudanças na vida daqueles que teriam que mudar-se para a nova capital, “*ambiciosa, futura, pobre en resultados presentes, incómoda*”¹⁹³ (BIOY CASARES, 2010, p. 41).

No dia 28 de julho, quinta-feira, o argentino escreve um artigo sobre o PEN Club e sobre o congresso para o jornal *El Mundo*, faz compras e parte para São Paulo, lamentando-se de não ter tido a oportunidade de encontrar-se com “Opheliña”. Relata sua conversa com um catalão que vive em São Paulo, o qual discorre, dentre outros assuntos, sobre o preconceito velado da população:

¹⁸⁹ “Desde o alto vejo montanhas e alguns bosques, já sobre Brasília, terra vermelha e casas altas, umas poucas, disseminadas” (BIOY CASARES, 2010, p. 39, tradução nossa).

¹⁹⁰ “O caminho do aeroporto até o hotel é longo, à margem de um lago e, à esquerda, as embaixadas que por enquanto são uma sucessão de terrenos baldios com letreiros brancos, cada um com o nome de um país” (BIOY CASARES, 2010, p. 39, tradução nossa).

¹⁹¹ “Brasília está em uma enorme meseta quebrada, não se pode ver montanhas no horizonte, o lugar é um vale de um rio, com um lago, a terra é vermelha, as árvores (não consigo saber como se chamam) são raquíticas [...]

(BIOY CASARES, 2010, p. 40, tradução nossa).

¹⁹² “Aquilo tem algo de sonho de arte moderna de um funcionário imaginativo, talvez de um demagogo imaginativo” (BIOY CASARES, 2010, p. 40, tradução nossa).

¹⁹³ “Ambiciosa, futura, pobre em resultados presentes, incômoda” (BIOY CASARES, 2010, p. 41, tradução nossa).

*También es mentira que aquí la gente no haga distingos. Si vas con una puta negra, paga menos. Mejor estar muerto que ser negro. No te bañes tres días en la playa de Santos, que si te tuestas ya no eres ni señor, ni don, ni siquiera Adolfo; eres una porquería. Aquí hacen distingos, pero saben que no hay que hacer distingos; entonces dicen que no hacen distingos, que son todos hermanos. Hermanos de la puñeta.*¹⁹⁴ (BIOY CASARES, 2010, p. 47)

O tema da discriminação racial é novamente assunto de seus diálogos em nota adiante, com o *maître* do hotel, Fernández Rey: *“Me explica que en Brasil hay discriminación – no por principio, sí en la práctica – contra los negros. A japoneses, árabes y judíos los reciben con los brazos abiertos”*¹⁹⁵ (BIOY CASARES, 2010, p. 55). No entanto, Bioy Casares apenas transcreve esses dois trechos dos diálogos, não aprofundando o assunto ou emitindo opiniões.

Ainda na nota de quinta-feira, relata que dividiu um táxi com uma senhora e seus filhos: *“es joven, rubia, no fea; se declara partidaria de la vida natural; enamorada de Suiza, donde iría a vivir. Ya estoy queriéndola [...]”*¹⁹⁶ (BIOY CASARES, 2010, p. 45). Em trecho seguinte, sobre a conversa com o cônsul argentino, afirma: *““Lo mejor son las mujeres’, convenimos”*¹⁹⁷ (BIOY CASARES, 2010, p. 46). A mulher, descrita a partir de suas características físicas em alguns momentos, em uma nota anterior aos comentários sobre a discriminação racial observada pelos interlocutores de Bioy, transparece também o seu preconceito em relação ao assunto, duplo, neste caso: *“para huir de una mujer madura, de cara ancha, una mulata teñida, de ojos acuosos, que ha de estar dispuesta a todo – no me gusta su piel y tendría algún temor de ver sus pechos –, me alejo con el representante de Australia [...]”*¹⁹⁸ (BIOY CASARES, 2010, p. 37). A objetificação da mulher também aparece na conversa com o catalão, que afirma: *“acá no puedes llevar una puta al hotel. Entonces entre tres o cuatro putas tienen un departamento.*

¹⁹⁴ “Também é mentira que aqui as pessoas não façam distinções. Se vai com uma puta negra, paga menos. Melhor estar morto que ser negro. Não se banhe três dias na praia de Santos, que se queima-se já não é nem senhor, nem dom, nem sequer Adolfo, é uma porcaria. Aqui fazem distinções, mas sabem que não o devem, então dizem que não fazem distinções, que são todos irmãos. Irmãos de merda nenhuma” (BIOY CASARES, 2010, p. 47, tradução nossa).

¹⁹⁵ “Explica-me que no Brasil há discriminação – não por princípio, mas na prática – contra os negros. A japoneses, árabes e judeus recebem com os braços abertos” (BIOY CASARES, 2010, p. 55, tradução nossa).

¹⁹⁶ “É jovem, loira, não feia, declara-se partidária da vida natural, enamorada de Suíça, onde iria viver. Já estou querendo-a [...]” (BIOY CASARES, 2010, p. 45, tradução nossa).

¹⁹⁷ “O melhor são as mulheres’, concordamos” (BIOY CASARES, 2010, p. 46, tradução nossa).

¹⁹⁸ “Para fugir de uma mulher madura, de cara larga, uma mulata tingida, de olhos aquosos, que deve estar disposta a tudo – não gosto de sua pele e teria algum temor de ver seus peitos -, me distancio com o representante da Austrália [...]” (BIOY CASARES, 2010, p. 37, tradução nossa).

[...] *Antes había zonas; ahora, para acabar con la prostitución, las abolieron y la zona es toda la ciudad*¹⁹⁹ (BIOY CASARES, 2010, p. 47).

A questão da língua, como vimos em relação aos compatriotas, também é tratada pelo escritor em algumas ocasiões. Em Brasília, o autor transcreve em seu texto algumas palavras da língua portuguesa tal como as escuta: “*Ahí, me explican, ‘viven los tijú’, pronúnciese tiyú, ‘un bisho que taladra*”²⁰⁰ (BIOY CASARES, 2010, p. 40). Também o faz em relação ao vocábulo “papai”, na conversa com o catalão: “*‘Qué significa papai? Vi en avisos que falta poco para el día de papai, del padre; pero, realmente, ¿este restaurante se llama Papá?’ ‘Sí; aquí dicen papai al padre y se llaman papai a sí mismos. [...]’*”²⁰¹ (BIOY CASARES, 2010, p. 48), para então estabelecer um paralelo com a língua espanhola: “*Yo: ‘Como menda, en España, o este cura’. Él: ‘Es verdad. Tampoco dicen: pai’*”²⁰² (BIOY CASARES, 2010, p. 48). Há ainda trechos de diálogos que são transcritos em francês.

Sobre seu retorno à Argentina, o autor afirma que, “*vista desde el aire, Buenos Aires de noche es menos imponente que San Pablo, menos hermosa que Río*”²⁰³ (BIOY CASARES, 2010, p. 60). Relata ao final de seu diário sobre a viagem ao Brasil que a sua melhor recordação foi sua ida à Brasília, sozinho. É o ponto em que abandona os compromissos, os quais visivelmente aborrecem-no, para explorar o país visitado e o que mais se caracteriza como relato de viagem, tendo em vista a narrativa que predomina no livro em questão. Para o escritor, o fato de não se encontrar com Ophelia é sua grande desilusão durante a viagem: “*una pena romántica. Tantas veces imaginé una conversación con ella que me había acostumbrado a la idea de que la vería*”²⁰⁴ (BIOY CASARES, 2010, p. 61). Encerra sua narrativa em sua mesa de trabalho, onde o escritor diz encontrar um pedaço de

¹⁹⁹ “Aqui não pode levar uma puta ao hotel. Então entre três ou quatro putas possuem um apartamento. [...] Antes tinha zonas, agora, para acabar com a prostituição, as aboliram e a zona é a cidade toda” (BIOY CASARES, 2010, p. 47, tradução nossa).

²⁰⁰ “Aí, me explicam, ‘vivem os tijú’, pronuncia-se tiyú, ‘um bicho que perfura’” (BIOY CASARES, 2010, p. 40, tradução nossa).

²⁰¹ “O quê significa papai? Vi em avisos que falta pouco para o dia do papai, do pai; mas realmente, esse restaurante chama-se Papá?’. ‘Sim, aqui dizem papai ao pai e chamam-se papai a si mesmos. [...]’ (BIOY CASARES, 2010, p. 48, tradução nossa).

²⁰² “Eu: ‘Como menda, na Espanha, ou este padre’. Ele: ‘É verdade. Também não dizem: pai’” (BIOY CASARES, 2010, p. 48, tradução nossa).

²⁰³ “Vista do céu, Buenos Aires de noite é menos imponente que São Paulo, menos bonita que Rio” (BIOY CASARES, 2010, p. 60, tradução nossa).

²⁰⁴ “Uma pena romântica. Tantas vezes imaginei uma conversa com ela que tinha me acostumado à ideia de que a veria” (BIOY CASARES, 2010, p. 61, tradução nossa).

papel, no qual lê: “*Viejo verde, corruptor de menores, no me tendrás. Ophelia*”²⁰⁵ (BIOY CASARES, 2010, p. 61).

De uma necessidade de aproximação entre as duas nações, brasileira e argentina, sempre reiterada por aqueles que atravessaram as fronteiras entre aqui e ali. Do interesse em conhecer o *outro*, em escrever sobre o *outro* para que outros, argentinos e leitores, possam conhecer também esse *outro*. Do deslumbramento diante das maravilhas do Brasil. De suas paisagens naturais. De sua fauna e de sua flora exóticas. Da curiosidade pelos modos como vivem as populações vizinhas. Das imagens e representações lidas em relatos de outros viajantes e na literatura em geral. Da cultura e da literatura brasileira. De sua política. Das belas mulheres brasileiras. Da população negra que constitui parte significativa dessa nação. Da língua portuguesa que é falada pelos brasileiros. Dos brasileiros. É de tudo isso que tratam os relatos de viagem dos argentinos, distanciando-se às vezes da visão europeia e reconhecendo-se como partes da América Latina; outras, optando por ela, como quem diz: somos europeus também.

²⁰⁵ “Velho safado, corruptor de menores, não me terá. Ophelia” (BIOY CASARES, 2010, p. 61, tradução nossa).

2. ÁGUAS-FORTES CARIOCAS: UM ESCRITOR, DOIS VIAJANTES?

2.1. NOTAS DE VIAJE: Rio de Janeiro, “una ciudad de gente decente”²⁰⁶

*Me rajo, queridos lectores. Me rajo del diario... mejor dicho, de Buenos Aires. Me rajo para el Uruguay, para Brasil, para las Guyanas, para Colombia, me rajo... Continuaré enviando notas. No lloren, por favor, ¡no! No se emocionen. Seguiré alacraneando a mis prójimos y charlando con ustedes. Iré a Uruguay, la París de Sud América, iré a Río de Janeiro, donde hay cada **menina** que da calor; iré a las Guyanas, a visitar a los presidiarios franceses, la flor y crema del patíbulo de ultramar. Escribo y mi **cuore** me late aceleradamente. No doy con los términos adecuados. Me rajo indefectiblemente.*²⁰⁷
(ARLT, 2013a, p. 11)

É com essas palavras que Roberto Arlt anuncia uma viagem para países da América do Sul – Uruguai, Brasil, Guianas²⁰⁸ e Colômbia – aos leitores do *El Mundo* na primeira parte da água-forte “*Con el pie en el estribo*”, publicada no dia 8 de março de 1930. Em “*¡Que emoción!*”, segunda parte da nota, Arlt relata sua ansiedade em relação à viagem, menciona alguns dos trabalhos por ele já realizados e questiona-se: “*¿qué trabajo maldito no habré hecho yo? Y ahora, a los veinte y nueve años, después de seiscientos días de escribir notas, mi gran director me dice: - Andá a vagar un poco. Entretenete, hacé notas de viaje*”²⁰⁹ (ARLT, 2013a, p. 12). Na sequência, descreve quais as intenções de sua viagem: “*¡Conocer y escribir sobre la vida y la gente rara de las Repúblicas del norte de SudAmérica!*

²⁰⁶ Em “*Costumbres cariocas*” (ARLT, 2013a, p. 19).

²⁰⁷ “Estou me mandando, queridos leitores. Estou me mandando do jornal... ou melhor, de Buenos Aires. Estou me mandando para o Uruguai, para o Brasil, para as Guianas, para a Colômbia... Estou me mandando... Continuarei mandando notas. Não chorem, por favor, não! Não se emocionem. Continuarei envenenando os meus próximos e falando com vocês. Irei ao Uruguai, a Paris da América do Sul; irei ao Rio de Janeiro, onde tem cada ‘menina’ que dá calor; irei às Guianas, para visitar os presidiários franceses, a flor e a nata do patíbulo de ultramar... Escrevo e o meu ‘cuore’ bate aceleradamente. Não encontro os termos adequados. Estou me mandando indefectivelmente” (ARLT, 2013c, p. 247).

²⁰⁸ Refere-se ao território que compreende a Guiana, a Guiana Francesa e o Suriname.

²⁰⁹ “Que maldito trabalho não terei feito eu? E agora, aos vinte e nove anos, depois de seiscientos dias escrevendo notas, o meu grande diretor me diz: - Vá perambular um pouco. Divirta-se, faça umas notas de viagem” (ARLT, 2013c, p. 247).

*Digan, francamente, ¿no es una papa y una lotería?*²¹⁰ (ARLT, 2013a, p. 12). Na parte seguinte, “*Dos trajes, nada más*”, Arlt informa que sua mala se resume a dois ternos, um par de sapatos e um gorro. Nessa parte do texto, anuncia as expectativas em relação à viagem e aos países aos quais se destina:

*Pienso mezclarme y convivir con la gente del bajo fondo que infesta los pueblos de ultramar. Conocer los rincones más sombríos y más desesperados de las ciudades que duermen bajo el sol del trópico. Pienso hablarles a ustedes de la vida en las playas cariocas; de las muchachas que hablan un español estupendo y un portugués musical. De los negros que tienen sus barrios especiales, de los argentinos fantásticos que andan huidos por el Brasil; de los revolucionarios de incógnito. ¡Qué multitud de temas para notas en ese viaje maravilloso que me hace escribir en la Underwood de tal manera que hasta la mesa tiembla bajo la trepidación de las teclas! [...] Bueno: iré a ver esos países, sin prejuicios de patriotismo, sin necesidad de hablar bien para captarme la simpatía de la gente. [...] Trataré de internarme en la selva brasileña. Conoceré ese maravilloso bosque tropical que es todo luz, vida y color.*²¹¹ (ARLT, 2013a, p. 13, grifo nosso)

Embora se trate de uma viagem aos países sul-americanos, as referências que o autor enumera se referem às expectativas daquilo que irá encontrar especificamente no Brasil. Destacam-se as figuras da mulher e do negro, o idioma português e a paisagem brasileira, descrita como “selva” e como “bosque tropical”, imagens essas que nos remetem ao imaginário, primeiramente europeu, que se construiu acerca do Brasil. Em “*Y esta ciudad*”, última parte da nota de anúncio, Arlt afirma que levará consigo a memória de Buenos Aires. Não leva, porém, livros, informações geográficas e estatísticas ou nomes de personalidades: “*Únicamente llevo, como introductor magnífico para el vivir, dos trajes, uno para codearme con la gente decente, otro roto y sucio, el mejor pasaporte para poder introducirme en el*

²¹⁰ “Conhecer e escrever sobre a vida e as pessoas estranhas das repúblicas do norte da América do Sul! Digam, francamente, se não é uma baba e uma loteria!” (ARLT, 2013c, p. 248).

²¹¹ “Estou pensando em me misturar e conviver com as pessoas dos *bas fond* que infestam os povos de ultramar. Conhecer os cantos mais sombrios e mais desesperados das cidades que dormem sob o sol do trópico. Penso em falar para vocês da vida nas praias cariocas; das moças que falam um espanhol estupendo e um português musical. Dos negros que têm seus bairros especiais, dos argentinos fantásticos que andam fugidos pelo Brasil; dos revolucionários incógnitos. Que multidão de temas para notas nessa viagem maravilhosa que me faz escrever na ‘Underwood’, de tal maneira que a mão até treme sob a trepidação das teclas. [...] Bom: irei ver esses países, sem preconceitos de patriotismo, sem necessidade de falar bem para ganhar a simpatia das pessoas. [...] Tratarei de me enfiar na selva brasileira. Conhecerei esse maravilhoso bosque tropical onde tudo é luz, vida e cor” (ARLT, 2013c, p. 248).

*mundo subterrâneo de las ciudades que tienen barrios exóticos*²¹² (ARLT, 2013a, p. 14). Mais do que refletir uma série de imagens e representações prévias acerca do país, essa água-forte antecipa os principais temas que serão tratados por Arlt no Brasil, como o autor que escreve o roteiro de um novo romance e o segue fielmente. A partir de tais considerações, propomos neste capítulo uma leitura das águas-fortes cariocas escritas por Arlt durante sua viagem ao Rio de Janeiro, entre abril e maio de 1930, objeto central de estudo deste trabalho.

Antes de adentrar aos textos arltianos, no entanto, é importante que tenhamos em perspectiva o contexto brasileiro da época em que a viagem é realizada.

Os anos anteriores à chegada do argentino no Brasil caracterizam-se por uma série de acontecimentos sociais e políticos importantes cujo desfecho seria o fim da Primeira República (1889-1930). De acordo com Bóris Fausto (2015, p. 166), “ao longo da Primeira República os movimentos sociais de trabalhadores ganharam certo ímpeto”. No entanto, os movimentos operários constituíram-se de modo distinto em São Paulo e no Rio de Janeiro: enquanto na capital da república “predominava um vago socialismo e um sindicalismo pragmático” (FAUSTO, 2015, p. 168), na primeira, “predominou o anarquismo, ou melhor, uma versão dele: o anarcossindicalismo” (FAUSTO, 2015, p. 168). A partir de 1917 são deflagradas constantes greves em diversas cidades e, embora a partir de 1920 as mesmas ficaram arrefecidas “seja pela dificuldade de alcançar êxitos, seja pela repressão” (FAUSTO, 2015, p. 169), outros acontecimentos agitariam a década seguinte.

Surge, em 1922, o tenentismo, movimento cujo “primeiro ato de rebeldia foi a Revolta do Forte de Copacabana, ocorrida no Rio de Janeiro em 5 de julho de 1922” (FAUSTO, 2015, p. 172). No dia 15 de novembro do mesmo ano assume o novo presidente do Brasil, o mineiro Arthur da Silva Bernardes (1875-1955), quem “governou em meio a uma situação difícil, recorrendo a seguidas decretações do estado de sítio. Extremamente impopular nas áreas urbanas, especialmente no Rio de Janeiro, lançou-se a uma dura repressão para os padrões da época” (FAUSTO, 2015, p. 176). O governo de Bernardes seria atacado dois anos após a primeira

²¹² “Só estou levando, como magnífico introdutor para o viver, dois ternos, um para ficar lado a lado com as pessoas decentes e outro roto e sujo, o melhor passaporte para poder se introduzir no mundo subterrâneo das cidades que têm bairros exóticos” (ARLT, 2013c, p. 249).

revolta, ou seja, no dia 5 de julho de 1924, em São Paulo e que ficaria conhecida como “Segundo Cinco de Julho”.

Em abril de 1925, a Coluna Paulista de 1924, que contava com a participação de Miguel Costa (1885-1959), se une ao movimento tenentista gaúcho, liderado por Luís Carlos Prestes (1898-1990) – e que tinha ainda o apoio da oposição política estadual do Rio Grande do Sul – em um movimento que se denominou Coluna Miguel Costa-Luís Prestes ou apenas Coluna Prestes (FAUSTO, 2015).

A coluna realizou uma incrível marcha pelo interior do país, percorrendo cerca de 24 mil quilômetros até fevereiro-março de 1927, quando seus remanescentes deram o movimento por terminado e se internaram na Bolívia e no Paraguai. Seus componentes nunca passaram de 1500 pessoas, oscilando muito com a entrada e saída de participantes transitórios. A coluna evitou entrar em choque com forças militares ponderáveis, deslocando-se rapidamente de um ponto para outro. O apoio da população rural não passou de uma ilusão. As possibilidades de êxito militar da coluna eram praticamente nulas. Entretanto, ela teve um feito simbólico entre os setores da população urbana insatisfeitos com a elite dirigente. Fosse como fosse, a seus olhos havia esperanças de mudar os destinos da república, como mostravam aqueles heróis que corriam todos os riscos para salvar a nação. (FAUSTO, 2015, p. 173)

Segundo Fausto (2015), quando se inicia a marcha rumo à selva boliviana, onde se exilaram os revolucionários nos primeiros meses de 1927, desde o dia 15 de novembro de 1926, a presidência da república já havia passado para Washington Luís Pereira de Souza (1869-1957), conforme revezamento acordado entre os estados de São Paulo e Minas Gerais desde 1913, apesar de que “Washington fosse um ‘paulista de Macaé’, por ter nascido naquela cidade fluminense. O grande sonho do novo presidente consistia na estabilização da moeda, tendo como objetivo final a conversabilidade de todo o papel-moeda em circulação” (FAUSTO, 2015, p. 176-177).

De acordo com Fausto (2015, p. 178), “no início de 1929, após a presidência relativamente tranquila de Washington Luís, surgiu uma cisão entre as elites dos grandes estados que acabaria por levar ao fim da Primeira República”. Embora o autor defina o governo de Washington Luís como relativamente tranquilo, considerando o constante estado de sítio em que governara Bernardes, à cisão dos dois estados antecede uma série de acontecimentos políticos e sociais que culminariam, portanto, no fim da Primeira República (FAUSTO, 2015). Ainda assim,

O prestígio que o presidente da República desfrutava era inquestionável. O impacto negativo da repressão à classe trabalhadora não afetara sua imagem, como muitos acreditavam, nem mesmo os critérios cavilosos para a escolha do seu sucessor comprometeram o fascínio que exercia sobre o cidadão comum. (MEIRELLES, 2005, p. 315)

A primeira disputa efetiva ao cargo de chefe da nação ocorrera somente em 1909-1910, quando venceu o candidato do Rio Grande do Sul, Hermes Rodrigues da Fonseca, com apoio do estado de Minas Gerais e dos militares (FAUSTO, 2015). A presença do Rio Grande do Sul no cenário político, até então ocupado por São Paulo e Minas Gerais leva os dois estados a se unirem novamente²¹³ e “um pacto não escrito foi concluído em 1913, na cidade mineira de Ouro Fino, pelo qual mineiros e paulistas tratariam de se revezar na presidência da República” (FAUSTO, 2015, p. 154). O acordo em questão perduraria nas eleições seguintes até ser rompido em 1929: “o não cumprimento das regras do jogo por parte do presidente Washington Luís, indicando para sua sucessão o paulista Júlio Prestes (1929) foi um fator central da ruptura política ocorrida em 1930” (FAUSTO, 2015, p. 154). Concorrem, portanto, às eleições para a presidência Júlio Prestes (1882-1946) e Getúlio Vargas (1883-1954) e para a vice-presidência, Vital Soares (1874-1933) e João Pessoa (1878-1930), respectivamente. As candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa resultam da formação da Aliança Liberal entre os estados de Minas Gerais, cujo governador Antônio Carlos de Andrada era inicialmente o possível candidato a sucessor de Washington Luís antes da cisão, Rio Grande do Sul e Paraíba (MEIRELLES, 2005). No entanto, quem se destacava nas pesquisas de intenção de voto do *Correio da Manhã* era Luís Carlos Prestes: “desde dezembro de 1928, o mantinha em primeiro lugar como o candidato preferido para assumir a presidência da República” (MEIRELLES, 2005, p. 319), motivo pelo qual a Aliança buscou, sem sucesso, o apoio de Prestes.

Também foi nessas eleições que, pela primeira vez, houve a candidatura de um representante do proletariado: Minervino de Oliveira, cujo anúncio oficial ocorrera em novembro de 1929 (MEIRELLES, 2005). “Era a primeira vez que a classe trabalhadora apresentava um nome à presidência da República; o escolhido fora um

²¹³ Segundo Fausto (2015), um outro acordo entre os dois estados havia perdurado desde Campo Sales até o ano de 1909.

negro, eleito pelo BOC²¹⁴ em convenção secreta” (MEIRELLES, 2005, p. 340) devido à repressão violenta que sofreram, antes e durante a campanha eleitoral.

As eleições ocorrem no dia 1º de março de 1930, alguns dias antes de Arlt anunciar sua viagem, que se inicia no dia 11 de março de 1930, rumo ao Uruguai. Entre o anúncio e a viagem, são publicadas quatro notas: “*Frente al viaje*” (09/03/1930), “*Au revoir*” (10/03/1930), “*Y me voy en martes*” (11/03/1930), e “*Regalos de boda*” (12/03/1930). Em “*Frente al viaje*”, Arlt trata da ansiedade em relação à viagem rumo ao desconhecido: “*Me he dicho que esta Avenida de Mayo será, dentro de unos días, tan sólo un recuerdo*”²¹⁵ (ARLT, 1996, p. 22). A nota “*Y me voy en martes*”, dia da viagem de Arlt, contrariando o refrão popular “*En martes, ni te cases ni te embarques*”, é escrita no dia anterior, como explica o autor no início do texto: “*Esta nota saldrá el martes, pero la escribo hoy, en las últimas horas del lunes*”²¹⁶ (ARLT, 1996, p. 25). Arlt comenta que quase foi atropelado por um ônibus e que se isso não for um sinal de azar, pouco falta, uma vez que partirá em viagem aos quinze minutos do dia seguinte, o que reforça a relação do título com o refrão.

No dia 13 de março é publicada a nota “*Ya estamos a bordo*”, em que Arlt narra o trajeto a bordo do *Asturias*. Entre 14 e 27 de março foram publicados os textos denominados como *Informaciones de viaje*²¹⁷ e *Aguafuertes uruguayas*²¹⁸, cuja maior parte se encontra compilada no livro *Aguafuertes uruguayas y otras páginas*²¹⁹ (Banda Oriental, 1996), organizado por Omar Borré. Para Pablo Rocca (2007, p. 69), os textos sobre o Uruguai são “*apuntes apresurados y por cierto*

²¹⁴ Bloco Operário Camponês.

²¹⁵ “Disse a mim mesmo que esta Avenida de Mayo será, em alguns dias, apenas uma lembrança” (ARLT, 1996, p. 22, tradução nossa).

²¹⁶ “Esta nota sairá na terça-feira, mas escrevo-a hoje, nas últimas horas da segunda-feira” (ARLT, 1996, p. 25, tradução nossa).

²¹⁷ “*Como ministros*” (14/03/1930); “*Ya lejos*” (15/03/1930); “*Elogio de la mujer uruguaya*” (16/03/1930); “*Alpinismo rioplatense*” (17/03/1930); “*La calle del pecado*” (18/03/1930); “*Cartas que emocionan*” (19/03/1930); “*Van muertos los turistas*” (20/03/1930) e “*La calle Grecia*” (21/03/1930).

²¹⁸ “*Hablemos con sinceridad*” (22/03/1930); “*El tablado de Arlequín*” (23/03/1930); “*Canciones ‘da terriña’*” (24/03/1930); “*No simpatiza conmigo*” (25/03/1930); “*Fiaca radiotelefónica*” (26/03/1930) e “*Quería ser mi secretario*” (27/03/1930).

²¹⁹ O livro *Aguafuertes uruguayas y otros escritos* é composto pela nota de anúncio da viagem, por três das notas referidas anteriormente – “*Frente al viaje*”, “*Y me voy en martes*” e “*Ya estamos a bordo*” – e por dez dos catorze textos sobre o Uruguai. Não constam, portanto, as notas “*Como ministros*”, “*Elogio de la mujer uruguaya*”, “*Cartas que emocionan*” e “*Canciones ‘da terriña’*”. São publicados ainda a “*Autobiografía humorística de Roberto Arlt*” e outros seis textos do autor, publicados na *Don Goyo*, a saber: “*Epístola a los genios porteños*” (23/02/1926); “*El poeta triste*” (23/03/1926); “*Un fantástico compañero de viaje*” (31/08/1926); “*El dinamitero*” (07/09/1926); “*El gallinero matemático*” (29/06/1926) e “*Mi traje y el teniente coronel*” (02/03/1926).

*bastante inferiores a sus similares sobre la vida porteña*²²⁰. No dia 28 de março é publicada a nota “*Una carta olvidada*” como *Recuerdos porteños*.

Arlt ainda se encontra no Uruguai quando, no Brasil, termina a contagem dos votos das eleições presidenciais no dia 19 de março: com 1.091.709 votos, Júlio Prestes é eleito, contra os 742.794 votos recebidos por Getúlio Vargas (MEIRELLES, 2005; SCHWARCZ e STARLING, 2015), enquanto “Minervino de Oliveira recebera apenas 131 votos, número inferior ao de militantes inscritos no PCB. O vencedor conquistara 59,3% dos votos válidos, seu vice, Vital Soares, 1.079.360 votos; João Pessoa, o vice de Vargas, tivera 725.566” (MEIRELLES, 2005, p. 416). Dias depois, Arlt deixa o Uruguai e parte a bordo do *Darro* para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro no momento em que a chapa perdedora das eleições tratava, provavelmente, de articular a resistência. O escritor argentino sequer toca nesse tema em seus textos. Para ele, nada estava acontecendo no país.

Do trajeto entre Uruguai e Brasil tratam os textos “Rumo ao Brasil, de 1ª classe” e “Dou o oceano de presente”, publicados nos dias 31 de março e 1º de abril, respectivamente²²¹. No primeiro, Arlt relata certo incômodo ao tentar entrar no restaurante do *Darro* na hora do jantar, pelo fato de que estava vestido com um terno branco. Referindo-se ao sujeito que o mandou parar na entrada, Arlt relata: “E o muito ladino deve ter manjado que eu, apesar de viajar de primeira, tinha cara de passageiro de terceira [...]” (ARLT, 2013c, p. 250). Na nota “Dou o oceano de presente”, Arlt critica aqueles que em suas obras literárias “passam para as pessoas o conto das belezas do oceano” (ARLT, 2013c, p. 253). Além de não concordar com o que se escreve sobre a beleza do oceano, descreve os enjoos provocados pelo vai e vem das ondas: “a fraqueza que mal lhe permite caminhar vacilante, esse aniquilamento que tira toda sua energia, deixando-o reduzido a um doente de uma doença estúpida” (ARLT, 2013c, p. 254). Constata que não há, por fim, diversão a bordo de um navio: “– Acredite em mim: uma viagem ao Tigre é mais interessante do que a travessia dos dois oceanos” (ARLT, 2013c, p. 255), referindo-se ao canal do Tigre, em Buenos Aires.

²²⁰ “Notas apressadas e por certo bastante inferiores a suas similares sobre a vida portenha” (ROCCA, 2007, p. 69, tradução nossa).

²²¹ As referências a esses dois textos estão todas em português porque eles constam apenas na compilação organizada e traduzida por Maria Paula Gurgel Ribeiro (2013).

Passamos agora para a leitura das águas-fortes escritas já em terras brasileiras e que compõem o nosso *corpus* de pesquisa²²². Em geral, as águas-fortes cariocas iniciam-se com uma espécie de introdução, na qual temos uma afirmação, uma comparação ou mesmo um fato ou um diálogo, com o tema que será desenvolvido posteriormente. A água-forte “*Ya estamos en Río de Janeiro*”, publicada em 2 de abril de 1930, inicia-se com a fala do médico que acompanhou Arlt durante o trajeto entre o Uruguai e o Brasil, a bordo do *Darro*: “– *Vea la tierra brasileña – me dijo el médico que había sido mi compañero a bordo. Y miré. Y lo único que vi fueron, a lo lejos, unas sombras azuladas, altas, que parecían nubes. Y, mareado, volví a meterme en mi camarote*”²²³ (ARLT, 2013a, p. 15). Temos então a segunda parte da água-forte denominada “*Dos horas después*”, uma longa descrição da paisagem carioca, na qual a localização, apesar de já mencionada no próprio título, aparece ao final do segundo parágrafo: “*Y más lejos, cúpulas de porcelana celeste, dados rojos, cubos blancos: ¡Río de Janeiro! Una calle fría y larga al pie de la montaña: el paseo de Beira Mar*”²²⁴ (ARLT, 2013a, p. 15-16).

Logo no início do parágrafo seguinte, Arlt (2013a, p. 16) busca uma definição da paisagem: “*Todo el paisaje es liviano y remoto (aunque cercano), como la substancia de un sueño*”²²⁵. O paradoxo em relação às características que são atribuídas à paisagem pelo escritor torna-se compreensível por meio da comparação da paisagem contemplada com a substância do sonho. As comparações, como veremos, são um recurso muito utilizado por Arlt em suas descrições. Mais adiante ele descreve um forte, comparando-o a um molusco: “[...] *luego el barco vira y aparece un fuerte, igual a una enorme ostra de pizarra que flota en el agua.*”²²⁶ (ARLT, 2013a, p. 16).

Arlt descreve uma sequência de paisagens e cores, subidas e descidas da cidade que, segundo ele, é o “diamante do Atlântico”. Além das comparações já mencionadas, estabelece outras cujo referente será a Argentina. A comparação

²²² No que se refere aos títulos e à estrutura interna dos textos que compõem o nosso *corpus*, será considerada a obra *Aguafuertes cariocas* (2013), salvo esclarecimentos.

²²³ “– Veja a terra brasileira – me disse o médico que tinha sido meu companheiro a bordo. E eu olhei. E a única coisa que vi foram, ao longe, umas sombras azuladas, altas, que pareciam nuvens. E, mareado, tornei a me enfiar no meu camarote” (ARLT, 2013c, p. 256).

²²⁴ “E, mais longe ainda, cúpulas de porcelana celeste, dados vermelhos, cubos brancos: Rio de Janeiro! Uma rua fria e comprida ao pé da montanha: o passeio da Beira-Mar” (ARLT, 2013c, p. 256).

²²⁵ “A paisagem toda é leve e remota (embora próxima), como a substância de um sonho” (ARLT, 2013c, p. 256).

²²⁶ “Em seguida, o barco vira e aparece um forte, igual a uma enorme ostra de ardósia que flutua na água” (ARLT, 2013c, p. 256).

entre duas avenidas principais, a primeira das muitas que permearão as notas durante sua permanência no Brasil, em sua maioria partindo da observação da capital brasileira em relação à capital argentina, ora aproximando-as, ora distanciando-as:

*[...] perfectamente recta la Avenida de Río Branco, la Avenida de Mayo de Río, tan perfecta como la nuestra, con sus edificios pintados de color rosa, de color cacao, de color ladrillo, entoldados verdes, pasajes sombríos, árboles en las aceras, calles empapadas de sol de oro, toldos escarlatas, blancos, azules, ocre, **ruas** oblicuas, ascendentes, mujeres...*²²⁷ (ARLT, 2013a, p. 17)

Em relação à população, dois grupos que terão especial atenção do escritor nas demais águas-fortes aparecem já nesta primeira nota. Um deles é o dos negros que chamam constantemente a atenção do escritor. Nesta primeira água-forte o autor dedica um parágrafo para descrevê-los:

*Negros; negros de camiseta roja y pantalón blanco. Una camiseta roja que avanza movida por un cuerpo invisible; un pantalón blanco movido por unas piernas invisibles. Se mira y de pronto una dentadura de sandía en un trozo de carbón chato, con labios rojos...*²²⁸ (ARLT, 2013a, p. 17)

Outro grupo ao qual Arlt se dedica a descrever são as mulheres:

*Mujeres, cuerpos turgentes envueltos en tules; tules de color lila velando mujeres de color cobre, de color bronce, de color nácar, de color oro... Porque aquí las mujeres son de todos los colores y matices del prisma. Hay mujeres que tiran al tabaco rubio, otras al **rimmel**, y todas envueltas en tules, tules color de clavel y rosa. Tules, tules...*²²⁹ (ARLT, 2013a, p. 17-18)

²²⁷ “[...] perfeitamente reta a avenida Rio Branco, a avenida de Mayo do Rio, tão perfeita como a nossa, com seus edifícios pintados de cor-de-rosa, de cor de cacau, de cor de tijolo, toldos verdes, trechos sombrios, árvores nas calçadas, ruas empapadas de sol de ouro, toldos escarlates, brancos, azuis, ocre, ‘ruas’ oblíquas, ascendentes, mulheres...” (ARLT, 2013c, p. 257).

²²⁸ “Negros, negros de camiseta vermelha e calça branca. Uma camiseta vermelha que avança movida por um corpo invisível; uma calça branca movida por umas pernas invisíveis. Olha-se e, de repente, uma dentadura de melancia num pedaço de carvão liso, com lábios vermelhos...” (ARLT, 2013c, p. 257).

²²⁹ “Mulheres, corpos túrgidos envoltos em tules; tules lilases velando mulheres cor de nácar, cor de ouro... Porque aqui as mulheres são de todas as cores e matizes do prisma. Há mulheres que puxam para o tabaco, outras para o rímel, e todas envoltas em tules, tules cor de cravo e cor-de-rosa. Tules, tules...” (ARLT, 2013c, p. 257).

Percebe-se que ao tratar das mulheres Arlt também retorna à questão racial, no entanto, o corpo negro e invisível é substituído por um leque variado de tonalidades decorrentes de nossa diversidade étnico-racial. As imagens e as representações em relação às mulheres e aos negros nas *Águas-fortes cariocas* serão retomadas no capítulo seguinte.

Arlt (2013a, p. 18) encerra essa água-forte afirmando que deu, aos seus leitores, “*un pálida idea de lo que es Río de Janeiro... el Diamante del Atlántico*”²³⁰. De fato, Arlt busca uma síntese daquilo que é o Rio de Janeiro, no entanto, não se pode concordar que tenha sido uma “pálida ideia” diante da diversidade de cores e matizes mencionados pelo autor. Por outro lado, a expressão refere-se à brevidade e à imprecisão daquilo que descreve, e que tem seu significado expandido justamente por tratar-se de uma descrição repleta de cores a partir da qual podemos considerar que para Arlt, mesmo diante de seus esforços por transmitir a paisagem, em relação a esta, o seu relato deixaria de incluir muitos detalhes.

Em “*Costumbres cariocas*”, a segunda água-forte escrita já na cidade e publicada no dia 3 de abril de 1930, Arlt inicia sua nota da seguinte forma: “*definiendo para siempre Río de Janeiro yo diría: una ciudad de gente decente. Una ciudad de gente bien nacida. Pobres y ricos.*”²³¹ (ARLT, 2013a, p. 19). Seguem esta afirmação quatro exemplos de honestidade e respeito das pessoas, principalmente com relação às mulheres e tomando como base a grosseria com a qual as tratam, segundo o escritor, em seu país.

No primeiro exemplo, o escritor narra que, ao sair pela manhã, quando o comércio ainda se encontrava fechado, observou que em cada porta havia uma garrafa de leite e um embrulho de pão. Arlt constata admirado que passavam por ali negros e gente humilde, e ninguém carregava o leite ou o pão, o que evidencia certo preconceito do escritor supondo que, se alguém fosse roubar os itens das portas, seriam as pessoas mais pobres, especialmente os negros.

O escritor estabelece um diálogo com o seu leitor, supondo inclusive o que este possa estar pensando: “*¿Qué novela es la que hoy nos cuenta Arlt?*”²³² (ARLT, 2013a, p. 19). Percebe-se que ele reconhece a possibilidade de que seus leitores duvidem daquilo que ele relata, identificando assim a sua escrita como ficção e não

²³⁰ “Uma pálida ideia do que é o Rio de Janeiro... o Diamante do Atlântico” (ARLT, 2013c, p. 257).

²³¹ “Definindo para sempre o Rio de Janeiro, eu diria: Uma cidade de gente decente. Uma cidade de gente bem-nascida. Pobres e ricos” (ARLT, 2013c, p. 258).

²³² “Que história é essa que o Arlt está nos contando hoje” (ARLT, 2013c, p. 258).

como realidade. Adiante, o argentino afirma que precisou ver para acreditar, e também precisou ver para acreditar em outras coisas, como irá relatar nos exemplos que seguem.

O segundo exemplo refere-se ao modo como ocorrem os passeios de bonde. Arlt relata que ao subir, o próprio passageiro, ou o cobrador, é quem marca o controle de passageiros. Diz ainda que não puxando o cordão, observou que o cobrador o fazia, ao contrário do que ele imaginou que poderia ocorrer, ou seja, que o cobrador pudesse embolsar a diferença. Além disso, a cobrança da passagem ocorre quando o passageiro chama o cobrador, e não o contrário. Arlt novamente imagina um possível pensamento do leitor argentino que o acompanha por meio de suas notas, questionando novamente: “¿Qué novela es la que me cuenta Arlt hoy?”²³³ (ARLT, 2013a, p. 20). Apesar da possível estranheza que tais informações possam suscitar no leitor, Arlt (2013a, p. 20) afirma: “Y estamos en una ciudad de América del sur, querido amigo; a mil seiscientos kilómetros de Buenos Aires. Nada más.”²³⁴.

Os dois exemplos seguintes se referem às observações de respeito em relação às mulheres. Arlt relata que, diante de tais questões, deixará para descrever a paisagem em outro momento, pois sua atenção, e também a de seus leitores, supõe o escritor, está voltada para essa outra realidade, estabelecendo um contínuo diálogo com seus leitores: “Sean sinceros. ¿Se justifican esas palabras con que definía Río de Janeiro como una ciudad de gente decente y bien nacida?”²³⁵ (ARLT, 2013a, p. 21). Após os quatro exemplos relatados, que buscam validar a sua constatação inicial, na última parte do texto, “*Ciudad del respeto*”, o autor conclui:

Escribo bajo una extraña impresión: no saber si estoy bien despierto. Circulo por las calles y no encuentro mendigos; voy por barrios aparentemente facinerosos y donde miro sólo hallo esto: respeto por el prójimo.

Me siento en un café. Un desconocido se acerca, me pide una silla desocupada y luego se descubre. Entro a otro café. Una muchacha sola bebe su refresco de chocolate y a nadie le preocupa. Yo soy el

²³³ “– Que história é essa que o Arlt está me contando hoje?” (ARLT, 201c, p. 258).

²³⁴ “E estamos numa cidade da América do Sul, querido amigo; a mil e seiscientos quilômetros de Buenos Aires. Mais nada” (ARLT, 2013c, p. 259).

²³⁵ “Sejam sinceros. Justificam-se essas palavras com que eu definia o Rio de Janeiro? Uma cidade de gente decente e bem-nascida?” (ARLT, 2013c, p. 259).

*único que la mira con insistencia; es decir, soy el único maleducado que hay allí.*²³⁶ (ARLT, 2013a, p. 22)

Neste trecho, Arlt procura dar um panorama acerca daquilo que chama sua atenção no que se refere ao *status quo* brasileiro, ou seja, o respeito que observa entre as pessoas. Como vimos, para validar a sua afirmação, a qual introduz o assunto desta nota, Arlt retrata quatro cenas do cotidiano. As duas primeiras se referem ao respeito às normas, ou talvez a uma moral coletiva onde prevaleça a honestidade, enquanto as outras duas se referem ao respeito em relação à mulher especificamente. Tal característica é comentada em vários outros trechos, na maioria das vezes por meio de comentários generalizantes, principalmente quando se refere ao respeito em relação às mulheres no Brasil.

A água-forte “*De todo un poco*”, publicada em 4 de abril de 1930, está dividida em três partes: a primeira, sem subtítulo, detém-se a analisar o valor de um “*peso moneda nacional*”, medida monetária vigente na Argentina entre 1881 e 1969, nas duas capitais. Enquanto em Buenos Aires a quantia é o necessário para pegar o bonde, no Rio de Janeiro, é possível fazer o mesmo com apenas três centavos de peso, que na capital portenha não servem para nada. Arlt relata que os três centavos em moeda argentina recebem no Brasil o nome de “*testón*”. Na verdade, trata-se de uma tentativa de Arlt de transcrever a palavra “*tostão*”, forma pela qual era denominada a moeda de cem réis. Ainda no mesmo parágrafo Arlt utiliza-se da palavra “*ruas*”, escrita em português do Brasil.

No parágrafo seguinte ele relata que o preço de um café é de seis centavos em moeda argentina e que não há gorjeta, pois “*ni el mismísimo Presidente de los Estados Unidos del Brasil daría propina*”²³⁷ (ARLT, 2013a, p. 23), ignorando, assim, do que vivem os garçons. Ao final, Arlt (2013a, p. 23) afirma: “*lo único que puedo asegurarle es que no existe aquí ni sombra de Partido Socialista y los comunistas suman un partido de escasísimas personas, a las que la policía persigue*

²³⁶ “Escrevo sob uma estranha impressão: não saber se estou bem acordado. Circulo pelas ruas e não encontro mendigos; vou por bairros aparentemente facinorosos e onde olho só acho isto: respeito para com o próximo. Sento num café. Um desconhecido se aproxima, pede uma cadeira desocupada e, em seguida, tira o chapéu. Entro em outro café. Uma moça sozinha bebe seu refresco de chocolate e ninguém se preocupa com ela. Eu sou o único que a olha com insistência; ou seja, sou o único maleducado que há ali” (ARLT, 2013c, p. 260).

²³⁷ “Nem o próprio presidente dos Estados Unidos do Brasil daria gorjeta” (ARLT, 2013c, p. 261).

*concienzudamente*²³⁸. Trata-se da primeira menção que o escritor faz em relação à situação social e política brasileira e, ainda que parcialmente equivocada, será retomada nas notas posteriores.

Na segunda parte, Arlt informa ao leitor uma lista de itens e seus respectivos preços no Brasil, os quais se pagam com alguns centavos: sanduíches, chope, cigarros, etc. Ao final, uma comparação: *“una comida de tres platos, postre, que en Buenos Aires pagamos dos pesos; cincuenta centavos. Concurren familias a estos restaurantes*²³⁹ (ARLT, 2013a, p. 24).

Segundo Arlt (2013a, p. 25), *“el sibaritismo brasileño, la voluptuosidad portuguesa y negra, ha inventado sorbetes que son un poema de perfume, color y sabor*²⁴⁰. Termina a nota exaltando tais sobremesas e buscando explicações para tais maravilhas: *“Y así todas estas frutas, sorbetes, postres, helados. A pesar del frío que los empapa en su substancia, son tremendamente cálidos, debe haberlos creado un demonio... el demonio de las sensualidades botánicas. Si no, no se explica...”*²⁴¹ (ARLT, 2013a, p. 26).

A água-forte *“En la caverna de un compatriota”*, publicada em 5 de abril de 1930, está dividida em duas partes: na primeira, Arlt exterioriza seu sentimento por estar distante de sua cidade natal: *“Estoy triste lejos de este Buenos Aires del que me acuerdo a toda hora.”*²⁴² (ARLT, 2013a, p. 27). Relata ainda que não está disposto a discutir a paisagem e que o faria posteriormente: *“mañana, pasado o cualquier otro día me ocuparé del maravilloso bazar que es Río de Janeiro. Sí, un bazar oriental de mil colores.”*²⁴³ (ARLT, 2013a, p. 27). Observar o Rio de Janeiro como um “bazar oriental” é, talvez, uma definição a partir do seu olhar, e consequentemente da sua biblioteca acerca daquilo que ele considera exótico, mais do que de suas características tais como se apresentam.

²³⁸ “A única coisa que posso garantir é que aqui não existe nem sombra de partido socialista e os comunistas formam um partido de escassíssimas pessoas, as quais a polícia persegue conscienciosamente” (ARLT, 2013c, p. 261).

²³⁹ “Uma refeição de três pratos, sobremesa, que em Buenos Aires pagamos dois pesos, cinquenta centavos. Famílias frequentam esses restaurantes” (ARLT, 2013c, p. 261).

²⁴⁰ “O sibaritismo brasileiro, a voluptuosidade portuguesa e negra, inventou sorvetes que são um poema de perfume, cor e sabor” (ARLT, 2013c, p. 262).

²⁴¹ “E assim todas essas frutas, refrescos, sobremesas, sorvetes. Apesar do frio que os empapa em sua substância, são tremendamente cálidos; devem ter sido criados por um demônio... o demônio das sensualidades botânicas. Senão, não há explicação” (ARLT, 2013c, p. 263).

²⁴² “Estou triste, longe desta Buenos Aires da qual me lembro o tempo todo” (ARLT, 2013c, p. 264).

²⁴³ “Amanhã, depois de amanhã ou qualquer outro dia eu me ocuparei do maravilhoso bazar que é o Rio de Janeiro. Sim, um bazar oriental de mil cores” (ARLT, 2013c, p. 264).

Arlt trata ainda das questões relacionadas ao fazer jornalístico. Primeiramente, ele menciona o fato de escrever a nota em questão na redação do diário *O Journal (sic)*, no Rio de Janeiro. Trata-se, na verdade, da redação do diário matutino *O Jornal*, fundado em 1919. Depois de fracassadas tentativas de compra de outros jornais – por trás das quais estava o então presidente Bernardes, a quem se opunha – Assis Chateaubriand consegue comprar *O Jornal* de Renato Toledo Lopes por seis mil contos de réis, no dia 30 de outubro de 1924 (MORAIS, 1997), sendo este o primeiro jornal do que viria a tornar-se os *Diários Associados*. Em seguida, o argentino compara sua atividade com a dos monges: “*Escribo desde la redacción del O Journal (sic). Nosotros, los periodistas, somos como los monjes. Donde vamos encontramos la casa, es decir, el papel y tinta y los camaradas que trabajan igual que uno, renegando del oficio que tanto amamos.*”²⁴⁴ (ARLT, 2013a, p. 27). Discutir o contexto de sua escritura, seja enquanto escritor, seja enquanto jornalista, é uma postura recorrente nas notas arltianas.

Na segunda parte, Arlt nos relata o seu encontro com um amigo portenho que mais parece ser um de seus personagens, sobretudo porque, tal como Erdosain, o inventor de *Los siete locos* (1929), ou Silvio Astier, personagem de *El juguete rabioso* (1926), o amigo argentino menciona projetos por meio dos quais acredita que alcançará a ascensão social desejada.

Além disso, o próprio Arlt compara-o com personagens fictícios da literatura: “*Al desembarcar en Río me esperaba un amigo porteño. Cierta viejo astuto y sutil en mañas como Ulises, el ligero de pies y manos*”²⁴⁵ (ARLT, 2013a, p. 28). Diante dessa primeira comparação, o escritor novamente trata da questão do fazer jornalístico, agora comparando os jornalistas a certas mulheres; ele afirma: “*tenemos que sonreírle al público, aunque nos llore el corazón*”²⁴⁶ (ARLT, 2013a, p. 28).

Mais adiante, diz que o amigo o faz lembrar-se de uma frase de Quevedo: “*De donde él salía, la mitad de la gente se quedaba llorando, y la otra mitad riéndose de los que lloraban.*”²⁴⁷ (ARLT, 2013a, p. 28). Trata-se de uma

²⁴⁴ “Nós, os jornalistas, somos como os monges. Aonde vamos encontramos a casa, isto é, o papel e a tinta e os camaradas que trabalham como nós, renegando do ofício que tanto amamos” (ARLT, 2013c, p. 264).

²⁴⁵ “Ao desembarcar no Rio, um amigo portenho estava me esperando. Um velho astuto e sutil em manhas como Ulisses, o ligeiro de pés e mãos” (ARLT, 2013c, p. 264).

²⁴⁶ “Temos que sorrir para o público, embora o nosso coração esteja chorando” (ARLT, 2013c, p. 264).

²⁴⁷ “De onde ele saía, a metade das pessoas ficava chorando e a outra metade rindo dos que choravam” (ARLT, 2013c, p. 264).

comparação entre o amigo portenho e o personagem segoviano Pablo, de *Historia de la vida del Buscón*, quem narra: “*Al fin, yo salí tan bienquisto del pueblo que dejé con mi ausencia a la mitad dél llorando, y la otra mitad riyéndose de los que lloraban.*”²⁴⁸ (QUEVEDO, 1960, p. 92).

Outro diálogo intertextual aparece logo em seguida, quando Arlt menciona o Velho Vizcacha, referindo-se ao personagem da segunda parte da obra *Martín Fierro* (1879), de José Hernández (1834-1886). Um dos capítulos da obra citada denomina-se “*Consejos del viejo Vizcacha*”, com a qual Arlt (2013a, p. 28) dialoga ironicamente: “*creo que mi amigo hasta podría darle lecciones al viejo Vizcacha*”²⁴⁹. Apesar de ser o personagem ladino quem dá os conselhos em *Martín Fierro*, Arlt afirma que seu amigo poderia dar lições ao Velho Vizcacha, colocando-o como conselheiro do malandro, ou seja, enfatizando ainda mais as artimanhas do portenho que reside no Brasil.

O amigo portenho oferece hospedagem a Arlt, que aceita o convite; no entanto, de acordo com o escritor: “*Es una casa, en el sentido arquitectónico y edilicio también. Pero... pero no tiene muebles la dicha casa. Colchones en el suelo, paquetes de libros sin desenvolver, sábanas sucias extraviadas en los rincones*”²⁵⁰ (ARLT, 2013a, p. 28). Também vive na casa um senhor português, cuja fala Arlt descreve tal como escuta em alguns trechos.

Arlt evidencia, em tom por vezes irônico, o seu descrédito em relação às vantagens que seu amigo diz ter e também em relação às intenções deste em sair da miséria, retratadas nesta e em uma nota posterior, denominada “*Porqué vivo en un hotel*” (16/04/1930). Ao final da primeira nota sobre o compatriota, Arlt (2013a, p. 30) indaga: “*Pero, en síntesis: ¿qué es la vida? ¿Novela, drama, sainete, bufonada o qué? Y yo no sé qué contestarme. Comprendo que el misterio nos rodea, que el misterio es tan profundo como la ingenuidad del proveedor de mi amigo*”²⁵¹.

Observa-se que nesta nota a primeira parte e a segunda não estão diretamente relacionadas, como ocorre em sua maioria. Além disso, as

²⁴⁸ “No fim, eu saí tão bem visto do povoado que deixei com a minha ausência metade dele chorando, e a outra metade rindo daqueles que choravam” (QUEVEDO, 1960, p. 92, tradução nossa).

²⁴⁹ “Acredito que o meu amigo até poderia dar lições ao velho Viscacha” (ARLT, 2013c, p. 264).

²⁵⁰ “É uma casa no sentido arquitetônico e idílico também. Mas... Mas a tal casa não tem móveis. Colchões no chão, pacotes de livros sem desembulhar, lençóis sujos perdidos nos cantos” (ARLT, 2013c, p. 264).

²⁵¹ “Mas, em síntese: o que é a vida? Romance, drama, sainete, bufonaria, ou o quê? E eu não sei o que responder. Compreendo que o mistério nos rodeia; que o mistério é tão profundo como a ingenuidade do provedor do meu amigo...” (ARLT, 2013c, p. 266).

comparações que o autor realiza entre o portenho e os personagens literários mencionados, e a aproximação ao final em relação à vida como arte, nos permitem pensar que o amigo é um personagem, criado por Arlt, ou ainda ficcionalizado pelo autor, diante de seu desânimo com relação ao fazer jornalístico – o qual comenta em dois momentos, como vimos – que talvez resolva dedicar-se ao fazer literário, cujas fronteiras, no caso arltiano, são sempre muito tênues, impossíveis mesmo de se traçar.

A água-forte “*Hablemos de cultura*”, publicada em 6 de abril de 1930, está dividida em três partes: na primeira, Arlt retoma o panorama de respeito encontrado no Rio de Janeiro, sobre o qual enfatiza: “*La vida, así, es muy linda*”²⁵² (ARLT, 2013a, p. 31). No entanto, é contraditório que, ao afirmar que não buscará as razões históricas para explicar algumas das questões culturais observadas, o faça dizendo: “*yo no tengo nada que ver con la literatura ni el periodismo. Soy un hombre de carne y hueso que viaja, no para hacer literatura en su diario, sino para anotar impresiones*”²⁵³ (ARLT, 2013a, p. 31). É contraditória tal afirmação, uma vez que o ato de anotar impressões acerca daquilo que se observa dos países visitados pelos escritores-viajantes, no caso arltiano, está intrinsecamente ligado à produção literária no contexto dos relatos de viagem. Além disso, a escrita de seus relatos de viagem tem como finalidade a publicação em jornal, tanto que na nota de anúncio da viagem o próprio Arlt narra que o diretor do diário o envia em viagem para escrever, como vimos no início deste capítulo.

Na parte seguinte o escritor continua descrevendo o que ele denomina como “atmosfera de educação”, afirmando que tais observações não são o resultado do seu entusiasmo ou do seu assombro, mas da sua comoção, e repete: “*La vida, así, es muy linda*”²⁵⁴ (ARLT, 2013a, p. 32). Para Arlt (2013a, p. 32), o Rio “*tiene un tráfico y un público dentro de su extensión, proporcional al de Buenos Aires*”²⁵⁵, com apenas uma diferença: “*en las bocacalles, usted levanta la vista y se encuentra con un cerro verde dorado de nubes y una palmera en lo alto, con sus cuatro ramas*

²⁵² “A vida, assim, é muito linda” (ARLT, 2013c, p. 267).

²⁵³ “Eu não tenho nada a ver com a literatura nem com o jornalismo. Sou um homem de carne e osso que viaja, não para fazer literatura no seu jornal e, sim, para anotar impressões” (ARLT, 2013c, p. 267).

²⁵⁴ “A vida, assim, é muito linda” (ARLT, 2013c, p. 267).

²⁵⁵ “Tem um tráfego e um público dentro de sua extensão proporcional ao de Buenos Aires” (ARLT, 2013c, p. 267).

*reticulando lo azul*²⁵⁶ (ARLT, 2013a, p. 32). Remetendo-nos à paisagem como diferença entre as cidades portenha e carioca, o que não justificaria os contrastes do comportamento relatado, Arlt antecipa as observações da última parte dessa nota, que se inicia com o questionamento: “¿Son distintos los brasileños de nosotros?”²⁵⁷ (ARLT, 2013a, p. 32). E responde afirmativamente à pergunta:

*Sí, son distintos en lo siguiente: tienen una educación tradicional. Son educados, no en la apariencia o en la forma, sino que tienen el alma educada. Son más corteses que nosotros, y sólo se puede comprender el sentido verdadero de la cortesía por la sensación de reposo que reciben nuestros sentidos. Es como si de pronto usted, acostumbrado a dormir sobre adoquines, recibiera para acostarse un colchón.*²⁵⁸ (ARLT, 2013a, p. 32-33)

Arlt segue sua observação considerando as diferenças entre o comportamento de duas realidades distintas, ou seja, o Rio de Janeiro e Buenos Aires, e, diante das várias diferenças que constata, o escritor pondera uma afirmação:

*Si no fuera demasiado aventurado lo que voy a decir, al siempre correr, no de la pluma, sino de las teclas de la máquina de escribir, lo transformaría en una categórica afirmación. Se me ocurre que de todos los países de nuestra América, el Brasil es el menos americano, por ser, precisamente, el más europeo.*²⁵⁹ (ARLT, 2013a, p. 34)

Percebe-se neste trecho, evidentemente carregado de ironia, que o escritor considera que talvez a sua afirmação seja precipitada, justificando-se pela prática da escrita o porquê de não se tratar, portanto, de uma afirmação categórica. No entanto, Arlt não conhece outros países da América, além da Argentina e do Uruguai, e não os chegou a visitar, como pretendia, pois após sua breve passagem

²⁵⁶ “Nas esquinas, você levanta a vista e encontra-se com um morro verde dourado de nuvens e uma palmeira no topo, com seus quatro galhos reticulando o azul” (ARLT, 2013c, p. 267).

²⁵⁷ “Os brasileiros são diferentes de nós?” (ARLT, 2013c, p. 268).

²⁵⁸ “Sim, são diferentes no seguinte: Eles têm uma educação tradicional. São educados, não na aparência ou na forma e, sim, têm a alma educada. São mais corteses que nós, e só se pode compreender o sentido verdadeiro da cortesia pela sensação de repouso que os nossos sentidos recebem. É como se de repente você, acostumado a dormir sobre paralelepípedos, recebesse um colchão para se deitar” (ARLT, 2013c, p. 268).

²⁵⁹ “Se não fosse aventureiro demais o que vou dizer, sempre na correria, não da caneta, mas das teclas da máquina de escrever, eu transformaria isso numa categórica afirmação. Acaba de passar pela minha cabeça que, de todos os países da nossa América, o Brasil é o menos americano por ser, exatamente, o mais europeu” (ARLT, 2013c, p. 268).

pelo Brasil retornou a Buenos Aires, antecipando o fim de sua viagem devido à premiação de uma de suas obras de ficção. Arlt também não conhecia a Europa, e somente em 1935 viajaria à Espanha e ao norte da África. Desta forma, é possível que Arlt reconheça ainda que, embora possa saber muito acerca das outras realidades, isso não o permite afirmar sua convicção categoricamente. Ainda assim, sua afirmação revela o pensamento, observado também nas narrativas dos viajantes argentinos que estiveram no Brasil, de que a aproximação com o continente europeu demonstra uma suposta superioridade da nação à qual se referem tais comentários. Ao final, ele retoma a paisagem, colocando-a novamente em segundo plano: “*Y el paisaje es lindo; las montañas azules, los árboles... Pero, ¿qué importancia puede tener el paisaje ante las bellas cualidades del pueblo?*”²⁶⁰ (ARLT, 2013a, p. 34).

Enquanto nas águas-fortes uruguaias há a nota “*La calle del pecado*” (18/03/1930), na qual Arlt descreve uma rua montevideana, a rua *Yerbal*, a partir da memória do filme que dá título ao texto, no Brasil, escreve a nota “*Los pescadores de perlas*”, publicada em 7 de abril de 1930, na qual Arlt se refere ao espaço público observado como a “pracinha dos Pescadores de Pérolas”, porque diante deste espaço ele diz recordar-se e reconhecer as cenas de um romance do escritor italiano Emílio Salgari (1862-1911), *A pérola sangrenta* (1905). A imagem é descrita por Arlt a partir da cena presenciada, recuperando as memórias construídas através da imaginação, recordando a leitura do livro em questão aos treze anos, “*bajo la tabla del pupitre de la escuela mientras el maestro explicaba un absurdo teorema de geometría*”²⁶¹ (ARLT, 2013a, p. 35), de forma que o Brasil é retratado a partir da descrição de um exótico ambiente oriental imaginado por um escritor italiano.

Arlt relata ainda o seu caminhar na rua da Carioca, descrevendo a paisagem natural e humana que ali encontra, “*perplejo y entusiasmado frente a la riqueza de color*”²⁶² (ARLT, 2013a, p. 36). Mais adiante, adentra à praça que o faz recordar-se dos pescadores de pérolas, de *A pérola sangrenta*: “*el mismo rincón de la novela de Salgari, la misma mugre cargada de un hedor penetrantísimo, cáscaras de bananas*

²⁶⁰ “E a paisagem é linda; as montanhas azuis, as árvores... Mas que importância pode ter a paisagem diante das belas qualidades do povo?” (ARLT, 2013c, p. 269).

²⁶¹ “Sob a tábua da carteira da escola, enquanto o professor explicava um absurdo teorema de geometria” (ARLT, 2013c, p. 270).

²⁶² “Perplexo e entusiasmado diante da riqueza de cores” (ARLT, 2013c, p. 270).

y tripas de pez.”²⁶³ (ARLT, 2013a, p. 37). Para Arlt (2013a, p. 38), “*la plazoleta de agua bien podría situarse en el África, en Ceilán o cualquier rincón de Oriente*”²⁶⁴.

Ao recuperar cenas de um romance de aventuras cujas ações transcorrem em países exóticos e distantes para descrever uma praça do Rio de Janeiro, o escritor argentino dialoga com sua biblioteca particular talvez mais no intuito de alcançar o seu propósito, mencionado na primeira nota, de adentrar aos bairros exóticos, do que de efetivamente retratar a paisagem contemplada. Trata-se ainda de deter-se sobre a paisagem, intenção mencionada em nota anterior, na qual afirma não estar disposto a fazê-lo naquele momento e que o faria no dia seguinte. Desta forma, cabe questionarmos se, ao referir-se ao Rio de Janeiro como um “bazar oriental”, Arlt não estaria observando a cidade a partir de suas leituras, acerca daquilo que ele considera exótico mais do que de suas características tais como se apresentam.

Na água-forte “*La ciudad de piedra*”, publicada em 8 de abril de 1930, Arlt (2013a, p. 39) afirma que: “*hay momentos en que, paseando por estas calles, uno termina por decirse: - Los portugueses han fabricado casas para la eternidad. ¡Qué bárbaros!*”²⁶⁵. Segundo Arlt, nos comentários seguintes acerca da estrutura das construções, estas são, em geral, de pedra: “*En bloques descomunales. En bloques que fueron trabajados en la época del Segundo Imperio por negros y artesanos portugueses*”²⁶⁶ (ARLT, 2013a, p. 40). No entanto, nos bairros novos, as construções são modernas, feitas em tijolos.

As descrições e comentários aparecem tendo como contraponto a realidade argentina: “*como en nuestra ciudad*”, “*que en nuestro país*” ou “*veo demoliciones que asombrarían a nuestros arquitectos*”²⁶⁷ (ARLT, 2013a, p. 39-40), como forma de aproximar o leitor da realidade brasileira, seja por meio das semelhanças ou mesmo das diferenças. Em tais comparações, predomina sempre uma narrativa descritiva da paisagem contemplada:

²⁶³ “O mesmo recanto da novela de Salgari, a mesma imundície carregada de um fedor muito penetrante, cascas de banana e tripas de peixe” (ARLT, 2013c, p. 271).

²⁶⁴ “A pracinha de água bem podia estar situada na África, no Ceilão ou em qualquer canto do Oriente” (ARLT, 2013c, p. 271).

²⁶⁵ “Há momentos em que, passeando por essas ruas, a gente acaba dizendo: - Os portugueses fabricaram casas para a eternidade. Que bárbaros!” (ARLT, 2013c, p. 273).

²⁶⁶ “Em blocos descomuns. Em blocos que foram trabalhados na época do segundo império, por negros e artesãos portugueses” (ARLT, 2013c, p. 273).

²⁶⁷ “Como na nossa cidade”, “que no nosso país” ou “vejo demolições que espantariam os nossos arquitetos” (ARLT, 2013c, p. 273).

La casa, así como en Buenos Aires – en nuestro arrabal – el tipo de vivienda es un jardín de cuatro o cinco por cuatro, seguido de tres o cuatro piezas con galería, la casa, aquí en Río de Janeiro, saliendo de la Avenida Río Branco (nuestra Avenida de Mayo), es de frente liso, con balconadas separadas quince centímetros de ese frente, es decir, casi pegadas a él. Ventanas perfectamente cuadradas y el portal, o mejor dicho las columnas que soportan las puertas, es de granito.²⁶⁸ (ARLT, 2013a, p. 40-41)

Em outro parágrafo Arlt abandona a descrição da arquitetura para retratar cenas cotidianas das pessoas, possíveis de se enxergar da rua, como duas moças costurando ou ainda um casal jantando. Essa digressão é logo percebida e descartada pelo escritor: *“volviendo a las casas (dejémonos de digresiones), este conjunto uniforme, pintado de lo que yo llamaría colores agrios y marítimos porque tienen la misma brutalidad que el azul de las camisas marineras [...]”*²⁶⁹ (ARLT, 2013a, p. 42). Esse comentário reflete o processo de uma escrita rápida, anteriormente mencionada por Arlt, sobre o correr das teclas de sua máquina de escrever, que não sendo possível “apagar” textualmente e não sendo redigida novamente, ao ser percebida, é informada ao leitor quase como “desvio” daquilo que estava sendo tratado, retomando os comentários sobre a arquitetura das casas.

A água-forte *“¿Para qué?”*, publicada em 9 de abril de 1930, está dividida em três partes, sendo que a primeira se refere ao comentário de um colega: *“Me escribe un amigo del diario: ‘Estoy extrañando que no haya visitado en el Uruguay, ni dé señales de hacerlo allí, en el Brasil, a los intelectuales y escritores. ¿Qué le pasa?’”*²⁷⁰ (ARLT, 2013a, p. 45). Dedicada, então, a segunda parte da nota para responder quais seriam os motivos de sua decisão: *“En realidad no me pasa nada; pero yo no he salido a recorrer estos países para conocer gente que de un modo u*

²⁶⁸ “A casa, assim como em Buenos Aires, – no nosso arrabalde –, o tipo de moradia é um jardim de quatro ou cinco por quatro, seguido de três ou quatro cômodos com galeria; a casa aqui no Rio de Janeiro, saindo da avenida Rio Branco (nossa avenida de Mayo), tem a fachada lisa, com sacadas separadas quinze centímetros dessa fachada, ou seja, quase grudadas nela. Janelas perfeitamente quadradas, e o portal, ou melhor, as colunas que sustentam as portas são de granito” (ARLT, 2013c, p. 274).

²⁶⁹ “Voltando às casas (deixemos de digressões), esse conjunto uniforme, pintado do que eu chamaria de cores cítricas e marítimas, porque têm a mesma brutalidade das camisas marinheiras [...]” (ARLT, 2013c, p. 274).

²⁷⁰ “Estou estranhando que você não tenha visitado no Uruguai, nem dê sinais de fazê-lo aí, no Brasil, os intelectuais e escritores. O que é que há com você?” (ARLT, 2013c, p. 276).

otro se empeñarán en demostrarme que sus colegas son unos burros y ellos unos genios”²⁷¹ (ARLT, 2013a, p. 45).

Em seguida, Arlt (2013a, p. 45) informa que: “*En un diario de Buenos Aires, número atrasado, traspapelado en la Redacción de un periódico de Río, leo un poema de una poetisa argentina sobre Río de Janeiro*”²⁷². O escritor se refere à senhora argentina, no entanto, sem identificá-la. Apesar disso, é provável que esteja se referindo a Alfonsina Storni (1892-1938), uma vez que, buscando informações sobre escritoras argentinas que teriam viajado no período, encontramos dados referentes à viagem da escritora para a Europa, em 1930²⁷³, com escala no Rio de Janeiro. Os textos “*Diario de viaje*” (09/03/1930) e “*Diario de navegación*” (16/02/1930) foram publicados em *La Nación* e compilados posteriormente no livro *Obras - Poesía - Tomo I* (1999). Em “*Río de Janeiro*”, lemos:

*Azul ceñido de mar. Pardo de montañas. Blanco de espumas. Verde de enredaderas. Laderas sembradas de viviendas. Rosa. Edificios grises. Rejas negras. Trajes amarillos. Palabras musicales. Vehículos afiebrados. Cuerpos bellos semidesnudos. Negros estupendos. Mujeres embriagadoras. Playas de oro anchas, largas, infinitas. Arrollados de olas esmeraldas destorciéndose en las orillas. Sol. Sol. Más sol. Arcos de dientes salpicando de nieve el torbellino azul, el torbellino verde, el torbellino dorado. Hamaca el cuerpo, hamaca los sueños, hamaca las ideas. No está fija, no. Se balancea con su mar, sus montañas, sus casas, sus árboles y sus hombres.*²⁷⁴ (STORNI, 1999, p. 656)

Apesar das críticas do escritor em relação ao que descreveu a poetisa, segundo ele, “*Una montañita y nada más*”²⁷⁵ (ARLT, 2013a, p. 48), o texto da autora

²⁷¹ “Na realidade não há nada; mas eu não saí para percorrer esses países para conhecer gente que de um modo ou de outro se empenhará em me demonstrar que seus colegas são uns burros e eles uns gênios” (ARLT, 2013c, p. 276).

²⁷² “Num jornal de Buenos Aires, número atrasado, perdido entre papéis na redação de um jornal do Rio, leio um poema de uma poeta argentina, sobre o Rio de Janeiro” (ARLT, 2013c, p. 276).

²⁷³ Rocha (2013) informa que a primeira viagem de Alfonsina Storni à Europa ocorre em 1930, e cita, dentre outros, os textos “*Diario de viaje*” e “*Diario de navegación*”, ao referir-se à prosa poética da autora. Em *Alfonsina Storni: escritora y periodista. Análisis de dos crónicas de viaje publicadas en La Nación*, Mendez (2007) realiza uma leitura de “*Diario de viaje*”.

²⁷⁴ “Azul cingido de mar. Pardo de montanhas. Branco de espumas. Verde de trepadeiras. Ladeiras semeadas de moradias. Rosa. Edifícios cinzas. Grades pretas. Trajes amarelos. Palavras musicais. Veículos aquecidos. Belos corpos seminus. Negros estupendos. Mulheres embriagadoras. Praias de ouro largas, compridas, infinitas. Enroladas de ondas esmeraldas desmanchando-se na costa. Sol. Sol. Mais sol. Arcos de dentes salpicando de neve o redemoinho azul, o redemoinho verde, o redemoinho dourado. Balança o corpo, balança os sonhos, balança as ideias. Não está fixa, não. Balanceia com o seu mar, suas montanhas, suas casas, suas árvores e seus homens” (STORNI, 1999, p. 656, tradução nossa).

²⁷⁵ “Uma montanhazinha e nada mais” (ARLT, 2013c, p. 278).

possui elementos muito semelhantes à primeira nota escrita por Arlt no Brasil – na qual se lê: “*Un semicírculo de montañas, que parecen espectrales, levianas como aluminio azul, crestadas delicadamente por un borde verde. El agua ondula aceitosidades de color sauce; en otras, junto a los peñascos rosas, tiene reflejos de vino aguado*”²⁷⁶ (ARLT, 2013a, p. 15) –, seja pela descrição da paisagem, com suas montanhas e cores, seja pela presença de mulheres e negros.

Seguindo sua justificativa acerca dos motivos de não se encontrar com escritores e intelectuais, Arlt narra ainda que, ao chegar ao Rio, fora entrevistado por alguns jornalistas e que, no *Diario de la Noite*, publicaram uma reportagem na qual o fizeram dizer muitas coisas que ele nunca tinha sequer pensado, dentre elas: “*que mi director me invitó a ‘hacer una visita a patria do venerado Castro Alves’*”²⁷⁷ (ARLT, 2013a, p. 46).

Em nota anterior, o escritor afirmara que escrevia suas notas na redação do diário *O Jornal*; nesta outra, menciona uma entrevista com alguns jornalistas. Na verdade, foram publicadas, pelo menos, duas entrevistas do escritor nos jornais brasileiros – as quais reproduzimos nos anexos I e II deste trabalho – além de uma pequena nota sobre os desembarques no porto. Em *O Jornal*, é publicada no dia 25 de março de 1930 uma matéria intitulada “O Rio de Janeiro é o diamante do Atlantico”, cuja analogia entre a cidade carioca e a beleza de um diamante fora mencionada, como vimos, na primeira nota arltiana escrita sobre o Rio de Janeiro. A origem desta analogia é explicada por Arlt na matéria publicada: trata-se de um paralelo a outra analogia, a de que “Buenos Aires é ‘a pérola do Plata’” (*O Jornal*, 25/03/1930), referindo-se ao Rio da Prata. Nesta primeira publicação, cujo subtítulo informa ao leitor: “É o que diz um jornalista argentino que nos visita pela primeira vez, o Sr. Roberto Arlt, redactor de ‘*El Mundo*’”, lê-se que, dentre os viajantes do “Darro” que chegaram no dia anterior, está o escritor argentino (*O Jornal*, 25/03/1930), cuja foto também é publicada, o que torna possível pressupor que a data da chegada de Arlt no Brasil foi no dia 24 de março, ou antes. Essa imprecisão é resultado das divergências das informações quando as comparamos à segunda matéria sobre a visita do argentino ao Brasil, publicada no *Diario da Noite*,

²⁷⁶ “Um semicírculo de montanhas, que parecem espectrais, leves como alumínio azul, o cume delicadamente bordado de verde. A água ondula oleosidades cor de salgueiro; em outras, junto aos penhascos rosas, tem reflexos de vinho aguado” (ARLT, 2013c, p. 256).

²⁷⁷ “Que o meu diretor tinha me convidado para realizar uma visita à pátria do venerado Castro Alves” (ARLT, 2013c, p. 277).

“Impressões de um jornalista portenho sobre o Brasil”, no dia 28 de março daquele ano. No artigo em questão, afirma-se que o escritor, que se encontrava a bordo do “Desna”, chegou no dia anterior à reportagem, realizada “hoje”, sendo que a publicação no jornal data do dia 28 de março (*Diario da Noite*, 28/03/1930). A informação sobre o nome do navio é reiterada na nota “Movimento do porto”, publicada em *O Paiz*, no dia 29 de março, na qual lemos o seguinte:

Procedente do Rio da Prata com destino à Europa, passou hontem pelo Rio o “Desna”, poderosa unidade da Mala Real Inglesa. Nesta cidade desembarcou o jornalista argentino Roberto Arlt, que vem estudar os homens e as coisas do Brasil. Roberto Arlt é redactor de ‘El Mundo’ que se publica em Buenos Aires. (*O Paiz*, 29/03/1930)

Trata-se de um equívoco, uma vez que na nota “Rumo ao Brasil em 1ª classe” (31/03/1930) o escritor afirma: “A primeira noite do dia em que eu embarquei no ‘Darro’, lá pelas sete da noite, ouço soar o gongo” (ARLT, 2013c, p. 250). Há que considerar-se, ainda, que ao final do penúltimo parágrafo da água-forte uruguaia, “*No simpatiza conmigo*”, Arlt (1996, p. 56) relata: “*Hoy me embarco en el ‘Darro’ que me conducirá a Río de Janeiro, ciudad que sólo conozco a través de algunas tarjetas postales muy mal iluminadas*”²⁷⁸ e que é publicada no dia 25 de março, o que reforça a informação de que a viagem ocorreu em data anterior e o nome da embarcação. Além da entrevista de *O Jornal* ter sido publicada antes das demais, o que indica que Arlt já se encontrava na cidade carioca, contrariando as publicações do *Diario da Noite* e *O Paiz*, há ainda o fato de que consta na sessão “Movimento marítimo”, do mesmo jornal, nos dias anteriores à matéria em questão, a informação de que, entre os vapores listados, o *Darro* chegaria ao Rio de Janeiro no dia 24 de março e, no mesmo dia, partiria para a Europa, dissolvendo qualquer dúvida que pudesse restar em relação às divergências em torno das datas.

Diante disso, é possível supor que a nota do *Diario da Noite* – assim como *O Paiz* – possivelmente foi escrita dias antes de sua publicação e teria sido protelada por algum motivo. Abandonando as suposições em torno de tais dados, a matéria apresenta uma fotografia do escritor diante de uma máquina de escrever, acompanhada pela legenda: “O jornalista Roberto Arlt, na redacção do DIARIO DA

²⁷⁸ “Hoje embarco no ‘Darro’ que me levará ao Rio de Janeiro, cidade que conheço apenas através de alguns cartões postais muito mal iluminados” (ARLT, 1996, p. 56, tradução nossa).

NOITE, escreve-nos as suas impressões e seus projectos” (*Diario da Noite*, 28/03/1930). Na matéria, ao discorrer sobre os propósitos do escritor com a viagem empreendida, lemos:

Pouco ou nada conhece o povo do meu paiz acerca dos homens e das coisas brasileiras. Continuamos vivendo mais em contacto com Pekin que com o Rio de Janeiro! É natural: respondendo à nossa indole de americanos que se desinteressam de suas coisas, olvidando a prophesia do poeta argentino, “America dona do Futuro” – para nos preocuparmos com a dor de callos que possa sofrer o senhor Mussolini. (*Diário da Noite*, 28/03/1930)

Tratra-se de uma crítica evidente em relação ao desconhecimento – mútuo – entre as nações latino-americanas, cuja necessidade de acercamento é reiterada, seja por Arlt, seja por quem escreveu a nota, que assim o tenha interpretado, e novamente caímos no âmbito das suposições. Isso porque, sobre outros pontos dessa publicação, Arlt comenta:

Quando yo leí que mi director me había invitado a realizar una visita a la patria del venerado Castro Alves, me quedé frío. Yo no sé quién es Castro Alves. Ignoro si merece ser venerado o no, pues lo que conozco de él (no conozco absolutamente nada) no me permite establecerlo.

[...] *Yo ignoro en absoluto qué es lo que ha hecho y lo que dejó de hacer Su Excelencia Castro Alves. Ni me interesa. Pero la frase quedaba bien y el redactor la colocó. Y yo he quedado de perlas con los cariocas.*²⁷⁹ (ARLT, 2013a, p. 46-47)

Para Arlt, o resultado de encontros com escritores também seria uma perda de tempo e que para conhecer um país é necessário conviver com seus habitantes, porém não como escritor: “*Vivir... vivir por completo al margen de la literatura y de los literatos...*”²⁸⁰ (ARLT, 2013a, p. 48). Manter-se à margem dos escritores e também do que escreveram porque, e retomando o texto da escritora argentina, provavelmente Alfonsina Storni, Arlt afirma que o que ela viu do Rio de Janeiro é o que qualquer escritor ruim veria, uma atitude reducionista da paisagem que,

²⁷⁹ “Quando eu li que o meu diretor tinha me convidado para realizar uma visita à pátria do venerado Castro Alves, fiquei gelado. Eu nem sei quem é Castro Alves. Ignoro se merece ser venerado ou não, pois, o que conheço dele (não conheço absolutamente nada) não me permite avaliá-lo. [...] Eu ignoro absolutamente o que é que fez e o que deixou de fazer Sua Excelência Castro Alves. Nem me interessa. Mas a frase caía bem, e o redator a colocou. E eu fiquei às mil maravilhas com os cariocas” (ARLT, 2013c, p. 277).

²⁸⁰ “Viver... viver completamente à margem da literatura e dos literatos” (ARLT, 2013c, p. 278).

segundo ele, não permite que o público leitor conheça de fato o país e sua população. Arlt narra ainda um outro exemplo de matérias tendenciosas e conclui: “*Y con dicho procedimiento los pueblos no terminan de conocerse nunca. Ahora se explica, lector mío, porqué no hablo ni entrevisto personalidades políticas ni literarias*”²⁸¹ (ARLT, 2013a, p. 49).

A água-forte “*Algo sobre urbanidad popular*”, publicada em 10 de abril de 1930, está dividida em cinco partes: as quatro primeiras, uma sem título e as outras três intituladas “*Segundo cuadro*”, “*Tercer cuadro*” e “*Cuarto cuadro*”, respectivamente, descrevem cenas cotidianas nas quais o escritor observa relações de afeto entre casais, crianças e adultos. Na última parte, denominada “*Delicadeza*”, o escritor afirma que “*por donde se camine, la delicadeza brasileña ofrece espectáculos que impresionan. Hombres y mujeres siempre se acarician con la más penetrante dulzura que darse puede, en el gesto y la expresión*”²⁸² (ARLT, 2013a, p. 54). E essa “delicadeza” não é apenas observada pelo escritor, mas também sentida e descrita por ele, que narra três fatos em que a experienciou: em um botequim, quando o garçom percebe que é estrangeiro e pergunta se é espanhol, ele responde que é argentino e o garçom coloca para tocar na vitrola o tango *Compadrón*, na voz de Azucena Maizani, uma das primeiras cantoras de tango; o atendimento e atenção destinados a ele, primeiramente na empresa aérea Nyrba (New York, Rio and Buenos Aires Line) e também na rua quando solicita uma informação a um jornaleiro. Ao final da nota, o escritor afirma: “*¿Gentileza? Si hay una tierra de América donde el extranjero pueda sentirse cómodo y agradecido al modo natural de ser de la gente, es esta de Brasil. Niños, hombres y mujeres engranan sus acciones dentro de la más perfecta urbanidad*”²⁸³ (ARLT, 2013a, p. 54-55).

Na água-forte de 11 de abril de 1930, “*Y la vida nocturna ¿dónde está?*”, o escritor compara a vida noturna do Rio com a de Buenos Aires, sendo esta última evocada por suas ruas e cafés, diferentemente do que ele relata ocorrer na cidade carioca, onde às onze da noite a rua está deserta: “*¡A las once de la noche, cuando en la calle Corrientes la gente se asoma a la puerta de los bodegones para empezar*

²⁸¹ “E com tal procedimento os povos acabam nunca se conhecendo. Agora está explicado, meu leitor, por que não falo nem entrevisto personalidades políticas nem literárias” (ARLT, 2013c, p. 278).

²⁸² “Por onde se caminha, a delicadeza brasileira oferece espetáculos que impressionam. Homens e mulheres sempre se acariciam com a mais penetrante doçura que se pode dar, no gesto e na expressão” (ARLT, 2013c, p. 280-281).

²⁸³ “Gentileza? Se há uma terra da América onde o estrangeiro pode se sentir à vontade e agradecido ao modo natural de ser das pessoas, é esta do Brasil. Crianças, homens e mulheres semeiam suas ações dentro da mais perfeita urbanidade” (ARLT, 2013c, p. 281).

a hacer la digestión! ¡Ah, **bottiglieriís** de la calle Corrientes! Se me hace agua la boca”²⁸⁴ (ARLT, 2013a, p. 57).

Além da falta de vida noturna, outra questão que deixa o escritor incomodado é a qualidade dos colchões, dos quais reclama por meio do diálogo que estabelece com seus interlocutores:

*Sea imparcial, amigo, ¿se pueden padecer mayores martirios que estos? Tener que acostarse a las once de la noche en una cama que le envidiaría, para ganar el cielo, un candidato a santo. Sea imparcial; piense que a usted lo obligan a acostarse a las once de la noche en un catre de estos, que no se ablanda ni echándole agua.*²⁸⁵ (ARLT, 2013a, p. 59-60)

O incômodo em relação ao colchão no qual dorme no Rio opõe-se ao contentamento do homem solteiro em relação à sua cama na água-forte portenha, narrada em primeira pessoa, “*Soliloquio del solterón*”²⁸⁶ (08/07/1931): “*Mi camita es honesta, de una plaza y gracias. Podría usarla sin reparo ninguno el Papa o el arzobispo*”²⁸⁷ (ARLT, 1998, p. 50). No Rio, ao contrário, os hábitos e as condições são alvo de críticas do autor, que descreve uma longa noite de insônia vendo o passar das horas no relógio e perguntando-se “*por cienmilésima vez: - ¿Qué es lo que hace tan temprano en las camas esta gente? ¿Qué es lo que hace?*”²⁸⁸ (ARLT, 2013a, p. 60).

Também a água-forte “*Trabajar como negro*”, publicada no dia 12 de abril, inicia-se recuperando o contexto portenho, dessa vez no que diz respeito ao trabalho exercido pelos negros. Segundo o escritor, a frase “trabalhar como negro”, dita pelos

²⁸⁴ “Às onze da noite, quando na Corrientes as pessoas aparecem na porta dos botecos para começar a fazer a digestão! Ah, ‘botiglerías’, os botequins da Corrientes! Me dá água na boca” (ARLT, 2013c, p. 282).

²⁸⁵ “Seja imparcial, amigo. Pode-se padecer maiores martírios que esses? Ter que se deitar às onze da noite numa cama que daria inveja, para ganhar o céu, a um candidato a santo. Seja imparcial; pense que obrigam você a se deitar às onze da noite num catre desses que não amolece nem jogando água” (ARLT, 2013c, p. 283).

²⁸⁶ Em uma nota de Omar Borré (1996, p. 10) no prólogo às *Aguafuertes Uruguayas y otras páginas* lemos o seguinte: “*En la revista Conducta, julio de 1942, aparece ‘Primera Autobiografía’, se repite en el N° 11 de la revista Macedonio y se reedita en Regreso, Buenos Aires, Corregidor, 1972, prólogo por Alberto Vanasco; esta primera autobiografía es una Aguafuerte porteña titulada ‘Soliloquio del solterón’ en El Mundo el 8 de Julio de 1931, p. 6. El director de la revista Conducta, Leónidas Barletta, debió considerar la nota periodística como una autobiografía y por esa razón la incluyó en la revista, eludiendo la fuente.*”

²⁸⁷ “Minha caminha é honesta, de solteiro, obrigado. Poderia ser usada sem objeção alguma pelo papa ou pelo arcebispo” (ARLT, 2013c, p. 46).

²⁸⁸ “Pela milésima vez: – O que é que esse pessoal faz tão cedo na cama? O que é que faz?” (ARLT, 2013c, p. 284).

portenhos, não faz jus ao trabalho exercido pelos negros portenhos pois estes não trabalham, a não ser desempenhando a função de ordenança, “*que es el trabajo más cómodo que se conoce y que parece exclusivamente inventado para que los grones porteños lo desempeñen en las porterías de todos los ministerios y reparticiones públicas*”²⁸⁹ (ARLT, 2013a, p. 61).

Na água-forte “*Tipos raros*”, publicada no dia 13 de abril, temos novamente a figura do amigo portenho de Arlt que vive no Rio de Janeiro e do homem de pijama listrado que vive com ele, já mencionados na nota “*En la caverna de un compatriota*”. De acordo com o escritor, o amigo é uma excelente pessoa, tendo como único defeito o costume de contrair dívidas. Além disso, o portenho, dono da “caverna”, conta para Arlt que o presidente do Brasil o estima, ao que o argentino diz acreditar. Arlt desdenha o amigo e considera seus projetos bestiais:

*Yo fumo y lo miro. No me canso de mirarle la cara de cabra que tiene y la ingenuidad que alberga en su corazón. Porque todos estos aventureros son ingenuos. Creen en los negocios de millones. Se las componen admirablemente para clavarlo al bolichero de la esquina, es decir, que su astucia no pasa de la sastrería y de la proveeduría, y luego entran en el terreno de las imaginaciones, como esos pésimos cuentistas, que después de escribir penosamente un cuento de ochocientas palabras, os anuncian una novela de tres tomos, “con continuación...”*²⁹⁰ (ARLT, 2013a, p. 66)

Esse trecho é interessante por dois motivos. O primeiro deve-se ao fato de que o escritor, nesta e na nota anterior dedicada ao portenho, trata com demasiada ironia os planos e projetos do amigo para enriquecer. No entanto, o próprio Arlt dedicar-se-á a um projeto com o qual pretendia enriquecer, que era o de criar meias que não desfiassem, cuja fórmula Arlt patentearia pela primeira vez em 17 de outubro de 1934 e, posteriormente, voltaria a fazê-lo no dia 12 de janeiro de 1942, segundo Saítta (2008, p. 287):

²⁸⁹ “Que é o trabalho mais cômodo que se conhece e que parece exclusivamente inventado para que os negros portenhos o desempenhem nas portarias de todos os ministérios e repartições públicas” (ARLT, 2013c, p. 285).

²⁹⁰ “Eu fumo e olho para ele. Não me canso de olhar a cara de cabra que ele tem e a ingenuidade que abriga em seu coração. Porque todos esses aventureiros são ingênuos. Acreditam nos negócios de milhões. Armam o negócio admiravelmente para cravá-lo no dono do botequim da esquina, ou seja, sua astúcia não passa da alfaiataria e da provedoria e, em seguida, entram no terreno da imaginação, como esses péssimos contistas que depois de escrever penosamente um conto de oitocentas palavras, anunciam um romance em três tomos, ‘com continuação...’” (ARLT, 2013c, p. 288).

*Si a su regreso de España, el proyecto parecía olvidado, siete años más tarde Arlt sigue trabajando en lo mismo. Según Elizabeth Shine, se volvía a aferrar a él cuando estaba acosado por la falta de dinero y principalmente porque “era una obsesión, una desesperación”. Arlt sueña con dar el batacazo, con obtener, en un golpe de suerte, el dinero suficiente para convertirse en millonario.*²⁹¹

O segundo ponto é que, se antes, Arlt comparava seu conterrâneo com personagens ficcionais, agora o faz em relação aos autores que anunciam um romance depois de terem escrito um conto, definindo-os como péssimos escritores. No entanto, o próprio Arlt, enquanto escritor, também anunciou em diversos momentos obras que jamais se concretizaram. Alguns desses anúncios são elencados por Saítta (2008):

*Roberto Arlt acaba de entregar al editor Samet los originales de un libro de cuentos que se titulará **Esther Primavera**. Ilustrará el volumen el dibujante Mirabelli.*²⁹² (*El Mundo*, 24/11/1929 apud SAÍTTA, 2008, p. 76)

*El próximo libro de Roberto Arlt, **El bandido en el bosque de ladrillos**, estará ilustrado por Mirabelli.*²⁹³ (*El Mundo*, 29/06/1930 apud SAÍTTA, 2008, p. 76)

*Roberto Arlt publicará en mayo próximo su novela **El amor brujo** y luego comenzará a escribir otro libro del mismo género que se denominará **Los emboscados**.*²⁹⁴ (*El Mundo*, 04/01/1932 apud SAÍTTA, 2008, p. 76)

*Roberto Arlt entregará en breve a la imprenta su nueva novela **El pájaro de fuego** que es la continuación de **El amor brujo**.*²⁹⁵ (*El Mundo*, 09/03/1934 apud SAÍTTA, 2008, p. 76)

Na água-forte “*Ciudad sin flores*”, publicada em 14 de abril de 1930, Arlt estabelece logo no primeiro parágrafo um diálogo com o leitor portenho: “*No les*

²⁹¹ “Se com o seu regresso da Espanha, o projeto parecia esquecido, sete anos depois Arlt continuaria trabalhando nele. Segundo Elizabeth Shine, voltava a acreditar nele quando estava tomado pela falta de dinheiro e principalmente porque ‘era uma obsessão, uma desesperação’. Arlt sonha em dar o grande salto, em obter, por um golpe de sorte, o dinheiro suficiente para converter-se em milionário” (SAÍTTA, 2008, p. 287, tradução nossa).

²⁹² “Roberto Arlt acaba de entregar ao editor Samet os originais de um livro de contos que se intitulará *Esther Primavera*. O volume será ilustrado pelo desenhista Mirabelli” (*El Mundo*, 24/11/1929 apud SAÍTTA, 2008, p. 76, tradução nossa).

²⁹³ “O próximo livro de Roberto Arlt, *El bandido en el bosque de ladrillos*, estará ilustrado por Mirabelli” (*El Mundo*, 29/06/1930 apud SAÍTTA, 2008, p. 76, tradução nossa).

²⁹⁴ “Roberto Arlt publicará no próximo mês de maio seu romance *El amor brujo* e logo começará a escrever outro livro do mesmo gênero que se denominará *Los emboscados*” (*El Mundo*, 04/01/1932 apud SAÍTTA, 2008, p. 76, tradução nossa).

²⁹⁵ “Roberto Arlt entregará em breve para a impressão seu novo romance *El pájaro de fuego* que é a continuação de *El amor brujo*” (*El Mundo*, 09/03/1934 apud SAÍTTA, 2008, p. 76, tradução nossa).

*cause asombro lo que les voy a decir: Río de Janeiro da la sensación de ser una ciudad triste porque es una ciudad sin flores. Puede usted andar media hora en tranvía que no va a encontrar un solo jardín*²⁹⁶ (ARLT, 2013a, p. 69). Em seguida, ele recorre à memória para construir sua narrativa, rememorando uma cena cotidiana das ruas portenhas e descrevendo-a aos leitores:

*¡Cuántas veces me he acordado estos días de un balcón que hay en la calle Talcahuano, entre Sarmiento y Cangallo! Este balcón se encuentra en un segundo piso, tiene una enredadera y entre la enredadera una jaula con pájaros. ¿Y qué calle de nuestra ciudad, qué casa más o menos linda, qué buhardilla de pobre, qué zahúrda de dependiente de almacén y cuchitril de cargador del puerto, no tiene en el alfeizar de la ventanita un tachito con un poco de tierra y un rasposo gerânio que se muere de sed?*²⁹⁷ (ARLT, 2013a, p. 69)

Arlt relata que foi a Niterói, então capital do estado do Rio de Janeiro, que possui “*playas preciosas, calles abiertas en roca escarlata; montes de verduras y bananos*”²⁹⁸ (ARLT, 2013a, p. 71) e, no entanto, com exceção dos *chalets* modernos, não viu nenhum jardim. Quando menciona que Niterói é a capital do Rio de Janeiro, Arlt relata que cada cidade tem a sua capital, o que é um claro equívoco do escritor com relação à estrutura político-administrativa do país, sendo Niterói a capital do estado do Rio de Janeiro, enquanto a cidade do Rio era a capital do Brasil.

Para o português de pijama listrado, que vive na casa do amigo de Arlt, a ausência de flores se deve à influência dos portugueses: “*Somos gente triste, ¿No ha observado que aquí no hay ninguna alegría? Y, sin embargo, Río tiene dos millones de habitantes...*”²⁹⁹ (ARLT, 2013a, p. 71). A informação sobre a população da cidade faz com que Arlt retorne à questão da ausência de teatros e cinemas, da monotonia do trabalho, chegando à conclusão de que talvez o amigo lisboeta tenha

²⁹⁶ “Que não lhes cause espanto o que eu vou lhes dizer: o Rio de Janeiro dá a sensação de ser uma cidade triste, porque é uma cidade sem flores. Você pode andar meia hora de bonde, que não vai encontrar um só jardim” (ARLT, 2013c, p. 291).

²⁹⁷ “Quantas vezes eu me lembrei, esses dias, de um terraço que tem lá na rua Talcahuano, entre a Sarmiento e a Cangallo! Esse terraço fica num segundo andar, tem uma trepadeira e, por entre a trepadeira, uma gaiola com pássaros. E que rua da nossa cidade, que casa mais ou menos linda, que água-furtada de pobre, que pardieiro de empregado de empório e espelunca de carregador do porto, não tem no beiral da janelinha um potinho, com um pouco de terra e um mísero gerânio que está morrendo de sede?” (ARLT, 2013c, p. 291).

²⁹⁸ “Praias lindas, ruas abertas em rocha escarlata; montes de verdura e bananas” (ARLT, 2013c, p. 292).

²⁹⁹ “Somos pessoas tristes. Não observou que aqui não há nenhuma alegria? E, no entanto, o Rio tem dois milhões de habitantes...” (ARLT, 2013c, p. 292).

razão em relação à possibilidade de que a tristeza portuguesa tenha se infiltrado aos hábitos e costumes dos brasileiros. A questão do trabalho é retomada na nota publicada no dia 15 de abril, “*Ciudad que trabaja y que se aburre*”, que se inicia com uma constatação acerca do não-trabalho:

*En el concepto de todo ciudadano respetuoso de los derechos de la fiaca, porque también la fiaca tiene sus derechos según los sociólogos, el café desempeña un lugar prominente en la civilización de los pueblos. Cuanto más aficionada es a tirarse a la bartola una raza, mejores y más suntuosas cafeterías tendrá en sus urbes. Es una ley psicológica y no hay que hacerle: así baten los sabios.*³⁰⁰ (ARLT, 2013a, p. 73)

O termo “*fiaca*” é recorrente nas notas arltianas. Trata-se de um vocábulo do lunfardo, que significa, segundo o *Diccionario etimológico del lunfardo*: “*f. pereza, desgano, falta de voluntad. / 2. Holganza. / 3. Hambre. // m. y f. Persona perezosa. (Del ital. fiacca: astenia, desgano.)*” (CONDE, 2010, p. 156). É tema da nota “*El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular*” (24/08/1928), na qual Arlt trata de desfazer uma confusão entre estar com “*fiaca*” e “*tirarse a muerto*”, sendo este segundo vocábulo tema também de uma outra nota, denominada “*Apuntes filosóficos acerca del hombre que ‘se tira a muerto’*” (11/07/1928). De acordo com o escritor:

*Confundir la “fiaca” con el acto de tirarse a muerto es lo mismo que confundir un asno con una cebra o un burro con un caballo. Exactamente lo mismo. Y sin embargo a primera vista parece que no. Pero es así. Sí señores, es así. Y lo probaré amplia y rotundamente, de tal modo que no quedará duda alguna respecto a mis profundos conocimientos de filología lunfarda.*³⁰¹ (ARLT, 1998, p. 66)

De acordo com Arlt, “*fiaca*” expressa, no dialeto genovês: “*Desgano físico originado por la falta de alimentación momentánea. Deseo de no hacer nada.*

³⁰⁰ “No conceito de todo cidadão respeitoso dos direitos da moleza, porque a moleza também tem seus direitos, segundo os sociólogos, o café desempenha um lugar proeminente na civilização dos povos. Quanto mais aficionada a flautear é uma raça, melhores e mais suntuosas cafeterias terá em suas urbes. É uma lei psicológica, e não há o que fazer: assim batem os sábios” (ARLT, 2013c, p. 294).

³⁰¹ “Confundir a ‘fiaca’ com o ato de se fazer de morto é o mesmo que confundir um asno com uma zebra ou um burro com um cavalo. Exatamente o mesmo. E, no entanto, à primeira vista parece que não. Mas é assim. Sim, senhores, é assim. E o provarei ampla e rotundamente, de tal modo que não restará dúvida alguma a respeito dos meus profundos conhecimentos de filologia lunfarda” (ARLT, 2013c, p. 65).

*Languidez. Sopor. Ganas de acostarse en una hamaca paraguaya durante un siglo*³⁰² (ARLT, 1998, p. 66). Ele retoma o termo “fiaca” no parágrafo introdutório de uma das águas-fortes cariocas, no entanto, para dizer que, ao contrário daquilo que observa em Buenos Aires, com o “fiacún”, ou seja, esse “*hombre que momentáneamente no tiene ganas de trabajar*”³⁰³ (ARLT, 1998, p. 67), no Brasil todos trabalham muito e, se param em um café, isso ocorre por breves minutos. Trata-se de uma constatação que contraria a imagem que os argentinos têm dos brasileiros, segundo Arlt (2013a, p. 73-74):

*Nosotros, habitantes de la más hermosa ciudad de América (me refiero a Buenos Aires), creemos que los cariocas e, en general, los brasileños, son gente que se pasa con la panza al sol desde que “Febo asoma” hasta que se va a roncar. Y estamos equivocados de medio a medio. Aquí la gente labura y sin grupo. [...] Sus vidas se rigen por un subterráneo principio de actividad, como diría un señor serio haciendo notas sobre el Brasil. Yo, a mi vez, digo que doblan la esquena todo el santo día y que de sábado inglés, ¡minga! Aquí no hay sábado inglés. Y allí se terminaron las fiestas. Trabajan, trabajan brutalmente, y no van al café sino breves minutos.*³⁰⁴

A representação acerca dos brasileiros é substituída por uma visão de que os mesmos trabalham em excesso e se opõe não apenas ao que Arlt concebera antes da viagem, como também àquilo que o autor vivenciou no Uruguai e relatou na nota “*La calle Grecia*”: “*aqui no trabaja nadie, todo el mundo se tira a muerto. Siempre han dicho que nuestros empleados nacionales son héroes y burros de carga por la actividad que tienen comparados con la fiaca de los uruguayos*”³⁰⁵ (ARLT, 1996, p. 45).

³⁰² “Desânimo físico originado pela falta de alimentação momentânea’. Desejo de não fazer nada. Languidez. Torpor. Vontade de deitar numa rede durante um século” (ARLT, 2013c, p. 65).

³⁰³ “Homem que, momentaneamente, não tem vontade de trabalhar” (ARLT, 2013c, p. 67).

³⁰⁴ “Nós, habitantes da mais encantadora cidade da América (me refiro a Buenos Aires), acreditamos que os cariocas e, em geral, os brasileiros, são pessoas que vivem de pança para o sol, desde que ‘Febo assoma’ até a hora de roncar. E estamos redondamente enganados. Aqui as pessoas labutam, e fora de brincadeira. Ganha-se o pão de cada dia com o suor da testa e das outras partes do corpo que também suam como a testa. Elas dão duro, dão duro infatigavelmente e guardam o que podem. Suas vidas são regidas por um subterráneo princípio de atividade, como diria um senhor sério fazendo notas sobre o Brasil. Eu, da minha parte, digo que dobram a espinha todo santo dia e que, de sábado inglês, neca. Aqui não há sábado inglês. O domingo como Deus manda, que Deus não inventou o sábado inglês. E aí terminaram as festas. Trabalham, trabalham brutalmente, e não vão ao café senão por breves minutos” (ARLT, 2013c, p. 294).

³⁰⁵ “Aqui ninguém trabalha, todo mundo se *tira a muerto*. Sempre disseram que nossos empregados nacionais são heróis e burros de carga pela atividade que realizam comparados com a *fiaca*, isto é, com a moleza dos uruguayos” (ARLT, 1996, p. 45, tradução nossa).

Em relação aos cafés, Arit relata que os brasileiros não frequentam as cafeterias e refere-se ao café servido em tais estabelecimentos como autêntico, acrescentando ainda que o mesmo não é servido acompanhado de água, apesar do calor. Ainda em relação às cafeterias no Rio de Janeiro, afirma que ninguém permanece nelas mais do que o necessário. Acerca de suas constatações, conclui: *“una ciudad de gente que labura, que labura infatigablemente, y que a la hora del raje, llega a su casa extenuada, con más ganas de dormir que de pasear. Esta es la absoluta verdad sobre Río de Janeiro”*³⁰⁶ (ARLT, 2013a, p. 76).

Na água-forte *“Porqué vivo en un hotel”*, publicada em 16 de abril, Arit relata que, certo dia, enquanto dormia, ainda na casa de seu amigo portenho, acordou com rapazes o olhando e, ao perguntar o que acontecia ali, os rapazes lhe responderam que o dono tinha vendido a cama em que Arit dormia e os outros dois colchões, e eles estavam apenas carregando pois eram pagos para isso. Arit relata que sai da casa e encontra o amigo na rua, e quando diz que esqueceu de trancar a porta, o amigo sente-se ofendido, pois alguém poderia roubar-lhe as coisas que ficaram. O escritor ri do seu interlocutor, uma vez que não há nada para ser roubado, além de uns livros velhos e papéis, informa que irá para um hotel, e pergunta onde dormirá o jornalista português, surpreendendo o amigo com a notícia de que levaram também o colchão do inquilino do pijama com listras. A surpresa se deve ao fato de que era o português quem o tinha comprado com seu próprio dinheiro. Por fim, o escritor afirma ironicamente: *“He aquí porqué, desde hace un par de semanas, vivo en un hotel y creo que la hospitalidad, como sentimiento amistoso, es muy linda, pero incómoda si a uno le venden la cama en que la apolilla”*³⁰⁷ (ARLT, 2013a, p. 80).

Após um breve intervalo, é publicada, no dia 22 de abril de 1930, a água-forte *“Río de Janeiro en día domingo”*. O aborrecimento do escritor resulta da monotonia do domingo no Rio, que segundo ele é *“una ciudad de provincia con una triste paz en sus calles muertas por el domingo”*³⁰⁸ (ARLT, 2013a, p. 81) e, embora viva em uma rua que se chama Buenos Aires (ou República Argentina), *“esta calle no sería menos esgunfiadora, triste y aburrida que las cien mil calles de este Río de Janeiro,*

³⁰⁶ “Uma cidade de gente que labuta, que labuta infatigavelmente, e que na hora de chispar, chega em casa extenuada, com mais vontade de dormir que de passear. Essa é a verdade absoluta sobre o Rio de Janeiro” (ARLT, 2013c, p. 296).

³⁰⁷ “Eis aqui porque, já há algumas semanas, vivo num hotel, e acho que a hospitalidade, como sentimento amistoso, é muito linda, mas incômoda se vendem a cama em que você puxa um ronco” (ARLT, 2013c, p. 299).

³⁰⁸ “Uma cidade de província com uma triste paz em suas ruas mortas no domingo” (ARLT, 2013c, p. 300).

sin jardines, sin pájaros, sin alegría”³⁰⁹ (ARLT, 2013a, p. 81). Apesar dessa referência ao nome da rua, a forma como Arlt descreve o domingo carioca não se diferencia muito da forma como descreveu o domingo na cidade portenha no ano anterior, na água-forte *“El aburrimiento del domingo”* (27/01/1929), na qual se lê: *“Buenos Aires es la ciudad más triste del mundo en día domingo. Triste y aburrida”*³¹⁰ (ARLT, 1998, p. 218).

Além disso, o escritor volta-se para uma descrição da cidade a partir daquilo que está ausente, ou seja, jardins, pássaros e alegria. Pessoas jogando pôquer a centavos na pensão, crianças brincando na rua, mulheres na varanda. A tranquilidade da tarde de domingo incomoda o escritor: *“¡Señor! ¡Hágase tu voluntad así en el Cielo como en la Tierra! Ten piedad de tu humildísimo siervo Roberto Arlt, ya seco de bellezas brasileñas”*³¹¹ (ARLT, 2013a, p. 82).

Descreve cenas de casais, negros e brancos. Em relação aos primeiros, diz fugir *“de este paraje de Romeo y Julieta o Calixto y Malibea del mulataje”*³¹² (ARLT, 2013a, p. 83). Acerca do segundo casal, por estarem de mãos dadas, diz recordar-se de *La Gloria de Don Ramiro*, e do frade murmurando ao apontar uma roseira a Ramiro: *“- Agora llega la estación libidinosa (Señor, ten piedad de tu humilde siervo, que solo encuentra tentaciones que sobresaltan su recato)”*³¹³ (ARLT, 2013a, p. 83).

Arlt questiona: *“¿Quién me mandó a mí salir de Buenos Aires? ¿Por qué fui tan gil? ¿No estaba tranquilo y cómodo allí?”*³¹⁴ (ARLT, 2013a, p. 84). E recorda as palavras de um velho mendigo ao pícaro Guzmán de Alfarache, que ainda moço saiu pedindo esmola e recebeu apenas um balde de água quente sobre a cabeça: *“- Eso te ocurre por buscarle tres pies al gato”*³¹⁵ (ARLT, 2013a, p. 84). E logo adiante, novo questionamento: *“¿Qué hago yo en esta ciudad virtuosa, quieren decirme? ¿En esta ciudad que no tiene crónica de policía, que no tiene ladrones, estafadores,*

³⁰⁹ “Essa rua não seria menos chata, triste e tediosa que as cem mil ruas deste Rio de Janeiro, sem jardins, sem pássaros, sem alegria” (ARLT, 2013c, p. 300).

³¹⁰ “Buenos Aires é a cidade mais triste do mundo aos domingos. Triste e enfadonha” (ARLT, 1998, p. 218, tradução nossa).

³¹¹ “Senhor! Faça sua vontade aqui na terra como no céu! Tende piedade de seu humildíssimo servo Roberto Arlt já ‘liso’ de belezas brasileiras” (ARLT, 2013c, p. 300).

³¹² “Dessa paragem de Romeu e Julieta ou Calixto e Melibea da mulatagem” (ARLT, 2013c, p. 301).

³¹³ “Agora está chegando a estação libidinosa. (Senhor: tende piedade do teu humilde servo, que só encontra tentações que sobressaltam seu recato)” (ARLT, 2013c, p. 301).

³¹⁴ “Quem mandou sair de Buenos Aires? Por que fui tão bobo? Não estava tranquilinho e sossegado lá?” (ARLT, 2013c, p. 301).

³¹⁵ “É isso que acontece por procurar pelo em ovo” (ARLT, 2013c, p. 302).

vagos, rateros; [...] *¿Qué hago yo?*³¹⁶. O tédio de uma tarde de domingo e a falta de assunto para suas notas levam o escritor a considerar o seu retorno a Buenos Aires:

*Y me digo, por cienmilésima vez, ¿qué es lo que se puede escribir sobre el Brasil? ¿El elogio del laburo? No es posible. ¿Qué dirán todos los vagos porteños si hago el elogio del laburo sin sábado inglés, sin timbas, sin nada? No hay caso. ¿Escribiré sobre negros? ¿A quién interesan los negros, que no sean sus cófrades, los ordenanzas del Congreso? ¿Escribiré sobre las **meninas**? Mi director tira la bronca, dice que me estoy volviendo “excesivo”, y mi director no sabe que encuentro paz y calma en una hora cotidiana de gimnasia brutal. ¿Qué hago, quieren decirme? Volverme es lo que me parece mejor.*³¹⁷ (ARLT, 2013a, p. 85)

A ironia, característica na obra arltiana, está presente nesse trecho e nas notas seguintes. Apesar de descartar a ideia de escrever “*El elogio del laburo*”, trata-se de uma prática recorrente nas águas-fortes arltianas o “elogio”³¹⁸. Observa-se que apesar de a ideia de escrever um elogio do trabalho no Brasil ter sido descartada pelo escritor em 1930, dois anos depois ele acabará dedicando uma de suas notas a essa temática. Das notas analisadas até o momento, esta provavelmente é aquela em que Arlt se apresenta mais incomodado com o fato de estar longe de sua terra natal e na qual percebe-se muitas passagens irônicas, características essas que irão predominar nas notas seguintes.

³¹⁶ “O que é que eu estou fazendo nesta cidade virtuosa, querem me dizer? Nesta cidade que não tem crônica policial, que não tem ladrões, trambiqueiros, vagabundos, gatunos; [...] O que é que eu estou fazendo?” (ARLT, 2013c, p. 302).

³¹⁷ “E digo a mim mesmo, pela milésima vez: o que é que se pode escrever sobre o Brasil? O elogio do trabalho? Não é possível. O que dirão todos os vadios portenhos se eu fizer o elogio do trabalho sem sábado inglês, sem casas de jogo, sem nada? Não tem jeito. Escreverei sobre os negros? Quem se interessa pelos negros, a não ser seus confrades, os ordenanças do Congresso? Escreverei sobre as meninas? Meu diretor dá uma bronca e diz que estou me tornando ‘excessivo’, e o meu diretor não sabe que encontro paz e calma em uma hora cotidiana de ginástica brutal. O que é que eu faço, querem me dizer? Voltar é o que me parece melhor” (ARLT, 2013c, p. 302).

³¹⁸ Antes da viagem ao Brasil Arlt já tinha publicado onze elogios: “*El elogio del empleado que hace méritos*” (13/07/1928); “*Elogio del lavacopas*” (30/07/1928); “*Elogio del amor callejero*” (01/10/1928); “*Elogio de la ciudad de La Plata*”³¹⁸ (27/12/1928); “*Elogio del buen cajero*” (18/01/1929); “*El elogio de mi viejo librero*” (28/02/1929); “*Elogio de la vagancia*” (18/03/1929); “*Elogio agrídulce del capuchino*” (18/12/1929); “*Elogio del bandoneón arrabalero*” (09/01/1930); “*Elogio de la montaña*” (06/02/1930); “*Elogio de la mujer uruguaya*”³¹⁸ (16/03/1930). Durante sua passagem pelo Rio, escreverá duas destas notas: “*Elogio de una moneda de cinco centavos*” (05/05/1930) e “*Elogio de la triple amistad*” (11/05/1930), que veremos adiante. Nos anos seguintes escreverá outros sete elogios: “*Elogio del gato Félix*” (08/01/1931); “*Elogio del cadenero*” (12/03/1931); “*Elogio del Huaymito*” (20/04/1931); “*Elogio del sordomudo*” (21/04/1931); “*Elogio del laburo...*” (24/03/1932); “*Elogio del palm beach*” (04/11/1932); “*Elogio del cactus*” (23/01/1935).

2.2. DE ROBERTO ARLT: Buenos Aires, “más hermosa ciudad de América”³¹⁹

*“Involuntariamente me pregunto: ¿Qué fenómeno es el que ha presionado sobre nosotros los argentinos, para hacernos indiscutiblemente el país más interesante, psicológica y culturalmente, de SudAmérica?”. Somos los mejores sin vuelta: los mejores.”³²⁰
(ARLT, 2013a, p. 147)*

No dia 24 de abril de 1930, é publicada a água-forte “*Divagaciones y locomotoras de fantasía*”, na qual Arlt relata o trajeto de vinte quilômetros até a estação ferroviária Leopoldina, em primeira classe. O escritor diz não conhecer como são os vagões de segunda classe, mas reclama dos de primeira, com assentos de palha e de madeira, e que, ao tomar o trem, “*un tufo de negro sudado me da en las narices [...] Nubes de humo, mugre por donde se mire*”³²¹ (ARLT, 2013a, p. 87). Logo adiante, o escritor trata de justificar o teor de seus apontamentos: “*Conste que no quiero hablar mal, me limito a reproducir casi fotográficamente lo que he visto*”³²² (ARLT, 2013a, p. 87). No entanto, mais do que reproduzir aquilo que vê, os relatos de Arlt constroem imagens visuais, auditivas e olfativas.

Para tratar das condições dos vagões, Arlt recorre ainda à literatura e à figura mítica de Hércules, dizendo que a sujeira encontrada nos trens espantaria até o personagem grego que teve como um dos doze trabalhos a ele destinados a limpeza dos estábulos do rei Áugias em um único dia. Além da sujeira, o mal cheiro incomoda o escritor, acerca do qual conversa com outro passageiro:

Un hedor agrio, catigoso, flota en todas partes. Yo lo miré a mi acompañante y le dije:

– Pero esta pestilencia, ¿de dónde sale?

Él me miró a su vez y muy amablemente me respondió:

– Debe ser del carbón de la locomotora este olor.

– Pero es que en Buenos Aires el carbón no tiene este olor...

– Deben usar otra marca.

³¹⁹ Em “*Ciudad que trabaja y que se aburre*” (ARLT, 2013a, p. 73).

³²⁰ “Involuntariamente, eu me pergunto: que fenômeno será que pressionou sobre nós, os argentinos, para nos fazer, indiscutivelmente, o país mais interessante psicológica e culturalmente da América do Sul? Somos os melhores, não tem jeito: os melhores” (ARLT, 2013c, p. 339).

³²¹ “Um fedor de negro suado bate no meu nariz [...] Nuvens de fumaça, sujeira por onde se olha” (ARLT, 2013c, p. 303).

³²² “Que fique claro que eu não quero falar mal, limito-me a reproduzir quase fotograficamente o que vi” (ARLT, 2013c, p. 303).

– ¡Ah!³²³ (ARLT, 2013a, p. 89-90)

Em seguida, observando um dos guardas que conversa com uma moça, Arlt se refere a esta como “*indígena mestiza del Congo*”³²⁴ (ARLT, 2013a, p. 90), incluindo ainda outras referências ao continente africano em relação ao qual são constantes as aproximações com o Brasil:

Bajo el sol africano, este poblado de miseria, pedregoso, con calles que suben en escalinatas, con bananeros que se mecen a la orilla de acequias de agua podrida y tolderías de trapo, se acompaña perfectamente con la locomotora y los vagones de primera. De los de segunda no hablo, no los he visto; y no quiero desacreditar la mercadería sin haberla visto. Pero sí en primera...³²⁵ (ARLT, 2013a, p. 90)

Arlt reitera que seu relato é daquilo que viu, ou seja, os vagões de primeira classe. No entanto, como vimos em *Los pescadores de perlas*, esse olhar do viajante não é neutro e as aproximações que realiza estão marcadas por uma imagem construída acerca do país e a partir da qual Arlt escreve seus relatos, ora corroborando-as, ora refutando-as.

Em “*Castos entretenimientos*”, publicada no dia 25 de abril de 1930, Arlt retoma as questões acerca das relações anteriormente abordadas em *Río de Janeiro en día de domingo* (22/04/1930), principalmente no que diz respeito aos comentários de ordem religiosa, nos quais predomina a presença da ironia, colocando-se como cristão devoto: “*En Río me entretengo casta y recatadamente. Parezco alumno del Sacre Coeur, si hubiera escuelas del Sagrado Corazón para hombres. Y donde me divierto casta y recatadamente es en el restaurante Labarthe*”³²⁶ (ARLT, 2013a, p. 91)

³²³ “Um fedor azedo, catíngoso, paira em todos os lugares. Eu olhei para o meu acompanhante e lhe disse: – Mas esta pestilência, de onde sai? Ele, por sua vez, olhou para mim e, muito amavelmente, respondeu: – Deve ser do carvão da locomotiva, este cheiro. – É que em Buenos Aires o carvão não tem este cheiro... – Devem usar outra marca... – Ah!...” (ARLT, 2013c, p. 304).

³²⁴ “Indígena mestiça do Congo” (ARLT, 2013c, p. 304).

³²⁵ “Sob o sol africano, este povoado de miséria, pedregoso, com ruas que sobem em escadarias, com bananeiras que se agitam à beira de acéquias de água podre, e cabanas de pano, combina perfeitamente bem com a locomotiva e os vagões de primeira. Dos de segunda não falo; não os vi; e eu não quero desacreditar a mercadoria sem tê-la visto. Mas se na primeira...” (ARLT, 2013c, p. 304-305).

³²⁶ “No Rio, eu me divirto casta e recatadamente. Pareço aluno do ‘Sacré Coeur’, se houvesse escolas do ‘Sagrado Coração’ para homens. E onde eu me divirto casta e recatadamente é no restaurante Labarthe” (ARLT, 2013c, p. 306).

O argentino relata que a sua diversão consiste em observar três pessoas: um homem, sua mulher e um amigo do casal que almoçam e jantam diariamente no citado restaurante, em perfeita demonstração de “*buena amistad*”. Porém, diferentemente da nota anterior citada, em que o escritor observava comportamentos inocentes e se valia de pedir perdão como se fossem pecado, nesta nota, o comportamento do trio é narrado como se despertasse no autor sentimentos celestiais:

*Y gozo casta y recatadamente. No sé porqué. Quizá porque mi bondad encuentra bello el espectáculo de la ternura humana. Posiblemente porque, como soy hombre puro, aspiro a los espectáculos que levantan el corazón con un panorama celestial. Y por el diablo, que toda mi pureza y limpios pensamientos encuentran en la mesa de los tres un campo propicio para madurar santos pensamientos. Y gozo casta y recatadamente. Da gusto mirarlos.*³²⁷
(ARLT, 2013a, p. 92)

Enquanto o casal que tinha as duas mãos dadas poderia tirar-lhe a castidade, ao contrário, o trio do restaurante o comove. A ironia do escritor está em condenar e elevar as cenas narradas de forma alheia ao seu pensamento em relação a elas, tornando o seu discurso ambíguo. O trio, no entanto, é retirado de cena. A atenção do escritor volta-se aos dois sucessores de Pierre Labarthe, que antes de serem donos eram funcionários do restaurante e sobre os quais Arlt tece ácidas considerações. Observa-se que nesta nota, diferentemente das demais, os comentários acerca das pessoas se modifica daquele que marcou as notas anteriores, nas quais a educação observada era destacada. Aqui, ainda que o faça de modo irônico em relação ao trio e aos donos do estabelecimento, temos a presença de características mais próximas às dos personagens ficcionais arltianos, ou mesmo daqueles que frequentam suas águas-fortes.

É publicada, no dia 26 de abril de 1930, a água-forte “*¡Qué lindo país!*”, que inicia-se com uma memória do escritor, que compartilha com seus leitores: “*Yo no sé si ustedes recordarán que una vez, a un amigo mío, **chauffeur**, varios señores lo ocuparon, le hicieron dar unas vueltas, ensayar la velocidad del coche, y luego le*

³²⁷ “E gozo casta e recatadamente. Não sei por quê. Talvez porque a minha bondade ache belo o espetáculo da ternura humana. Possivelmente porque, como sou homem puro, aspiro aos espetáculos que levantam o coração com um panorama celestial. E com mil diabos, toda a minha pureza e pensamentos limpos encontram na mesa dos três um campo propício para amadurecer santos pensamentos. E gozo casta e recatadamente. Dá gosto de olhar para eles” (ARLT, 2013c, p. 306).

dijeron: – ¡Qué lindo coche para un asunto!...”³²⁸ (ARLT, 2013a, p. 97). E, logo adiante, uma outra memória do escritor é narrada, acerca da qual, no entanto, ele diz não saber se já contou aos leitores. Trata-se da existência de um amigo ladrão, que criava problemas de ordem prática relacionados às suas atividades ilícitas. Arlt recorda as conversas, com o *chauffeur* e com o ladrão, para dizer que não há, no Rio, crônica policial:

*No hay ladrones. El magnífico y siempre nuevo cuento del billete de lotería, del legado del difunto, de la herencia del tío; el ardid de la quiebra fraudulenta, de la cartera con vento, la sutileza del viento misho, de la máquina de fabricar plata, no tienen en Río cultores ni profesores ni académicos. Los únicos académicos son los de la Academia Literaria... que no roban a nadie, como no sea literariamente. Y eso no se llama “robo”, sino “plagio”.*³²⁹ (ARLT, 2013a, p. 98)

Percebe-se, neste trecho, a ironia com a qual Arlt trata os acadêmicos que formam parte da Academia Literária e, por conseguinte, o conceito de cânone. Com relação aos temas policiais, constantes na produção arltiana, temos, por exemplo, as águas-fortes portenhas “*Filosofía del hombre que necessita de ladrillos*” (04/09/1928) e “*Conversaciones de ladrones*” (21/01/1930). A primeira relata o roubo de tijolos nos terrenos em construção, que não é realizado por ladrões profissionais, mas pelos pequenos proprietários que geralmente se avizinham à construção: “*lo acompaña su honesta esposa, sus tres hijos mayores, los cinco menores, y un primo [...] como fantasmas, haciendo fila india, se dirigen a las construcciones como los primeros cristianos y catecúmenos se dirigían a las catacumbas*”³³⁰ (ARLT, 1998, p. 58-59). Em “*Conversaciones de ladrones*”, ao contrário da anterior, trata dos ladrões profissionais, com os quais Arlt se relaciona: “*A veces, cuando estoy aburrido, y me acuerdo de que en un café que conozco se reúnen algunos señores que trabajan de*

³²⁸ “Eu não sei se vocês se lembram que, uma vez, vários senhores tomaram um amigo meu, chofer, deram umas voltas, para ensaiar a velocidade do carro, e depois disseram: – Que lindo carro para um ‘assunto’!...” (ARLT, 2013c, p. 309).

³²⁹ “Não há ladrões. O magnífico e sempre novo conto do bilhete de loteria, do legado do defunto, da herança do tio; o ardid da quebra fraudulenta, da carteira com gaita, a sutileza da ‘gaita mixa’, da máquina de fabricar dinheiro, não tem no Rio cultores nem professores nem acadêmicos... que não roubam ninguém, a não ser literariamente. E isso não se chama roubo e sim plágio” (ARLT, 2013c, p. 309).

³³⁰ “Acompanha-o sua honesta esposa, seus três filhos maiores, os cinco menores, e um primo [...] como fantasmas, fazendo fila indiana, se dirigem para as construções como os primeiros cristãos e catecúmenos se dirigiam para as catacumbas” (ARLT, 2013c, p. 56).

*ladrones, me encamino hacia allí para escuchar historias interesantes*³³¹ (ARLT, 1998, p. 156). O delito das águas-fortes também converte-se em assunto para muitos de seus contos, dentre os quais destacamos o crime motivado pelo “*legado del difunto*” ou pela “*herencia del tío*”, que Arlt afirma não ter no Rio, por exemplo, e que é tema do conto “*El crimen casi perfecto*” (*Mundo Argentino*, 29/05/1940), no qual se apura o suicídio da senhora Stevens, uma vez que os suspeitos, seus três irmãos, eram beneficiários da falecida, sendo o caso desvendado pelo narrador, típico investigador das narrativas policiais.

Se, por um lado, o universo do delito perpassa toda a produção arltiana, por outro, a sua pretensa ausência no Rio também se converte em tema para suas notas. Sobre o assunto, Arlt conversa, agora com um brasileiro, que se espanta com as considerações do argentino sobre a falta desses “profissionais” na cidade, uma vez que, quando há crime, trata-se em geral de drama passional. Na última parte dessa nota Arlt relata o que Nicolás Olivari, escritor argentino que esteve no Brasil, disse-lhe uma vez acerca da agressividade natural dos portenhos. Diferentemente do Brasil em que, segundo Arlt (2013a, p. 101), “*efecto del clima o de la educación, el pueblo es dulce, manso, tranquilo*”³³².

Considerando as afirmações do argentino sobre o assunto, foram consultadas as publicações de *O Jornal* nos dias anteriores à publicação da nota em questão. Na seção “Factos policiaes do dia”, no dia 15 de abril de 1930, *O Jornal* publicou sob o título “Atirado á linha, depois de assaltado”, a informação de que o operário João Reis foi assaltado por quatro indivíduos na estação de Mangueiras. A vítima recusou-se a entregar os seus pertences, motivo pelo qual os ladrões os tomaram à força e depois o jogaram na linha, tendo o operário as duas pernas esmagadas (*O Jornal*, 15/04/1930). No dia seguinte, são publicadas entre as notícias da seção, uma sobre um “Furto de automóvel” e outra intitulada “Dois larapios bem-humorados”. Esta segunda poderia converter-se em uma nota arltiana, pois relata um caso singular: dois homens bem vestidos adentram a uma loja em busca de máquinas de escrever para um novo escritório comercial, motivo pelo qual são atendidos pelo gerente, em sua sala. Após a negociação, um dos rapazes entrega ao senhor o telefone para contato, antes de sair da loja. Momentos depois, quando o

³³¹ “Às vezes, quando estou entediado e me lembro de que num café que eu conheço se reúnem alguns senhores que trabalham como ladrões, me encaminho para ali para escutar histórias interessantes” (ARLT, 2013c, p. 175).

³³² “Efeito do clima ou da educação, o povo é doce, manso, tranquilo” (ARLT, 2013c, p. 311).

homem coloca o paletó que se encontrava pendurado e busca por sua carteira, não a encontra. Enquanto busca na memória os acontecimentos anteriores tentando desvendar o sumiço do objeto, adentra ao recinto um menino com a carteira, informando-lhe que a mandaram entregar dois homens. Com a carteira vazia em mãos, o gerente recorda-se do contato telefônico deixado e surpreende-se quando descobre que o número era o da 4ª delegacia auxiliar (*O Jornal*, 16/04/1930).

No dia 17 de abril *O Jornal* publica “Outra casa assaltada” e, no dia seguinte, são lidos “Mais cinco assaltos levados a efeito na madrugada de ontem!” e “Varios assaltos levados a efeito nos suburbios”, no qual antecipa as notícias o seguinte comentário: “Diariamente vimos registrando uma série de furtos, roubos e assaltos registrados nas diversas localidades suburbanas da Central do Brasil, sem que tenham sido presos os perigosos larápios autores desses attentados” (*O Jornal*, 18/04/1930). No dia 23 de abril, *O Jornal* publica “Varios assaltos levados a efeito nos suburbios”. No dia 25 de abril um assalto ocorrido em Irajá na madrugada do dia anterior é noticiado e, ao tratar dos ladrões, o jornal informa que “actualmente são abundantes na zona suburbana” (*O Jornal*, 25/04/1930), o que contrasta com os comentários arltianos acerca da ausência de delitos na capital.

Na água-forte “*Dos obreros distintos*”, publicada em 27 de abril de 1930, Arlt afirma que é um equívoco acreditar que o trabalhador das cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires são iguais, e dedica-se a relatar o que os diferencia. Primeiramente, refere-se à existência de bibliotecas nos centros obreiros portenhos, aos quais os trabalhadores se dirigem após o dia de trabalho, leem e se instruem, o que, segundo Arlt, não ocorre com os trabalhadores cariocas. Para comprovar o argumento, o escritor lança dados acerca das tiragens dos jornais nas duas capitais:

*Para darle una idea del fenómeno que anoto, respecto a la cultura popular, tómese en cuenta este dato. No hay ningún diario aquí que tenga un tiraje cotidiano de ciento cincuenta mil ejemplares. Compárense con los tirajes de los rotativos de nuestra población: **EL Mundo, La Nación, La Prensa, Crítica** y otros, y se dará cuenta el lector lo que se lee en Buenos Aires y lo que se lee en Río. Me decían en **O Jornale** (sic) que aquí, antes de sacar a un diario, entre los cálculos de administración que se hacían entraba el de venta de ejemplares, cuando por el contrario, Buenos Aires, la venta da pérdida y el aviso, ganancia.³³³ (ARLT, 2013a, p. 104)*

³³³ “Para se ter uma ideia do fenômeno que estou anotando em relação à cultura popular, leve-se em conta este dado. Não há nenhum jornal aqui que tenha uma tiragem cotidiana de cento e cinquenta mil exemplares. Compare-se com as tiragens dos rotativos da nossa população: *EL MUNDO*, “La

Novamente o escritor refere-se, portanto, ao diário *O Jornal*, ainda que de modo errôneo. Com relação às vendas, era o *Diario da Noite*, fundado em 1929 no Rio de Janeiro³³⁴, o que mais vendia dentre os jornais de Chateaubriand, com uma tiragem diária de quase 150 mil exemplares em 1930 (MORAIS, 1997).

Se, por um lado, não havia uma tradição em relação aos anúncios na imprensa brasileira, por outro, “familiarizado com a imprensa estrangeira, Chateaubriand sabia que para dar lucros um jornal deveria ter, além de leitores, anunciantes” (MORAIS, 1997, p. 141). De acordo com Moraes (1997, p. 142), “o próprio Chateaubriand sabia que a ignorância não era só dos potenciais anunciantes. Mesmo os grandes jornais brasileiros ainda viviam na idade da pedra da publicidade e da propaganda”, o que o levaria a trabalhar no sentido de que os possíveis interessados aderissem à propaganda: cria o Departamento de Propaganda do jornal e contrata Fitz Gibbon e, menos de um ano depois, em 1925, tinha dobrado o faturamento resultante dos anúncios (MORAIS, 1997).

Retomando a questão do trabalhador do Rio, Arlt (2013a, p. 105) afirma: “*El obrero de Río de Janeiro trabaja, come y duerme. Mezcla de blanco y negro, analfabeto en su mayoría, ignora el comunismo, el socialismo, el cooperativismo*”³³⁵. Novamente o escritor faz uso da memória compartilhada com seus leitores, recordando assuntos tratados em suas notas portenhas: “*Ustedes recordarán que en más de una nota yo hacía chistes respecto a nuestras bibliotecas de barrio y de nuestra superficialísima cultura*”³³⁶ (ARLT, 2013a, p. 105), para então relatar uma conversa com um senhor chileno enquanto esteve em Montevideu, que lhe dizia: “*Nuestra cultura es profunda, pero no tiene ninguna extensión. La de ustedes los argentinos es superficial y extensísima. Y para un pueblo en formación es preferible*

Nación”, “La Prensa”, “Crítica” e outros, e o leitor se dará conta do que se lê em Buenos Aires e do que se lê no Rio. Me diziam no “O Jornale” que, aqui, antes de lançar um jornal, entre os cálculos de administração que se faziam, entrava o de venda de exemplares, quando, ao contrário, em Buenos Aires, a venda dá perda e o anúncio, lucro” (ARLT, 2013c, p. 312).

³³⁴ Chateaubriand tinha comprado, no dia 2 de junho de 1925, o jornal *Diario da Noite* de São Paulo (MORAIS, 1997).

³³⁵ “O operário do Rio de Janeiro trabalha, come e dorme. Mistura de branco e negro, analfabeto em sua maioria, ignora o comunismo, o socialismo, o cooperativismo” (ARLT, 2013c, p. 313).

³³⁶ “Vocês devem se lembrar que em mais de uma nota eu fazia piadas em relação a nossas bibliotecas de bairro e da nossa cultura mais do que superficial” (ARLT, 2013c, p. 313).

*la extensión a la profundidad. Ella vendrá después*³³⁷ (ARLT, 2013a, p. 105). Arlt não só concorda com o chileno, como justifica os “chistes” presentes nas águas-fortes portenhas: “*Es necesario viajar para darse cuenta de ciertas cosas. Lo bueno y lo malo. Teatros, diarios, novelas, cuentos, revistas, están formando en nuestro país un pueblo que hace que uno a lo lejos se sienta orgulloso de ser argentino*”³³⁸ (ARLT, 2013a, p. 105-106).

O escritor conclui que “*el obrero argentino está en un nivel intelectual enormemente superior al obrero brasileño*”³³⁹ (ARLT, 2013a, p. 107), e que até mesmo o brasileiro mais patriota concordaria com sua constatação. Para Arlt, os escritores e jornais ruins, assim como as peças de teatro, fazem bem ao público, de modo que aquele que hoje se dedica à leitura de algo ruim, em algum momento lerá coisas boas e “*ese desecho es abono y no hay que desperdiciarlo. Sin abono, no dan las plantas hermosos frutos*”³⁴⁰ (ARLT, 2013a, p. 107).

A água-forte “*Cosas del tráfico*”, publicada em 28 de abril, inicia-se com uma afirmação sobre o tráfego na cidade carioca a partir de sua oposição à capital portenha: “*En Río de Janeiro el tráfico es bastante distinto al de Buenos Aires. Ante todo, no se encuentran carros en la ciudad. El transporte se hace casi totalmente en camiones*”³⁴¹ (ARLT, 2013a, p. 109).

No primeiro parágrafo, Arlt prossegue elencando diferenças entre as duas capitais, tratando especificamente de duas que poderiam tê-lo feito sofrer um acidente nos primeiros dias: a sinalização dos semáforos – e que também serve aos pedestres – e o sentido de circulação, que no Brasil é pelo lado direito, também denominada mão-francesa, diferentemente do que ocorria na Argentina, que na época adotava a mão-inglesa³⁴², resultado de uma maior aproximação do argentino do modo inglês de vida:

³³⁷ “Nossa cultura é profunda, mas não tem nenhuma extensão. A de vocês, argentinos, é superficial e extensíssima. E para um povo em formação é preferível a extensão à profundidade. Ela virá depois” (ARLT, 2013c, p. 313).

³³⁸ “É preciso viajar para perceber certas coisas. O bom e o ruim. Teatro, jornais, romances, contos, revistas, estão formando no nosso país um povo que faz com que uma pessoa que está longe se sinta orgulhosa de ser argentina” (ARLT, 2013c, p. 313).

³³⁹ “O operário argentino está num nível intelectual enormemente superior ao do operário brasileiro” (ARLT, 2013c, p. 314).

³⁴⁰ “Esse refugo é adubo, e não há que desperdiçá-lo. Sem adubo, as plantas não dão encantadores frutos” (ARLT, 2013c, p. 314).

³⁴¹ “No Rio de Janeiro o tráfego é bem diferente do de Buenos Aires. Antes de mais nada, não se encontram carroças na cidade. O transporte é feito quase que totalmente em caminhões” (ARLT, 2013c, p. 315).

³⁴² O sentido de circulação na Argentina seria alterado a partir de 1945.

[...] en la Avenida de Mayo los coches que circulan por la izquierda van hacia el Este y los que van por la derecha hacia el Oeste. Aquí es al revés. De modo que durante muchos días usted observa de contramano y, claro está, no ve coches, que son los que vienen a sus espaldas.³⁴³ (ARLT, 2013a, p. 109)

Em seguida trata das características dos vários meios de transporte disponíveis na cidade: bonde, ônibus, automóveis, barcas, etc., e seus valores. Considerando que talvez os leitores não saibam o que é um zebu, ainda que haja alguns exemplares da espécie no zoológico de Buenos Aires, o escritor explica que se trata de um boi africano³⁴⁴ – que tem “*joroba en el lomo y cornamenta como algunos cristianos*”³⁴⁵ (ARLT, 2013a, p. 111), utilizando-se de sua ironia característica. Ainda sobre o animal, Arlt relata que há muitos destes nos romances do escritor vitoriano Henry Rider Haggard (1856-1925) e recordando, dentre eles, o caçador Allan Cuatermain, de “As minas do rei Salomão”, demonstrando, novamente, a presença de uma leitura que é, também, colonizadora.

Arlt relata que há ainda o funicular: “*Ese lo he descripto en una nota anterior*”³⁴⁶ (ARLT, 2013a, p. 112). De fato, Arlt narra em “*La belleza de Río de Janeiro*” o passeio que realiza, mas essa nota só seria publicada no dia 3 de maio, ou seja, trata-se de um texto escrito por Arlt antes de “*Cosas del tráfico*”, mas que aparece em *El Mundo* somente depois. Segue o escritor:

*¡Ah! En el puerto hay amarrado un submarino brasileño. Voy a ver si consigo permiso para visitarlo y les describiré lo que es este aparatito tan chico, menudo, largo, con una torrecita arriba, rectangular y que los deja pálidos a los comandantes de los **super dreadnaughts** (sic).*³⁴⁷ (ARLT, 2013a, p. 111)

No entanto, o escritor acaba não escrevendo a nota que pretendia, não sendo possível afirmar se não conseguiu a permissão que pretendia para tal empreitada ou

³⁴³ “Na avenida de Mayo, os carros que circulam pela esquerda vão para o Leste e os que vão pela direita, para o Oeste. Aqui é ao contrário. De modo que durante muitos dias você observa pela contramão, e claro, não vê carros, que são os que vêm pelas suas costas” (ARLT, 2013c, p. 315).

³⁴⁴ De acordo com o *Diccionario de la Real Academia Española*, o Cebú é uma: “*variedad del toro común, caracterizada por la giba adiposa que tiene sobre el lomo. Vive doméstico en la India y en África*”. Trata-se do zebu, gado muito comum no Brasil à época.

³⁴⁵ “Corcova no lombo e corno como alguns cristãos” (ARLT, 2013c, p. 316).

³⁴⁶ “Esse eu descrevi numa nota anterior” (ARLT, 2013c, p. 316).

³⁴⁷ “Ah! No porto há, amarrado, um submarino brasileiro. Vou ver se consigo permissão para visitá-lo, e então descreverei para vocês o que é esse aparelhinho tão pequeno, miúdo, comprido, com uma torrezinha em cima, retangular, e que deixa pálidos os comandantes dos superdreadnaughts” (ARLT, 2013c, p. 316-317).

se sequer a pretendia de fato, o que seria mais um dos anúncios arltianos que jamais chegou a público. Há ainda que se considerar o fato de que a marinha brasileira contasse com três submarinos italianos desde 1914 e adquiriu um quarto em 1929.

A água-forte “*Llamémoslo ‘jardín zoológico’*”, publicada em 29 de abril, está dividida em cinco partes: a introdução, “*Las piezas de los leones*”, “*Nota aclaratoria*”, “*¿Y el serpentario?*” e “*Casillas de animales*”:

Quiero suponer que el jardín zoológico de Río de Janeiro no tiene director. Quiero suponer que las pobres bestias allí encerradas no se ofenderán que yo llame a ese inquilinato con el nombre de “jardín”, porque juro que en mi vida jamás había imaginado dar con rincón más atorrante que aquel. Es algo fantástico, desmesuradamente fantástico, “alucinante” como dice mi camarada, el genio portugués. Y si no es cierto, si lo que digo no es verdad, que me pidan la renuncia.³⁴⁸ (ARLT, 2013a, p. 113)

Na sequência, o argentino afirma que, caso seus leitores não acreditem naquilo que irá dizer, apresentará a sua renúncia ou fará com que tirem uma fotografia da jaula dos leões para comprová-lo, considerando, uma vez mais, que suas afirmações sejam frequentemente tomadas como criação literária. Arlt descreve como é a jaula do casal de leões que se encontram separados cada um em suas respectivas alcovas, sendo estas descritas como um espaço pequeno e sem teto. Narra ainda um episódio de quase fuga da leoa para comprovar o seu ponto de vista em relação ao perigo de que um dia qualquer os leões fujam dali. Ao final deste trecho, o escritor insere uma “nota esclarecedora”, na qual comenta que o espaço dos leões descrito por ele tem o pomposo título de “*Villa dos Leoes*” (*sic*), e acrescenta: “*¡Se necesita imaginación! Bueno; en este inquilinato de los animales, todo es imaginación, desde el título de ‘jardín zoológico’ hasta el ‘serpentario’*”³⁴⁹ (ARLT, 2013a, p. 114). No trecho seguinte Arlt se detém a tratar do serpentário, “*algo digno de la fantasía de un mantequero persa*”³⁵⁰ (ARLT, 2013a, p. 115).

³⁴⁸ “Suponho que o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro não tem diretor. Suponho que os poucos animais ali trancados não se ofenderão se eu chamar esse inquilinato com o nome de jardim, porque juro que jamais havia pensado na minha vida em dar com um canto mais vagabundo do que aquele. É algo fantástico, desmesuradamente fantástico, ‘alucinante’ como diz o meu camarada, o gênio português. E se não for verdade, se o que eu estou dizendo não for verdade, que peçam minha renúncia” (ARLT, 2013c, p. 318).

³⁴⁹ “É preciso imaginação! Bom, nesse inquilinato dos animais, tudo é imaginação, desde o título de Jardim Zoológico até o serpentário” (ARLT, 2013c, p. 319)

³⁵⁰ “Algo digno da fantasia de um manteigueiro persa” (ARLT, 2013c, p. 319).

No último trecho, definido como “*Casillas de animales*”, o escritor afirma que, com exceção das casas dos animais de porte grande (leões, tigres e um urso), as demais não passam de caixotes velhos, evidenciando que o uso do diminutivo no subtítulo tem como intuito depreciar o espaço em questão. Essa atitude de depreciação em relação às condições do zoológico é reforçada pela descrição que segue:

*Allí se encuentran montecillos semidestruidos, casas de tiro al blanco abandonadas, ranchitos, calesitas entre cuyos caballos crece pasto, un restaurante donde ni los animales comen, acequias de agua podrida, árboles derribados, galpones solitarios, jaulas con pavos reales y pebleyos, gatos matreros (no sé de donde salen tantos gatos, en cada cantero hay uno acurrucado). [...] Juro que es de asombrarse.*³⁵¹ (ARLT, 2013a, p. 116)

Para o escritor, o jardim zoológico de Córdoba é infinitamente superior ao do Rio de Janeiro e “*el de Buenos Aires, el nuestro, es al de aquí, lo que Marcel Proust al hombre primitivo...*”³⁵² (ARLT, 2013a, p. 117).

As considerações diluídas ao longo das águas-fortes cariocas são reiteradas pelo escritor, quando este recebe uma carta de seu diretor sugerindo que o Rio deve oferecer temas interessantes: “*Mi director me escribe: ‘Río debe ofrecer temas interesantes. Hay museos, conservatorios de música, cafés, teatros, la vida misma de los periódicos...*”³⁵³ (ARLT, 2013a, p. 119). Após o fragmento inicial, no qual transcreve, portanto, o trecho da carta recebida pelo diretor do *El Mundo*, a nota divide-se em duas partes. Na primeira, “*Inocencia*”, Arlt descreve tudo aquilo que não é possível encontrar no Rio: “*¿Conservatorios en Río? ¿Teatros en Río? Una de dos, o yo estoy ciego o mi director ignora en absoluto lo que es Río de Janeiro*”³⁵⁴ (ARLT, 2013a, p. 119).

Na parte seguinte, “*No estamos en Buenos Aires*”, a cidade portenha emerge não mais como contraponto de suas observações, mas como referência destas. É

³⁵¹ “Ali se encuentran bosquezinhos semidestruidos, casas de tiro ao alvo abandonadas, ranchinhos, carrosséis por entre cujos cavalos de madeira a grama cresce, um restaurante onde nem os animais comem, acéquias de água podre, árvores derrubadas, galpões solitários, gaiolas com pavões reais e plebeus, gatos ariscos (não sei de onde é que saem tantos gatos, que em cada canteiro há um enrodilhado). [...] Juro que é de assustar” (ARLT, 2013c, p. 320).

³⁵² “O de Buenos Aires, o nosso, é, comparado com o daqui, o que Marcel Proust é ante o homem primitivo...” (ARLT, 2013c, p. 320).

³⁵³ “O meu diretor me escreve: ‘O Rio deve oferecer assuntos interessantes. Há museus, conservatórios de música, cafés, teatros, a própria vida dos jornais...’” (ARLT, 2013c, p. 321).

³⁵⁴ “Conservatórios no Rio? Teatros no Rio? Das duas uma: ou eu estou cego ou o meu diretor ignora absolutamente o que é o Rio de Janeiro” (ARLT, 2013c, p. 321).

interessante mencionar, no entanto, que a crônica em questão se denomina “*Sólo escribo sobre lo que veo*”, publicada em 30 de abril de 1930, enquanto o que temos é justamente um olhar acerca daquilo que está ausente.

Mais uma vez a narrativa arltiana constrói-se de forma que nos questionamos se o argentino detém sua escrita acerca daquilo que observa ou daquilo que gostaria de ter observado. Cabe salientar que na crônica de viagem, o autor-narrador é o sujeito da ação em curso, ou seja, o viajante. Desta forma, a imagem construída será sempre uma representação da paisagem observada, de forma que ao tecer o seu relato a história e a memória do sujeito estão presentes, ajustando o foco daquilo que está sendo representado por meio da escrita. No entanto, mais do que o ato de transferir o elemento visual para o código linguístico, é a subjetividade do escritor que opera na maior parte dos relatos sobre o Rio de Janeiro, uma vez que o argentino constantemente vê apenas aquilo que quer ver da cidade maravilhosa.

A água-forte “*Se lo recomiendo para combatir el calor*”, publicada em 1º de maio de 1930, inicia-se com um trecho de Azorín: “*Yo creo que le debo contar al lector, punto por punto, sin omisiones, sin efectos y sin lirismos, todo cuanto hago y cuanto veo*’ (*La mancha*, **Páginas Escogidas**, Azorín)”³⁵⁵ (ARLT, 2013a, p. 125). Segundo Arlt, foi isso que Azorín escreveu ao seu diretor, quando este o mandou passear. Arlt compara a atitude do diretor do jornal espanhol com a do diretor do *El Mundo*, uma vez que este o envia ao Brasil para escrever notas de viagem. Embora a primeira parte das águas-fortes geralmente seja disparadora do assunto que será desenvolvido posteriormente, aqui temos uma continuação da nota “*Sólo escribo sobre lo que veo*”, publicada no dia anterior. E, após reconhecer que é conveniente a existência de diretores como o seu, enviando seus jornalistas a outros países, Arlt inicia finalmente o assunto da nota no parágrafo final de sua introdução:

*Bueno. Pero yo no iba a contar esto, sino lo siguiente: tan disparatado es ir al Brasil a hacer gimnasia sueca, como sembrar bananas en el Polo. Y sin embargo, todos los días me fajo mi buena hora de gimnasia. Sí, señores; sesenta minutos, sin grupo ni descuento.*³⁵⁶ (ARLT, 2013a, p. 125)

³⁵⁵ “Eu acho que devo contar ao leitor, ponto por ponto, sem omissões, sem efeitos e sem lirismos, tudo quanto faço e quanto vejo’ (*La Mancha*. Páginas Escolhidas, Azorín.)” (ARLT, 2013c, p. 324).

³⁵⁶ “Bom. Mas eu não ia contar isso, e sim o seguinte: é tão disparatado ir ao Brasil para fazer ginástica sueca como plantar bananas no Polo. E, no entanto, todos os dias malho minha boa hora de ginástica. Sim, senhores; sessenta minutos, sem brincadeira nem desconto” (ARLT, 2013c, p. 324).

A prática da ginástica sueca era comum ao escritor, inclusive tendo sido tema de uma de suas notas, em 17 de dezembro de 1929, ano anterior à viagem ao Rio. Na nota intitulada “*Motivos de la gimnástica sueca*”, o escritor retoma um diálogo com alguém que também pratica o exercício e que afirma que todos aqueles que praticam essa ginástica o fazem por algum motivo, exemplificando sua afirmação com a sua própria história. Em ambas notas acerca da ginástica sueca a temperatura elevada é mencionada. E se para o interlocutor do diálogo da primeira nota sobre a ginástica havia muitos motivos para a sua prática, na segunda, o motivo é justamente o calor, estando presente já no título da nota em questão. Na segunda parte da nota, denominada “*Es necesario*”, o escritor menciona os dias de calor e as tentativas de superá-lo:

*Seis días estuve meditando si iría a la Asociación Cristiana de Jóvenes Brasileños a desconjuntarme o no. Seis días en cuyo lapso no sé cuántos miles de reis hice saltar en refrescos, naranjadas y sorbetes. Ni a la sombra, ni al sol, encontraba alivio para el calor que le derrite los sesos a cuanto hombre del Sur llega aquí.*³⁵⁷ (ARLT, 2013a, p. 125-126)

Em “*Sesenta minutos*”, Arlt descreve os exercícios que realiza durante sua aula de ginástica e, na parte seguinte, denominada “*Y sale a la calle*”, o escritor menciona os benefícios da prática num país onde inclusive os nativos sentem o efeito do calor: “*He aquí el único medio para el argentino que quiere venir a vagar en este país de ‘paz y orden’. ¡Ah! Se me olvidaba: también se puede comprar una heladera y atorrar en ella*”³⁵⁸ (ARLT, 2013a, p. 128). Observa-se nesse trecho a ironia em relação ao país de “paz e ordem”, numa referência às palavras “ordem e progresso” da bandeira brasileira, substituindo “progresso” por “paz”, mais adequada ao cenário descrito nessas impressões de viagem, quando o que se narra, além de uma calma frente às questões sociais, reflete também a ausência do progresso da sociedade brasileira.

³⁵⁷ “Fiquei seis dias meditando se iria ou não à Associação Cristã de Jovens Brasileiros para me desconjuntar. Seis dias, em cujo lapso não sei quantos mil-réis fiz saltar em refrescos, laranjadas e sorvetes. Nem à sombra, nem ao sol, encontrava alívio para o calor que derrete os miolos de todo homem do sul que chega aqui” (ARLT, 2013c, p. 324).

³⁵⁸ “Eis aqui o único remédio para o qual o cidadão argentino que queira vir a vagar nesse país de ‘paz e ordem’. Ah! Já ia me esquecendo: também se pode comprar uma geladeira e puxar um ronco nela” (ARLT, 2013c, p. 326).

A paz aludida por Arlt é mais aparente do que real e decorre de muitos fatores, dentre os quais destaca-se o fato de que há todo um contexto de repressão na história recente do país. Não aparece, por exemplo, nas notas seguintes, nenhuma referência às comemorações, ou ainda à ausência de comemorações em razão do Dia do Trabalho, comemorado em primeiro de maio, uma vez que as mesmas foram proibidas, como menciona Meirelles (2015, p. 437): “A Praça Mauá, onde os comunistas da capital da República se reuniam para condenar as vilezas do regime capitalista, amanhecera sitiada pela Quarta Auxiliar”. Além disso, “a presença ostensiva de tintureiros visava a dissuadir os operários de promoverem o comício de Primeiro de Maio que realizavam todos os anos no cais do porto” (MEIRELLES, 2005, p. 437), o que demonstra, portanto, que a “paz” à qual alude Arlt ao referir-se ao país é relativa. Nesse dia, a edição vespertina do *Diario da Noite* trazia a manchete: “O 1º de maio e as manifestações operarias. Não houve o comício tradicional da Praça Mauá” (*Diario da Noite*, 01/05/1930), acompanhado de foto da praça com a legenda: “Aspecto do local onde era esperado um ‘meeting-monstro’ e onde teve lugar uma parada de forças da Policia Militar, muito apreciada pelos ‘touristes’ desembarcados hoje na praça Mauá” (*Diario da Noite*, 01/05/1930).

A água-forte “*La belleza de Río de Janeiro*”, publicada em 3 de maio de 1930, inicia-se com a seguinte afirmação: “*El visitante no puede darse cuenta de lo que es Río de Janeiro, sin subir al Pan de Azúcar y para resolverse a subir al Pan de Azúcar, por lo general, se medita una hora. Porque son trescientos metros de altura y...*”³⁵⁹ (ARLT, 2013a, p. 129).

O que se segue, em “*Una obra de ingeniería brasileña*”, é uma longa descrição da paisagem observada no trajeto de subida do Pão de Açúcar, a bordo do funicular mencionado em nota anterior, cujos adjetivos promovem a construção de uma imagem de grandiosidade, tais como: “*granada gigantesca*”, “*socavón inmenso*”, “*país magnífico*”, “*bruta*” e “*emoción extraordinaria*”³⁶⁰ (ARLT, 2013a, p. 129-130). Para ele, os brasileiros são incríveis (“*bárbaros*”), pois “*tienen un país*

³⁵⁹ “O visitante não pode se dar conta do que é o Rio de Janeiro sem subir ao Pão de Açúcar. E para resolver subir ao Pão de Açúcar, em geral, medita-se uma hora. Porque são trezentos metros de altura e...” (ARLT, 2013c, p. 327).

³⁶⁰ “Granada gigantesca”, “precipício imenso”, “país magnífico”, “bruta” e “emoção extraordinária” (ARLT, 2013c, p. 327)

*magnífico y ni por broma le hacen propaganda para que vengan turistas*³⁶¹ (ARLT, 2013a, p. 130).

Além disso, como ocorre nas notas em que predominam a descrição, o autor apresenta a infinidade de cores observadas por ele: “[...] *techos rojos, azules, blancos, cubos que, como una vegetación de líquenes, asciende y se interrumpe, manchando de color tinta, de color engrudo, de morados y de óxidos de hierro y de verde de sulfato, las pendientes de piedra.*”³⁶² (ARLT, 2013a, p. 131). Arlt utiliza-se também de formas geométricas numa tentativa de descrever a paisagem que é logo reconhecida pelo autor:

*Usted mira y cierra los ojos. Quiere conservar un recuerdo de lo que ve. Es imposible. Los cuadros se superponen, uno desvanece al otro, y así sucesivamente. Usted lucha con esa confusión, quiere definir geoméricamente la ciudad, decir: “Es un polígono, un triángulo”. Es inútil... Lo más que podría decir es que Río de Janeiro es una ciudad construida en el interior de varios triángulos, cuyos vértices de unión constituyen el lomo de los cerros, de los morros, de los montes...*³⁶³ (ARLT, 2013a, p. 132)

Percebe-se, neste trecho, a presença do cubismo, vanguarda de origem europeia, cujas representações do mundo são feitas a partir de formas geométricas, sobretudo nas artes plásticas, mas que também pode ser observada na literatura.

A água-forte “*Elogio de una moneda de cinco centavos*” foi publicada em 5 de maio de 1930. Como vimos, Arlt escreveu ao todo vinte textos que se denominaram “elogios” e que foram publicados no *El Mundo*: dois quando seus artigos ainda não traziam o nome do escritor, três na seção “*De Roberto Arlt*”, sendo que dois deles incorporam o conjunto das águas-fortes cariocas, um na seção “*Informaciones de viaje*”, durante a viagem ao Uruguai, e os demais como águas-fortes portenhas.

O elogio em questão se faz a uma moeda de cinco centavos argentinos que Arlt teria ganho de uma senhora argentina residente no Brasil. Após explicar a

³⁶¹ “Têm um país magnífico, e nem por brincadeira fazem propaganda dele para que venham turistas” (ARLT, 2013c, p. 327).

³⁶² “Telhados vermelhos, azuis, brancos cubos que, como uma vegetação de líquens, sobe e se interrompe, manchando de cor de vinho, cor de cola, roxos e de óxidos de ferro e de verde de sulfato as ladeiras de pedra” (ARLT, 2013c, p. 328).

³⁶³ “Você olha e fecha os olhos. Quer conservar uma lembrança do que vê. É impossível. Os quadros vistos se superpõem, um desvanece o outro e assim sucessivamente, você luta com essa confusão, quer definir geometricamente a cidade, dizer ‘é um polígono, um triângulo’. É inútil... O máximo que poderá dizer é que o Rio de Janeiro é uma cidade construída no interior de vários triângulos, cujos vértices de união constituem o lombo dos cerros, dos morros, das montanhas...” (ARLT, 2013c, p. 328).

procedência da moeda no parágrafo inicial, Arlt se detém a explicitar o “diálogo” com a referida moeda, em relação à qual o escritor se refere sempre com uso de diminutivos: “*queridita*”, “*chirilota*”, “*monedita*”, “*chiquita*” e “*menudita*”, recuperando a cidade de Buenos Aires, “*la más linda de SudAmérica*”, em seus comentários: “*Te saludo con la emoción del porteño que ha perdido hace rato de vista su hermosa calle Corrientes y su magnífica Avenida de Mayo, su Florida cursilera y su majestuosa Callao*”³⁶⁴ (ARLT, 2013a, p. 137). Após o diálogo, Arlt afirma:

*Esto es lo que le he dicho a la chirilota de cinco guitas, que me ha regalado una señora argentina. [...] Cuando llego desesperado y sudando de las caminatas interminables que me hago en busca de motivos que no existen, la monedita fiel, lustrosa, fina, menuda, bonita, me recibe como un consuelo; los ojos de la cabeza de la República parece que me dicen al mirarme: “No me vas a abandonar” y yo le contesto: “Te soy fiel. Te soy fiel, porque a pesar que aquí no servís para nada, me ligas a un pasado misho; te soy fiel porque me recordás mi ciudad, más querida que nunca, porque está lejos; te soy fiel a pesar de que llevo los bolsillos reventados de tostones, porque **hablás el idioma nuestro, resonante, machoso, bravo, retobado, compadre**; te soy fiel porque en tu compañía el corazón me dice que llegarán buenos días en que tendré compañeras tuyas en el bolsillo y seré personaje importante diciendo, en una mesa de café: “Cuando anduve esgunfiado por el Brasil...”*³⁶⁵ (ARLT, 2013a, p. 139-140, grifo nosso)

Neste trecho, Arlt demonstra a vontade de retornar ao seu país de origem e o faz salientando a superioridade da moeda argentina que, ainda que diminuta, vale mais que as imensas patacas de reis brasileiros.

A água-forte “*No me hablen de antigüedades*”, publicada em 06 de maio de 1930, temos, como de costume, o posicionamento do escritor sobre algum assunto a partir de um diálogo: “*Alguien me dice: – A usted parece que no le entusiasman las cosas antiguas: estas iglesias centenarias, estas estatuas del tiempo de la Colonia y*

³⁶⁴ “Eu te saúdo com a emoção do portenho que perdeu não faz muito sua encantadora Corrientes, e sua magnífica avenida de Mayo, sua Florida cafona e sua majestosa Callao” (ARLT, 2013c, p. 332).

³⁶⁵ “Foi isso que eu falei à moedinha de cinco pratas que uma senhora argentina me deu. [...] quando chego desesperado e suando das intermináveis caminhadas que faço à procura de motivos que não existem, a moedinha fiel, lustrosa, fina, miúda, bonita, me recebe como um consolo; os olhos da cabeça da República parece que me dizem, ao me olhar: ‘Você não vai me abandonar’, e eu lhe respondo: sou fiel a você, porque apesar de que aqui você não serve para nada, você me liga a um passado mixo; sou fiel a você porque você me faz recordar da minha cidade mais querida, agora mais do que nunca, porque ela está longe; sou fiel a você apesar de ter os bolsos entupidos de tostões, porque você fala o nosso idioma, ressonante, machão, bravo, enfezado, *compadre*; te sou fiel porque na tua companhia o coração me diz que dias bons chegarão, dias em que terei tuas companheiras no bolso, e serei personagem importante, dizendo, numa mesa de café: – Quando eu andei pelas tampas com o Brasil...” (ARLT, 2013c, p. 333-334).

*el Emperador...*³⁶⁶ (ARLT, 2013a, p. 141). A partir de então, o escritor relata a sua “resposta” ao interlocutor, demonstrando um narrador avesso a todo tipo de antiguidade, de igrejas a museus, e desiludido de viajar:

– *Una de dos; o nos engañamos a nosotros mismos y engañamos a los demás, o confesamos que el pasado no nos interesa. Y eso es lo que me ocurre a mí. Otro señor podrá hacer de las iglesias de Río un capítulo de novela interesante. A mí no me parece tema ni para una mala nota. ¿Estamos? Otro señor podría hacer de las callejuelas torcidas de Río un poema maravilloso. A mí, el poema y la callejuela me fastidian. Y me fastidian porque falta el elemento humano en su estado de evolución. El paisajes (sic) sin hombres me revienta. Las ciudades sin problemas, sin afanes y los hombres sin un asunto psicológico, sin preocupaciones, me achatan.*³⁶⁷ (ARLT, 2013a, p. 142)

Mais do que aversão às paisagens e construções antigas, o que provoca a indignação do escritor é o que ele considera como ausência de preocupação social e cultural da população, que trabalha para ganhar o “feijão” e vive religiosamente: *“Esta mezcla de superstición, de mugre, de ignorancia y de inconsecuencia me crispera. La empleada argentina es una muchacha trabajada de pensamiento en lo relativo; la empleada, aquí, es un artículo de lujo”*³⁶⁸ (ARLT, 2013a, p. 143).

Volta-se novamente ao antigo para opor-se a ele e despreza também a paisagem: *“El paisaje me revienta, No miro a las montañas ni por broma. ¿Qué hacemos con la montaña? ¿Describirla? Montañas hay en todas partes. Los países no valen por sus montañas”*³⁶⁹ (ARLT, 2013a, p. 143-144). Além das oposições que estabelece entre o Brasil e a Argentina, inclui nesta nota também comentários que opõem o Brasil ao Uruguai no que se refere às preocupações de ordem social.

³⁶⁶ “Alguém me disse: – Parece que as coisas antigas não o entusiasma; essas igrejas centenárias, essas estátuas do tempo da colônia e do imperador...” (ARLT, 2013c, p. 335).

³⁶⁷ “– Das duas uma: ou enganamos a nós mesmos e enganamos aos demais ou confessamos que o passado não nos interessa. E é o que acontece comigo. Outro senhor poderá fazer das igrejas do Rio um capítulo de romance interessante. Para mim, não parece assunto nem para uma nota ruim. Estamos entendidos? Outro senhor poderia fazer das sinuosas ruelas do Rio um poema maravilhoso. Para mim, o poema e a ruela me cansam. E me cansam porque falta o elemento humano em seu estado de evolução. A paisagem sem homens acaba comigo. As cidades, sem problemas, sem afãs e os homens sem um assunto psicológico, sem preocupações, acabam comigo” (ARLT, 2013c, p. 335-336).

³⁶⁸ “Essa mistura de superstição, de imundície, de ignorância e de inconseqüência, me irrita. A empregada doméstica argentina é uma moça calejada de preocupações reais; a empregada, aqui, é um artigo de luxo” (ARLT, 2013c, p. 336).

³⁶⁹ “A paisagem acaba comigo. Não olho as montanhas nem de brincadeira. O que fazemos com a montanha? Descrevê-la? Montanhas há em todos os lugares. Os países não valem por suas montanhas” (ARLT, 2013c, p. 336).

Quando ao final da nota seu interlocutor, cujos adjetivos para descrever a Arlt são de “agressivo” a “insociável”, menciona que o melhor para o portenho era permanecer em sua cidade, Arlt não apenas concorda, mas também acrescenta que, estando em Buenos Aires, não teria tanta dificuldade para encontrar temas sobre os quais escrever.

A água-forte “*Amabilidad y realidad*”, publicada em 7 de maio de 1930, está dividida em duas partes. A primeira inicia-se com uma constatação acerca das consequências da amabilidade brasileira, que nas primeiras notas era uma característica salientada positivamente pelo escritor: “*Cuando quiera investigar algo seriamente respecto a la vida del pueblo, usted se estrella, aquí en Río de Janeiro, en esa amabilidad brasileña, que celosamente oculta las grietas de su civilización popular*”³⁷⁰ (ARLT, 2013a, p. 145). Adiante, e para dar credibilidade à sua opinião acerca do assunto, Arlt narra uma situação:

*Me contaron una anécdota formidable. La doy tal como la he recibido. Cuando llegó a Río de Janeiro el **leader** socialista Albert Thomas, como todos los sindicatos obreros habían sido disueltos por la policía, se le pasó la mula a Mr. Thomas, presentándole unos empleados del Gobierno como delegados de centros obreros. Hasta reglamentos perfectamente confeccionados llevaban.*³⁷¹ (ARLT, 2013a, p. 145)

Acerca do fato narrado, o que se sabe é que, no ano de 1925, Albert Thomas, primeiro Secretário Geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), criada em 1919, realizou uma viagem aos países do Cone Sul, primeiramente ao Brasil, seguido por outros três países: Uruguai, Argentina e Chile (FERRERAS, 2011). Arlt segue o relato de diálogos com jornalistas, argentinos e amigos acerca do Brasil.

A segunda parte, denomina-se “*Y no hay problemas sociales*”. Arlt rebate o comentário de um amigo, segundo o qual: “*Aquí [no Brasil] no hay problemas*

³⁷⁰ “Quando se quer investigar algo seriamente a respeito da vida do povo, caro leitor, a gente se estrema aqui no Rio de Janeiro, nessa amabilidade brasileira, que ciumentamente oculta as fissuras de sua civilização popular” (ARLT, 2013c, p. 338).

³⁷¹ “Me contaram um caso formidável. Passo a vocês tal como recebi: Quando o ‘leader’ socialista Albert Thomas chegou ao Rio de Janeiro, como todos os sindicatos trabalhistas haviam sido dissolvidos pela polícia, pregaram ‘uma peta’ no mr. Thomas, apresentando a ele uns empregados do governo como delegados de centros operários. Tinham até regulamentos perfeitamente confeccionados” (ARLT, 2013c, p. 338).

*sociales*³⁷² (ARLT, 2013a, p. 146). Arlt trata das diferenças entre os dois países no que se refere, sobretudo, aos movimentos sociais, e constata:

*Yo, que me estoy volviendo argentinófilo, les explico a estos muchachos, compañeros de la Asociación Cristiana, cuáles son los movimientos sociales en nuestro país; les describo las bibliotecas obreras, los centros de los barrios, la calidad de nuestros autores de parroquia que estrenan macanas en teatros de parroquia, con compañías pésimas y me observan, como diciéndose:
- Nada de esto hay aquí.*³⁷³ (ARLT, 2013a, p. 147)

Arlt se refere ainda a um artigo do *El Mundo*, “*donde se publicaba la fotografía de un diputado radical que había sido canillita y la de otro socialista que fue mensajero*”³⁷⁴ (ARLT, 2013a, p. 147), referindo-se a Portas e Broncini, em relação ao qual seus interlocutores demonstram-se espantados, o que seria um exagero por parte do autor. Nessa parte, predominam os comentários acerca da Argentina, considerada, logo adiante, como um país superior ao Brasil, segundo Arlt, o que o leva a questionar quais foram os motivos que teriam permitido tantas diferenças entre os dois países, e conclui: “*Somos los mejores sin vuelta: los mejores. Un obrero como el nuestro no se encuentra sino en Buenos Aires. [...] Somos los mejores porque tenemos una curiosidad enorme y una cultura colectiva magnífica*”³⁷⁵ (ARLT, 2013a, p. 147).

Além de uma suposta superioridade da Argentina em relação ao Brasil, Arlt constata o desconhecimento dos brasileiros em relação ao seu país e também em relação à Portugal, enquanto os argentinos conhecem a Espanha “*como si fuera la Argentina...*”³⁷⁶ (ARLT, 2013a, p. 148). Vale lembrar, no entanto, que o próprio Arlt menciona na entrevista publicada no jornal *Diario da Noite* que os argentinos tampouco conhecem o país vizinho, ou seja, o desconhecimento apresenta-se nas

³⁷² “Aqui não há problemas sociais” (ARLT, 2013c, p. 339).

³⁷³ “Eu, que estou me tornando argentinófilo, explico a esses rapazes, companheiros da Associação Cristã, quais são os movimentos sociais no nosso país; descrevo-lhes as bibliotecas operárias, os centros dos bairros, as qualidades dos nossos autores de bairro que estreiam bobagens em teatros de bairro, com companhias péssimas, e me observam, como que dizendo: – Aqui não tem nada disso” (ARLT, 2013c, p. 339).

³⁷⁴ “Onde se publicava a fotografia de um deputado radical que tinha sido vendedor de jornal na infância e a de outro socialista que foi mensageiro” (ARLT, 2013c, p. 339).

³⁷⁵ “Somos os melhores, não tem jeito: os melhores. Um operário como o nosso não se encontra a não ser em Buenos Aires. [...] Somos os melhores porque temos uma curiosidade enorme e uma cultura coletiva magnífica” (ARLT, 2013c, p. 339).

³⁷⁶ “Como se fosse a Argentina...” (ARLT, 2013c, p. 340).

duas direções e aparece nas narrativas de viajantes desde meados do século XIX, como podemos constatar no primeiro capítulo.

A água-forte “*¡Treinta y seis millones!*”, publicada em 8 de maio de 1930, está dividida em três partes. A primeira, apresenta um longo monólogo do narrador ao caminhar pela avenida Rio Branco, deserta às nove e quarenta da noite. O monólogo se desenvolve a partir da constatação de que o narrador não viu nenhuma casa funerária, nenhum carro fúnebre ou cemitério: “*No se muere nadie, está visto; y el Brasil tiene treinta y seis millones de habitantes. Y como siga así, en breve tiempo tendrá setenta y dos millones*”³⁷⁷ (ARLT, 2013a, p. 150). A segunda parte, “*También*”, elenca uma série de coisas que não se faz no Brasil, tais como beber, ir ao teatro, jogar ou ir à biblioteca:

*¿Qué hace la gente?, me dirá usted.
Trabajar. Aquí trabaja todo el mundo. Ya lo dije en otra nota y lo repito en esta, para que no se olvide. Trabajan blancos y negros, mujeres y hombres. En las boleterías de las compañías de navegación encuentra mujeres. Casi todas las cigarrerías están atendidas por mujeres. La mujer trabaja a la par que el varón; se gana el feyon, es decir, los porotos.
‘Aquí toda a gente a grama’ (Aquí toda la gente trabaja). Y luego a casita.*³⁷⁸ (ARLT, 2013a, p. 151)

A terceira e última parte, “*En algo hay que entretenerse*”, além de trabalhar, segundo o autor, os brasileiros também se dedicam a fazer filhos: “*Trabajan y tienen hijos. Siguen el más amplio sentido de la palabra el bíblico precepto*”³⁷⁹ (ARLT, 2013a, p. 151). Com relação à população no Brasil, de acordo com o Censo demográfico de 1920, havia no país 30.635.605 habitantes (IBGE, 1920) e, em 1930, ano da viagem do argentino ao Brasil, não houve Censo. Ainda no que se refere à constituição da população brasileira, Arlt (2013a, p. 152) relata: “*cuando nos acordemos, Brasil tendrá cien millones de habitantes. Y no pasarán muchos años.*

³⁷⁷ “Não morre ninguém, está visto; e o Brasil tem trinta e seis milhões de habitantes. E, continuando assim, dentro em breve terá setenta e dois milhões” (ARLT, 2013c, p. 341).

³⁷⁸ “Você me dirá: o que as pessoas fazem? Trabalhar. Aqui todo mundo trabalha. Já disse em outra nota e repito nesta, para que não se esqueça. Trabalham brancos e negros, mulheres e homens. Nas bilheterias das companhias de navegação, você encontra mulheres. Quase todas as tabacarias são atendidas por mulheres. A mulher trabalha tanto quanto o varão; ganha o ‘fejon’, isto é, os *porotos*. ‘Aqui toda a gente a grama’. Aqui todas as pessoas trabalham. E, em seguida, direto para casa” (ARLT, 2013c, p. 342).

³⁷⁹ “Trabalham e têm filhos. Seguem no mais amplo sentido da palavra o bíblico preceito” (ARLT, 2013c, p. 342).

*Quando la gente labura y no bebe y no juega y se queda en su casa...*³⁸⁰, sendo que a população brasileira somente chegaria a esse número no período entre 1970 e 1980, quando o Censo indica 121.150.573 habitantes (IBGE, 1980). A ideia de que o brasileiro trabalha muito contrasta com a realidade observada por Arlt durante sua estadia no Uruguai, onde o escritor menciona que ninguém trabalha.

A água-forte *“Elogio de la triple amistad”*, segundo “elogio” sobre o Rio, ao qual nos referimos anteriormente, e publicada em 11 de maio, está dividida em duas partes. Na primeira, o narrador conta aos seus leitores que passeava entediado às sete e trinta da noite de um domingo pela avenida Rio Branco quando avistou algo que derreteu o seu mau humor *“como la nieve al sol”*³⁸¹ (ARLT, 2013a, p. 153) e dizendo, *“yo sé lo que ustedes supondrán”*³⁸² (ARLT, 2013a, p. 153), elenca uma série de possibilidades, de possíveis tentativas de seus leitores em adivinhar o que fora que desvaneceu o fastio do escritor argentino, num diálogo imaginário com os leitores, até desvendar o mistério: *“- Caminando en dirección contraria a la mía venía un matrimonio en compañía de su fiel e inseparable amigo, no aquel matrimonio que va al restaurante Labarthe, sino otro matrimonio”*³⁸³ (ARLT, 2013a, p. 154), referindo-se ao casal acompanhado do amigo mencionado em *“Castos entretenimientos”*.

A segunda parte, tal como anuncia o título, *“Descripción”*, descreve o trio avistado por Arlt: *“momia, barbilindo y dona, hacen un conjunto delicioso”*³⁸⁴ (ARLT, 2013a, p. 155). Na sequência, narra a cena na qual figuram os três personagens, de forma maliciosa e irônica:

*¿Qué corazón, por duro que sea, no se enternecería frente a dicho espectáculo? ¿Qué alma, por insensible y malvada, no se emocionaría de dulzura al contemplar al anciano que desparrama su sabiduría caudalosa como un río de leche y de miel, en los oídos de un joven ansioso de conocimiento y de una mujer que rabia por enterrarlo... quiero decir, por cuidarlo? (Freud tiene razón cuando estudia las palabras equivocadas.)*³⁸⁵ (ARLT, 2013a, p. 156)

³⁸⁰ “Quando acordarmos, o Brasil terá cem milhões de habitantes. E não vão se passar muitos anos. Quando as pessoas pegam no batente e não bebem, não jogam e ficam em casa...” (ARLT, 2013c, p. 342).

³⁸¹ “Como a neve ao sol” (ARLT, 2013c, p. 343).

³⁸² “Eu sei o que vocês vão supor” (ARLT, 2013c, p. 343).

³⁸³ “ – Caminhando em direção contrária à minha, vinha um casal em companhia de seu fiel e inseparável amigo, não aquele casal que vai ao restaurante Labarthe, mas outro casal” (ARLT, 2013c, p. 343).

³⁸⁴ “Múmia, janota e dona, formam um conjunto delicioso” (ARLT, 2013c, p. 344).

³⁸⁵ “Que coração, por mais duro que seja, não se enterneceria diante de tal espetáculo? Que alma, por mais insensível e malvada, não se emocionaria de doçura ao contemplar o ancião que esparrama sua sabedoria caudalosa, e como um rio de leite e de mel, nos ouvidos de um jovem ansioso por

Ao corrigir o seu suposto deslize com as palavras, Arlt se refere à teoria de Freud acerca dos “atos falhos”, o que quer dizer que um equívoco, na verdade, pode ser expressão de algo inconsciente. O escritor transparece que, embora demonstre por toda a narrativa uma visão bondosa em relação ao trio observado, no fundo, há uma ironia naquilo que está sendo dito.

A água-forte “*Vento fresco*”, publicada em 12 de maio de 1930, divide-se em três partes. A introdução narra a expectativa do sujeito, que se encontra em país estrangeiro, todo dia 30 e 15 do mês, esperando pela chegada do informe do banco. A segunda parte, “*Tierra extraña*”, dá continuidade ao assunto: “*Estar en tierra extraña es estar completamente solo. La amabilidad de la gente es de dientes para afuera. Rápidamente lo comprende el viajero, que no es un otario ni un caído del catre*”³⁸⁶ (ARLT, 2013a, p. 157). Arlt descreve as relações com as instituições bancárias, relações essas inexistentes antes da viagem. Em “*Porque...*”, novamente relata a expectativa pelo informe do banco, com a ordem de pagamento, e toda sorte de acontecimentos que poderiam ocorrer, atrasando ou mesmo impossibilitando a sua entrega até que, no dia seguinte, o aviso encontra-se na caixa do correio.

Há todo um vocabulário que expõe a situação de distanciamento em relação à terra natal: “emigrado”, “terra estranha” e “ausente de sua bendita terra”, a partir do qual Arlt retrata e, em certa medida, incorpora a situação de deslocamento vivenciada por aqueles que se encontram distantes de sua terra natal. O próprio título do texto nos remete a uma expressão marítima e, por conseguinte, daqueles que se encontram distantes de suas casas, reforçada ainda pela comparação que estabelece de si próprio enquanto viajante e de outros: “*Cuando se hace esta composición de lugar, así como el marino en tiempos de tempestad pone su alma y pellejo en su brújula, y el aviador en el sextante, usted pone sus sentidos, sus pies y su cuerpo, en el banco con el cual opera*”³⁸⁷ (ARLT, 2013a, p. 157-158). Nessa comparação, o banco é a instituição que fornece a segurança ao estrangeiro, assim como a bússula e o sextante, ao marinheiro e ao aviador, respectivamente.

conhecimento e de uma mulher doida para enterrá-lo... quero dizer, cuidá-lo? (Freud tem razão quando estuda as palavras equivocadas.)” (ARLT, 2013c, p. 345).

³⁸⁶ “Estar em terra estranha, é estar completamente sozinho. A amabilidade das pessoas é da boca para fora. O viajante, que não é um otário nem nasceu ontem, rapidamente compreende isso” (ARLT, 2013c, p. 346).

³⁸⁷ “Quando se traça esse panorama geral, assim como o marinheiro em tempo de tempestade põe sua alma e sua pele na bússula, e o aviador no sextante, você põe seus sentidos, seus pés e seu corpo no banco com o qual opera” (ARLT, 2013c, p. 346).

A água-forte “*Redacción de O Jornal*”, publicada em 13 de maio de 1930 e dividida em três partes, relata o cotidiano daqueles que trabalham nas redações dos jornais, referindo-se mais especificamente à redação de *O Jornal*, já mencionada nas notas anteriores e na qual escreve seus textos para *El Mundo*. Na primeira parte, Arlt, que comparou o marinheiro ao viajante na nota anterior, agora o faz em relação aos escritores:

*Quando las rotativas funcionan, el piso trepida y la Redacción se llena de un infernal ruido que todos los periodistas hechos al oficio no oímos sino de tarde en tarde, como los marineros que acostumbrados al balanceo del barco no lo perciben sino cuando este se zarandea demasiado.*³⁸⁸ (ARLT, 2013a, p. 161)

Na sequência, em “*La Redacción*”, Arlt descreve o local e as pessoas que ali trabalham, citando primeiramente o secretário de redação, senhor “Figueiredo de Pimentel” e, logo em seguida, o encarregado de concurso de belezas femininas³⁸⁹, o senhor “Nobrega de Acuña”. Aqui residem alguns descuidos do autor em relação aos dados por ele mencionados e que, possivelmente, se referem aos senhores Figueiredo de Pimentel e Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, editor de *O Jornal*.

Em “*Los otros*”, o autor continua descrevendo o espaço da redação e o comportamento daqueles que ali desenvolvem o seu trabalho. Arlt descreve as dificuldades do fazer jornalístico: “*Y le meto a la Underwood. Lo que ocurre es que a veces a la Underwood no se le ocurre nada que escribir y yo me veo en un apuro [...]*”³⁹⁰ (ARLT, 2013a, p. 164). Para Arlt, todas as redações são iguais:

Todas las redacciones de todos los diarios del mundo son iguales. [...] Todas las redacciones del mundo son iguales. Gente que mira de mala manera la carilla que para terminarse exige diez minutos más de escritura y redactores que sonríen semiaburridos escuchando un señor patilludo que trata de complicarles la vida con

³⁸⁸ “Quando as rotativas funcionam, o chão trepida e a redação se enche de um barulho infernal que todos nós, jornalistas afeitos ao ofício, não escutamos senão de tarde em tarde, como os marinheiros que, acostumados ao balanceio do barco, não o percebem senão quando este joga demais” (ARLT, 2013c, p. 349).

³⁸⁹ De acordo com Moraes (1997), em 1923, o jornal *A Noite*, de Irineu Marinho, promove um concurso popular de beleza, em parceria com a *Revista da Semana* e, “alegando que *A Noite* e a *Revista da Semana* tinham plagiado uma idéia em voga fazia muitos anos nos Estados Unidos, Chateaubriand não teve cerimônia em registrar em nome de *O Jornal* a marca “Miss Brasil” – um concurso de beleza que se realizaria anualmente sob os auspícios do jornal como ‘uma homenagem à nossa mais linda patrícia’” (MORAIS, 1997, p. 152). No ano de 1930 a ganhadora do “Miss Brasil” foi Yolanda Pereira.

³⁹⁰ “E me meto na Underwood. O que acontece é que às vezes a Underwood não sabe sobre o que escrever, e eu me vejo em apuros [...]” (ARLT, 2013c, p. 350).

*la revelación de un asunto sensacional. Y, sin embargo, se divierte uno en la maldita profesión. Se divierte porque sólo lo que en los confesionarios se puede escuchar se escucha también en la Redacción.*³⁹¹ (ARLT, 2013a, p. 164)

A água-forte “*El que desprecia su tierra*”, publicada em 15 de maio de 1930, está dividida em cinco partes. Na primeira, Arlt narra o diálogo com um argentino que deixara Buenos Aires para viver no Brasil, segundo o qual não era reconhecido no país de origem e a quem o autor trata com demasiada ironia. A segunda parte da nota em questão intitula-se “*Por tres razones*”. Nela, o autor esclarece que há três razões pelas quais um homem deixa o seu país:

*La primera, porque la policía o los jueces tienen interés en conversar amigablemente con él y someter a su entendimiento problemas de orden jurídico: un hombre modesto y enemigo de la popularidad piana. La segunda razón: porque el que viaja tiene dinero y se aburre en su país y piensa que se va a aburrir menos en otra parte, en lo cual se equivoca. Y la tercera: porque siendo un perfecto inútil, cree que en otra parte su inutilidad se convertirá en capacidad de trabajo.*³⁹² (ARLT, 2013a, p. 172-173)

As três partes seguintes: “*El ladrón en el extranjero*”, “*El viajero aburrido de su patria*” e “*El inútil*” se dedicam a descrever como cada um desses viajantes – o ladrão, o entediado e o inútil – enxergam o país visitado. O primeiro se refere à cidade natal com saudade, enquanto para o segundo, ambos os países igualmente o chateiam.

A água-forte “*Os mininos*”, publicada em 16 de maio de 1930, divide-se em três partes. A primeira esclarece as diferenças no que se refere à forma como são chamadas as crianças no Brasil, na Argentina e também no Uruguai: “*he descubierto detalles que demuestran que el minino brasileño es distinto al pibe porteño y al*

³⁹¹ “Todas as redações de todos os jornais do mundo são iguais. [...] Todas as redações do mundo são iguais. Gente que olha de mau humor a lauda que, para ser terminada, exige mais dez minutos de escritura e redatores que sorriem semientediados, escutando um senhor de fartas costeletas que trata de complicar-lhes a vida com a revelação de um assunto sensacional. E, no entanto, a gente se diverte na maldita profissão. A gente se diverte porque as coisas que só se pode escutar nos confesionários se escutam também na redação” (ARLT, 2013c, p. 350-351).

³⁹² “A primeira, porque a polícia ou os juízes têm interesse em conversar amigavelmente com ele e submeter a seu entendimento problemas de ordem jurídica: um homem modesto e inimigo da popularidade dá no pé. A segunda razão: porque aquele que viaja tem dinheiro e se entedia em seu país e pensa que vai se entediar menos em outro lugar, no que se engana, e a terceira: porque sendo um perfeito inútil, acredita que em outro lugar a sua inutilidade se transformará em capacidade de trabalho” (ARLT, 2013c, p. 356).

*botija oriental, ya que en Uruguay llaman 'botija' a los menores. Es una papa. En cada país los mocosos tienen nombre distinto*³⁹³ (ARLT, 2013a, p. 177).

A segunda parte, “Gráficos” retoma o assunto de duas notas anteriores acerca das artes infantis nas paredes e nos muros portenhos, recorrendo à memória compartilhada com seus leitores. Apesar de se tratarem de notas diárias e que, portanto, podem ser lidas isoladamente, Arlt pressupõe sempre um leitor contínuo e, por isso mesmo, além do tom de diálogo que estabelece com seu leitor, em inúmeros dos seus textos ele recorre a temas e comentários já realizados por ele em notas anteriores, ainda que considere a possibilidade de que o leitor não se lembre de tais textos: “*También ustedes recordarán que escribí otra nota (posiblemente no lo recuerden porque he escrito ya 694 notas*³⁹⁴) *donde hablaba del infinito placer que experimentan nuestros chicos en decorar las paredes con dibujos [...]*”³⁹⁵ (ARLT, 2013a, p. 178). A última parte, “Los *mininos*”, relata que tais artes e palavrões não são encontrados no Brasil e que a explicação para o comportamento do menino brasileiro ser distinto se encontra na atmosfera de educação dos brasileiros como um todo:

*El fenómeno se explica. Los chicos son o reciben el influjo de los mayores y del ambiente que los rodea. Y aquí la educación está tan impuesta aún a las clases más pobres que, como en otra nota decía, los vendedores de diarios son señores, respecto a nuestros canillitas. [...] Aquí se **fala** dulcemente o no se habla. ¡Qué le vamos a hacer! Así es el Brasil.*³⁹⁶ (ARLT, 2013a, p. 180)

O comentário sobre as crianças brasileiras corrobora a imagem dos brasileiros que o escritor tece desde as primeiras notas. No entanto, essa imagem, inicialmente percebida como característica de educação coletiva, acaba revelando uma suposta passividade da população, de acordo com o autor, e que é retomada ao final do trecho supracitado.

³⁹³ “Descobri detalhes que demonstram que o minino brasileiro é diferente do ‘pibe’ portenho e do ‘botija’ uruguaio, já que no Uruguai chamam os pequenos de *botijas*. É uma maravilha. Em cada país os moleques têm um nome diferente” (ARLT, 2013c, p. 358).

³⁹⁴ Considerando a “*Bibliografía de Roberto Arlt*”, em Saítta (2008), esta seria a nota 631.

³⁹⁵ “Vocês também devem se lembrar que escrevi outra nota (possivelmente não lembrem, porque já escrevi seiscentas e noventa e quatro notas) onde eu falava do infinito prazer que as nossas crianças experimentam em decorar as paredes com desenhos [...]” (ARLT, 2013c, p. 358).

³⁹⁶ “O fenômeno tem explicação. As crianças são ou recebem a influência dos adultos e do ambiente que os rodeia. E aqui a educação está tão imposta, mesmo nas classes mais pobres, que, como eu dizia em outra nota, os vendedores de jornais são senhores, em relação aos nossos meninos que vendem jornais. [...] Aqui se ‘fala’ docemente ou não se fala. O que é que se pode fazer!... O Brasil é assim” (ARLT, 2013c, p. 360).

A água-forte “*Espérenme, que llegaré en aeroplano*”, publicada em 21 de maio de 1930, foi escrita no dia 14 de maio, após receber dois telegramas, cujo assunto será o tema da nota em questão:

*Hoy, día 14 de mayo, he recibido dos telegramas. Uno de mis compañeros y director felicitándome porque me habían concedido el tercer premio, 2000 pesos, en el Concurso Literario Municipal, por mi novela **Los siete locos**, y otro participándome que la empresa Nyrba gentilmente me había regalado un pasaje para ir de Río a Buenos Aires en hidroavión.*³⁹⁷ (ARLT, 2013a, p. 181)

Na primeira parte, além da notícia do prêmio do Concurso Municipal de Literatura e da viagem que realizará em hidroavião, o escritor relata sua ida à Nyrba e o diálogo com o chefe da sucursal, sobre a mudança de data da viagem e a segurança dessa. Arlt diz que, antes de receber os dois telegramas, comentava-se, na Associação, sobre o desastre ocorrido no dia nove de maio, referindo-se ao acidente com o *Laté 28*, da empresa francesa *Aeropostale*, no qual morreu o tenente Siqueira Campos (1898-1930). Naquela sexta-feira, Siqueira e Prestes discutiram sobre o apoio à revolução, Siqueira solicitara ainda que Prestes não publicasse um manifesto no qual rompia com a Aliança Liberal, pelo prazo de quinze dias³⁹⁸, no entanto, na madrugada do dia dez, Prestes recebe a notícia do acidente envolvendo o amigo, que ocorreu às três horas e quarenta e cinco minutos do sábado (MEIRELLES, 2005), o qual é noticiado no *Diario da Noite* (10/05/1930): “Um avião Postal, de grande altura, cõe no Rio da Prata”. Nas primeiras notícias o nome de Siqueira não aparece, uma vez que tanto ele como Nelson da Costa utilizavam nomes falsos para entrarem em território brasileiro. O *Jornal* publica, no dia seguinte: “Caiu hontem, ao mar, perto da praia Ramirez, no Uruguay, o ‘Late 28’, da Aeropostale, perecendo no desastre, entre outras pessoas, o ex-tenente revolucionario brasileiro Siqueira Campos” (O *Jornal*, 11/05/1930). Diante dos últimos acontecimentos, e considerando a possibilidade de outra catástrofe, Arlt

³⁹⁷ “Hoje, dia 14 de maio, recebi dois telegramas: Um, dos meus companheiros e do diretor felicitando-me porque me haviam concedido o terceiro prêmio, dois mil pesos, no Concurso Literário Municipal por meu romance *Os sete loucos*, e outro, participando-me que a empresa Nyrba, gentilmente, tinha me presenteado com uma passagem para ir do Rio a Buenos Aires de hidroavião” (ARLT, 2013c, p. 361).

³⁹⁸ O manifesto é publicado pelo *Diario da Noite*, no dia 29 de maio, onde lê-se: “O capitão Luiz Carlos Prestes define a sua atitude actual”, deixando claro, porém, que o jornal não compactua com as ideias contidas no documento em questão (*Diario da Noite*, 29/05/1930).

reproduz, de maneira jocosa, o que imagina possíveis matérias nos jornais sobre o acidente:

*“Los cadáveres estaban tan destrozados que hubo que juntar los fragmentos del cuerpo de nuestro compañero de tareas con pinzas, labor ardua esta, porque la masa encefálica había tornado resbaloso el pasaje y los obreros patinaban de continuo en el terreno impregnado de materia gris”.*³⁹⁹ (ARLT, 2013a, p. 182)

A segunda parte, “*Y el premiado*”, Arlt lamenta não conhecer o nome do primeiro e segundo lugar no concurso. Relata também que outros grandes escritores foram contemplados com o terceiro lugar em algum momento, como Elías Castelnuovo (1893-1982) e González Tuñón (1905-1974), e que está satisfeito com o terceiro lugar. De acordo com Saítta (2008), embora Arlt fosse considerado o preferido para o primeiro lugar, esse foi dado a Sara de Etcheverts, e o segundo lugar a Carlos B. Quiroga: “*Que le entreguen un tercer premio y no el primero, como todos pensaban, produce algunas discusiones pues los rumores habían sido otros*”⁴⁰⁰ (SAÍTTA, 2008, p. 108). A reunião do júri é realizada sem aviso prévio e com a ausência de Arturo Cancela e Raúl Savarèse (SAÍTTA, 2008). Para a crítica, “*la ausencia de Cancela el día en que se asignan los premios no sólo produce gran revuelto entre los escritores sino que es considerada el motivo que explica el tercer premio a Roberto Arlt cuando todos los pronósticos le adjudicaban el primero*”⁴⁰¹ (SAÍTTA, 2008, p. 109).

A água-forte “*Viaje a Petrópolis*”, publicada em 22 de maio, está dividida em três partes. Na primeira, Arlt diz que não sabe porque motivos a viagem a Petrópolis é tão barata e, ainda que desconfie de tudo que é motivo de elogio, resolveu realizá-la mesmo assim: “[...] *y lo único que diré es lo siguiente: si algún día pasa por Brasil*

³⁹⁹ “Os cadáveres estavam tão espatifados que foi preciso juntar os fragmentos do corpo do nosso companheiro de tarefas com pinças, labor árduo esse, porque a massa encefálica tornara a passagem escorregadia, e os operários patinavam continuamente no terreno impregnado de matéria cinza.” (ARLT, 2013c, p. 361-362).

⁴⁰⁰ “Que o entreguem o terceiro prêmio e não o primeiro, como todos pensavam, produz algumas discussões pois os rumores tinham sido outros” (SAÍTTA, 2008, p. 108, tradução nossa).

⁴⁰¹ “A ausência de Cancela no dia em que os prêmios são decididos produz não apenas um grande rebuliço entre os escritores mas é considerado também o motivo que explica o terceiro prêmio a Roberto Arlt quando todos os prognósticos lhe indicavam o primeiro” (SAÍTTA, 2008, p. 109, tradução nossa).

*y dispone de un tiempo, no deje de hacer el viaje Río de Janeiro-Petrópolis. Es, sencillamente, impresionante*⁴⁰² (ARLT, 2013a, p. 185).

Na segunda parte, o autor diz que a estação ferroviária de onde sai o trem é moderna, comparando-a à estação da *Plaza Once*, enquanto os assentos, embora sejam enumerados, são descritos como velhos e barulhentos. Segue-se a esse comentário uma longa descrição da paisagem que compõe o trajeto. A terceira parte inicia-se com a cena dos meninos que miam numa estação seguinte, segundo seu interlocutor, para pedir os diários dos passageiros. Segue-se então outra longa descrição da paisagem.

A água-forte “*Diario del que va a viajar en aeroplano*”, publicada em 29 de maio, divide-se em seis partes. Na primeira parte, Arlt novamente se refere à viagem de aeroplano que está prestes a realizar:

*Yo seré todo lo reo que ustedes quieran, pero tengo una noción perfecta de lo que significa ser periodista y como además de periodista soy hombre y como hombre sujeto a posibilidad de muerte violenta, hoy día 18 de mayo, domingo en Buenos Aires y **prima feira** (sic) aquí en Brasil, doy comienzo a este breve diario de un fulano que tendrá que viajar 17 horas en hidroavión.*⁴⁰³ (ARLT, 2013a, p. 191)

Observa-se que há uma alusão à distinção entre as formas como são nomeados os dias da semana, embora neste caso, tanto no Brasil com na Argentina, os domingos são chamados da mesma forma, e não como o escritor menciona. Na sequência, as quatro partes seguintes estão estruturadas como uma espécie de diário de viagem: “*Domingo 18*”, “*Lunes 19*”, “*Miércoles 21*” e “*Viernes 23*”, nas quais Arlt segue comentando seus anseios em relação à viagem de aeroplano e também as notícias de que a mesma fora postergada.

Na última parte da nota, intitulada “*Curiosidad*”, o escritor considera as suas possibilidades em relação à viagem, ou seja, a de ocorrer ou não algum acidente com hidroavião, e questiona: “*Si no ocurre nada, los sueños han sido consecuencia*

⁴⁰² “[...] e a única coisa que lhe direi é a seguinte: – Se algum dia você passar pelo Brasil e dispuser de algum tempo, não deixe de fazer a viagem Rio de Janeiro-Petrópolis. É, simplesmente, impressionante” (ARLT, 2013c, p. 364).

⁴⁰³ “Eu posso ser o mais ordinário que vocês quiserem, mas tenho perfeita noção do que é ser jornalista, e como além de jornalista sou homem e, como homem, sujeito à possibilidade de morte violenta, hoje, dia 18 de maio, domingo em Buenos Aires e ‘Prima Feira’ aqui no Brasil, dou início a este breve diário de um fulano que terá que viajar dezessete horas de hidroavião” (ARLT, 2013c, p. 367).

*de malas digestiones, pero si ocurre algo, ¿qué importancia científica o de 'presentimiento verdadero' cabe dar a los sueños?"*⁴⁰⁴ (ARLT, 2013a, p. 194).

No mesmo dia em que essa nota é publicada no *El Mundo*, ou seja, 29 de maio de 1930, *O Jornal* publica a notícia sobre os passageiros de um vôo que saía naquele dia, às seis horas:

Além do sr. H. S. Wallach, chegado hontem dos Estados Unidos pelo avião "Porto Alegre", a poderosa aeronave leva ainda os seguintes passageiros: para Santos, o sr. Vet. L. Vrown; para Porto Alegre, o dr. Odon Bezerra Cavalcanti; e com destino a Buenos Aires: o conhecido jornalista portenho sr. Victor Ortiz Machado, de "*La Razon*"; o principe Louis Ferdinand von Preussen, filho do ex-kromprinz; sr. Roberto Arlt, representante do jornal "*El Mundo*", de Buenos Aires; a conhecida atriz italiana Léa Candini e o sr. Alvin E. Petersen, alto funcionario da Nyrba. (*O Jornal*, 29/05/1930)

Arlt deixa, portanto, o Brasil no dia 29 de maio de 1930, rumo à Buenos Aires, no hidroavião "Rio de Janeiro", comandado pelo piloto H. E. Shea, conforme consta na notícia publicada pelo jornal cuja redação Arlt frequentou durante sua estadia no país. Nos dias 30 e 31 de maio são publicados os textos "Propostas comerciais" e "Este é Soiza Reilly"⁴⁰⁵, respectivamente, e que apesar de não terem sido incluídos em *Aguafuertes cariocas* (2013), porque de fato não tratam do país, foram incluídos em *Águas-fortes portenhas seguidas de águas-fortes cariocas* (2013), provavelmente considerando que, embora publicadas após o retorno de Arlt para Buenos Aires, foram escritas ainda no Brasil, como é possível constatar logo no primeiro parágrafo de "Propostas comerciais":

Ainda não saí do Rio de Janeiro, quero dizer, ainda não me arrebentei e já recebi cartas da Argentina me propondo diversos negócios nos quais investir os dois mil pesos que me proporcionou essa desgraça com sorte, como eu definiria o terceiro prêmio do Concurso Literário Municipal. Porque o terceiro prêmio é uma desgraça com sorte. A sorte são os dois mil pesinhos. (ARLT, 2013c, p. 370)

⁴⁰⁴ "Se não acontecer nada, os sonhos terão sido consequência de má digestão, mas se acontecer alguma coisa, que importância científica ou de 'verdadeiro pressentimento' cabe dar aos sonhos?" (ARLT, 2013c, p. 369).

⁴⁰⁵ Os dois textos foram incluídos apenas em *Águas-fortes portenhas seguidas por águas-fortes cariocas* (2013), motivo pelo qual os trechos incorporados ao trabalho encontram-se somente em português.

Arlt se refere novamente ao prêmio, resultado do terceiro lugar obtido no concurso literário e em razão do qual passa a receber cartas com distintas propostas. No texto em questão, Arlt enumera três cartas – *1ª carta*, *2ª carta* e *3ª carta* – e transcreve-as. Abaixo da transcrição das duas primeiras, há um parágrafo no qual se lê “Resposta”. Enquanto a primeira lhe oferece um negócio de produção de leite, ao qual Arlt recusa; a segunda se refere ao investimento do valor do prêmio em um novo sistema para a fabricação de ácido nítrico, salientando os conhecimentos de química presentes no romance, ao qual Arlt responde, também negativamente, e afirma: “Esses extraordinários conhecimentos de química que o senhor encontra no meu romance são ‘uma embromação’. Eu não entendo patavina de química” (ARLT, 2013c, p. 371), e completa, adiante: “Naturalmente, os jurados do Concurso Literário Municipal, que são muito mais analfabetos que eu, se assustaram ao ver tanta sabedoria engarrafada... mas eu, meu senhor, não entendo absolutamente nada de química” (ARLT, 2013c, p. 371).

A terceira colocação no concurso seria, portanto, decorrente da incompreensão dos jurados diante da obra, aos quais Arlt se refere em tom irônico. A última carta, que se aproxima dos temas comuns na crônica policial arltiana: é escrita por um grupo do 5º D.P., cujos membros vão sair no indulto do dia 25 de maio, e precisam de ajuda. O tom respeitoso, por meio do emprego de “o senhor” das duas cartas anteriores é substituído pela proximidade de um “irmão” ao qual seguem comentários em tom amistoso: “que garfada que você deu com os teus lelés, meu velho. Esse sim que é um assalto em bando e à mão armada. Sete lelés que arrebataram duas mil pratas na moral” (ARLT, 2013c, p. 371), referindo-se ao título do romance premiado, *Los siete locos*. Enquanto T. Leclrel, que escreve a segunda carta, diz que dois mil pesos é pouco dinheiro, na terceira, apenas pedem quinhentos pesos:

Nós saímos em 25 de maio, com o indulto. Mas não temos ferramentas para trabalhar. Sem falar que me sequestraram um perfurador elétrico que era uma boniteza. Você lembra daquele jogo de gazuas que eu tinha? Fiquei na mão. O Guillermito a mesma coisa. Tinha uma máquina de fabricar pesos que era de dar risada dos aparelhos de Raio X etc. [...] Bom, posso ver que já manjou a facada. Com quinhentos mangos você ajeita a nossa vida. O que são quinhentos pesos para você? [...] E você fica bem com os rapazes. (ARLT, 2013c, p. 371)

A terceira carta porém, diferentemente das anteriores, encerra a crônica sem uma resposta do escritor. Finalmente, em “Este é Soiza Reilly”, dividido em três partes, lemos na primeira: “Alguém me diz aqui, no Rio de Janeiro, sorrindo de maneira equívoca: – O que o senhor pensa do Soiza Reilly? – Homem, vou escrever o que eu penso. Leia.” (ARLT, 2013c, p. 373).

Na segunda parte do relato Arlt localiza-o temporalmente intitulando-o “1916 ou 1917”, numa narrativa que se inicia em terceira pessoa, descrevendo a visita de um rapaz malvestido ao grande escritor, mas que a certa altura denuncia que o personagem é o próprio escritor: “Aquele que escreve estas linhas, quer dizer, o rapaz malvestido, entra emocionado na biblioteca escritório, onde a empregada o faz sentar” (ARLT, 2013c, p. 373), cuja narrativa refere-se à ida de Arlt à casa de Soiza Reilly para entregar-lhe o relato “Jehová”, ao qual o anfitrião afirma que irá ler e publicar, se gostar. A terceira parte do texto, “Um mês depois”, narra a felicidade do jovem com a publicação de seu relato na *Revista Popular*, demonstrando que o que pensa sobre Soiza Reilly é um misto de admiração e gratidão: “Eu acho que o homem e a mulher são dois animaizinhos ingratos, joviais e ferozes... Mas acho, também, que esses animaizinhos jamais se esquecem daquele que os marca com uma primeira dor terrível, ou uma felicidade idêntica” (ARLT, 2013c, p. 375), e continua, assumindo de vez a primeira pessoa: “Por isso eu nunca me esqueci de Soiza Reilly. Foi a primeira mão generosa que me presenteou com a mais extraordinária alegria da minha adolescência” (ARLT, 2013c, p. 375).

Já em Buenos Aires, Arlt escreve ainda duas notas sobre a viagem em hidroavião: “*¡Es lindo viajar en hidroavión!*” (01/06/1930) e “*Se continúa con el asunto del avión*” (02/06/1930). Meses depois Arlt publicará algumas notas sobre a revolução na argentina, enquanto outra revolução ocorria também no Brasil e que, como já mencionamos, levaria ao fim a Primeira República, à qual Arlt sequer se refere, nem mesmo sobre o ambiente que a está gestando.

2.3. A viagem, a biblioteca e a representação do outro

*Ese narrador arltiano que no se decide por decir una sola cosa, transita entre polos opuestos y contradictorios, escapando de cualquier posibilidad de cristalización en una única posición. Ya no se sabe quién es el extranjero [...]*⁴⁰⁶ (FRENKEL, 2014)

O estudo dos textos arltianos permite-nos observar uma gradativa mudança na forma como o autor observa a realidade brasileira e a descreve. Nas águas-fortes cariocas originalmente publicadas como *Notas de a bordo* e *Notas de viaje* é possível observar uma atitude escritural em que predomina a exaltação do país visitado, principalmente no que diz respeito à sua população. Nas águas-fortes publicadas como *De Roberto Arlt*, por outro lado, verificamos uma mudança gradativa na forma como o escritor observa o Rio, demonstrando-se cada vez mais aborrecido com a paisagem e alheio às questões do país em que está, inserindo comentários acerca da realidade argentina. Não se trata, no entanto, de dois blocos estanques, uma vez que, como mencionamos, a mudança em relação ao comportamento do escritor se dá de forma gradativa e mesclando, em diversos momentos, comentários positivos e negativos.

Dessa forma, é possível que a distinção no modo como Arlt originalmente denominou as notas, ao invés de aleatória, seja resultado da constatação de tais diferenças no interior das mesmas, ou seja, enquanto nas *Notas de a bordo* e nas *Notas de viaje* há o predomínio da paisagem carioca e das características da população, os textos denominados *De Roberto Arlt* apresentam um olhar mais crítico dessa sociedade. Podemos observar essa distinção na forma como Arlt se refere à amabilidade das pessoas em “*Hablemos de cultura*” e “*Algo sobre urbanidad popular*”, por exemplo. Arlt descreve, na primeira, “*un ritmo de amabilidad rige la vida en esta ciudad*”⁴⁰⁷ (ARLT, 2013a, p. 32), e enumera, na segunda, três “*muestras de gentileza, de interés, de atención*”⁴⁰⁸ (ARLT, 2013a, p. 54) direcionadas a ele, como mencionamos anteriormente. Em “*Vento fresco*”, no entanto, o autor diverge

⁴⁰⁶ “Esse narrador arltiano que não se decide por dizer uma só coisa, transita entre polos opostos e contraditórios, escapando de qualquer possibilidade de cristalização em uma única posição. Já não se sabe quem é o estrangeiro [...]” (FRENKEL, 2014, tradução nossa).

⁴⁰⁷ “Um ritmo de amabilidade rege a vida nesta cidade” (ARLT, 2013c, p. 267).

⁴⁰⁸ “Mostras de gentileza, de interesse, de atenção” (ARLT, 2013c, p. 281).

em relação ao assunto e afirma: *“La amabilidad de la gente es de dientes para afuera”*⁴⁰⁹ (ARLT, 2013a, p. 157).

Essa divergência em notas arltianas acerca de um mesmo tema é mencionada por Frenkel (2014), em *“Crónicas de R. Arlt en Rio de Janeiro: hospitalidad u hostilidad?”*, ao observar que Arlt descreve o Brasil a partir de um estranhamento, porém constatando que esse estranhamento já lhe era característico em suas notas anteriores à viagem, uma vez que Arlt, nas águas-fortes portenhas, *“no teme enfrentar, con una mirada extranjera, a las cuestiones más temidas e intolerables de su tiempo, exponiéndolas como intrusas en las páginas de un diario que impulsaba valores de la modernidad burguesa [...]”*⁴¹⁰ (FRENKEL, 2014). Tomando as diferentes formas a partir das quais Arlt descreve a figura do gaúcho dentro da sociedade argentina, Frenkel (2014) descreve a postura do autor como um *“gesto barroco de instalar la indecisión, que tanto aparece en la literatura de Arlt”*⁴¹¹, e, com relação ao gaúcho, acrescenta:

*Ya no se sabe quién es el extranjero, si es el gaúcho, si son el traje y la corbata, si es el progreso... Los símbolos de aquello que en otros momentos sería valorado como el avance de la civilización, como los postes de luz o las vías de tren que el gaúcho no habría ayudado a construir, serían ahora las marcas del “abominable progreso”, un concepto intruso que se mostraba más hostil que hospitalero y de quien sus hospederos se estarían transformando en pasivos rehenes.*⁴¹² (FRENKEL, 2014)

Podemos dizer que, da mesma forma que um mesmo símbolo é apresentado a partir de diferentes e contraditórias opiniões, o mesmo ocorre quando constatamos alguns pontos aludidos por Arlt nas águas-fortes cariocas que, inicialmente valorizados, passam a ser concebidos como sintoma do atraso social em que se encontra a nação. Porém, além da alteração na forma como Arlt descreve o país, há

⁴⁰⁹ “A amabilidade das pessoas é da boca para fora” (ARLT, 2013c, p. 346).

⁴¹⁰ “Não teme enfrentar, com um olhar estrangeiro, as questões mais temidas e intoleráveis de seu tempo, expondo-as como intrusas nas páginas de um jornal que impulsionava valores da modernidade burguesa [...]” (FRENKEL, 2014, tradução nossa).

⁴¹¹ “Gesto barroco de instalar a indecisão, que tanto aparece na literatura de Arlt” (FRENKEL, 2014, tradução nossa).

⁴¹² “Já não se sabe quem é o estrangeiro, se é o *gaúcho*, se são o traje e a gravata, se é o progresso... Os símbolos daquilo que em outros momentos seria valorizado como o avanço da civilização, como os postes de luz ou as vias de trem que o *gaúcho* não ajudou a construir, seriam agora as marcas do ‘abominável progresso’, um conceito intruso que se mostrava mais hostil que hospitaleiro e de quem seus hospedeiros estariam se transformando em passivos reféns” (FRENKEL, 2014, tradução nossa).

também um aumento progressivo em relação à presença de comentários nos quais o autor retoma, por meio da memória, a cidade de Buenos Aires e seus habitantes como parâmetro das comparações que realiza. Sobre o viajante, Ianni (2003), afirma que:

Ainda que se despoje ao longo da travessia, procura algo de si, do que tem sido, era, foi. Por mais que se liberte e se abra ao novo e desconhecido, ao que parece não codificado, sem face nem nome, ainda assim se agarra ao que era, foi e continua a ser. Isto porque muitas vezes o viajante está à procura de si mesmo. No curso da travessia, a despeito de despojar-se, libertar-se, e abrir-se, reafirma seu modo de ser, observar, sentir, agir, pensar ou imaginar. No limite, são muitos os viajantes que buscam e rebuscam o seu eu, ou a sua sombra. Mesmo quando parecem fugir, estão se procurando no diferente, desconhecido, outro. (IANNI, 2003, p. 30)

A viagem seria, portanto, e ao mesmo tempo, o movimento que possibilita encontrar-se com o desconhecido e a partir do qual emergem também os comentários em torno daquilo que é familiar ao escritor, daquilo que é conhecido, embora se encontre distante, temporal e espacialmente, num movimento ambíguo em direção ao outro e a si mesmo. Ao tratar dessas duas características, Pacheco (2013a, p. 6-7) afirma:

*En los artículos que integran esta antología encontramos un retrato muy franco y personal no sólo del Brasil de 1930, sino también de la Argentina de la misma época. Es notable el cambio gradual en las impresiones de Arlt a lo largo de sus dos meses de estadía brasileña. Las primeras notas, que enaltecen Río y sus habitantes, dan lugar a textos cada vez más críticos y caústicos, en los cuales Buenos Aires y la sociedad argentina aparecen como el contrapunto moderno y civilizado para el atraso en que se encontraba Brasil y su capital de entonces.*⁴¹³

Dessa forma, intensificam-se nas águas-fortes publicadas como “*De Roberto Arlt*” comentários em que as imagens e as representações das primeiras notas vão sendo substituídas por observações cada vez mais ácidas, mais próximas, portanto,

⁴¹³ “Nos artigos que integram esta antologia encontramos um retrato muito franco e pessoal não apenas do Brasil de 1930, mas também da Argentina da mesma época. É notável a mudança gradual nas impressões de Arlt ao longo de seus dois meses de estadia brasileira. As primeiras notas, que enaltecem o Rio e seus habitantes, dão lugar a textos cada vez mais críticos e caústicos, nos quais Buenos Aires e a sociedade argentina aparecem como o contraponto moderno e civilizado para o atraso em que se encontrava o Brasil e sua capital à época” (PACHECO, 2013a, p. 6-7, tradução nossa).

do autor das águas-fortes portenhas, e com a presença constante da ironia. Ao mesmo tempo em que a visão acerca do Brasil se modifica, emerge e modifica-se também a sua visão sobre a Argentina e, portanto, sobre os próprios argentinos. Para Saítta (2000, p. 119), “a viagem, portanto, transforma-se numa condição de possibilidade para ver, de fora do país, e com a perspectiva que a distância ocasiona, a situação da Argentina”.

Mais uma vez a atitude antagônica percebida nas águas-fortes portenhas, e aludida por Frenkel (2014), está presente também nas águas-fortes cariocas, portanto, não apenas em relação às mudanças no tom dos comentários acerca do país vizinho como também naqueles que se referem aos assuntos portenhos. Com o distanciamento de sua cidade natal, além de uma perspectiva diferente, a posição de estrangeiro em relação à sociedade portenha até então observada no narrador arltiano, segundo Frenkel, “*assume nuevas connotaciones cuando enfrentadas a su extrañamiento en tierras ajenas, en donde su intrusión revela una posición bastante más sumisa que hostil a las concepciones de mundo que otrora le parecían resultar risibles*”⁴¹⁴ (FRENKEL, 2014).

Como vimos na introdução deste trabalho, o estudo sobre as imagens dos povos e países na literatura situa-se no campo de investigação da imagologia literária (SOUSA, 2004). De acordo com Sousa (2004, p. 105), “ao trabalhar com a imagem de países configuradas em obras literárias, a investigação imagológica usa com frequência o desdobramento do conceito de imagem em autoimagem e heteroimagem”, de forma que, ao escrever sobre um determinado país, o autor não apenas constrói imagens acerca desse país como também reflete a forma como concebe a si mesmo, enquanto individualidade ou enquanto nação. Em outras palavras, “a autoimagem refere-se à imagem que um faz de si mesmo e a heteroimagem designa a imagem que esse um faz dos outros ou a imagem que os outros fazem desse um” (SOUSA, 2004, p. 105).

Nas águas-fortes cariocas a imagem presente nos primeiros relatos sobre o Brasil não apenas se desdobra em auto e heteroimagem, na medida em que Arlt as descreve, como também se modificam. Dessa forma, além da mudança a que temos nos referido na composição das imagens acerca do Brasil, ou seja, da

⁴¹⁴ “Assume novas conotações quando enfrentadas a seu extranhamento em terras alheias, onde sua intrusão revela uma posição bastante mais submissa que hostil às concepções de mundo que outrora lhe pareciam resultar risíveis” (FRENKEL, 2014, tradução nossa).

heteroimagem, Arlt também altera as autoimagens a partir das quais descreve os argentinos quando comparadas as representações dos habitantes da capital argentina presentes nas águas-fortes cariocas com àquelas presentes nas águas-fortes portenhas. Para Ianni (2003, p. 31):

À medida que viaja, o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa.

Como vimos, em “*Dos obreros distintos*”, o autor recupera, por exemplo, suas críticas e piadas em relação às bibliotecas de bairro e uma cultura portenha superficial para reconstruir essa imagem: “*Ahora me doy cuenta que es preferible cien mil veces una cultura superficialísima a no tener ninguna*”⁴¹⁵ (ARLT, 2013a, p. 105). Arlt afirma ser preferível uma cultura superficial, que seria o caso em que a Argentina se encontra, a não ter nenhuma, tal como ele encara a cultura, ou melhor, a ausência de cultura brasileira. Observamos aqui outra característica na composição das águas-fortes cariocas que é a descrição do Brasil a partir da ausência. Arlt não apenas compara as duas realidades, mas o faz a partir daquilo que, segundo ele, falta ao Brasil:

*Busco infatigablemente con los ojos academias de corte y confección. No hay. Busco conservatorios de música. No hay. Y vean que hablo del centro, donde se desenvuelve la actividad de la población. ¿Librerías? Media docena de librerías importantes. ¿Centros socialistas? No existen. Comunistas, menos. ¿Bibliotecas de barrio? Ni soñarlas. ¿Teatros? No funciona sino uno de variedades y un casino. [...] ¿Periodistas? Aquí un periodista gana doscientos pesos mensuales para trabajar brutalmente diez y doce horas. ¿Sábado inglés? Casi desconocido. ¿Reuniones en los cafés, de vagos? No se conocen.*⁴¹⁶ (ARLT, 2013a, p. 120)

⁴¹⁵ “Agora eu me dou conta de que é cem mil vezes preferível uma cultura mais do que superficial a não ter nenhuma” (ARLT, 2013c, p. 313).

⁴¹⁶ “Procuro com os olhos, infatigavelmente, academias de corte e costura. Não há. Procuro conservatórios de música. Não há. E olha que estou falando do centro, onde se desenvolve a atividade da população. Livrarias? Meia dúzia de livrarias importantes. Centros socialistas? Não existem. Comunistas, muito menos. Bibliotecas de bairro? Nem em sonho. Teatros? Não funciona a não ser um, de variedades, e um casino. [...] Jornalistas? Aqui um bom jornalista ganha duzentos

Seria necessário questionarmos a postura do autor a fim de compreender se, de fato, Arlt ignora a existência das coisas que ele afirma que não há no Brasil ou se optou por não as enxergar, buscando, neste caso, o que teria motivado esse comportamento alheio às formas de expressão cultural no país e também ao momento social, histórico e político atravessado pela nação, por exemplo. Para Frenkel (2014), o autor confunde com ausência aquilo que na verdade seria escassez: *“El extranjero busca aquello que le es familiar y niega lo desconocido, hostiliza la diferencia sin dejar ninguna apertura para recibirla y demuestra su ignorancia en relación a tantas manifestaciones culturales que podría conocer”*⁴¹⁷ (FRENKEL, 2014).

Um dos aspectos que chama atenção é o fato de Arlt não tratar das questões políticas enfrentadas pelo país no instante de sua estadia na cidade carioca ou, quando presentes, tratá-las de maneira superficial e/ou equivocada. Um exemplo de tal comportamento se refere à figura do presidente do Brasil, Washington Luís, que é mencionado em quatro momentos nas águas-fortes cariocas. Em dois deles, Arlt se refere ao *“Presidente de los Estados Unidos del Brasil”* (ARLT, 2013a, p. 23; p. 93) em situações banais do cotidiano, como por exemplo, afirmar que nem mesmo o presidente daria gorjeta por um café. Uma terceira referência é feita ao tratar da cidade de Petrópolis, onde passa as férias o *“Presidente de la República”* (ARLT, 2013a, p. 72). Por fim, em conversa com o amigo compatriota que recebe Arlt em sua casa no Rio e que afirma que *“el presidente del Brasil lo estima mucho”*⁴¹⁸ (ARLT, 2013a, p. 65), ao que Arlt observa: *“Como nada me cuesta creerlo, admito este fenómeno de simpatía del doctor Washington Luis Pereira de Souza por el señor a quien me refiero”*⁴¹⁹ (ARLT, 2013a, p. 65).

Como vimos, Arlt chega ao Brasil após as eleições, quando a apuração dos votos já estava finalizada e os anúncios de irregularidades e fraudes vão sendo noticiados em *O Jornal*, aos quais é de se supor que Arlt tivesse acesso, uma vez que frequentava sua redação. Um cenário conturbado se instaura durante o período de contagem e validação dos votos, cuja última sessão conjunta ocorre em 22 de

pesos por mês para trabalhar brutalmente dez, doze horas. Sábado inglês? Quase desconhecido. Reuniões de desocupados, nos cafés? Não se conhece” (ARLT, 2013c, p. 321).

⁴¹⁷ “O estrangeiro busca aquilo que lhe é familiar e nega o desconhecido, hostiliza o diferente sem deixar nenhuma abertura para recebê-lo e demonstra sua ignorância em relação a tantas manifestações culturais que poderia conhecer” (FRENKEL, 2014, tradução nossa).

⁴¹⁸ “O presidente do Brasil o estima muito” (ARLT, 2013c, p. 288).

⁴¹⁹ “Como não me custa nada acreditar nele, admito esse fenômeno de simpatia do doutor Washington Luís Pereira de Souza pelo senhor a quem me refiro” (ARLT, 2013c, p. 288).

maio de 1930, como informa a manchete de *O Jornal* (23/05/1930): “Está proclamado presidente da República no quadriennio 1930-1934 o sr. Julio Prestes”. Como vimos, Arlt deixa o país no dia 29 de maio, mesmo dia em que é publicada a última água-forte carioca. A última água-forte escrita por Arlt é uma espécie de diário, em que o último dia relatado é também o dia 23 de maio. Nesse mesmo dia o *Diario da Noite* publica: “O Congresso Nacional proclamou, na sessão de ontem, o sr. Julio Prestes presidente da Republica para o quadriennio futuro, que começará no dia 15 de novembro” (*Diario da Noite*, 23/05/1930) e, mais adiante: “A victoria do sr. Julio Prestes se assenta em um pedestal de actas forgicadas, de violencias, de corrupções, de suborno. Foi isso que o Congresso ontem legalizou, reconhecendo e proclamando presidente o senhor Julio Prestes” (*Diario da Noite*, 23/05/1930).

Arlt não apenas tinha acesso aos jornais, como menciona a inexistência de notícias de delitos, como vimos em “*¡Qué lindo país!*”, bem como as notícias sobre política:

¡Gente dichosa! Cien veces dichos. De los diarios leen solamente las cuestiones relacionadas con política. La policía, cuando tiene trabajo, es porque ha ocurrido un drama pasional: él, cadáver; ella, muerta; el amigo, fiambre también. En fin, la eterna trilogía que no pudo concebir Dios en el Paraíso, porque en el Paraíso sólo existían Adán y Eva, y el día que intervino un tercero, la serpiente, ya se armó el lío. Si en vez de la serpiente, es hombre, la raza humana no existe. Fuera de eso, la delincuencia es reducidísima. El trabajo de la policía se limita a expulsar a los comunistas, vigilar a los nativos a los que les da por esas ideas y dirigir al tráfico. Alguna que otra vez estalla una revolución, pero eso no tiene importancia. Revolucionarios y leales tienen el buen y perfecto cuidado de interponer siempre entre sus personas una distancia razonable, de modo que la opereta continúa hasta que los revolucionarios llegan a terreno neutral. Y como para llegar a terreno neutral median millares de kilómetros, una revolución suele durar un año o dos sin que por eso la sociedad tenga que lamentar la desaparición de ninguno de sus benefactores.⁴²⁰ (ARLT, 2013a, p. 99)

⁴²⁰ “Gente afortunada! Cem vezes afortunada. Dos jornais, leem somente as questões relacionadas com política. A polícia, quando tem trabalho, é porque aconteceu um drama passional: ele, cadáver; ela, morta; o amigo, presunto também. Em resumo, a eterna trilogia que Deus não pôde conceber no Paraíso, porque no Paraíso só existiam Adão e Eva e, no dia em que um terceiro interveio, a serpente, a confusão já estava armada. Se em vez de serpente é homem, a raça humana não existiria. Tirando isso, a delinquência é reduzidíssima. O trabalho da polícia se limita a expulsar os comunistas, a vigiar os nativos que se saem com essas ideias e a dirigir o tráfego. Uma que outra vez explode uma revolução; mas isso não tem importância. Revolucionários e leais têm o bom e perfeito cuidado de sempre interpor entre suas pessoas uma distância razoável, de modo que a opereta continua até que os revolucionários chegam a terreno neutro. E como para chegar a um terreno neutro há milhares de quilômetros pelo meio, uma revolução costuma durar um ano ou dois sem que

Em seu texto, “*El gui3n de extimidad*”, Raul Antelo (2008, p. 13) questiona: “*Argentina-Brasil. ¿Qu3 quiere decir el argentino-brasile3o? ¿Hay algo que tendr3a la cualidad de lo propio y entonces se podr3a enorgullecer y reivindicar para s3 ser m3s argentino-brasile3o que otro? ¿Qu3 ser3a lo argentino-brasile3o por antonomasia?*”⁴²¹. A partir da constata33o de uma modernidade contradit3ria, o autor discute acerca desse espa3o comum e, ao mesmo tempo, distante, nem exterior, nem interior; desse entre-lugar argentino-brasileiro, concluindo, por fim, que “*el silencio de ese gui3n argentino-brasile3o no pacifica ni apacigua nada, es verdad, pero puede ayudar a diseminar una decisi3n 3tica ineludible, llegar a lo propio por la v3a de lo ajeno*”⁴²² (ANTELO, 2008, p. 29). Para Antelo (2008, p. 17-18), em suas 3guas-fortes cariocas,

*Arlt apuesta a un tableau urbano que mimetiza lo conocido y abjura de la imagen cuando esta no confirma los datos de la experiencia originaria. No deja, sin embargo, de ver en ese caos, a su juicio, demon3aco, un aspecto del sistema total que tiene el poder de cooptar y desarmar formas a3n peligrosas de resistencia, vaci3ndolas como meras mercanc3as culturales. Brasil es un espejo de lo que la Argentina puede perder.*⁴²³

Arlt assume, segundo Antelo, seu “*semblante hooliganista*” que caracteriza o argentino-exemplar: “*Borges dec3a que, gracias a la penuria imaginativa, ‘para el argentino-ejemplar, todo lo infrecuente es monstruoso – y como tal, rid3culo*”⁴²⁴ (ANTELO, 2008, p. 18). Ao mesmo tempo, quando se refere 3s quest3es acerca das quais tratam os jornais, em “*¡Qu3 lindo pa3s!*”, por exemplo, Arlt transforma “*la rebeli3n de los tenientes o el mismo golpe de Vargas (sic) en sedici3n ‘de irrisorios, moment3neos y nadie’, la diferencia cultural se impone, en ese sentido, como un*

por isso a sociedade tenha que lamentar o desaparecimento de nenhum de seus benfeitores” (ARLT, 2013c, p. 310).

⁴²¹ “Argentina-Brasil. O qu3 quer dizer o argentino-brasileiro? H3 algo que teria a qualidade do pr3prio e ent3o se poderia orgulhar-se e reivindicar para si ser mais argentino-brasileiro que outro? O qu3 seria o argentino-brasileiro por antonom3sia?” (ANTELO, 2008, p. 13, tradu33o nossa).

⁴²² “O sil3ncio desse hifen argentino-brasile3o n3o pacifica nem apazigua nada, 3 verdade, mas pode ajudar a disseminar uma decisi3o 3tica inelud3vel, chegar ao pr3prio atrav3s do alheio” (ANTELO, 2008, p. 29, tradu33o nossa).

⁴²³ “Arlt aposta em um quadro urbano que mimetiza o conhecido e nega a imagem quando esta n3o confirma os dados da experi3ncia origin3ria. N3o deixa, no entanto, de ver nesse caos, no seu ponto de vista, demon3aco, um aspecto do sistema total que tem o poder de cooptar e desarmar formas ainda perigosas de resist3ncia, esvaziando-as como meras mercadorias culturais. Brasil 3 um espelho do que a Argentina pode perder” (ANTELO, 2008, p. 17-18, tradu33o nossa).

⁴²⁴ “Borges dizia que, gra3as 3 pen3ria imaginativa, ‘para o argentino-exemplar, tudo que 3 incomum 3 monstruoso – e como tal, rid3culo” (ANTELO, 2008, p. 18, tradu33o nossa).

*absurdo intolerable e incompreensível*⁴²⁵ (ANTELO, 2008, p. 20). Essa postura de estranhamento frente ao desconhecido aludida pelos autores nos textos sobre o Rio de Janeiro aproxima-nos dos relatos de viagem produzidos sobre o Brasil desde o seu descobrimento:

*Como relatos de viaje de conquistadores europeos entre los siglos XVI y XIX, las crónicas de Arlt en Rio de Janeiro reconfiguran el conflicto básico entre tradición y modernidad, combinando el entusiasmo con la voluptuosidad de los colores, sabores y formas de la naturaleza y la pretensión de cargar un conocimiento y una experiencia civilizatoria que corresponderían a una etapa avanzada del tiempo en la escala de la evolución humana. En ese enfrentamiento, el **otro** (la tradición, en este caso), se ve muchas veces suprimida por el huésped extranjero que no agasaja a su hospedero, o lo hace solamente hasta el punto en que el arraigamiento en lo **propio** no permite ultrapasar. Al desplazarse para Rio de Janeiro, se impone en las crónicas de Arlt una pretensión de superioridad que caracteriza la mirada del **civilizado**, como el representante de una etapa avanzada del desarrollo humano que habría superado la barbarie y que se atribuye la tarea de contribuir para esa superación en todas las naciones del mundo. En el escenario carioca, el cronista identifica una etapa inferior en la escala evolutiva, donde los **ex** hombres aún no habrían llegado a un estado civilizado, en donde su fuerza bruta y sus hábitos remiten al universo desconocido del “salvaje”.⁴²⁶ (FRENKEL, 2014)*

Nesse sentido, o olhar do escritor nas águas-fortes cariocas, apesar de escritas por um argentino, reveste-se da roupagem dos conquistadores europeus. Se num primeiro momento os europeus descreveram o Brasil a partir da exuberância de sua natureza e da suposta “inocência” daquela população que ali se encontrava, para logo manifestarem a sua superioridade em relação àqueles, tratando sobretudo dos elementos que ali estavam ausentes e que seriam considerados símbolo de sua

⁴²⁵ “A rebelião dos tenentes ou mesmo o golpe de Vargas (*sic*) em sedição ‘de irrisórios, momentâneos e nada’, a diferença cultural se impõe, nesse sentido, como um absurdo intolerável e incompreensível” (ANTELO, 2008, p. 20, tradução nossa).

⁴²⁶ “Como relatos de viagem de conquistadores europeos entre os séculos XVI e XIX, as crônicas de Arlt no Rio de Janeiro reconfiguram o conflito básico entre tradição e modernidade, combinando o entusiasmo com a voluptuosidade das cores, sabores e formas da natureza e a pretensão de carregar um conhecimento e uma experiência civilizatória que corresponderiam a uma etapa avançada do tempo na escala da evolução humana. Nesse enfrentamento, o *otro* (a tradição, neste caso), se vê muitas vezes suprimida pelo hóspede estrangeiro que não agasalha o seu hospedeiro, ou o faz apenas até o ponto em que o enraizamento do *próprio* não permite ultrapassar. Ao deslocar-se para o Rio de Janeiro, se impõe nas crônicas de Arlt uma pretensão de superioridade que caracteriza o olhar do *civilizado*, como o representante de uma etapa avançada do desenvolvimento humano que superou a barbárie e que se atribui à tarefa de contribuir para essa superação em todas as nações do mundo. No cenário carioca, o cronista identifica uma etapa inferior na escala evolutiva, onde os *ex* homens ainda não tinham chegado a um estado civilizado, onde sua força bruta e seus hábitos remetem ao universo desconhecido do ‘selvagem’” (FRENKEL, 2014, tradução nossa).

concepção de civilização, ao transpor esse quadro para as águas-fortes cariocas, o mesmo pode-se observar nos relatos arltianos. As *Notas de a bordo* e *Notas de viagem*, portanto, seriam o predomínio dessa primeira atitude frente ao desconhecido, para então, nas notas *De Roberto Arlt*, o estrangeiro demonstrar-se a partir de sua suposta superioridade, caracterizada ainda pela negação em relação à cultura do *outro*. Para Frenkel (2014):

Más allá de la indecisión que perturba constantemente en la escritura de Arlt, y más que un problema de xenofobia que alimenta conflictos entre nacionalidades, creo que las notas de viaje de Arlt a Rio de Janeiro exponen las tensiones implicadas en las definiciones de lo propio y lo extranjero, un proceso en el cual lo propio habría asumido las prerrogativas de la civilidad occidental como ineludibles. No se trata de un enfrentamiento a lo “brasileño”, sino de la asunción del modelo de civilización europeo como etapa avanzada del desarrollo humano, capaz de eliminar la barbarie.⁴²⁷

Assumir o modelo de civilização europeia não é, no entanto, uma atitude que se restringe à narrativa de viagem arltiana. É Todorov (2006, p. 242) quem afirma que “para assegurar a tensão necessária ao relato de viagem, é preciso a posição específica do colonizador: curioso com o outro e seguro de sua própria superioridade”. Na trilha de Todorov (2006), poderíamos nos perguntar: É tão grave que a imagem dos brasileiros nos relatos arltianos não esteja de acordo com a realidade?⁴²⁸ Antes de respondê-la, porém, cabe-nos fazê-lo em relação a outro questionamento: o que faz com que um escritor argentino do século XX, conhecido por uma postura de escrita transgressora, produza textos nos quais podemos perceber traços de uma visão colonialista que caracterizou os europeus nos séculos anteriores?

É o caso de aprofundarmos a leitura dos textos arltianos sobre o Rio de Janeiro a partir do conceito de intertextualidade que, como vimos, está presente nas

⁴²⁷ “Mais do que a indecisão que perturba constantemente a escritura de Arlt, e mais do que um problema de xenofobia que alimenta conflitos entre nacionalidades, creio que as notas de viagem de Arlt ao Rio de Janeiro expõem as tensões implicadas nas definições do *próprio* e do *estrangeiro*, um processo no qual o *próprio* assumiu as prerrogativas da civilidade ocidental como inescusáveis. Não se trata de um enfrentamento ao ‘brasileiro’, mas da apropriação do modelo de civilização europeu como etapa avançada do desenvolvimento humano, capaz de eliminar a barbárie” (FRENKEL, 2014, tradução nossa).

⁴²⁸ Referimo-nos ao trecho: “Mas enfim, dirá meu leitor exasperado, é tão grave que a imagem dos índios nesses relatos não esteja de acordo com a realidade? Não vamos também passar toda a vida chorando a sorte dos indígenas de todos os países! Basta e mudemos de assunto” (TODOROV, 2006, p. 243).

águas-fortes cariocas. Júlia Kristeva introduz o termo intertextualidade e define-o a partir da constatação de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1969 p. 64). Para Samoyault (2008, p. 11), pensada a partir de sua relação com a memória, “a intertextualidade não é mais apenas a retomada da citação ou da re-escritura, mas descrição dos movimentos e passagens da escritura na sua relação consigo mesma e com o outro”. Afastando a intertextualidade da crítica das fontes e preferindo o termo em questão, em relação a outros, menos técnicos – como tessitura, biblioteca e diálogo, dentre outros –, ainda que reconheça tratar-se de uma noção imprecisa, Samoyault (2008, p. 10) entende que “a retomada de um texto existente pode ser aleatória ou consentida, vaga lembrança, homenagem explícita ou ainda submissão a um modelo, subversão do cânon ou inspiração voluntária”. Sobre essa dimensão da memória, Samoyault (2008, p. 68) afirma:

A intertextualidade é o resultado técnico, objetivo, do trabalho constante, sutil e, às vezes, aleatório, da memória da escritura. [...] Isto explica também que “a memória das obras”, para retomar a bela expressão de Judith Schlanger, seja um espaço instável, onde o esquecimento, a lembrança fugaz, a recuperação repentina, o apagamento temporário atuam plenamente. As práticas intertextuais informam sobre o funcionamento da memória que uma época, um grupo, um indivíduo têm das obras que os precederam ou que lhe são contemporâneas. Elas exprimem ao mesmo tempo o peso desta memória, a dificuldade de um gesto que se sabe suceder a outro e vir sempre depois.

Sobre a relação do texto com o mundo, Samoyault retoma Aristóteles, que distingue dois tipos de discurso: o primeiro refere-se ao “discurso com sentido referencial, que fala do mundo” (SAMOYAULT, 2008, p. 102), ao passo que o segundo refere-se ao “discurso com sentido não referencial, que fala de seu próprio mundo – que ele elabora - e que é sua própria referência; é assim que ele define a ficção e mais amplamente a literatura” (SAMOYAULT, 2008, p. 102). A narrativa de viagem pode ser incluída, assim, neste segundo tipo de discurso, uma vez que “um enunciado ficcional pode fazer aparecerem semelhanças com o mundo, mas não será jamais o mundo. É a aporia de qualquer empreendimento referencial com caráter literário, assinalada por Christine Montalbetti” (SAMOYAULT, 2008, p. 102) e que se refere às narrativas de viagem. Ao tratar da “aporía” em Montalbetti, Santos (2014, p. 42) explica que:

[...] a autora francesa denomina “aporias da heterogeneidade”, contradições que aparecem na tentativa de representar o mundo real pela escrita. A base dessas contradições está na diferença de natureza entre a ficção e o relato de viagem que se caracteriza como escrita referencial; enquanto na ficção o universo representado é construído *ad hoc*, a escrita referencial, e na narrativa de viagem em particular, pretende captar o espaço e o mundo através da palavra.

Além das contradições observadas em Arlt, em diversas passagens das águas-fortes cariocas, o autor parte de uma visão colonialista e eurocêntrica, seja para afirmá-la, seja para reelaborá-la, o que evidencia a mediação de uma biblioteca composta por obras orientadas por essa visão, mas não só. As referências arltianas vão em várias direções, evidenciando, portanto, a “biblioteca”, que em Samoyault (2008) refere-se aos textos escritos por outros autores, anteriores ou contemporâneos, e que estão presentes, por meio da citação, da alusão ou da referência na obra do autor estudado.

Ainda que Samoyault (2008) refira-se à “memória da escritura”, trata-se dos textos escritos por outros autores e lidos pelo autor da obra estudada, de modo direto ou indireto. No entanto, verificamos que Arlt volta-se em sua escrita não apenas às obras de outros escritores, mas também para sua própria obra, o que nos leva a propor, a partir da leitura das águas-fortes cariocas, o desdobramento do conceito de biblioteca em “biblioteca lida” e “biblioteca escrita”, considerando, este último, uma nova categoria em relação à mediação da biblioteca que se refere não mais às obras escritas por outros autores, lidas por Arlt e presentes em seus relatos de viagem, “texto de acolhida”, mas também a própria obra arltiana que, por meio da memória é retomada e re-escrita pelo autor.

3. IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

3.1. Representações das mulheres

3.1.1. As mulheres na obra arltiana

“Este desolador cuadro de vida porteña, se debe, exclusivamente, a la educación falsa que en nuestros hogares reciben las muchachas. Si a la rutina de la vida se puede definir como ‘educación’ porque, hablando en plata, tal ‘educación’ no existe. Las chicas crecen; un día se acuerdan de que son mujeres y ‘que tienen que casarse’. ¿No se casó Fulana? ¿No se casó Mengana? ¿Que el marido de Zutana es un idiota? ¿Que el marido de Perengana, un estúpido? ¡Qué importa! El caso es que ‘ellas se casaron y la pasan lo más bien’.”⁴²⁹
(ARLT, 1998, p. 318)

Silvio Astier, Remo Erdosaim e Estanislao Balder são alguns dos muitos personagens de Arlt. Ao analisar a estrutura ideológica dos personagens arltianos, Beatriz Pastor (1980) o faz a partir de seu elemento central, ou seja, a figura paterna, enquanto a figura da mulher possui quatro flexões principais. Uma delas é a figura da mãe: *“durante el período de la infancia, la figura materna y la paterna se nos presenta como mutuamente excluyentes”*⁴³⁰ (PASTOR, 1980, p. 16) e cita como exemplos as obras *El juguete rabioso*, *Los siete locos* e *Los lanzallamas*. Enquanto na primeira temos a figura materna, nas demais, *“Erdosain recuerda una infancia totalmente invadida por la presencia del padre y en la que la madre falta por*

⁴²⁹ “Este desolador cuadro de vida portenha, se deve, exclusivamente, à falsa educação que em nossos lares recebem as moças. Se à rotina da vida se pode definir como ‘educação’ porque, falando a verdade, tal ‘educação’ não existe. As moças crescem; um dia se lembram de que são mulheres e ‘que têm que se casar’. Não se casou Fulana? Não se casou Mengana? Que o marido de Zutana é um idiota? Que o marido de Perengana, um estúpido? Não importa! O fato é que ‘elas se casaram e passam bem’.” (ARLT, 1998, p. 318, tradução nossa).

⁴³⁰ “Durante o período da infância, a figura materna e a paterna se apresentam como mutuamente excludentes” (PASTOR, 1980, p. 16, tradução nossa).

completo”⁴³¹ (PASTOR, 1980, p. 16). Em *El juguete rabioso*, Silvio relata um episódio com a mãe no início do segundo capítulo:

*Cuando cumplí los quince años, cierto atardecer mi madre me dijo:
– Silvio, es necesario que trabajes.
Yo que leía un libro junto a la mesa, levanté los ojos mirándola con rencor. Pensé: trabajar, siempre trabajar. Pero no contesté.
Ella estaba de pie frente a la ventana. Azulada claridad crepuscular incidía en sus cabellos emblanquecidos, en la frente amarilla, rayada de arrugas, y me miraba oblicuamente, entre disgustada y compadecida, y yo evitaba encontrar sus ojos.
Insistió comprendiendo la agresividad de mi silencio.
– Tenés que trabajar, ¿entendés? Tú no quisiste estudiar. Yo no te puedo mantener. Es necesario que trabajes. [...] Ahora, mirándola, observando su cuerpo tan mezquino, se me llenó el corazón de pena.
Creía verla fuera del tiempo y del espacio, en un paisaje sequizo, la llanura parda y el cielo metálico de tan azul. Yo era tan pequeño que ni caminar podía, y ella flagelada por las sombras, angustiadísima, caminaba a la orilla de los caminos, llevándome en sus brazos, calentándome las rodillas con el pecho, estrechando todo mi cuerpecito contra su cuerpo mezquino, y pedía a las gentes para mí, y mientras me daba el pecho, un calor de sollozo le secaba la boca, y de su boca hambrienta se quitaba el pan para mi boca, y de sus noches el sueño para atender a mis quejas, y con los ojos resplandecientes, con su cuerpo vestido de miserables ropas, tan pequeña y tan triste, se abría como un velo para cobijar mi sueño.
¡Pobre mamá! Y hubiera querido abrazarla, hacerle inclinar la emblanquecida cabeza en mi pecho, pedirle perdón por mis palabras duras, y de pronto, en el prolongado silencio que guardábamos, le dije con voz vibrante:
- Sí, voy a trabajar, mamá.*⁴³² (ARLT, 2008b, p. 67-70)

⁴³¹ “Erdoesain recorda uma infância totalmente invadida pela presença do pai e na qual a mãe está ausente por completo” (PASTOR, 1980, p. 16, tradução nossa).

⁴³² Quando completei quinze anos, certo atardecer, minha mãe me disse: – Silvio, é necessário que você trabalhe. Eu que lia um livro junto à mesa, levantei os olhos olhando-a com rancor. Pensei: trabalhar, sempre trabalhar. Mas não contestei. Ela estava de pé diante da janela. Azulada claridade crepuscular incidia em seus cabelos embranquecidos, na frente amarela, marcada por rugas, e me olhava obliquamente, entre contrariada e compadecida, e eu evitava encontrar seus olhos. Insistiu compreendendo a agressividade de meu silêncio: – Tem que trabalhar, certo? Você não quis estudar. Eu não posso manter você. É necessário que trabalhe. [...] Agora, olhando-a, observando seu corpo tão pequeno, me enche o coração de pena. Acreditava vê-la fora do tempo e do espaço, em uma paisagem seca, a planície marrom e o céu metálico de tão azul. Eu era tão pequeno que nem caminhar podia, e ela flagelada pelas sombras, angustiadíssima, caminhava à margem dos caminhos, levando-me em seus braços, aquecendo-me os joelhos com o peito, estreitando todo meu corpinho contra seu corpo pequeno, e pedia às pessoas para mim, e enquanto me dava o peito, um calor de soluço lhe secava a boca, e de sua boca faminta tirava o pão para minha boca, e de suas noites o sono para atender a minhas queixas, e com os olhos resplandecentes, com seu corpo vestido de miseráveis roupas, tão pequena e tão triste, se abria como um véu para abrigar meu sono. Pobre mamãe! E tive vontade de abraçá-la, fazer-lhe inclinar a embranquecida cabeça em meu peito, lhe pedir perdão por minhas palavras duras, e diante do prolongado silêncio que guardávamos, lhe disse com voz vibrante: – Sim, vou trabalhar, mamãe” (ARLT, 2008, p. 67-70, tradução nossa).

Enquanto na relação através da figura paterna ocorre o primeiro contato com a violência, por meio do poder e da autoridade, há na relação com a figura materna um processo de manipulação (PASTOR, 1980). Para Pastor (1980, p. 19), *“la semejanza entre el padre y la madre, desde el punto de vista de las repercusiones que sus acciones tienen sobre el niño, va más allá del mero uso de mecanismos de presión, física en un caso y moral en el otro”*⁴³³, de forma que *“padre y madre influyen en la trayectoria y destrucción de la personalidad del niño en el mismo sentido: el de la fragmentación del individuo”*⁴³⁴ (PASTOR, 1980, p. 20).

Há ainda, como mencionamos anteriormente, outras três flexões principais da figura da mulher na obra arltiana: a segunda flexão se refere à namorada, *“pura transición, no existe como ser real. [...] Se sitúa entre la madre, con lo que ésta implicaba de represión del personaje, y la esposa no mitificable por el peso de la existencia de una convivencia real; como personaje está desprovista de identidad”*⁴³⁵ (PASTOR, 1980, p. 21). No entanto, *“junto a esta figura ideal existe la de la novia contaminada por la realidad – ya sea por el matrimonio inminente, ya por la proximidad de la suegra – y en esa medida menos mitificable”*⁴³⁶ (PASTOR, 1980, p. 22). No conto *“Noche terrible”*, a história de Ricardo Stepens descreve as angústias deste um dia antes da data do casamento com Julia ao imaginar as possibilidades de sua vida futura, caso se case, considerando-as, ainda, caso desista do casamento, o que, para o personagem, *“es casi lo mismo cometer un crimen”*⁴³⁷ (ARLT, 2012, p. 171). Em uma das passagens sobre o comportamento da noiva, lê-se: *“Mañana podrá, por fin, gritar su victoria y cambiar una mirada definitivamente agradecida con la cómplice madre que la ayudó mediante su experiencia a atrapar a este calenturiento que susurra junto a ella”*⁴³⁸ (ARLT, 2012, p. 172).

⁴³³ “A semelhança entre o pai e a mãe, desde o ponto de vista das repercussões que suas ações têm sobre o menino, vai mais além do mero uso de mecanismos de pressão, física em um caso e moral no outro” (PASTOR, 1980, p. 19, tradução nossa).

⁴³⁴ “Pai e mãe influenciam na trajetória e destruição da personalidade do filho no mesmo sentido: o da fragmentação do indivíduo” (PASTOR, 1980, p. 20, tradução nossa).

⁴³⁵ “Pura transição, não existe como ser real. [...] Situa-se entre a mãe, com o que esta implicava de repressão do personagem, e a esposa não mitificada pelo peso da existência de uma convivência real; como personagem está desprovida de identidade” (PASTOR, 1980, p. 21, tradução nossa).

⁴³⁶ “Junto a esta figura ideal existe a da noiva contaminada pela realidade – seja pelo matrimônio iminente, seja pela proximidade da sogra – e por isso menos mitificada” (PASTOR, 1980, p. 22, tradução nossa).

⁴³⁷ “É quase o mesmo que cometer um crime” (ARLT, 2012, p.171, tradução nossa).

⁴³⁸ “Amanhã poderá, finalmente, comemorar a sua vitória e mudar um olhar definitivamente agradecido com a cúmplice mãe que a ajudou mediante sua experiência a agarrar a este febril que sussurra junto a ela” (ARLT, 2012, p. 172, tradução nossa).

A outra flexão, a da esposa, é descrita como flexão central da obra de Arlt cuja “*presencia es vivida por el personaje como constante amenaza. Participa de la función integradora de la madre y de la cualidad degradante y destructiva de la suegra*”⁴³⁹ (PASTOR, 1980, p. 22-23). Por fim, temos a sogra, que representa a degradação e a corrupção no universo arltiano e, portanto, se opõe à flexão da noiva, representação da pureza e da inocência, enquanto mãe e esposa participam desses dois extremos simultaneamente (PASTOR, 1980, p. 21).

A análise de Pastor (1980), no entanto, refere-se aos personagens arltianos presentes nos contos e romances⁴⁴⁰. Vejamos agora algumas características de como ocorre a caracterização das personagens femininas dentro do âmbito das águas-fortes portenhas, nas quais a figura feminina aparece com maior destaque em comparação com a obra ficcional do autor e, também, em relação a outros escritores da mesma época, como também observa Martínez (2000), ao mencionar que: “*El hecho de que Arlt presenta a la mujer como protagonista en muchos ensayos lo pone aparte de otros ensayistas*”⁴⁴¹.

Em “*La madre en la vida y en la novela*”⁴⁴² (18/06/1929), por exemplo, o autor inicia a nota recordando o filme *A Mãe*, baseado na peça de Máximo Gorki e afirma: “*Hay algo de patético en la figura de la madre que adora a un hijo, y de extraordinariamente hermoso*”⁴⁴³ (ARLT, 1998, p. 166). Volta-se ainda a outras obras nas quais a figura materna está presente, como *O caminho de Swan* e *À sombra das moças em flor*, de Marcel Proust; *Mateo e Estéfano*, de Discépolo; *O príncipe idiota*, *Crime e castigo* e *As etapas da locura*, de Dostoievski; *Sacha Yegulev* e *Os sete enforcados*, de Andreiev. Recorda ainda o naufrágio do “Princesa Mafalda” – navio italiano que afundou em 1927 – narrando a história de uma mãe que passou oito horas na água com seu filho nos braços. Para Arlt (1998, p. 168):

⁴³⁹ “Presença é vivida pelo personagem como constante ameaça. Participa da função integradora da mãe e da qualidade degradante e destrutiva da sogra” (PASTOR, 1980, p. 22-23, tradução nossa).

⁴⁴⁰ A autora ressalta na introdução de sua obra: “*Novelas, cuentos, personajes y acciones no serán considerados aquí como **objetos** independientes en su singularidad, sino como elementos o **flexiones** integrantes de un discurso literario único que los engloba*” (PASTOR, 1980, p. 9).

⁴⁴¹ “O fato de que Arlt apresente a mulher como protagonista em muitos ensaios o coloca à parte de outros ensaístas” (MARTÍNEZ, 2000, tradução nossa).

⁴⁴² Outras quatro *Aguafuertes porteñas* trazem o vocábulo “*madre*” já em seu título: “*Madres que no saben criar a los hijos*” (13/04/1929); “*La rabona, madre de la desconfianza*” (12/05/1929); “*La madre en el balcón*” (01/01/1933) e “*Carta de otra madre*” (05/01/1933). Há ainda a nota “*Las madres del mundo miran y escuchan*” (28/04/1937), publicada como *Tiempos presentes*.

⁴⁴³ “Há algo de patético e de extraordinariamente encantador na figura da mãe que adora um filho” (ARLT, 2013c, p. 187).

Salvo excepciones, el hombre todavía no se ha acostumbrado a ver en la madre sino una mujer vieja y afeada por el tiempo. Es necesario que esta visión desaparezca, que la madre ocupe en el lugar del mundo un puesto más hermoso, más fraternal y dulce. [...] Y como otras muchas cosas, esta exaltación de la madre, esta adoración de la madre, llegando casi a lo religioso, se la debemos a los escritores rusos. Cada uno de ellos, en la cárcel, o en la terrible soledad de la estepa, cayéndose de cansancio y de tristeza, de pronto tuvo, ante los ojos, esa visión de la mujer, “carne cansada y dolorosa”, que más tarde, invisiblemente inclinada sobre sus espaldas, les dicta las más hermosas páginas que han sido dadas a nuestros ojos.⁴⁴⁴

Mais frequente que a figura da mãe, no entanto, são os temas referentes ao noivado e ao casamento nas notas arltianas que tratam, portanto, da figura da noiva, da esposa e da sogra, dentre as quais se encontram algumas publicadas no conjunto *Aguafuertes porteñas: Buenos Aires, vida cotidiana*. Em “*Primeras palabras para conquistar a la dama*” (07/12/1929), Arlt, em resposta, a um leitor afirma que o que desejam a maioria das mulheres é se “*arreglar económicamente*”, ou seja, casar-se, e que inteligência não seria uma qualidade, uma vez que “*la mujer no tiene capacidad para juzgar de la inteligencia del hombre*”⁴⁴⁵ (ARLT, 1998, p. 308-309), mas para a aparência, até porque sendo inteligente, mais difícil é enganá-lo. O comentário reflete um pensamento machista e misógino por parte do autor ao julgar a mulher como um ser inferior e incapaz de julgar a inteligência dos homens. Dos comentários de Arlt nas notas sobre casamento resultam uma série de cartas recebidas pelo autor na redação do jornal, transcritas umas, respondidas outras, dentre as quais lê-se: “*Si por culpa de sus malditos artículos lleigo a perder a mi novio, iré yo al diario a decirle cosas que posiblemente ninguna mujer le ha dicho*”⁴⁴⁶ (ARLT, 1998, p. 314). Arlt se defende das acusações ao final da nota:

⁴⁴⁴ “Salvo exceções, o homem ainda não se acostumou a ver na mãe a não ser uma mulher velha e acabada pelo tempo. É preciso que essa visão desapareça, que a mãe ocupe no lugar do mundo um posto mais encantador, mais fraterna; e doce. [...] E como muitas outras coisas, essa exaltação da mãe, essa adoração da mãe, chegando quase ao religioso, devemos aos escritores russos. Cada um deles, na prisão ou na terrível solidão da estepa, caindo de cansaço e de tristeza, de repente teve, diante dos olhos, essa visão da mulher, ‘carne cansada e dolorosa’ que, mais tarde, invisivelmente inclinada sobre suas costas, lhes dita as mais encantadoras páginas que foram dadas aos nossos olhos” (ARLT, 2013c, p. 188-189).

⁴⁴⁵ “A mulher não tem capacidade para julgar a inteligência do homem” (ARLT, 1998, p. 308-309, tradução nossa).

⁴⁴⁶ “Se eu perder meu noivo por culpa de seus malditos artigos, irei ao diário dizer-lhe coisas que possivelmente nenhuma mulher lhe disse” (ARLT, 1998, p. 314, tradução nossa).

Pero permítanme que diga algo en mi descargo: el defecto que ustedes me señalan es, precisamente, mi virtud: la franqueza. Soy tan franco que admito mis errores y mis excesos. Me he excedido arruinándoles el estofado marital a varios interesados e interesadas. Pero no me van a negar los mismos damnificados que he abierto la puerta de la jaula para que raje más de un inocente mixto. En estos momentos, que me dirijo especialmente a los pobres mixtos, sigo los consejos del gran Sarmiento: “Sea compasivo...”. Soy antipático, estoy de acuerdo, pero no me digan que no tengo compasión.⁴⁴⁷ (ARLT, 1998, p. 315)

A forma como Arlt concebe as relações entre homens e mulheres está descrita na água-forte “*La comedia femenina*” (02/06/1931):

Actualmente, como se encuentra organizada nuestra sociedad, se puede decir que las relaciones entre hombres y mujeres son semejantes a una batalla. Una batalla sorda, donde el más astuto, el más hipócrita, aquel que más domina sus nervios, su voluntad y sus sentidos, triunfa y engaña al más débil e instintivo. Y una batalla no se efectúa a base de sinceridad, sino con ardides, mentiras, farsas y palabras engañosas.⁴⁴⁸ (ARLT, 1998, p. 305)

Em *Roberto Arlt y las mujeres en las Aguafuertes porteñas*, Victoria Martínez (2000) analisa a figura feminina na obra arltiana produzida entre 1928 e 1933, por meio da qual, segundo a autora, Arlt critica o sistema burguês do qual a mulher é tanto participante como vítima:

Lo que parece ser un ataque contra la mujer está arraigado en un ataque más general, es una crítica fuerte contra todo lo que encarna esa actitud de la mujer “moderna” que toma parte en crear la “nación”; y contra la actitud aparatosa de mujeres en posiciones sociales más humildes que imitan la clase media. Arlt ataca a los ricos y a los obreros que participan en los juegos de “apariencias” o que aspiran a ser más “finos”. Sin embargo, hay algunas mujeres que reciben su simpatía.⁴⁴⁹ (MARTÍNEZ, 2000)

⁴⁴⁷ “Mas permitam-me que eu diga algo em minha defesa: o defeito do qual vocês me acusam é, exatamente, minha virtude: a franqueza. Sou tão franco que admito meus erros e meus excessos. Me excedi arruinando o estofado marital a vários interessados e interessadas. Mas não me venham negar os mesmos danificados que abri a porta da jaula para que escape mais de um inocente tonto. Nestes momentos, que me dirijo especialmente aos pobres tontos, sigo os conselhos do grande Sarmiento: ‘Seja compassivo...’. Sou antipático, estou de acordo, mas não me digam que não tenho compaixão (ARLT, 1998, p. 315, tradução nossa).

⁴⁴⁸ “Atualmente, como se encontra organizada nossa sociedade, pode-se dizer que as relações entre homens e mulheres são semelhantes a uma batalha. Uma batalha silenciosa, onde o mais astuto, o mais hipócrita, aquele que mais domina seus nervos, sua vontade e seus sentidos, triunfa e engana ao mais débil e instintivo. E uma batalha não se realiza à base de sinceridade, mas com artifícios, mentiras, farsas e palavras enganadoras” (ARLT, 1998, p. 305, tradução nossa).

⁴⁴⁹ “O que parece ser um ataque contra a mulher está arraigado em um ataque mais geral, é uma crítica forte contra tudo o que encarna essa atitude da mulher ‘moderna’ que toma parte em acreditar

Se, por um lado, algumas mulheres são criticadas por Arlt por participarem dos ideais burgueses, outras, por outro, são alvo de atenção e simpatia do escritor por justamente estarem distantes desses. Por esse motivo, quando analisa as águas-fortes, Martínez (2000) afirma que as quatro categorias propostas por Pastor (1980) caracterizam o personagem feminino de forma simplista. Além disso, encontra na obra arltiana representações femininas distintas das quatro flexões inicialmente mencionadas, como a figura da mulher no contexto laboral.

Em relação à presença de mulheres trabalhadoras, por exemplo, temos a água-forte portenha *“La muchacha del atado”* (19/11/1929), na qual Arlt imagina a vida das moças que buscam costura pelas ruas portenhas e com as quais tropeça diariamente: *“No se trata de sentimentalismo barato. No. Pero más de una vez me he quedado pensando en estas vidas, casi absolutamente dedicadas al trabajo”*⁴⁵⁰ (ARLT, 1998, p. 73). O autor narra a vida dessas personagens que, quando pequenas, ajudam a cuidar do irmão e logo ajudarão a mãe com o serviço do lar, até chegar o momento em que se casem e então passarão a cuidar da própria casa, do marido e dos filhos: *“cada año un nuevo hijo y siempre más preocupaciones y siempre la misma pobreza; la misma escasez, la misma medida del dinero, el igual problema que existía en la casa de sus padres, se repite en la suya, pero mayor e más arduo”*⁴⁵¹ (ARLT, 1998, p. 74). Retrata, assim, a vida das mulheres que, diferente da vida das mulheres que pertencem à burguesia, está atravessada de privações e marcada pelo trabalho.

Como vimos, a crítica aos comportamentos femininos é uma das formas encontradas por Arlt para criticar aquilo a que a sua obra como um todo se opõe: a burguesia. No que se refere às tradições do patriarcado, Martínez (2000) afirma: *“Aunque es posible decir que Arlt trata a la mujer desde una perspectiva patriarcal, se sabe bien que él no concuerda con la ideología burguesa. Así, si desprecia la*

na 'nação'; e contra a atitude extravagante de mulheres em posições sociais mais humildes que imitam a classe média. Arlt ataca os ricos e os obreiros que participam dos jogos de 'aparências' ou que desejam ser mais 'finos'. No entanto, há algumas mulheres que recebem a sua simpatia” (MARTÍNEZ, 2000, tradução nossa).

⁴⁵⁰ “Não se trata de fazer sentimentalismo barato. Não. Mas mais de uma vez fiquei pensando nessas vidas, quase absolutamente dedicadas ao trabalho” (ARLT, 2013c, p. 74).

⁴⁵¹ “Cada ano um novo filho e sempre mais preocupações e sempre a mesma pobreza; a mesma escassez, o mesmo dinheiro contado, o mesmo problema que existia na casa dos seus pais se repete na sua, só que maior e mais árduo” (ARLT, 2013c, p. 75).

*burguesía, es lógico pensar que tampoco apoya los ideales patriarcales”*⁴⁵². Segundo Martínez (2000):

*Aunque cada ensayo sólo enfatiza una característica femenina, al agregar las características de la mujer burguesa, aparece una mujer hipócrita, obsesionada por las apariencias, el dinero y el matrimonio. Es mentirosa, tonta (a pesar de su educación) y es un ente infernal que vive para torturar al hombre. En contraste, las pocas mujeres sinceras, francas e inteligentes son las que Arlt admira, en su mayoría pertenecen a la clase baja y están, como sus contrapartes masculinos, atrapadas en un sistema que humilla y desprecia al inmigrante, al pobre, y al que no puede cruzar las barreras sociales en Argentina.*⁴⁵³

Assim como critica a ideologia burguesa por meio da exposição dos comportamentos femininos, podemos pensar que o mesmo ocorre enquanto crítica ao patriarcalismo se consideramos o fato de que o autor elogia, por exemplo, a mulher que trabalha, ou ainda defende seus direitos. Pode-se dizer que, ambiguamente, Arlt tanto reforça como se opõe aos ideais patriarcais.

3.1.2. A representação das mulheres nas águas-fortes cariocas

*“Se imita a las artistas de cine de tal forma que se ven mujeres por las calles vestidas de manera tan extravagante, que uno no sabe por qué extremo empezar a describirlas.”*⁴⁵⁴
(ARLT, 2013a, p. 143)

Assim como nas águas-fortes portenhas, a figura feminina está presente nas águas-fortes cariocas. Como mencionamos anteriormente, ao anunciar sua viagem

⁴⁵² “Ainda que seja possível dizer que Arlt trata a mulher a partir de uma perspectiva patriarcal, se sabe bem que ele não concorda com a ideologia burguesa. Assim, se despreza a burguesia, é lógico pensar que também não apoia os ideais patriarcais” (MARTÍNEZ, 2000, tradução nossa).

⁴⁵³ “Ainda que cada ensaio só enfatize uma característica feminina, ao agregar as características da mulher burguesa, aparece uma mulher hipócrita, obcecada pelas aparências, o dinheiro e o matrimônio. É mentirosa, tonta (apesar de sua educação) e é um ente infernal que vive para torturar o homem. Em contraste, as poucas mulheres sinceras, francas e inteligentes são as que Arlt admira, na sua maioria pertencem à classe baixa e estão, como suas versões masculinas, aprisionadas em um sistema que humilha e despreza o imigrante, o pobre, e o que não pode cruzar as barreiras sociais na Argentina” (MARTÍNEZ, 2000, tradução nossa).

⁴⁵⁴ “Imita-se as artistas de cinema de tal forma que se pode ver mulheres pelas ruas vestidas de maneira tão extravagante que a gente não sabe por qual extremidade começar a descrevê-las” (ARLT, 2013c, p. 336).

pelos países da América do Sul, Arlt detém-se, sobretudo, aos comentários acerca daquilo que imagina encontrar no Brasil, os quais incluem a figura da mulher brasileira, mencionada como “*menina*” e como “*muchachas*”. No primeiro caso o autor informa: “*iré a Río de Janeiro, donde hay cada **menina** que da calor*”⁴⁵⁵ (ARLT, 2013a, p. 11), enquanto, no segundo, relata: “*Pienso hablarles a ustedes de la vida en las playas cariocas; de las muchachas que hablan un español estupendo y un portugués musical*”⁴⁵⁶ (ARLT, 2013a, p. 13). Retoma, portanto, uma visão do Brasil em que a figura feminina sobrepõe-se dentre os temas que poderia elencar, associando essa presença ao idioma, no segundo trecho, ainda que de forma equivocada em relação a este último.

Nas águas-fortes cariocas é possível perceber a presença da figura feminina em trinta e três das quarenta e duas notas que compõem o nosso *corpus*, ou seja, apenas em nove relatos que compõem o conjunto das águas-fortes cariocas não há nenhuma referência explícita às personagens femininas⁴⁵⁷.

Embora presente em mais da metade dos textos, a figura da mulher aparece em meio às descrições das paisagens observadas e cenas do cotidiano narradas, de forma geral muito brevemente, como é o caso nos trechos seguintes:

*Así le ocurre a usted pasar por la calle y ver cosas como estas: un chico lavándose los pies en un dormitorio. Una **señora** peinándose frente a un espejo [...]. Dos **muchachas** descosiendo un vestido. Un hombre ligero de ropas. Una **mujer** en idénticas condiciones.*⁴⁵⁸ (ARLT, 2013a, p. 41, grifo nosso)

*Aquí, el café es auténtico, como el tabaco y las naturales bellezas de la (sic) **mujeres**.*⁴⁵⁹ (ARLT, 2013a, p. 74, grifo nosso)

*Como si no les fuese suficiente con el colorido de los montes, de las **mujeres** y de los crepúsculos que encienden en la ciudad de lluvia*

⁴⁵⁵ “Irei ao Rio de Janeiro, onde tem cada ‘menina’ que dá calor” (ARLT, 2013c, p. 247).

⁴⁵⁶ “Penso em falar para vocês da vida nas praias cariocas; das moças que falam um espanhol estupendo e um português musical” (ARLT, 2013c, p. 248).

⁴⁵⁷ É o caso das águas-fortes cariocas “*Los pescadores de perlas*”; “*Dos obreros distintos*”; “*Cosas del tráfico*”; “*Llamémoslo Jardín zoológico*”; “*Sólo escribo sobre lo que veo*”; “*La belleza de Río de Janeiro*”; “*Amabilidad y realidad*”; “*Vento fresco*” e “*Me esperen que llegaré en aeroplano*”.

⁴⁵⁸ “Assim, acontece de você andar pela rua e ver coisas como estas: um menino lavando os pés num dormitório. Uma senhora se penteando diante de um espelho. [...] Duas moças descosturando um vestido. Um homem com pouca roupa... Uma mulher em idénticas condições...” (ARLT, 2013c, p. 274).

⁴⁵⁹ “Aqui, o café é autêntico, como o tabaco e as belezas naturais das mulheres” (ARLT, 2013c, p. 294).

*sonrosada o verdosa, adornaron también las locomotoras.*⁴⁶⁰ (ARLT, 2013a, p. 87, grifo nosso)

*Aquí, la cultura de clase media es de un afrancesamiento ridículo. Se imita a las **artistas** de cine de tal forma que se ven **mujeres** por las calles vestidas de manera tan extravagante, que uno no sabe por qué extremo empezar a describirlas.*⁴⁶¹ (ARLT, 2013a, p. 143, grifo nosso)

Em cinco águas-fortes temos a presença de figuras femininas em relação às quais a postura do autor se aproxima daquela que dirige às personagens femininas de sua obra em geral. A primeira se refere à poeta argentina mencionada por Arlt em “¿Para qué?”, cuja vontade do escritor, após a leitura do texto que ela escreveu sobre o Rio de Janeiro, é de dirigir-se à dama, questionando-a: “¿Dígame, señora, por qué en vez de escribir no se dedica a la conspicua labor de la calceta?”⁴⁶² (ARLT, 2013a, p.45), demonstrando o caráter misógino do autor ao querer encerrar a mulher em tarefas domésticas, negando-lhe o ingresso ao mundo letrado, um domínio tradicionalmente ocupado apenas pelos homens.

Três notas se referem à figura da noiva/esposa. Em “*Tipos raros*”, Arlt narra em certa altura a história do amigo argentino com uma *muchacha* com a qual ele se casa após presentear-lhe com um livro de poemas afirmando ser ela a sua inspiração para escrevê-lo e, após três meses de casados, termina com o livro lançado à sua cabeça, uma vez que a moça descobre que os poemas foram copiados de outra obra. Observa-se que, nesta nota, há uma inversão dos papéis comumente desempenhados pelos personagens arltianos, de forma que quem se utiliza de mentiras para casar-se é o homem e não a mulher. As outras duas águas-fortes, “*Castos entretenimientos*” e “*Elogio de la tríplice amistad*”, descrevem duas cenas e, em ambas, almoçam um casal e um terceiro personagem, amigo do casal, das quais já tratamos no capítulo anterior e que se utiliza da ironia como principal recurso. A figura da esposa do primeiro relato é descrita como “*fresca, carnuda, alta,*

⁴⁶⁰ “Como se não lhes fosse suficiente o colorido dos morros, das mulheres e dos crepúsculos que incendeiam a cidade de chuva rosada ou esverdeada, enfeitaram também as locomotivas” (ARLT, 2013c, p. 303).

⁴⁶¹ “Aqui, a cultura da classe média é de um afrancesamento ridículo. Imita-se as artistas de cinema de tal forma que se pode ver mulheres pelas ruas vestidas de maneira tão extravagante que a gente não sabe por qual extremidade começar a descrevê-las” (ARLT, 2013c, p. 336).

⁴⁶² “Diga-me, senhora, por que em vez de escrever não se dedica ao conspicuo labor de tricotar meias?” (ARLT, 2013c, p. 276).

*comestible en sumo grado*⁴⁶³ (ARLT, 2013a, p. 92), ao passo que a do segundo relato é descrita no trecho seguinte:

*Ella, cuarenta y cinco a cincuenta otoños: un crepúsculo magnífico; ojos pirotécnicos, curvas como para dedicarse a estudiar de inmediato la trigonometría e investigar de qué modo matemático es posible tirar una cotangente a un seno sin tocar el coseno, en fin, ríanse ustedes de la Pompadour, de Recamier y de todas las grandes madamas de que habla la historia.*⁴⁶⁴ (ARLT, 2013a, p. 154)

Por fim, temos a nota “Propostas comerciais”, em que, como mencionado no capítulo anterior, a viúva Eufrasia López, proprietária de uma leiteria, faz uma proposta comercial tendo em vista o prêmio em dinheiro que o autor recebera com seu livro, afirmando a rentabilidade do negócio o que Arlt afirma não acreditar.

São cinco as águas-fortes que descrevem aspectos sociais e culturais em relação às mulheres no Brasil, observados pelo autor. Em “*Costumbres cariocas*”, ao narrar as cenas que o levam a considerar o Rio de Janeiro como uma cidade de gente decente, Arlt detém-se aos hábitos das mulheres que passeiam sozinhas pela rua às onze da noite. Nesta parte o escritor recorda a cidade de Buenos Aires: “*Pienso en Buenos Aires. Pienso en toda nuestra grosería. En nuestra enorme falta de respeto hacia la mujer y el niño. Pienso en nuestra descortesía y no salgo de mi asombro*”⁴⁶⁵ (ARLT, 2013a, p. 21). Arlt relata que, diante de tais questões, deixará para descrever a paisagem em outro momento, pois sua atenção, e também a de seus leitores, supõe o escritor, está voltada para essa outra realidade, estabelecendo um contínuo diálogo com seus leitores: “*Sean sinceros. ¿Se justifican esas palabras con que definía Río de Janeiro como una ciudad de gente decente y bien nacida?*”⁴⁶⁶ (ARLT, 2013a, p. 21).

O último exemplo ocorre em um cinema e também se refere ao respeito dispensado às mulheres. Ao final da seção, Arlt volta-se ao amigo que o acompanha

⁴⁶³ “Fresca, carnuda, comestível em grau máximo” (ARLT, 2013c, p. 306).

⁴⁶⁴ “Ela, quarenta e cinco a cinquenta outonos; um crepúsculo magnífico: olhos pirotécnicos, curvas como para dedicar-se a estudar imediatamente trigonometria e investigar de que modo matemático é possível tirar uma cotangente de um seno sem tocar o cosseno, em resumo, riam vocês da Pompadour, de Recamier e de todas as grandes madamas de que fala a história” (ARLT, 2013c, p. 344).

⁴⁶⁵ “Penso em Buenos Aires. Penso em toda nossa grosseria. Em nossa enorme falta de respeito para com a mulher e a criança. Penso em nossa descortesia e não saio do meu assombro” (ARLT, 2013c, p. 259).

⁴⁶⁶ “Sejam sinceros. Justificam-se essas palavras com que eu definia o Rio de Janeiro? Uma cidade de gente decente e bem-nascida?” (ARLT, 2013c, p. 259).

e questiona: “—¿Y a estas muchachas no les pasa nada en la oscuridad?”⁴⁶⁷ (ARLT, 2013a, p. 21), referindo-se à lanterninha, cuja resposta do amigo é curiosa: “No... *Las veces que ocurrió algo fue cuando algún porteño les faltó al respeto. (Discúlpeme, ando viajando para decir verdades y no para acariciarle el oído a mis lectores.)*”⁴⁶⁸ (ARLT, 2013a, p. 21). Em “*Hablemos de cultura*”, seguem os comentários acerca do comportamento das mulheres, no entanto, estabelecendo um paralelo com o que ocorre em Buenos Aires:

Una muchacha puede aquí caminar tranquilamente por las calles a media noche. Una muchacha decente, ¿eh?, ¡no confundamos! Y si no lo es, también... Usted puede ir a cualquier parte, aun a la más atorranta, en compañía de cualquier tipo de mujer, honesta o no. Nadie se meterá con usted.

*En Buenos Aires, en casi todos los cafés, usted encuentra compartimentos para familias. Aquí no se conoce esa división. Cuando salen de su empleo, las muchachas entran a los cafés, toman sus pocillos de **bocequín** y lo hacen con tranquilidad: la tranquilidad de la mujer que sabe que es respetada.*

En Buenos Aires, el trato general para con la mujer revela lo siguiente: que se la tiene por un ser inferior. La continua falta de respeto de que se hace víctima lo demuestra.

*Aquí no. La mujer está acostumbrada a ser considerada una igual del hombre y, por consiguiente, a merecer de él las atenciones que este tiene con cualquier desconocido que se le presenta.*⁴⁶⁹ (ARLT, 2013a, p. 33)

As observações em relação à forma como são tratadas as mulheres no Rio de Janeiro em comparação à forma como isso ocorre em Buenos Aires levam o escritor a repensar o tratamento dispensado às mulheres argentinas: “*Comprendemos que con nuestra grosería hemos desnaturalizado muchas cosas*

⁴⁶⁷ “E não acontece nada com essas moças, na escuridão?” (ARLT, 2013c, p. 259).

⁴⁶⁸ “Não... Nas vezes em que aconteceu alguma coisa foi quando algum portenho lhes faltou com o respeito. (Desculpem: ando viajando para dizer verdades e não para acariciar o ouvido dos meus leitores)” (ARLT, 2013c, p. 259).

⁴⁶⁹ “Uma moça, aqui, pode caminhar tranquilamente pelas ruas à meia-noite. Uma moça decente, hein? Não vamos confundir!... E se não o é, também... Você pode ir a qualquer lugar, ainda que o mais fuleiro, na companhia de qualquer tipo de mulher, honesta ou não. Ninguém vai se meter com você. Em Buenos Aires, em quase todos os cafés, você encontra compartimento para famílias. Aqui não se conhece essa divisão. Quando saem de seu emprego, as moças entram nos cafés, tomam seu cafezinho e o fazem com tranquilidade: a tranquilidade da mulher que sabe que é respeitada. Em Buenos Aires, o trato geral para com a mulher revela o seguinte: que é tida como um ser inferior: A contínua falta de respeito que a faz vítima o demonstra. Aqui não. A mulher está acostumada a ser considerada uma igual ao homem, e, por conseguinte, a merecer dele as atenções que este tem com qualquer desconhecido que se apresente” (ARLT, 2013c, p. 268).

*bellas, incluso destruido la femineidad de la mujer porteña*⁴⁷⁰ (ARLT, 2013a, p. 33). Também nas águas-fortes uruguaias a questão do tratamento em relação às mulheres foi comentado na nota “*El tablado de Arlequín*” (23/03/1930), na qual o escritor trata do carnaval montevidiano e menciona em “*Corrección del público uruguayo*”, última parte do texto:

*Juro que estoy profundamente asombrado. Este público es de una corrección magnífica. En torno de los tablados se reúnen familias, hombres de todas las condiciones, y a nadie se le ocurre pellizcarla a su vecina ni constatar las curvas de nivel que tiene una muchacha que está sola. Nadie molesta a nadie. Ustedes saben lo que es el carnaval entre nosotros y lo que le pasa a la menestrala que se aventura sin compañía. Y lo que le pasa a veces al que la acompaña. Aquí, una muchacha puede ir tranquilamente sola a las once o doce de la noche a mirar cualquier tablado. Nadie, absolutamente nadie, se mete con ella.*⁴⁷¹ (ARLT, 1996, p. 52)

Ainda sobre o comportamento diante das mulheres brasileiras, em “*Se lo recomiendo para combatir el calor*”, Arlt (2013a, p. 126) relata: “*Fui a Copacabana. Lo de las muchachas de Copacaba es una mula. He visto algunas que se bañaban y no causan ningún efecto. Es inútil: la mujer, para interesar, tiene que estar vestida*”⁴⁷².

Em “*¡Treinta y seis millones!*”, Arlt (2013a, p. 150) afirma “*no se pierde el tiempo con malas mujeres porque las malas mujeres dispararon aburridas de tanta moralidad*”⁴⁷³. O autor observa mais adiante que o trabalho é exercido por homens e mulheres: “*La mujer trabaja a la par que el varón*”⁴⁷⁴ (ARLT, 2013a, p. 151). Por fim, uma última comparação é realizada em relação ao tratamento que recebem as mulheres no Brasil e na Argentina. Em “*El que desprecia su tierra*”, ao retratar o viajante aborrecido com a sua pátria, Arlt reproduz o relato deste:

⁴⁷⁰ “Compreendemos que, com nossa grosseria, nós desnaturalizamos muitas coisas belas, inclusive destruimos a feminilidade da mulher portenha” (ARLT, 2013c, p. 268).

⁴⁷¹ “Juro que estou profundamente assombrado. Este público é de uma correção magnífica. Ao redor dos tablados se reúnem famílias, homens de todas as condições, e ninguém resolve beliscar a sua vizinha nem constatar as curvas de uma moça que está sozinha. Ninguém molesta ninguém. Vocês sabem o que é o carnaval entre nós e o que passa a uma artesã que se aventura sem companhia. É o que passa às vezes ao que a acompanha. Aqui, uma moça pode ir tranquilamente sozinha às onze ou doze da noite olhar qualquer tablado. Ninguém, absolutamente ninguém, se mete com ela” (ARLT, 1996, p. 52, tradução nossa).

⁴⁷² “Fui à Copacabana. A história das moças de Copacabana é lorota. Vi algumas que se banhavam, e não causam nenhuma impressão. É inútil: a mulher, para interessar, tem que estar vestida” (ARLT, 2013c, p. 324).

⁴⁷³ “Não se perde tempo com mulheres suspeitas, porque as mulheres suspeitas dispararam entediadas com tanta moralidade” (ARLT, 2013c, p. 341).

⁴⁷⁴ “A mulher trabalha tanto quanto o varão” (ARLT, 2013c, p. 342).

*He ido al cabaret y antes de entrar me han advertido que a las 'damas' que allí bailan es de rigor tratarlas de 'señoritas'. ¡Hagan el favor!... Yo no he venido a este país para tratar de señoritas a mujeres a quienes en mi ciudad se las llama 'che milonguita'. Esto, sin excluir, que todas, invariablemente, cuentan una historia sentimental de viudez peregrina, de un esposo amado que murió hace muchos años dejándolas en el estuario, y que no hay una que no diga que se muere por conocer un hombre inteligente, y que ellas son también inteligentes [...].*⁴⁷⁵ (ARLT, 2013a, p. 174)

Ainda que ficcionalmente, o personagem viajante reproduz o comportamento que Arlt denominou na outra nota como “grosseria portenha” e essa visão da mulher como um ser inferior, sobretudo no que se refere às *milonguitas*⁴⁷⁶. Pode-se dizer que essa visão do personagem é compartilhada por Arlt, quem realiza tais distinções entre “tipos de mulheres”, como mencionamos anteriormente.

Essa atitude reflete uma concepção patriarcal em torno das mulheres, distinguindo-as em razão da forma como se comportam. Uma visão corroborada por uma outra passagem, em “*Y la vida nocturna ¿dónde está?*”, na qual, ao considerar o que fazem as pessoas às onze da noite na cama, o argentino diz que concebe que assim se comportem os recém-casados: “*Admito que el propietario de alguna de estas **meninas** no se descuide y a las diez y cuarenta piante diligentemente hacia el nido. Soy humano y comprensivo.*”⁴⁷⁷ (ARLT, 2013a, p. 58). Essa visão, no entanto, não se restringe à mulher brasileira. O autor reitera-a, por exemplo, em “*Causa y sinrazón de los celos*” (06/09/1931), na qual, tratando da espera das mulheres pelo dia do casamento, afirma: “*Se dicen: 'algún día llegará'. Y en algunos casos llega, efectivamente, el individuo que se las llevará contento y bailando para el Registro Civil, que debía denominarse 'Registro de la Propiedad Femenina'*”⁴⁷⁸ (ARLT, 2008, p. 49). Os dois comentários demonstram a forma como o argentino concebe o

⁴⁷⁵ “Fui ao cabaré e antes de entrar me advertiram que é de praxe tratar as ‘damas’ que dançam ali de ‘senhoritas’. Façam-me o favor! Eu não vim a este país para tratar de senhoritas mulheres a quem na minha cidade são chamadas assim, ‘che, milonguita’. Isso sem excluir que todas, invariavelmente, contam uma história sentimental de viuvez peregrina, de um esposo amado que morreu faz muitos anos, deixando-as no estuário, e que não tem uma que não diga que morre de vontade de conhecer um homem inteligente, e de que elas são também inteligentes [...]” (ARLT, 2013c, p. 356-357).

⁴⁷⁶ Milonguita aparece no *Diccionario etimológico del lunfardo* como “*Mujer de cabaret, copera. / 2. Prostituta*” (CONDE, 2010, p. 221).

⁴⁷⁷ “Admito que o proprietário de algumas dessas meninas não se descuide e às dez e quarenta dê o pira diligentemente para o ninho. Sou humano e compreensivo” (ARLT, 2013c, p. 282).

⁴⁷⁸ “Dizem: ‘algum dia chegará’. E em alguns casos chega, efetivamente, o indivíduo que as levará contente e dançando para o Cartório, que devia se denominar ‘Cartório da Propriedade Feminina’” (ARLT, 2013c, p. 44).

casamento, ou seja, a partir da visão patriarcal em que a mulher está destinada a passar de propriedade da família e, portanto, do pai, para propriedade do marido.

Cabe ainda observar que as distinções em relação às mulheres não se restringem à dualidade “*honesta o no*” (ARLT, 2013a, p. 33). Das diversas formas pelas quais Arlt se refere à figura feminina, destacam-se quantitativamente: *mujer(es)*, *menina(s)*, *muchacha(s)*, “*señora*” e “*negra(s)*”. Primeiramente, há que se considerar que as três personagens argentinas que aparecem nas águas-fortes – a escritora, a que dá ao autor a moeda argentina de cinco centavos e, por fim, a que lhe escreve uma carta propondo uma sociedade – são tratadas por “*señora*”. Quando se refere às mulheres portenhas, de forma generalizada, utiliza-se do termo “*mujer(s)*”, com exceção para o caso das mulheres que trabalham no *cabaret*. Utiliza-se, portanto, “*menina(s)*” e “*muchacha(s)*” apenas para designar às mulheres brasileiras, e usa ainda os termos “*mocitas*” e “*pebeta*”.

A associação, em um único termo que transmita o gênero e uma suposta juventude, no entanto, chama-nos menos atenção do que o que ocorre com as mulheres negras que são, na maioria das vezes, denominadas apenas como “*negra(s)*”, como se observa no trecho da nota “*Trabajar como negro*”: “*Viven mezclados con el blanco: aquí encuentra usted a una **señora** bien vestida, blanca, en compañía de una **negra***”⁴⁷⁹ (ARLT, 2013a, p. 63, grifo nosso). Note-se que “*blanca*” qualifica “*señora*”, ao passo que a escolha pelo termo “*negra*” ao invés de “*señora negra*”, unifica gênero e etnia em uma única palavra em passagens que demonstram, em sua maioria, o duplo preconceito em relação a estas mulheres e em relação às quais nos deteremos adiante.

Diante da leitura dos textos no que se refere às formas como Arlt descreve as mulheres brasileiras, e também argentinas, cabe-nos questionar em que medida as imagens e representações supracitadas transmitem, talvez mais do que a realidade em si, o pensamento vigente na época em relação às mulheres.

De acordo com Soihet (2004), as cidades experimentam, durante a *Belle Époque* (1890-1920), um processo de modernização e higienização que, corroboradas pelas imposições da ordem burguesa e respaldadas pela ciência, impactava diretamente na vida das mulheres. Nesse contexto, “a medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o

⁴⁷⁹ “Vivem misturados com o branco; aqui você encontra uma senhora bem vestida, branca, em companhia de uma negra” (ARLT, 2013c, p. 286).

recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal” (SOIHET, 2004, p. 363). Dentre as prerrogativas destinadas às mulheres estava a inviabilidade de que as mesmas andassem sozinhas nas ruas, o que, no caso das mulheres das classes mais baixas, era um problema tendo em vista a necessidade de trabalhar e em relação às quais “acrescentavam-se os preconceitos relativos ao seu comportamento; sua condição de classe e de gênero acentuava a incidência da violência” (SOIHET, 2004, p. 366).

A visão em relação às mulheres e aos comportamentos considerados como convenientes às mesmas expressa-se nas legislações vigentes na época. No Código Penal de 11 de outubro de 1890, consta a expressão “mulher honesta”⁴⁸⁰. Como vimos, há nas águas-fortes cariocas distinções em relação aos “tipos de mulheres” aos quais Arlt se refere, incluindo a representação “mulher honesta” em oposição às não honestas, ou ainda às “*malas mujeres*”. No que se refere à concepção das mulheres enquanto propriedade do marido, presente tanto na água-forte carioca como na água-forte portenha publicada em 1931, é ilustrativo citar o fato de que o Código Civil de 1916 concebe a mulher casada como incapaz de exercer certos atos e, em relação ao trabalho, consta a necessidade de autorização do marido para exercê-lo.

A dificuldade em tratar da situação das mulheres na sociedade brasileira encontra-se no fato de que os materiais disponíveis são, em sua maioria, resultado das imagens construídas a partir do olhar masculino, como menciona Rago (2004, p. 579): “lidamos muito mais com a construção masculina da identidade das mulheres trabalhadoras do que com a própria percepção de sua condição social, sexual e individual”. Nas primeiras décadas do século XX observa-se uma presença significativa de mulheres, brasileiras e imigrantes, além de crianças, trabalhando nas fábricas, compondo inclusive a maioria dos trabalhadores na indústria têxtil, mas que veria o seu declínio com o crescimento industrial nos anos seguintes (RAGO, 2004).

De acordo com Rago (2004), a visão da sociedade era a de que o trabalho convertia-se em uma ameaça à honra das mulheres que, em decorrência deste, deixavam de ocupar os papéis a elas designados, ou seja, de mãe e de esposa: “seduzidas pelas facilidades do mundo moderno, pelo discurso radical do feminismo

⁴⁸⁰ Há, por exemplo, para o crime de estupro, uma distinção em relação à pena, maior para o crime cometido contra uma mulher “virgem ou não, mas honesta” em relação à pena imputada a uma mulher “pública ou prostituta”. A representação “mulher honesta”, permanece presente no Código Penal de 7 de dezembro de 1940, sendo o adjetivo “honesto” retirado da redação somente em 2005.

e do anarquismo ou convivendo de perto com o submundo da prostituição, as mulheres deixariam de ser mulheres?” (RAGO, 2004, p. 585).

Essas questões em meio às profundas transformações da sociedade atingem as mulheres das diversas camadas sociais ainda que por vezes de formas distintas, incluindo a participação progressiva nos meios públicos, influenciadas pelo modelo europeu, em um contexto em que, ao mesmo tempo e cada vez mais, se defende a maternidade como papel essencial da mulher (RAGO, 2004). O discurso das feministas, que incluía a defesa das trabalhadoras, desconhecia a realidade dessas, ao passo que há entre essas trabalhadoras, ainda que dentro de uma sociedade em que se buscava o trabalho disciplinado e produtivo, demonstrações de manifestações sociais e culturais, como nos informa Rago (2004, p. 591):

Nos periódicos femininos, as feministas se diziam responsáveis pelo futuro das trabalhadoras pobres, mas pouco falavam a respeito do modo como pretendiam encaminhar, na prática, essa filantropia. As operárias, tão vitimadas pelas péssimas condições de trabalho, pelos baixos salários, pela quantidade de filhos que deveriam criar, tão presas à condição biológica, eram consideradas até mesmo pelas feministas como incapazes de produzir alguma forma de manifestação cultural.

Certamente as feministas ignoravam a imprensa anarquista, os escritos das militantes Isabel Cerruti e Matilde Magrassi, as poesias escritas pelas operárias anarco-sindicalistas e socialistas, as traduções da russa Emma Goldman, as atividades dos grupos de estudo, de música ou de teatro operário que se apresentavam no Brás, no Belenzinho ou no Bom Retiro, em São Paulo. Provavelmente nunca souberam das peças que a anarquista Maria Valverde representava nos teatros populares paulistanos como o Colombo e o Arthur Azevedo; nem imaginavam que o sapateiro espanhol Pedro Catalo, militante anarquista e grande amigo de Maria Valverde, era o autor de muitas dessas peças.

Apesar de tratar do contexto paulistano, o trecho nos informa não apenas as formas de oposição em relação ao pensamento acerca do lugar das mulheres no contexto social, como também se opõe às questões de ausência de luta de classes reiteradas nas notas artísticas.

As mulheres brasileiras são, portanto, descritas nas águas-fortes cariocas reproduzindo em certa medida as distinções presentes nas águas-fortes portenhas, ou seja, a partir de uma postura que desqualifica as mulheres que reproduzem os ideais burgueses, incluindo a influência francesa, enquanto observa as mulheres

trabalhadoras com simpatia, o que não significa que não as julga, tanto umas quanto às outras, a partir de concepções ainda patriarcais.

Ainda que as imagens e representações sejam resultado do olhar do viajante e, portanto, não abarcam muitos aspectos da vida das mulheres brasileiras, é significativo que Arlt consiga, a partir de uma nova perspectiva, ou seja, de uma perspectiva proporcionada pelo distanciamento em relação a Buenos Aires, analisar a situação das mulheres portenhas no sentido de uma compreensão das injustiças cometidas contra essas mulheres e transmitir isso para seus leitores.

3.1.3. Uma exceção: “*¡Pobre brasilera!*”

“Se va a morir la muchachita del Brasil. ¡Diez y nueve años! Y he salido a la calle entristecido, pensando: ‘Es una iniquidad. Dios no existe. Esas cosas no deberían ocurrir.’”⁴⁸¹
(ARLT, 2013a, p. 135)

Vimos neste e no capítulo anterior uma série de imagens e representações das mulheres, brasileiras e argentinas, nas águas-fortes cariocas. Analisaremos, em seguida, a única nota em que a figura feminina se converte em protagonista nas águas-fortes cariocas. Trata-se do texto “*¡Pobre brasilera!*”, publicado no dia 4 de maio de 1930 e que está dividido em três partes.

Com a frase “*He recibido una impresión dolorosa*”⁴⁸² (ARLT, 2013a, p. 133), Arlt inicia a primeira parte da nota, na qual narra que ao subir as escadas da pensão, uma índia solicitava que o fizesse devagar e, quando o autor questiona o porquê do pedido, a mulher o informa: “*La mocinã está muito enferma*”⁴⁸³ (ARLT, 2013a, p. 133). O escritor transcreve o diálogo no qual se esclarece que a “*mocinã*” é a filha da patroa, a quem Arlt pede para conhecer.

A segunda parte da nota, intitulada “*La enfermita*”, narra a cena com a qual Arlt se depara, descrevendo-a da seguinte forma:

⁴⁸¹ “A mocinha brasileira vai morrer. Dezenove anos! E sai pra rua entristecido, pensando: ‘É uma injustiça. Deus não existe. Estas coisas não deviam acontecer’” (ARLT, 2013b, p. 147).

⁴⁸² “Passei por uma experiência dolorosa” (ARLT, 2013b, p. 145).

⁴⁸³ “A mocinha está muito doente” (ARLT, 2013b, p. 145).

*En una cama ancha, sobre una amplia almohada, reposaba la cabeza de una muchacha de diez y nueve años. Grandes ojos negros, cabello enrulado enmarcando las mejillas. La saludé y ella movió ligeramente los labios. De una ojeada la observé. Tenía la garganta envuelta en un pañuelo; bajo las sábanas blancas, se adivinaba un pobre cuerpo enflaquecido.*⁴⁸⁴ (ARLT, 2013a, p.133-134)

Arlt é apresentado como jornalista argentino e, ao contestar o que a jovem tinha, lhe respondem: *“Pleurésia, la garganta, en fin, esas medias palabras que disfrazan la terrible enfermedad. Tuberculosis pulmonar y laringitis. Con razón no hablaba”*⁴⁸⁵ (ARLT, 2013a, p. 134). Arlt (2013a, p. 134) relata que à *“pobre criatura a la que ninguna fuerza humana puede salvar”*⁴⁸⁶ dirige algumas palavras doces e que o sorriso que a moça dá ao se despedir apenas *“los labios de las enfermas incurables”*⁴⁸⁷ (ARLT, 2013a, p. 134) possuem.

Após deixar o quarto, Arlt relata que entrou em uma floricultura e solicitou rosas brancas para obsequiar a jovem e justifica sua atitude: *“Que al menos tuviera en el cuarto un pedazo de primavera. Y que fuera un argentino el que se lo había llevado...”*⁴⁸⁸ (ARLT, 2013a, p. 134). Além da atitude de empatia para com o próximo, bem como a forma como Arlt se refere à jovem, desde o título, como “pobre brasilerita” e, adiante, como “*enfermita*”, revelam um escritor emotivo, incomum no contexto das obras arltianas. Essa atitude está presente também na parte seguinte, intitulada “*Esta noche*”, na qual Arlt relata: *“he sentido pena por esa vida que se le escapaba del pecho, minuto a minuto”*⁴⁸⁹ (ARLT, 2013a, p. 135) e que, em suas visitas, tem consolado a jovem:

*[...] le digo que el Brasil es **muyto bonito**, que ella tiene que tener esperanzas en la Virgen que tiene a la cabecera (¡yo, hablando de la Virgen!); que no tiene que afligirse, que pronto se curará, que esas enfermedades así son muy fantásticas, y que “ya va a ver, pronto se podrá levantar y salir a caminar”.*

⁴⁸⁴ “Em uma cama larga, sobre um amplo travesseiro, repousava a cabeça de uma moça de 19 anos. Grandes olhos negros, cabelo cacheado emoldurando as bochechas. Cumprimentei-a e ela mexeu ligeiramente os lábios. Olhei-a de relance. Tinha a garganta envolvida em um lenço; debaixo dos lençóis brancos, se adivinhava um pobre corpo enfraquecido” (ARLT, 2013b, p. 145-146).

⁴⁸⁵ “Pleurisia, a garganta, enfim, essas meias palavras que disfarçam a doença terrível. Tuberculose pulmonar e laringite. Dá para entender porque ela não falava” (ARLT, 2013b, p. 146).

⁴⁸⁶ “Pobre criatura que nenhuma força humana pode salvar” (ARLT, 2013b, p. 146).

⁴⁸⁷ “Os lábios das doentes incuráveis” (ARLT, 2013b, p. 146).

⁴⁸⁸ “Que ao menos tivesse no quarto um pedaço de primavera. E que fosse um argentino quem tivesse levado...” (ARLT, 2013b, p. 146).

⁴⁸⁹ “Senti pena por essa vida que escapava do meu peito, minuto a minuto” (ARLT, 2013b, p. 147).

*Ella me mira en silencio. Comprende que estoy mintiendo. Mira a la Virgen, a las amigas y sonríe. No es posible engañarla. Ella sabe cuál será el paseo que la espera. El último...*⁴⁹⁰ (ARLT, 2013a, p. 135-136)

Diferente da maioria das águas-fortes cariocas, que superpõem distintas cenas, há uma unidade na nota em questão. No entanto, Arlt se distancia dos espaços narrados, ou seja, a pensão e o quarto da moça, no último parágrafo da nota, para regressar à Argentina:

*Y yo me acuerdo del Sanatorio Santa María en las sierras de Córdoba. Me acuerdo de las quinientas muchachitas que en el Pabellón Penna están postradas como esta muchachita de diez y nueve años para quien la vida sólo debía ser felicidad. Y de pronto una pena enorme me sube del corazón hasta la garganta. La sonrisa y los chistes se me terminan, y salgo a la calle diciendo, como diría un pobre negro o un pobre blanco, que no entiende de libros ni filosofías: “Y después dicen que Dios existe. Cosas así no deberían suceder.”*⁴⁹¹ (ARLT, 2013a, p.136)

O autor recupera, neste trecho, a imagem das moças enfermas do *Sanatorio de Santa María*, localizado nas serras de Córdoba, local onde eram tratados os doentes por tuberculose. Como mencionamos no primeiro capítulo, Arlt viveu durante quatro anos em Córdoba, onde conheceu e se casou com Carmen Antinucci. Passaria, depois, a viver com a esposa nas serras cordobesas ao tomar conhecimento de que ela não apenas estava doente, mas que o fato fora mantido em segredo pela família e pela própria Carmen. Segundo Saítta (2008, p. 35): “*Al enterarse de la precaria salud de su mujer, Arlt considera como imperdonable traición el hecho de que se lo hayan ocultado y se vengará de su suegra y de su*

⁴⁹⁰ “[...] digo que o Brasil é muito bonito, que ela precisa ter esperanças na Nossa Senhora que tem na cabeceira (eu, falando de Nossa Senhora!); que não deve se afligir, que logo estará curada, que essas doenças assim são muito fantásticas, que já vai ver, logo poderá se levantar e sair para passear. Ela me olha em silêncio. Compreende que estou mentindo. Olha pra Nossa Senhora, pras amigas, e sorri. Não é possível enganá-la. Ela sabe qual será o passeio que a espera. O último...” (ARLT, 2013b, p. 147-148).

⁴⁹¹ “E me lembro do Sanatório Santa María, nas serras de Córdoba. Lembro das quinientas mocinhas que, no pavilhão Penna, estão prostradas como essa mocinha de 19 anos, para quem a vida devia ser só felicidade. E de repente, sinto uma pena enorme subir do coração até a garganta. O sorriso e as piadas me escapam, e saio pra rua dizendo, como diria um pobre negro ou um pobre branco, que não entende de livros nem de filosofia: ‘E depois dizem que Deus existe. Coisas assim não deviam acontecer’” (ARLT, 2013b, p. 148).

*familia política a través de su literatura*⁴⁹². Pode-se dizer que esse capítulo da história pessoal do escritor influenciará toda a sua obra ficcional no que se refere ao comportamento de suas personagens femininas, em especial no que se refere às sogras. De acordo com Saítta (2008, p. 35), “Arlt hará un uso privado de la literatura, utilizándola como un arma de venganza personal”⁴⁹³.

Ao sentir-se enganado e traído, Arlt vingava-se por meio de sua literatura, sendo muitos os exemplos de personagens femininas que buscam engambelar um candidato a noivo e marido, para si, no caso das noivas, para suas filhas, no caso das sogras. O período em Córdoba, no entanto, é também recuperado para compor o espaço ficcional do conto “*Ester Primavera*”⁴⁹⁴, publicado em *La Nación* (09/09/1928), recompilado por Arlt posteriormente no livro de contos *El jorobadito* (Anaconda, 1933).

Ao invés do *Pabellón Pena*, da água-forte “*¡Pobre brasilerita!*”, no conto “*Ester Primavera*” temos o relato do narrador-personagem que se encontra no terceiro andar do *Pabellón Pasteur*, no *Sanatorio de Tuberculosos de Santa Mónica*, cujos dias passa tomando mate ao lado de outros quatro homens – Sacco, “*el jorobadito Febre*”, Paya e Leiva, “*el Chambón*” – questionando qual deles seria o mais canalha: “*Tomamos mate de la misma bombilla, porque ya no tememos al contagio y bacilo más o menos por ‘campo’ importa poco*”⁴⁹⁵ (ARLT, 2012, p. 72). As analepses, no entanto, remontam-nos à cidade de Buenos Aires, onde transcorre a narrativa de sua história com a personagem Ester Primavera, repetindo ao longo do conto “*hace setecientos días que pienso en ella*”, a medida em que o narrador conta as mentiras que inventara para danificar a reputação da jovem: “*yo había creído que con la terrible infamia la limaría de mi conciencia, y que nunca su pálida carita estaría en mí, pero me equivoqué*”⁴⁹⁶ (ARLT, 2012, p. 81).

⁴⁹² “Ao inteirar-se da precária saúde de sua mulher, Arlt considera como imperdoável traição o fato de que a tenham escondido dele e se vingará de sua sogra e de sua família política através de sua literatura” (SAÍTTA, 2008, p. 35, tradução nossa).

⁴⁹³ “Arlt fará um uso privado da literatura, utilizando-a como uma arma de vingança pessoal” (SAÍTTA, 2008, p. 35, tradução nossa).

⁴⁹⁴ Há ainda um terceiro texto do escritor no qual a tuberculose está presente. Trata-se da nota “*Pabellón de tuberculosos*” (16/01/1933), publicada no *El Mundo* e que compõe o conjunto de textos denominados “*Hospitales en la miseria*”.

⁴⁹⁵ “Tomamos mate da mesma bomba, porque já não tememos o contágio e bacilo mais ou menos por ‘campo’ importa pouco” (ARLT, 2012, p. 72, tradução nossa).

⁴⁹⁶ “Eu acreditava que com a terrível infâmia a apagaria de minha consciência, e que nunca sua pálida carinha estaria em mim, mas me equivoquei” (ARLT, 2012, p. 81, tradução nossa).

Em “*Ester Primavera*” os personagens doentes são seres marginalizados e retrata ainda a constante ameaça do contágio da doença, características presentes também em outras obras de escritores argentinos, segundo Carbonetti (2002), de forma que “*el paisaje, el contagio y la vida en el sanatorio eran vistos como los lugares y hechos que llevaban a la muerte social y luego a la muerte biológica*”⁴⁹⁷ (CARBONETTI, 2002, p. 29).

Embora afligidos pela mesma doença, provocada pelo bacilo de Koch, o personagem de “*Ester Primavera*” possui características com as quais se construiu a imagem em torno aos tuberculosos na literatura analisada por Carbonetti (2002): “*un ejemplo de ello es el asignar una personalidad singular al tuberculoso, como un individuo mezquino, malvado, inmoral*”⁴⁹⁸ (CARBONETTI, 2002, p. 16).

Essa imagem se opõe à forma romantizada através da qual Arlt descreve a jovem brasileira, aproximando-a da visão do século XIX em torno à doença. A imagem da moça é também romântica, recuperando as características de fragilidade do “*pobre cuerpo enflaquecido*”⁴⁹⁹ (ARLT, 2013a, p. 134) da brasileira.

3.2. Representações da população negra no Brasil

3.2.1. Da savana africana ao latifúndio da cana⁵⁰⁰: breve contexto

“A operação começava com o apresamento em guerra ou emboscada dos futuros escravos pelos traficantes, seguido de uma extensa viagem pelo interior africano. [...] Nos portos, os capturados permaneciam amontoados por dias e às vezes meses, até que a carga humana completasse o navio a ela correspondente [...]” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 82)

⁴⁹⁷ “A paisagem, o contágio e a vida no sanatório eram vistos como os lugares e acontecimentos que levavam à morte social e logo à morte biológica” (CARBONETTI, 2002, p. 29, tradução nossa).

⁴⁹⁸ “Um exemplo disso é atribuir uma personalidade singular ao tuberculoso, como um indivíduo mesquinho, malvado, imoral” (CARBONETTI, 2002, p. 16, tradução nossa).

⁴⁹⁹ “Pobre corpo enfraquecido” (ARLT, 2013b, p. 146).

⁵⁰⁰ Retomo aqui a imagem concebida por Schwarcz e Starling (2015, p. 87), que descrevem o percurso dos africanos emigrados compulsoriamente como “longa jornada desde as savanas africanas até os latifúndios da cana, as casas nas poucas cidades ou os campos dedicados à pecuária”.

A partir das narrativas de viagem escritas por argentinos, observa-se que, além da presença da figura feminina, são recorrentes as passagens nas quais se busca enfatizar a presença da população negra no Brasil. Antes de tratar dessa presença e, portanto, da representação dos negros nas águas-fortes artísticas é importante analisar como se constitui a sociedade brasileira, percorrendo a sua história desde o seu princípio – ou antes mesmo deste – até a chegada do argentino ao país.

Antes da chegada ao Brasil, os portugueses já mantinham há várias décadas relações com os africanos, segundo Schwarcz e Starling (2015)⁵⁰¹ que apontam que Lisboa seria a cidade com o maior número de escravos negros da Europa, assim como Sevilha. Se, por um lado “costuma-se considerar a conquista de Ceuta, no norte da África, em 1415, como ponto de partida da expansão ultramarina portuguesa” (FAUSTO, 2015, p. 12), por outro, o período marcaria também o início das relações entre portugueses e africanos – traficantes e escravos – relações essas que logo incluem a América portuguesa e, “se no princípio da colonização foram reexportados trabalhadores negros aculturados e cristianizados da península ibérica, com o incremento das atividades açucareiras no Brasil iniciou-se um movimento direto da África para o Novo Mundo” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 81).

À medida que a demanda de produtos americanos crescia no mercado europeu devido ao cada vez mais popular consumo de tabaco, algodão, café e acima de tudo açúcar, a necessidade de mão-de-obra aumentou e poderia ser suprida apenas com a vinda de mais africanos. Apesar de uns 2.2 milhões de escravos terem sido embarcados antes de 1700, foi apenas no início do século XVIII, que os escravos se tornaram a principal exportação da África. (KLEIN, 1989, p. 17)

Estima-se que no período do tráfico a quantidade de africanos trazidos para a América é de 8 a 11 milhões⁵⁰², sendo que cerca de metade desse total, 4,9 milhões de africanos, foram trazidos para o Brasil, segundo Schwarcz e Starling (2015), e 4

⁵⁰¹ As autoras citam, por exemplo, o texto “Crônica de Guiné”, escrito em 1453, por Zurara, no qual o autor “descrevia atividades lusas na foz do rio Senegal” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 80).

⁵⁰² De acordo com Klein (1989), essa estimativa é resultado do trabalho de Philip Curtin: “Em 1969 ele publicou seu *The Atlantic Slave Trade: A Census*, em que se propunha calcular o volume do tráfico a partir das fontes secundárias disponíveis. Uma contribuição original para a metodologia histórica bem como para o campo de estudos de tráfico de escravos [...] foi sua estimativa de um total de 8 a 11 milhões de africanos transportados durante todo o período do tráfico, que provocou a resposta imediata dos estudiosos” (KLEIN, 1989, p. 6-7).

milhões, entre 1550 e 1855, segundo Fausto (2015). Esses números expressam um triste capítulo de nossa história, no qual a escravidão no país “foi responsável pela maior importação forçada de trabalhadores africanos até hoje conhecida” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 96).

Aprisionados em seu território, os africanos passavam por todo tipo de trauma: muitos eram marcados a ferro antes mesmo de embarcar, para identificar a qual traficante pertencia cada escravo do navio e o que se seguia era uma viagem que variava em torno de 35 a 50 dias, marcada pela privação de água e de comida, pelo excesso de pessoas em um espaço reduzido e insalubre, favorecendo o contágio de doenças, o que resultava em altas taxas de mortalidade durante a travessia a bordo dos “tumbeiros” (SCHWARCZ e STARLING, 2015). A taxa de mortalidade demonstra mudanças ao longo do tempo no padrão das viagens do tráfico negreiro, em torno de 20% no período anterior à 1700, e que diminuiu a partir de então, chegando a 10% e ainda 5% (KLEIN, 1989).

Para as populações aprisionadas o trauma da travessia estava relacionado, também, à preocupação com o destino das almas, uma vez que muitos povos advindos da região do Congo e de Angola acreditavam que deveriam morrer junto “a seus vivos” e descendentes. Morrer no mar e num navio negreiro constituía impedimento certo para que os espíritos retornassem para junto de seu povo e aldeia; essa era outra causa do sentimento que oscilava entre tristeza, inconformismo, melancolia e raiva, e que dominava o ambiente a bordo. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 84).

Além de vantajoso do ponto de vista comercial, o tráfico de africanos acaba substituindo as tentativas de escravizar os indígenas por diversas razões, seja por possuírem uma cultura que demonstrava-se incompatível com as noções de trabalho compulsório, seja pelo conhecimento destes em relação ao território – o que os colocava em vantagem em relação aos africanos desenraizados – ou ainda às doenças que os vitimavam, fatores esses que levariam a Coroa a criar leis em favor dos índios até sua libertação definitiva, em 1758 (FAUSTO, 2015). Ao contrário destes, que contavam com jesuítas e uma legislação protetora, igreja e Coroa não se opunham, chegando mesmo a incentivar a escravidão de africanos, “dizia-se que se tratava de uma instituição já existente na África, e assim apenas se transportavam cativos para o mundo cristão onde seriam civilizados e salvos pelo conhecimento da verdadeira religião” (FAUSTO, 2015, p. 26). Instaura-se no Brasil

uma relação de caráter cíclico que engloba o trabalho árduo executado pelos escravos, altas taxas de mortalidade e a possibilidade de novas importações. Ao tratar do assunto, Schwarcz e Starling (2015) relatam que o trabalho no campo, ao qual se destinavam a maioria dos escravos, era pesado e que:

O trabalho na moenda, nas fornalhas e nas caldeiras poderia ser, no entanto, ainda pior. Não era raro que escravos perdessem uma das mãos, ou até o braço. Vários relatos mencionam a existência de uma machadinha próxima da moenda para que, no caso de um escravo ser apanhado pelos tambores, se pudesse separar rapidamente o membro ferido, evitando também que o açúcar ou as máquinas tivessem avarias.

Fornalhas e caldeiras produziam um calor insuportável; além de ter de enfrentar essa queimadura, os trabalhadores poderiam sofrer queimaduras e ficar com o corpo todo marcado. De tão penoso e perigoso, esse tipo de trabalho era considerado um castigo reservado aos escravos ditos insubmissos e rebeldes. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 93)

As condições de trabalho são descritas pelas autoras como o grande vilão no que se refere às altas taxas de mortalidade: “acabando com o vigor das mães e elevando a taxa de mortes de ‘velhos’ – os trabalhadores com quarenta anos ou mais. Nos inventários de propriedades açucareiras, 6% morriam de ‘cansaço’: exaustão, falência do corpo” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 94). De acordo com Fausto (2015) as altas taxas de mortalidade dentre os cativos referem-se principalmente às crianças e aos recém-chegados no território brasileiro enquanto que a expectativa de vida da população no ano de 1872 era em torno de 27,4 anos e cerca de 20 anos no caso de um escravo do sexo masculino. Apesar disso, e “mesmo com a destruição física prematura dos negros, os senhores de escravos tiveram sempre a possibilidade de renovar o suprimento pela importação. A escravidão brasileira se tornou mesmo totalmente dependente dessa fonte” (FAUSTO, 2015, p. 26).

A escravidão africana perpassa todo o período colonial e, após as primeiras décadas da monarquia, inicia-se um movimento contrário ao cenário que até então vigorava. Se, por um lado, a entrada de escravos no país, com a produção cafeeira, aumenta nos primeiros anos da monarquia, por outro, havia pressão por parte da Inglaterra para que o Brasil tornasse o tráfico ilegal, o que resultou na lei de março de 1831 mas que, na prática, não vigorou e somente com a lei de setembro de 1850 é que o tráfico seria extinto (FAUSTO, 2015), “quando a entrada de escravos no país

caiu de cerca de 54 mil cativos em 1849 para menos de 23 mil em 1850 e em torno de 3.300 em 1851, desaparecendo praticamente a partir daí” (FAUSTO, 2015, p. 106). Nas duas décadas seguintes há um movimento para que a escravidão, assim como o tráfico, fosse abolida no país, mas que só começaria a se efetivar com a Lei do Ventre Livre, em 1871. Intensifica-se a campanha abolicionista em 1880, em 1884 o Ceará declara extinta a escravidão (FAUSTO, 2015) e em 1885 é sancionada a Lei dos Sexagenários, que “concedia liberdade aos cativos maiores de 60 anos e estabelecia normas para a liberação gradual de todos os escravos mediante indenização. A lei foi pensada como forma de deter o abolicionismo radical e não alcançou seu objetivo” (FAUSTO, 2015, p. 123). Finalmente, em 13 de maio de 1888 é sancionada a Abolição da Escravatura. De acordo com Fausto (2015), a população de ex-escravos teve diferentes destinos, variando conforme a região do país em que se encontravam:

No Vale do Paraíba, os antigos escravos viraram parceiros nas fazendas de café em decadência e mais tarde pequenos sitiantes ou peões no trato do gado. [...] Enquanto em São Paulo os empregos estáveis foram ocupados pelos imigrantes, relegando-se os ex-escravos aos serviços irregulares e mal pagos, no Rio de Janeiro o quadro foi algo diverso. Tendo em vista a tradição de emprego de negros escravos e livres nas oficinas artesanais e manufaturadas, assim como o menor peso da imigração, o trabalhador negro teve aí oportunidades relativamente maiores. Por exemplo, eram negros cerca de 30% dos trabalhadores fabris cariocas em 1891, ao passo que só os imigrantes ocupavam 84% dos empregos na indústria paulistana em 1893.

No rio Grande do Sul ocorreu, como em São Paulo, um processo de substituição de escravos ou ex-escravos por imigrantes nas oportunidades de trabalho regular.

Apesar das variações de acordo com as diferentes regiões do país, a abolição da escravatura não eliminou o problema do negro. A opção pelo trabalhador imigrante nas áreas regionais mais dinâmicas da economia e as escassas oportunidades abertas ao ex-escravo em outras áreas resultaram em uma profunda desigualdade social da população negra. Fruto em parte do preconceito, essa desigualdade acabou por reforçar o próprio preconceito contra o negro. (FAUSTO, 2015, p. 124)

A liberdade da população negra seria, portanto, a vitória da primeira “batalha” de uma “guerra” que atravessa anos, décadas e séculos em busca da superação do preconceito para com todos aqueles que carregam na pele a “marca da diferença”, uma visão que se estenderia não apenas até o início do século XX, de quando são os textos que analisaremos adiante, mas até os nossos dias.

3.2.2. A representação dos negros nas águas-fortes cariocas

“Una camiseta roja que avanza movida por un cuerpo invisible; un pantalón blanco movido por unas piernas invisibles.”⁵⁰³

“Pasaban negros descalzos para su trabajo; pasaba gente humilde...”⁵⁰⁴
(ARLT, 2013a, p. 17 e 19)

Dos quarenta e dois textos que compõem nosso *corpus*, a figura do negro está ausente em catorze. Assim como a figura feminina, a presença de pessoas negras na maioria dos textos ocorre de forma breve, compondo a paisagem descrita ou a cena narrada. Vejamos algumas passagens em que isso ocorre:

*De distancia en distancia una **negra** gorda sentada en el umbral de su casa; un **negrito** con la cabeza apoyada en el alféizar de granito de un primer piso y luego el silencio [...].⁵⁰⁵* (ARLT, 2013a, p. 42, grifo nosso)

***Mujeres achocolatadas**, apoyadas con los brazos cruzados en los hierros de los balcones, siguen el movimiento de la rua. En una lechería esquinada, **negros** en patas beben cervezas. De pronto: una **señora oscura** ha tomado a su nene de seis años, color **café con leche**, de la mano.⁵⁰⁶* (ARLT, 2013a, p. 51, grifo nosso)

*Islotes de llanura cubiertos de bananeros, que son como plantas de maíz, de grueso tronco y hojas anchas con bordes en zig zag. Una **negra** vestida de blanco aparta las ramas y enmarca su **rostro de chocolate** entre vegetales abanicos verdes.⁵⁰⁷* (ARLT, 2013a, p. 187, grifo nosso)

⁵⁰³ “Uma camiseta vermelha que avança movida por um corpo invisível; uma calça branca movida por umas pernas invisíveis.” (ARLT, 2013c, p. 257).

⁵⁰⁴ “Passavam negros descalços para seu trabalho; passava uma gente humilde...” (ARLT, 2013c, p. 258).

⁵⁰⁵ “A cada tanto, uma negra gorda e descalça sentada no umbral de sua casa; um negrinho com a cabeça apoiada no parapeito de granito de um primeiro andar e depois o silêncio [...]” (ARLT, 2013c, p. 275).

⁵⁰⁶ “Mulheres achocolatadas, apoiadas com os braços cruzados nos ferros das sacadas. Seguem o movimento da rua. Numa leiteria de esquina, negros bebem cerveja, de pé. De repente: Uma senhora escura segurou seu filho de seis anos, cor de café com leite, pela mão” (ARLT, 2013c, p. 279).

⁵⁰⁷ “Ilhotas de planície cobertas de bananeiras, que são como plantas de milho, de tronco grosso e folhas largas com as bordas em zigue-zague. Uma negra vestida de branco afasta os galhos e emoldura seu rosto de chocolate entre vegetais leques verdes” (ARLT, 2013c, p. 365).

Arlt refere-se à população negra, em geral, como “*negros(as)*” e, em menor quantidade, mas ainda assim recorrente, como “*grone*”⁵⁰⁸, uma inversão silábica para “*negro*”. Aparecem ainda adjetivações diversas numa tentativa de definir as pessoas a partir da cor da pele, além das já destacadas nos trechos acima, tais como: “*muchacho motudo color carbón*”⁵⁰⁹ (ARLT, 2013a, p. 36), “*Él, color tabaco rubio. Ella, cobre*”⁵¹⁰ (ARLT, 2013a, p. 52), “*africano*” e “*mulatos*” (ARLT, 2013a, p. 82), por exemplo. Ainda sobre essa diversidade, Arlt menciona:

*Me detuve junto a los negros y comencé a mirarlos. Los miraba y no. Estaba perplejo y entusiasmado frente a la riqueza de color. Para describir a los negros es necesario frecuentarlos, ¡tienen tantos matices! Van desde el carbón hasta el color rojo oscuro del hierro en la fragua.*⁵¹¹ (ARLT, 2013a, p. 36)

Ao narrar um trajeto em trem, o autor comenta: “*El maquinista se confunde con el foguista y el foguista con el carbón, mas este suceso no tiene importancia. ¿Quién no es negro o casi negro, aquí?*”⁵¹² (ARLT, 2013a, p. 88). No entanto, mais do que as metáforas e comparações no intuito de abarcar a variedade de matizes da cor da pele que chama a atenção do viajante, são significativos os outros adjetivos empregados para definir os negros e descendentes de negros.

Primeiramente, há uma associação clara entre cor/etnia e condição social a partir do emprego de adjetivos como “*negros descalzos*”, “*negro pobre*” e “*negro miserable*”, ou ainda a partir da descrição do contexto da cena narrada: “*Como en los altos de los cerros viven personas que no son duques ni barones, sino negros y pobres, y hay allí una mugre que merece capítulo aparte*”⁵¹³ (ARLT, 2013a, p. 70-71). É possível perceber que, para o escritor, onde há pobres, há negros pobres e há pobres que não são negros, de forma que há um duplo estigma e preconceito em

⁵⁰⁸ De acordo com o *Diccionario etimológico del lunfardo* (2010), “grone” é um adjetivo “*Vesre de negro y negro*” (CONDE, 2010, p. 176) “*El término vesre (inversión silábica del español revés) es un procedimiento que consiste en invertir las sílabas de una palabra española o lunfarda, tendiente en su origen a dificultar la comprensión de dicha palabra, o simplemente a enriquecerla con un matiz escéptico o burlón*” (CONDE, 2010, p. 26).

⁵⁰⁹ “Rapaz de cabelo pixaim, cor de carvão” (ARLT, 2013c, p. 270).

⁵¹⁰ “Ele, cor de tabaco claro. Ela, cobre” (ARLT, 2013c, p. 279).

⁵¹¹ “Parei junto aos negros e comecei a olhá-los. Olhava-os e não. Estava perplexo e entusiasmado diante da riqueza de cores. Para descobrir os negros é preciso se relacionar com eles; têm tantos matizes! Vão desde o carvão até o vermelho-escuro do ferro na frágua” (ARLT, 2013c, p. 270).

⁵¹² “O maquinista se confunde com o foguista e o foguista com o carvão, mas isso não tem importância. Quem é que não é negro ou quase negro aqui?” (ARLT, 2013c, p. 303-304).

⁵¹³ “Como no alto dos morros vivem pessoas que não são duques nem barões, e, sim, negros e pobres, e ali há uma imundície que merece capítulo à parte” (ARLT, 2013c, p. 292).

relação a estes e que se agrava no caso das mulheres, cuja condição de gênero seria a terceira via dessa intersecção.

No Rio, segundo Arlt, trabalha-se muito. Em várias notas o autor se refere à questão do trabalho e dos trabalhadores na capital, dentre as quais pode-se destacar “*Los pescadores de perlas*” (07/04/1930), “*Trabajar como negro*” (12/04/1930), “*Ciudad que trabaja y que se aburre*” (15/04/1930) e “*Dos obreros distintos*” (27/04/1930). Nas duas primeiras, no entanto, o trabalho narrado refere-se principalmente aos trabalhos executados por negros. Em “*Trabajar como negro*”, como vimos, Arlt afirma que é assim que os portenhos se referem ao trabalho, mas que os negros em Buenos Aires desempenham um trabalho cômodo, que é o de ordenança e, em relação ao negro brasileiro, afirma: “*¡Este sí que trabaja como negro! Mejor dicho: ahora sí que he constatado lo que significa ‘trabajar como negro’*”⁵¹⁴ (ARLT, 2013a, p. 61). Essa visão acerca do trabalho, sobretudo no que se refere ao trabalho pesado, como uma atividade destinada aos negros é o reflexo de uma sociedade antes escravocrata, cujas características mencionamos na seção anterior, mas no seio da qual permanecem as distinções acerca da concepção de trabalho. De acordo com Fausto (2015, p. 33): “o preconceito contra o negro ultrapassou o fim da escravidão e chegou modificado a nossos dias. Até pelo menos a introdução em massa de trabalhadores europeus no centro-sul do Brasil, o trabalho manual foi socialmente desprezado como ‘coisa de negro’”.

A questão religiosa dos negros é descrita como algo desconhecido pelo autor. Em “*Y la vida nocturna ¿dónde está?*” (11/04/1930), ao caminhar pelas ruas desertas às onze da noite, Arlt relata: “[...] *de vez en cuando, se tropieza con un negro, que sin estar borracho va riéndose y conversando solo. Es notable la costumbre de los grones. Deben conversar con el alma de sus antepasados, los beduinos o los antropoides*”⁵¹⁵ (ARLT, 2013a, p. 58, grifo nosso) e, em “*Trabajar como negro*” (12/04/1930), o autor retoma o assunto:

En la noche me ocurrió encontrarme por las calles más abandonadas con negros que caminaban solos, charlando y riéndose. En el hotel también. En el momento que abría una ventana, sorprendí a una

⁵¹⁴ “Este sim que trabalha como negro! Ou melhor: agora sim, constatei o que significa ‘trabalhar como um negro’” (ARLT, 2013c, p. 285).

⁵¹⁵ “[...] de vez em quando, tropeça-se em um negro que, sem estar bêbado, vai rindo e conversando sozinho. É notável o costume dos negros. Devem conversar com a alma de seus antepassados, os beduínos ou os antropoides” (ARLT, 2013c, p. 282).

*negra. Estaba sola en la pieza, se reía y hablaba. O con la pared o con un fantasma. Se reía infantilmente al tiempo que movía los labios. Otra vez, caminando, escuché las risitas comprimidas de un negro. Parecía que se burlaba de un interlocutor invisible, al tiempo que pronunciaba palabras que no pude entender.*⁵¹⁶ (ARLT, 2013a, p. 62-63)

Na continuação do trecho em que narra os encontros com homens e mulheres que estando sozinhos se comunicavam, Arlt relata: “*Pensando se me ocurrió que en estos **cerebros vírgenes**, las pocas ideas que nacen deben producir una intensidad tal, que de pronto el hombre se olvida de que lo escucha un fantasma, y el fantasma se convierte para él en un ser real*”⁵¹⁷ (ARLT, 2013a, p. 63, grifo nosso). Arlt questiona-se buscando explicações sobre o comportamento por ele narrado:

*¿Con quiénes hablan? ¿Tendrán un tótem que el blanco no puede nunca conocer? ¿Distinguirán en las noches el espectro de sus antepasados? ¿O es que recuerdan los tiempos antiguos cuando, felices como las **grandes bestias**, vivían libres y desnudos en los bosques, persiguiendo simios y domando serpientes?*⁵¹⁸ (ARLT, 2013a, p. 64, grifo nosso)

Percebe-se que Arlt não apenas desconhece as questões religiosas, como também as julga a partir de uma concepção que possivelmente fosse a da população branca de sua época e que, como vimos anteriormente, em razão do tráfico de africanos, acredita-se que a “verdadeira religião” seria a cristã. Ao mesmo tempo, Arlt opera distintas referências e imagens, provavelmente advindas de sua experiência literária, para conceber o que lhe é estranho. Acerca desse tema, Schwarcz e Starling (2015, p. 86) contam que, derivado do animismo africano, o candomblé é a religião praticada pelos africanos no Brasil: “de origem totêmica e

⁵¹⁶ “À noite, aconteceu de eu me encontrar, pelas ruas mais abandonadas, com negros que caminham sozinhos, conversando, rindo. No hotel também. No momento em que eu abria uma janela, surpreendi uma negra. Estava sozinha no quarto; ria e falava. Ou com a parede ou com um fantasma. Ria infantilmente, ao mesmo tempo que movia os lábios. Outra vez, caminhando, escutei as risadinhas comprimidas de um negro. Parecia que zombava de um interlocutor invisível, ao mesmo tempo que pronunciava palavras que não pude entender” (ARLT, 2013c, p. 286).

⁵¹⁷ “Pensando, me vem à cabeça que, nesses cérebros virgens, as poucas ideias que nascem devem adquirir tal intensidade que, de repente, o homem se esquece de que um fantasma o escuta, e o fantasma se transforma, para ele, num ser real” (ARLT, 2013c, p. 286).

⁵¹⁸ “Com quem falam? Será que têm um ‘totem’ que o branco nunca pode conhecer? Será que distinguem, na noite, o espectro de seus antepassados? Ou é que lembram dos tempos antigos quando, felizes como os grandes animais, viviam livres e nus nos bosques, perseguindo os símios e domando serpentes?” (ARLT, 2013c, p. 287).

familiar, em que se cultuam orixás, os quais no Brasil foram logo vinculados aos santos católicos, como forma de disfarce e proteção”. Segundo as autoras (2015), acredita-se que cada nação africana cultuava um único orixá, sendo, portanto, uma especificidade brasileira a sua junção: “um processo de aculturação, adaptação e tradução ocorreu nas terras do Novo Mundo e acima de tudo no Brasil, onde desde o início da imigração compulsória povos recriaram cultos mesmo nas condições adversas da escravidão” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 86).

Há ainda todo um vocabulário empregado pelo autor nestas notas, e em outras, que evidencia sua concepção preconceituosa em relação aos negros. Além dos já destacados – *beduínos*, *antropoides*, *cérebros vírgenes* e *grandes bestias* –, lê-se outros, os quais evidenciam ainda uma bestialização dos negros por parte do escritor:

Una fuerza espantosa estalla en sus músculos. Hay negros que son estatuas de carbón cobrizo, maquinas de una fortaleza tremenda, y sin embargo algo infantil, algo de pequeños animalitos se descubre bajo su semicivilización.

Viven mezclados con el blanco: aquí encuentra usted a una señora bien vestida, blanca, en compañía de una negra; pero el negro pobre, el negro miserable, el que habita en los rancheríos del Corcovado y Pan de Azúcar, me da la sensación de ser un animal aislado, una pequeña bestia que se muestra tal cual es, en la oscuridad de la noche, cuando camina y se ríe solo, charlando con sus ideas.

Le prevengo que entonces el espectáculo tiene más de fantástico que de real. Un negro en la oscuridad es sólo visible por su dentadura y su pantalón de color al pasar bajo un foco. Frecuentemente va descubierto, de modo que imagínese usted la sensación que se puede experimentar, cuando en las tinieblas escuche una risita de orangután, un cuchicheo de palabras; es un africano descalzo, que camina moviendo los hombros y reteniendo su misteriosa alegría.⁵¹⁹ (ARLT, 2013a, p. 63)

⁵¹⁹ “Uma força espantosa explode em seus músculos. Há negros que são estátuas de carvão acobreado, máquinas de uma fortaleza tremenda e, no entanto, algo infantil, algo de pequenos animaizinhos se descobre sob sua semicivilização. Vivem misturados com o branco; aqui você encontra uma senhora bem vestida, branca, em companhia de uma negra; mas o negro pobre, o negro miserável, o que vive nos casebres do Corcovado e do Pão de Açúcar, me dá a sensação de ser um animal isolado, uma pequena besta que se mostra tal qual, na escuridão da noite, quando caminha e ri sozinho batendo um papo com suas ideias. Previno-lhe que então o espetáculo tem mais de fantástico que de real. Um negro na escuridão só é visível por sua dentadura e sua calça colorida ao passar por um poste de luz. Frequentemente está sem chapéu, de modo que imagine você a sensação que se pode experimentar quando, na escuridão, escutar uma risadinha de orangotango, palavras cochichadas: é um africano descalço, que caminha movendo os ombros e retendo sua misteriosa alegria” (ARLT, 2013c, p. 286).

A visão animalizante em relação aos negros é outra herança do sistema escravocrata que concebia o negro como um “ser inferior”, ou ainda, como um não ser. Segundo Fausto (2015), a Carta-lei de 1773 distinguia as pessoas a partir de um “princípio da pureza de sangue”, em que “impuros eram os cristãos-novos, os negros, mestiços, quando livres, em certa medida os índios e as várias espécies de mestiços” (FAUSTO, 2015, p. 31). Porém havia ainda uma distinção de pessoas, onde incluem-se gente livre, e não pessoas, que seriam os escravos, que juridicamente eram considerados como “coisas” (FAUSTO, 2015), de tal forma, que havia na época a expressão “bens semoventes”, que era “empregada para descrever de maneira indiscriminada, nos inventários e testamentos, as posses que podiam se movimentar: quais sejam, escravos e animais” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 92).

Em diversas passagens, Arlt compara os negros com os animais, sobretudo devido à sua força laboral e para designar uma suposta falta de inteligência, segundo o autor, quando se refere, por exemplo, aos “*hombres de buena voluntad y simple entendimiento*”⁵²⁰ (ARLT, 2013a, p. 38) e, como vimos, “*cérebros vírgenes*” (ARLT, 2013a, p. 63). Essa visão do escritor talvez possa ser explicada – jamais compreendida – a partir de uma concepção ramificada ao longo do século XIX, cujas “teorias científicas”, segundo Fausto (2015), reforçavam o preconceito em relação aos negros: “o tamanho e a forma do crânio dos negros, o peso de seu cérebro etc. ‘demonstravam’ que se estava diante de uma raça de baixa inteligência e emocionalmente instável, destinada biologicamente à sujeição” (FAUSTO, 2015, p. 26), evidenciando ainda um aspecto emocional e psicológico cujo oposto será destacado por Arlt, ao escrever: “*Uno de estos días me ocuparé de los negros: de los negros que viven en perfecta compañía con el blanco y que son enormemente buenos a pesar de su fuerza bestial*”⁵²¹ (ARLT, 2013a, p. 64).

A crença na existência de distintas raças que está no cerne das teorias da época está presente no discurso literário, seja de Arlt, que se questiona diante de um casal: “*¿Cuántas razas se mezclan en esos dos cuerpos?*”⁵²² (ARLT, 2013a, p. 52), ou mesmo em Freyre, brasileiro contemporâneo de Arlt que escreve *Casa*

⁵²⁰ “Homens de boa vontade e simples entendimento” (ARLT, 2013c, p. 271).

⁵²¹ “Um dia desses me ocuparei dos negros; dos negros que vivem em perfeita companhia com o branco e que são enormemente bons, apesar de sua força bestial” (ARLT, 2013c, p. 287).

⁵²² “Quantas raças se misturam nesses dois corpos?” (ARLT, 2013c, p. 279).

grande e senzala (1933). O termo não é empregado neste trabalho, salvo em citações.

3.2.3. “*Fiesta de la abolición de la esclavitud*”

“Era difícil escapar da escravidão. [...] E, de tão disseminada, a instituição deixou de ser privilégio de grandes senhores de engenho. Padres, militares, funcionários públicos, artesãos, taberneiros, comerciantes, pequenos lavradores, pobres e remediados, e até libertos possuíam escravos. Por essas e por outras é que a escravidão foi mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferença fundamentais [...]” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 96)

Enquanto a presença da população negra e de seus descendentes pode ser constatada em dois terços das águas-fortes cariocas, há uma única nota na qual Arlt se refere ao tema da escravidão africana em si: a água-forte “*Fiesta de la abolición de la esclavitud*” (14/05/1930), que se encontra dividida em quatro partes.

A primeira parte da nota, sem subtítulo, introduz o assunto a partir de um diálogo entre Arlt e um senhor catalão durante o almoço. O interlocutor de Arlt informa que dia 13 de maio é festa nacional e, em seguida, que na data em questão se comemora a “*Fiesta de la abolición de la esclavitud*”, sem despertar a atenção do argentino que continua temperando a sua salada. Na sequência, o senhor catalão informa que na semana seguinte fará quarenta e dois anos desde que foi abolida a escravidão, informação esta que faz com que Arlt abandone a tranquilidade que até então demonstrava e, ao interpelar seu companheiro, este resume: “– *Sí, cuarenta y dos años bajo la regencia de doña Isabel de Braganza, aconsejada por Benjamín Constant. Doña Isabel era hija de don Pedro II*”⁵²³ (ARLT, 2013a, p. 165).

Arlt demonstra-se consternado com a informação: “*¿Cuarenta y dos años? ¡No es posible!*” (ARLT, 2013a, p. 165). As causas do estranhamento do argentino em relação a tais informações sugerem, além de desconhecimento em relação à

⁵²³ “– É quarenta e dois anos sob a regência de dona Isabel de Bragança, aconselhada por Benjamin Constant. Dona Isabel era filha de dom Pedro II” (ARLT, 2013c, p. 352).

história recente do país, a existência de diferenças entre as duas nações acerca do assunto:

Do ponto de vista socioqualitativo, dois aspectos importantes são o escravismo e a composição étnica. Em relação ao primeiro ponto, vale assinalar, de saída, que a população escrava era muito mais significativa no Brasil. Em 1819, chegava a 38% do total de habitantes, enquanto na Argentina, numa data próxima, o percentual era bem inferior, embora seja difícil obter dados globais para o país como um todo. Em fins do século XVIII, variava em torno de 29% da população de Córdoba, 25 % em Buenos Aires, 20% em Salta e apenas 1% em Corrientes. Embora a proporção de escravos tenha diminuído no Brasil, em consequência dos obstáculos ingleses ao tráfico e do número crescente de alforrias, na Argentina essa redução ocorreu mais rapidamente, a partir da decretação da Lei do Ventre Livre, já em 1813. Além disso, se a escravidão sempre tivera importância secundária no sistema produtivo argentino, ela diminuiu ainda mais em consequência da crise econômica. (FAUSTO e DEVOTO, 2004, p. 42)

Enquanto na Argentina a escravidão é abolida 1853, no Brasil, o processo de emancipação dos escravos se prolongaria até o ano de 1888. Porém, há ainda que se considerar o caso específico de Buenos Aires. De acordo com Secreto (2013, p. 25), mesmo com o tráfico extinto, “na Argentina os escravos continuaram escravos até a Constituição de 1853 e, no caso de Buenos Aires, que não se uniu à Confederação Argentina, a escravidão se manteve até 1861”.

Uma vez esclarecidas as circunstâncias em que a abolição ocorrera nos dois países, e retomando nosso objeto de análise, Arlt transcreve o diálogo com seu locutor a partir da informação acerca dos quarenta e dois anos da abolição:

– *Es decir...*
 – *Que cualquier negro de cincuenta años que usted encuentre hoy por las calles ha sido esclavo hasta los 8 años de edad; el negro de 60 años, esclavo hasta los 18 años.*
 – *Entonces: ¿esas negras viejas?*
 – *Fueron esclavas...*
 – *¡Pero no es posible! Usted debe estar equivocado. No será en el año 1788... Vea: yo creo que está equivocado. No es posible.*
 – *Hombre; si no me cree, averigüe por ahí.*⁵²⁴ (ARLT, 2013a, p. 165-166)

⁵²⁴ “– Quer dizer... – Que qualquer negro de cinquenta anos que você encontrar hoje pelas ruas foi escravo até os oito anos de idade; o negro de sessenta anos, escravo até os dezoito anos. – Então, essas negras velhas? – Foram escravas... – Mas não é possível! O senhor deve estar enganado. Não será no ano de 1788... Veja: eu acho que está enganado. Não é possível. – Homem, se não acredita em mim, averigue por aí” (ARLT, 2013c, p. 352).

No trecho em questão percebe-se que antes de encerrar o seu pensamento o mesmo é interrompido pelo interlocutor que o completa, conferindo maior legitimidade ao diálogo ao recuperar as características do discurso oral para a narrativa, a partir do uso de uma espécie de *enjambement* do diálogo⁵²⁵.

Na segunda parte da nota, “*En la asociación*”, Arlt faz o que sugere o seu primeiro interlocutor, ou seja, busca informações sobre a abolição na Associação por ele frequentada no Rio de Janeiro, relatando novamente o diálogo com a mesma incredulidade em relação à proximidade temporal do acontecimento histórico. Quando um dos rapazes da associação afirma com naturalidade que seu pai foi capataz de escravos, Arlt (2013a, p. 166) relata: “*Yo me he quedado frío y blanco*”⁵²⁶, e, adiante: “*Miro a ese hombre como lo miraría al hijo del verdugo de la cárcel de Sing-Sing*”⁵²⁷ (ARLT, 2013a, p. 166), uma referência a uma antiga e temida prisão dos Estados Unidos, o que corrobora com uma sensação de medo a partir da qual o autor busca conferir dramaticidade à narrativa. Arlt pergunta então sobre o preço pelo qual se vendia um escravo e relata a resposta de seu interlocutor:

– *Según... variaban mucho los precios, dependía de las localidades, estado físico y aptitudes del esclavo. En San Pablo, por ejemplo, un esclavo costaba dos contos de reis, o sea, seiscientos pesos argentinos; en Minas, el mismo esclavo costaba de 5 a 6 contos de reis. Un esclavo estropeado por los castigos 200 pesos argentinos... Pero no se puede fijar tarifa exacta porque el esclavo no se vendía particularmente. Por ejemplo: usted necesitaba plata, juntaba a sus esclavos y los llevaba al mercado... Lea usted **La esclava Isaura de Alencar** (sic), un novelista brasileño que pintó muy bien la esclavitud. Bueno, como le decía, llevaban al esclavo al mercado y lo remataban al mejor postor. Aquí, en Río de Janeiro, el mercado de esclavos estaba en la **rua 1º de Marzo**, frente a la droguería de Granado.*⁵²⁸ (ARLT, 2013a, p. 167)

⁵²⁵ O *enjambement* refere-se a um recurso estilístico poético também definido como cavalgamento e que ocorre quando o sentido de um verso continua no verso seguinte.

⁵²⁶ “Eu fiquei frio e branco” (ARLT, 2013c, p. 353).

⁵²⁷ “Olhei para esse homem, como olharia para o filho do carrasco da prisão de Sing-Sing” (ARLT, 2013c, p. 353).

⁵²⁸ “– Segundo... os preços variavam muito, dependia das localidades, estado físico e aptidões do escravo. – Em São Paulo, por exemplo, um escravo custava dois contos de réis, ou seja, seiscentos pesos argentinos; em Minas, o mesmo escravo, custava de cinco a seis contos de réis. Um escravo arrebatado pelos castigos, duzentos pesos argentinos... Mas não se pode fixar uma tarifa exata, porque o escravo não era vendido particularmente. Por exemplo: o senhor precisava de dinheiro, juntava seus escravos e os levava ao mercado... Leia ‘A escrava Isaura’, de Alencar (sic), é um romancista brasileiro que retratou muito bem a escravidão. Bom, como eu ia dizendo, levavam o escravo ao mercado e o rematavam àquele que fizesse o melhor lance” (ARLT, 2013c, p. 353).

Sobre a venda de escravos, Schwarcz e Starling (2015) relatam que os escravos eram “maquiados” como forma de “valorizar a mercadoria”, com banhos, corte de barba e cabelo, óleo para cobrir o corpo e uma alimentação mais farta, sendo os homens adultos, segundo as autoras, os que mais valiam. Klen (1989) explica que a oferta de mulheres era menor por questões relacionadas à cultura africana, e que por essa razão tinham um preço maior em relação aos homens no comércio local africano. Segundo Fausto (2015), o custo de um escravo era pago entre treze e dezesseis meses, e em trinta meses de trabalho após 1700.

Em relação ao trecho acima, cabe ainda observar que o interlocutor de Arlt se equivoca ao atribuir a obra *A escrava Isaura* ao escritor cearense José de Alencar (1829-1877), quando, na verdade, a obra foi escrita pelo mineiro Bernardo Guimarães (1825-1884) e publicada em 1875, podendo tratar-se ainda de um descuido do próprio Arlt ao escrever a nota a partir das informações obtidas durante o diálogo. Na sequência do diálogo, Arlt questiona se é verdade que os escravos eram castigados. Seu interlocutor responde: “*Sí, cuando no obedecían, con un chicote. Ahora, había **facendas** donde lo maltrataban al esclavo, pero eran pocas*” (ARLT, 2013a, p. 167). Diante de tal afirmativa, Arlt encerra a segunda parte da água-forte com uma nota de uma ironia incômoda: “(‘*Castigar con látigo*’ y ‘*maltratar*’ es una cosa muy distinta, es decir, que darle veinte o treinta latigazos a un esclavo no era maltratarlo, sino castigarlo)”⁵²⁹ (ARLT, 2013a, p. 167).

A terceira parte do relato, denominada “*Los matices*” retomam essa suposta distinção aludida pelo jovem com quem Arlt conversara, em um diálogo novamente com o senhor catalão com quem Arlt se reencontra à noite e questiona se de fato há uma distinção entre castigar e maltratar. De acordo com seu interlocutor, o primeiro refere-se ao uso do látigo, comumente empreendido para manter a ordem, enquanto “*maltratar a un esclavo era, en cambio, suplantar el uso del látigo por el de instrumentos punzantes, cortantes... romperle los brazos a palos, estaquearlo... Como se da cuenta usted, es simplemente una cuestión de matices...*”⁵³⁰ (ARLT, 2013a, p. 168). Arlt questiona ainda sobre os donos dos escravos, cuja resposta transcrevemos:

⁵²⁹ “Castigar com chibata e maltratar é uma coisa muito diferente, isto é, dar vinte ou trinta chibatadas num escravo não era maltratá-lo e, sim, castigá-lo” (ARLT, 2013c, p. 353).

⁵³⁰ “Maltratar um escravo era, em compensação, suplantar o uso da chibata pelo de instrumentos perfurantes, cortantes... quebrar os braços a pauladas, colocá-lo no tronco... Como o senhor pode perceber, é simplesmente uma questão de matices...” (ARLT, 2013c, p. 354).

– *¿Los patrones?... Debía ser muy salvaje el que le tocara a un esclavo. ¿Para qué? Si para ello tenían un feitón. El feitón era el capataz de los esclavos, generalmente también esclavo, pero que era liberado del trabajo brutal para hacerlos trabajar a sus compañeros y castigarlos. Ese esclavo era el terror de los otros. Cumplía la orden del amo al pie de la letra. Si le ordenaban darle cincuenta latigazos a un esclavo y este moría en el latigazo número treinta y nueve, el otro le suministraba los once restantes... Una cuestión de principios, amigo. La obediencia absoluta.*⁵³¹ (ARLT, 2013a, p. 168)

Além da violência do desenraizamento forçado e do trabalho compulsório sofridas pelos escravos, o sistema utilizava-se ainda da violência física direta como forma de implantar o medo entre os cativos. A figura do feitor e do capataz, mencionadas por Arlt, recuperam a simbologia da violência a que eram submetidos os escravos por meio das punições. Schwarcz e Starling (2015) tratam da naturalização da violência no contexto do sistema escravocrata:

O discurso proferido pela Igreja e pelos proprietários entendia tal trabalho árduo como uma atividade disciplinadora e civilizadora. Havia inclusive manuais – verdadeiros modelos de aplicação de sevícias pedagógicas, punitivas e exemplares – que instruíam, didaticamente, os fazendeiros sobre como submeter os escravizados e transformá-los em trabalhadores obedientes. Um exemplo era o famoso quebra-negro, castigo muito utilizado no Brasil para educar escravos novos ou recém-adquiridos e que, por meio da chibata pública e outras sevícias, ensinava os cativos a sempre olhar para o chão na presença de qualquer autoridade.

[...] Punições públicas, o tronco exemplar, a utilização do açoite como forma de pena e humilhação, os ganchos e pegas no pescoço para evitar fuga nas matas, as máscaras de flandres para inibir o hábito de comer terra e assim provocar o suicídio lento e doloroso, as correntes prendendo ao chão; construiu-se no Brasil, uma arqueologia da violência que tinha por fito constituir a figura do senhor como autoridade máxima, cujas marcas, e a própria lei, ficavam registradas no corpo escravo. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 91-92)

Essa arqueologia da violência mencionada pelas autoras e relatada por Arlt através dos diálogos narrados faz com que a água-forte em questão esteja mais voltada para aspectos da realidade, ainda que passada. Na sequência, o senhor

⁵³¹ “– Os donos?... Só sendo muito selvagem, aquele que tocasse num escravo. Para quê, se para isso tinham o ‘feitón’? O feitón era o capataz dos escravos, geralmente também escravo, mas só que era liberado do trabalho brutal para fazer seus companheiros trabalharem, e castigá-los. Esse escravo era o terror dos outros. Cumpria a ordem do dono ao pé da letra. Se lhe ordenavam dar cinquenta chibatadas num escravo e este morria na chibatada trinta e nove, o outro lhe subministrava as onze restantes... uma questão de princípios, amigo. Obediência absoluta” (ARLT, 2013c, p. 354).

com quem Arlt dialoga novamente sugere a leitura de Alencar e, agora, também de Ruy Barbosa, ao que Arlt responde que buscou nas livrarias, mas que o informaram que não havia livros que tratassem do tema da escravidão. O interlocutor de Arlt diz então que conseguirá os livros para o autor e o incentiva a conversar com algum negro velho que encontre no porto. Acerca desse possível encontro é que trata a última parte da nota, denominada “*No me resuelvo*” e que sintetiza em um único parágrafo a sensação de Arlt diante da possibilidade de conversar com um ex-escravo:

Y todavía no me he resultado a reportear a un ex esclavo. No sé. Me da una sensación de terror entrar al “País del Miedo y del Castigo”. Lo que me han contado me parecen historias de novelas... prefiero creer que lo que escribió Alencar, temblando de indignación, es una historia sucedida en un país de la fantasía. Creo que es mejor.⁵³²
(ARLT, 2013a, p. 169)

O argentino opta, portanto, por rescindir a possibilidade de contato com alguém que pudesse lhe dar a perspectiva de quem vivenciara na pele as mazelas do sistema escravocrata que vigorou no Brasil, segundo Arlt, “país do medo e do castigo”. Essa atitude faz com que o desfecho da água-forte arltiana na qual o autor se volta para questões históricas acerca do país, distanciando-a do conjunto de textos analisados, justamente por focar nessas questões de uma realidade que não pode ser relativizada, seja a opção pela ficção em detrimento ao real, por sua negação mesmo em face do que lhe fora relatado.

3.3. Representações do idioma

3.3.1. “*El idioma de los argentinos*” e a linguagem arltiana

Y yo tengo esta debilidad: la de creer que el idioma de nuestras calles, el idioma en que

⁵³² “E ainda não me decidi a entrevistar um ex-escravo. Não sei. Me dá uma sensação de terror entrar no ‘País do Medo e do Castigo’. O que me contaram parecem histórias de romances... prefiro acreditar que foi escrita por Alencar, tremendo de indignação, que é uma história que aconteceu num país da fantasia. Acho que é melhor” (ARLT, 2013c, p. 354).

*conversamos usted y yo en el café, en la oficina, en nuestro trato íntimo, es el verdadero.*⁵³³
(ARLT, 1998, p. 371)

A questão do idioma nas águas-fortes arltianas deve ser analisada em termos estilísticos e também temáticos. Vejamos, por exemplo, a nota “*El idioma de los argentinos*”, publicada em 17 de janeiro de 1930, na qual Arlt relata sua opinião sobre o idioma a partir de uma entrevista concedida pelo senhor Monner Sans ao jornal chileno *El Mercurio*, segundo o qual, uma vez passada a moda do “gauchesco”, o idioma nacional vê-se ameaçado pelo “lunfardo”, definido por ele como “*léxico de origen espurio, que se ha introducido en muchas capas sociales pero que sólo ha encontrado cultivadores en los barrios excéntricos de la capital argentina*”⁵³⁴ (ARLT, 1998, p. 161). Diante disso, Arlt (1998, p. 161-162) reage:

*¿Quiere usted dejarse de macanear? ¡Cómo son ustedes los gramáticos! Cuando yo he llegado al final de su reportaje, es decir, a esa frasecita: “Felizmente se realiza una obra depuradora en la que se hallan empeñados altos valores intelectuales argentinos”, me he echado a reír de buenísima gana, porque me acordé que a esos “valores” ni la familia los lee, tan aburridores son.*⁵³⁵

Arlt segue sua argumentação reiterando a forma como escrevem alguns escritores aos quais ninguém lê, segundo o autor. Realiza ainda uma comparação entre a gramática e o boxe. Em relação a este, Arlt dirá que os críticos elogiam aqueles golpes de “*todos os ângulos*”, que seria a forma como se escapa da “gramática do boxe”, inovando-o e podendo lutar, enquanto àquele que somente imita os golpes resta apenas exibir-se no que se denomina boxe europeu ou de salão.

Con los pueblos y el idioma, señor Monner Sans, ocurre lo mismo. Los pueblos bestias se perpetúan en su idioma con lo que, no teniendo ideas nuevas que expresar, no necesitan palabras nuevas o giros extraños; pero, en cambio, los pueblos que, como el nuestro, están en continua evolución, sacan palabras de todos los ángulos,

⁵³³ “E eu tenho esta fraqueza: a de acreditar que o idioma das nossas ruas, o idioma em que você e eu conversamos no café, no escritório, em nosso trato íntimo, é o verdadeiro” (ARLT, 2013c, p. 235).

⁵³⁴ “Léxico de origem espúria, que se introduziu em muitas camadas sociais, mas que só encontrou cultivadores nos bairros excêntricos da capital argentina” (ARLT, 2013c, p. 181).

⁵³⁵ “Chega de lorota! Como vocês gramáticos são! Quando eu cheguei ao final da sua reportagem, isto é, a essa frasezinha: ‘Felizmente realiza-se uma obra depuradora na qual se acham empenhados altos valores intelectuais argentinos’, comecei a rir a valor, porque me lembrei de que esses ‘valores’ não são lidos nem pelas famílias, de tão chatos que são” (ARLT, 2013c, p. 181).

*palabras que indignan a los profesores, como lo indigna a un profesor de boxeo europeo el hecho inconcebible de que un muchacho que boxea mal le rompa el alma a un alumno suyo que, técnicamente, es un perfecto pugilista.*⁵³⁶ (ARLT, 1998, p. 162-163)

Arlt refere-se às relações que são impostas por prepotência o que inclui também a questão do idioma: “*Un pueblo impone su arte, su industria, su comercio y su idioma por prepotencia. Nada más. Usted ve lo que pasa con Estados Unidos. Nos mandan sus artículos con leyendas en inglés, y muchos términos ingleses nos son familiares*”⁵³⁷ (ARLT, 1998, p. 163). Essa mesma relação Arlt afirma ocorrer com o idioma no Brasil: “*En el Brasil, muchos términos argentinos (lunfardos) son populares. ¿Por qué? Por prepotencia. Por superioridad*”⁵³⁸ (ARLT, 1998, p. 163).

Essa postura no que se refere à forma como o autor concebe o idioma não restringe-se a esse texto, assim como o uso dessa linguagem por ele defendida não ocorre apenas nas águas-fortes mas perpassa toda a sua produção literária. A discussão em torno ao idioma está presente em muitos escritores e intelectuais da época, dentre os quais podemos citar, por exemplo, Jorge Luis Borges que tinha publicado, em 1928, “*El idioma de los argentinos*”, cujo título é recuperado posteriormente por Arlt. María Pia López (2015) menciona, porém, que além de repetir a intervenção borgeana, ressoa no título de Arlt o livro do francês Lucien Abeille, *El idioma nacional de los argentinos*, publicado em 1900. Para a autora, o “*plebeyo*” está no centro da discussão acerca do idioma:

*El autor de **El tamaño de mi esperanza** puso bajo ese nombre la idea de un idioma no realizado, promesa de futuro, cuyo linaje era el de la oralidad de los mayores – los Wilde, Cané o Mansilla -, diferenciado por matices del español peninsular.*

*Ante ese matiz señorial, Arlt apela a la distancia que se produce en el barrio popular. Su postulado idioma proviene del elogio de lo orillero y está escrito en prosa de combate. En el autor de **Los lanzallamas**, sueña el púgil: no se olvida su llamado a escribir una literatura con la fuerza de un cross a la mandíbula como no se puede*

⁵³⁶ “Com os povos e o idioma, senhor Monner Sans, acontece a mesma coisa. Os povos bestas se perpetuam em seu idioma, como se, não tendo ideias novas para expressar, não necessitem de palavras novas ou variantes estranhas; mas, em compensação, os povos que, como o nosso, estão em contínua evolução, tiram palavras de todos os lados, palavras que indignam os professores, como indigna o professor de boxe europeu o fato inconcebível de que um garoto que boxeia mal acabe com a alma de um aluno seu que, tecnicamente, é um perfeito pugilista” (ARLT, 2013c, p. 182).

⁵³⁷ “Um povo impõe sua arte, sua indústria, seu comércio e seu idioma por prepotência. Nada mais. O senhor veja o que acontece com os Estados Unidos. Mandan-nos (*sic*) seus artigos com rótulos em inglês, e muitos termos ingleses nos são familiares” (ARLT, 2013c, p. 182).

⁵³⁸ “No Brasil, muitos termos argentinos (lunfardos) são populares. Por quê? Por prepotência. Por superioridade” (ARLT, 2013c, p. 182).

*eludir la centralidad de la comparación entre gramática y boxeo en el aguafuerte sobre el idioma. [...] El escritor se quiere boxeador, para imaginar una escritura que proceda a los golpes, surgida de las fuentes turbias de los barrios, de la mixtura innoble de la oralidad urbana. A la vez, juega con el recuerdo de la pelea y piensa la palabra como incomodidad y fuerza.*⁵³⁹ (LÓPEZ, 2015, p. 28)

Para María Pia López (2015), essa água-forte condensa as demais notas arltianas que tratam do tema do idioma, muitas das quais incluem também a questão do lunfardo, definido por Conde (2010, p. 19) como “*un repertorio léxico integrado por voces y expresiones de diverso origen utilizadas en alternancia con las del español y difundido transversalmente en todas las capas sociales de Argentina*”⁵⁴⁰. De acordo com Conde (2011), das muitas fantasias acerca de sua origem, a mais insensata é concebê-lo como um idioma, um erro cujas raízes remontam ao século XIX, diante da aspiração dos argentinos de possuir uma língua nacional. Nem idioma, nem dialeto, defende Conde (2011, p. 46), para quem “*el lunfardo es un fenómeno lingüístico particular pero que se relaciona con otros fenómenos lingüísticos semejantes y reconocibles que se han desarrollado en otras sociedades y culturas, como el argot francés, por ejemplo*”⁵⁴¹.

Conde (2011) recupera o prólogo de *El informe de Bradie*, no qual Borges menciona que Roberto Arlt desconhecia o lunfardo, uma ironia borgeana refutada por Conde a partir da leitura das publicações no *El Mundo* e também dos romances arltianos. São mencionadas, por exemplo, as notas “*El furbo*” (17/08/1928), “*El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular*” (24/08/1928), “*Divertido origen de la palabra ‘squenun’*” (07/07/1928) e “*El Yetatore*” (21/07/1931), nas quais Arlt

⁵³⁹ “O autor de *El tamaño de mi esperanza* colocou sob essa forma a ideia de um idioma não realizado, promessa de futuro, cuja linhagem era a da oralidade dos mais velhos – Wilde, Cané ou Mansilla –, diferenciado por matizes do espanhol peninsular. Diante desse matiz senhorial, Arlt apela à distância que se produz no bairro popular. Seu postulado idioma provém do elogio do periférico e está escrito em prosa de combate. No autor de *Los lanzallamas*, soa o púgil: não esquece seu chamado para escrever uma literatura com a força de um ‘cruzado na mandíbula’ como não se pode aludir à centralidade da comparação entre gramática e box na água-forte sobre o idioma. [...] O escritor quer ser boxeador, para imaginar uma escrita que proceda aos golpes, surgida das fontes turvas dos bairros, da mistura plebeia da oralidade urbana. Por sua vez, brinca com a referência à luta e pensa a palavra como incomodidade e força”⁵³⁹ (LÓPEZ, 2015, p. 28, tradução nossa).

⁵⁴⁰ “Um repertório léxico integrado por vozes e expressões de diversa origem utilizadas em alternância com as do espanhol e difundido transversalmente em todas as capas sociais da Argentina” (CONDE, 2010, p. 19, tradução nossa).

⁵⁴¹ “O lunfardo é um fenômeno linguístico particular, mas que se relaciona com outros fenômenos linguísticos semelhantes e reconhecíveis que se desenvolveram em outras sociedades e culturas, como o *argot* francês, por exemplo” (CONDE, 2011, p. 46, tradução nossa).

analisa italianismos como *furbo*, *squenún*, *fiacún* e *yetatore* (CONDE, 2011). Na primeira nota mencionada, Arlt escreve:

Del diccionario italiano-español y español-italiano:

Furbo: enganador, pícaro.

Furbetto, Furbicello: picaroncito.

Furberia: trampa, engaño.

El autor de estas crónicas, cuando inició sus estudios de filología “lunfarda”, fue víctima de varias acusaciones, entre las que las más graves le sindicaban como un solemne “macaneador”. Sobre todo en la que se refería al origen de la palabra “berretín”, que el infrascripto hacía derivar de la palabra italiana “berreto”, y la del “squenun”, que desdoblaba de la “squena” o sea de la espalda en dialecto lombardo.⁵⁴² (ARLT, 1998, p. 63)

Em “*La crónica nº 231*” (31/12/1928), Arlt (1998, p. 369) relata: “*Escribo en un ‘idioma’ que no es propiamente el castellano, sino el porteño. Sigo toda una tradición: Fray Mocho, Félix Lima, Last Reason... Y es acaso por exaltar el habla del pueblo, ágil, pintoresca y variable, que interesa a todas las sensibilidades*”⁵⁴³. Neste trecho, percebe-se que o autor se refere a um idioma argentino que se distancia do espanhol, refletindo o pensamento argentino da época mencionado por Conde (2011). Em “*¿Cómo quieren que les escriba?*” (03/09/1929), Arlt relata que recebe cartas de leitores com opiniões distintas sobre a forma como escreve. Em uma delas, o leitor sugere que Arlt não rebaixe mais seus artigos, ao que Arlt (1998, p. 371) defende-se e responde:

Yo soy un hombre de la calle, de barrio, como usted y como tantos que andan por ahí. Usted me escribe: “no rebaje más sus artículos hasta el cieno de la calle”. ¡Por favor! Yo he andado un poco por la calle, por estas calles de Buenos Aires, y las quiero mucho, y le juro que no creo que nadie pueda rebajarse ni rebajar al idioma usando el lenguaje de la calle, sino que me dirijo a los que andan por esas mismas calles y lo hago con agrado, con satisfacción.

Así me escribe gente que, posiblemente, sólo escribe una carta cada cinco años y eso me enorgullece profundamente. Yo no me podría

⁵⁴² “Do dicionário italiano-espanhol e espanhol-italiano: Furbo: tapeador, pícaro. Furbetto, Furbicello: picarozinho. Furberia: trapaça, engano. O autor destas crônicas, quando iniciou seus estudos de filologia ‘lunfarda’, foi vítima de várias acusações, entre as quais, as mais graves lhe delatavam como um solene ‘contador de lorotas’. Sobretudo no que se referia à origem da palavra ‘berretín’, que o infraescrito fazia derivar da palavra italiana ‘berreto’, e a do ‘squenun’, que era um desdobramento de ‘squena’, ou seja, das costas, em dialeto lombardo” (ARLT, 2013c, p. 62).

⁵⁴³ “Escrevo num ‘idioma’ que não é propriamente o castelhano e, sim, o portenho. Sigo toda uma tradição: Fray Mocho, Félix Lima, Last Reason... E é talvez por exaltar a fala do povo, ágil, pitoresca e variável, que interessa a todas as sensibilidades” (ARLT, 2013c, p. 233).

*hacer entender por ellos empleando un lenguaje que a mí no me interesa por nada y que tiene el horrible defecto de no ser natural.*⁵⁴⁴

A forma como concebe o idioma no qual escreve perpassa, portanto, e como já mencionamos, toda a produção arltiana, seja por meio do uso que fazem os personagens de seus contos e romances, seja através das discussões em relação a esse tema em suas águas-fortes portenhas, rebatendo críticos e leitores, utilizando-se de vocábulos do lunfardo e estrangeirismos diversos, buscando empregar e defender o uso de uma linguagem que reflita a realidade das ruas portenhas, nos seus temas e nos modos de comunicá-los.

A questão do idioma talvez devesse ocupar o centro das discussões em torno à obra arltiana e, para tal, é necessário retomar uma vez mais a posição a partir de onde Arlt escrevia. No primeiro capítulo tratou-se de uma suposta oposição no âmbito da narrativa argentina que estariam representadas por Roberto Arlt, de um lado, e Jorge Luis Borges, do outro. Cabe dizer que essa distinção da crítica possivelmente parta da existência de dois grupos de escritores naquele período: Boedo e Florida.

O grupo Florida, que leva o nome de uma importante via da cidade de Buenos Aires, também denominado *martinfierrista*, por participar das publicações de revistas, dentre as quais está a *Martín Fierro*, era composto por Jorge Luis Borges, Oliverio Girondo, Eduardo González Lanuza, Evar Méndez, dentre outros (SCHWARTZ, 1995, p. 505). O grupo Boedo, a este opunha-se geograficamente e conceitualmente e, apesar de também denominado através do nome de uma rua, esta representaria a periferia, ao contrário da centralidade do Florida, e tinha como membros Roberto Mariano, Leónidas Barletta, Elías Castelnuovo, Santiago Ganduglia, Alvaro Yunque e os irmãos Tuñón, dentre outros (SCHWARTZ, 1995, p. 506)

De acordo com Schwartz (1995), a polêmica ao redor dos dois grupos inicia-se com a publicação na revista *Martín Fierro* do artigo “A extrema direita”, de

⁵⁴⁴ “Eu sou um homem da rua, do bairro, como você e como tantos que andam por aí. Você me escreve: ‘não rebaixe mais seus artigos até a sarjeta’. Por favor! Eu tenho andado um pouco pela rua, por essas ruas de Buenos Aires, e gosto muitos delas, e juro que não acredito que ninguém possa se rebaixar nem rebaixar o idioma usando a linguagem da rua, eu apenas me dirijo aos que andam por essas mesmas ruas e o faço de bom grado, com satisfação. Assim me escreve gente que, possivelmente, só escreve uma carta a cada cinco anos e isso me orgulha profundamente. Eu não poderia me fazer entender por eles empregando uma linguagem que não me interessa de jeito nenhum e que tem o horrível defeito de não ser natural” (ARLT, 2013c, p. 235-236).

Roberto Mariani, quem publicaria anos depois um segundo artigo, com esse mesmo título, em *Exposición de la Actual Poesía Argentina (1922-1927)*, onde se lê:

I – Provisoriamente, e por razões de espaço e de comodidade explicativa, aceitemos sem discussão as diversas denominações ou rótulos das duas tendências ou escolas literárias que, hoje e aqui, mais escândalo produzem e que se opõem uma à outra em atitudes beligerantes.

Florida

Boedo

Vanguardia

Esquerda

Ultraísmo

Realismo

E como este procedimento é cômodo e fácil, poderíamos continuá-lo até sucumbirmos por falta de argumentos:

Martín Fierro e Proa

Extrema Izquierda, Los Pensadores e Claridad

A greguería

O conto e o romance

A metáfora

O assunto e a composição

Ramón Gómez de la Serna

Fedor Dostoiévski

(MARIANI *apud* SCHWARTZ, 1995, p. 446)

Enquanto a temática para os escritores de Florida, conforme menciona Jitrik (2009, p. 182), “*era trastornar el lenguaje y salir del provincianismo del reflejo, para los de Boedo se trataba sobre todo de organizar una palabra literaria que diera cuenta de las miserias del sistema y del horror de las situaciones sociales*”⁵⁴⁵. Essa dualidade entre os dois grupos se mostraria insuficiente em relação a alguns escritores da época como o é, por exemplo, o caso de Roberto Arlt, “impossível de ser enquadrado numa das duas escolas” (SCHWARTZ, 1995, p. 507). A sua não inserção nos grupos Boedo e Florida, ainda que constantemente sua figura seja aproximada ao primeiro, demonstra a sua peculiaridade em relação ao modo de enxergar a realidade portenha e, principalmente, ao modo de narrá-la. Sua concepção de idioma e o uso que dele faz, como tema e como recurso linguístico, justificam o argumento? Acreditamos que sim.

Filho de imigrantes, o pai de Arlt falava alemão. A mãe, italiano. Na casa, falava-se o idioma paterno. De acordo com González Lanuza (1971, p. 28): “*del alemán de sus padres, que desconocía, solo le había quedado la dificultad para asimilar nuestra gramática, que jamás estudió en otras aulas que no fuesen las*

⁵⁴⁵ “Era transtornar a linguagem e sair do provincianismo do reflexo, para os de Boedo tratava-se sobretudo de organizar uma palavra literária que desse conta das misérias do sistema e do horror das situações sociais” (JITRIK, 2009, p. 182, tradução nossa).

*esquinas suburbanas*⁵⁴⁶. Na realidade, Arlt não cursou até o terceiro ano do ensino primário, como afirma em seus textos, mas parou seus estudos ao concluir o quinto ano. González Lanuza (1971) trata da obra arltiana a partir do insólito de seu idioma:

*Al considerar la obra arltiana de Roberto Arlt, la primer perplejidad que se plantea es ésta: ¿puede un semianalfabeto ser tomado en serio como escritor? Ni sus admiradores más fervientes niegan la posibilidad de la pregunta. Desde luego, un semianalfabeto ilustrado y voluntario, porque entre los resquicios del ‘semi’ se asomó a la más alta y a la más baja literatura, pero semianalfabeto hasta el punto de que su ignorancia de las necesidades elementales para ejercer el oficio de escritor jamás permitió que una sola de sus páginas fuese publicada en el desvalimiento gramatical con que salió de sus manos. No por puntillosas exigencias estilísticas, sino por no alcanzar el mínimo decoro que una maestra está obligada a exigir de sus alumnos de tercer grado.*⁵⁴⁷ (GONZÁLEZ LANUZA, 1971, p. 40)

Para o crítico, Arlt fazia uso de um idioma pessoal, tanto no que se refere à pronúncia como ao vocabulário, aliado a uma capacidade narrativa incomum: “*el resultado fue la improvisación de su peculiarísimo idioma desarrollado junto con un concepto del mundo no menos singular*”⁵⁴⁸ (GONZÁLEZ LANUZA, 1971, p. 29). Um idioma próprio, também definido como insólito – nos parece mais adequado do que a figura de semianalfabeto – e cuja explicação encontramos nas palavras do próprio Arlt (1998, p. 372): “*yo creo que el lenguaje es como un traje. Hay razas a las que les queda bien un determinado idioma; otras, en cambio, tienen que modificarlo, raerlo, aumentarlo, pulirlo, desglosar giros, inventar sustantivos*”⁵⁴⁹. Para Kulikowski (2000, p. 107):

⁵⁴⁶ “Do alemão de seus pais, que desconhecia, ficou apenas a dificuldade para assimilar nossa gramática, que jamais estudou em outras aulas que não fossem as esquinas suburbanas” (GONZÁLEZ LANUZA, 1971, p. 28, tradução nossa).

⁵⁴⁷ “Ao considerar a obra arltiana de Roberto Arlt, a primeira perplexidade que se coloca é esta: pode um semianalfabeto ser considerado seriamente como escritor? Nem seus admiradores mais fervorosos negam a possibilidade da pergunta. Desde cedo, um semianalfabeto ilustrado e voluntário, porque entre os resquícios do ‘semi’ somou-se a mais alta e a mais baixa literatura, mas semianalfabeto até o ponto de que sua ignorância das necessidades elementares para exercer o ofício de escritor jamais permitiu que uma só de suas páginas fosse publicada no desvalimento gramatical con que saiu de suas mãos. Não por inúmeras exigências estilísticas, mas por não alcançar o mínimo decoro que uma professora está obrigada a exigir de seus alunos de terceiro ano. (GONZÁLEZ LANUZA, 1971, p. 40, tradução nossa).

⁵⁴⁸ “O resultado foi a improvisação de seu peculiaríssimo idioma desenvolvido junto com um conceito de mundo não menos singular” (GONZÁLEZ LANUZA, 1971, p. 29, tradução nossa).

⁵⁴⁹ “Eu acredito que a linguagem é como uma roupa. Há raças às quais fica bem um determinado idioma; outras, em compensação, têm que modificá-lo, rasurá-lo, aumentá-lo, poli-lo, desglosar estruturas, inventar substantivos. (ARLT, 2013c, p. 236).

À margem dos cânones e a partir de procedimentos experimentais, usa as palavras de maneira irreverente: hiperboliza, oximoriza, ridiculariza, parodia, muda de lugar, superpõe, passa de uma formação discursiva para outra, de um registro para outro, e consegue efeitos cômicos, ofensivos, grotescos, transgressores. [...] Hoje constatamos que esse ‘não saber escrever’ atribuído a Arlt durante décadas foi produto de uma busca deliberada por parte do escritor da renovação de seu próprio instrumento expressivo, a linguagem.

Também Piglia (2004, p. 33-34) refere-se a um certo estranhamento em Arlt:

Há um estranho desvio na linguagem de Arlt, uma relação de distância e de estranheza com a língua materna que é sempre a marca de um grande escritor. Nesse sentido ninguém é menos argentino que Arlt (ninguém mais contrário à “tradição argentina”): quem escreve é um estrangeiro, um recém-chegado que se orienta com dificuldade na vertigem de uma cidade desconhecida.

O estranhamento da linguagem empregada por Arlt é, para Piglia, também aquilo que o define como grande escritor. Kulikowski (2000) e Piglia (2004) referem-se à existência de uma linguagem arltiana, de modo muito mais adequado do que González Lanuza (1971) que concebe tais características como desvio do idioma. Nesse sentido, deveríamos nos remeter a uma linguagem própria, pessoal, insólita, a partir da qual se encontra construída toda a sua obra, sendo parte desta.

3.3.2. O idioma nas águas-fortes cariocas

“A língua brasileira é das mais ricas e sonoras.
E possui o admirabilíssimo ‘ão’.”
(ANDRADE, 1987, p. 67)

No Brasil, Arlt estabelece seu primeiro contato com um país com outro idioma que não o castelhano portenho. Pode-se ainda pensar que tenha sido o único, com as devidas ressalvas. Ao tratar das águas-fortes de viagem no primeiro capítulo vimos que Arlt viajou primeiramente ao Uruguai e ao Brasil, em 1930, e posteriormente à Espanha e ao norte da África, entre 1935 e 1936, e ao Chile, em 1940 e 1941. Desta forma, com exceção do Brasil, os territórios visitados tinham a língua espanhola como oficial ou predominante ainda que, no caso de Marrocos,

cuja língua predominante é o árabe, o país encontrava-se naquele momento sob domínio espanhol. Há ainda que considerar a presença de outros idiomas em algumas regiões espanholas, como o galego e o euskera. Desta forma, o português não seria o único idioma estrangeiro com o qual Arlt se deparou em suas viagens, mas o Brasil seria o único território visitado em que o espanhol se encontraria totalmente ausente.

Nas águas-fortes cariocas o português está presente já na nota de anúncio da viagem. Primeiramente, referindo-se às moças, o autor se equivoca ao afirmar que estas falam, além do português, o espanhol. Talvez essa constatação seja decorrente de uma suposição do escritor evidenciada em *“El idioma de los argentinos”*: a de que muitas palavras do idioma argentino eram populares no Brasil, como mencionamos anteriormente. Na sequência Arlt relata que irá ver os países sem que seja necessário falar bem para conseguir a simpatia das pessoas. O roteiro inicial da viagem tinha como destino Uruguai, Brasil, Colômbia e as Guianas, sendo que essa preocupação em relação ao idioma possivelmente se aplicaria ao Brasil ou às Guianas, que acabam não sendo visitadas. No que se refere ao português, as águas-fortes evidenciam o seu desconhecimento, como veremos.

Assim como nas águas-fortes anteriores à viagem, nos textos sobre o Rio de Janeiro podem ser lidos vocábulos do lunfardo, tais como: *“cachando”*⁵⁵⁰, *“crosta”*⁵⁵¹, *“cuore”*⁵⁵², *“escolazo”*⁵⁵³, *“fiaca”*⁵⁵⁴, *“full”*⁵⁵⁵, *“furca”*⁵⁵⁶, *“guita(s)”*⁵⁵⁷, *“jol”*⁵⁵⁸, *“le pasó la mula”*⁵⁵⁹, *“macana”*⁵⁶⁰, *“morfar”*⁵⁶¹, *“motorman”*⁵⁶², *“pas de”*⁵⁶³, *“pebeta”*⁵⁶⁴, *“peca”*⁵⁶⁵,

⁵⁵⁰ Do verbo “cachar”: “Agarrar, asir, tomar. | 2. Sorprender a alguien, descubrirlo. | 3. Burlarse de una persona [dados por el DRAE]” (CONDE, 2010, p. 77).

⁵⁵¹ Metástese do espanhol “costra” ou de origem italiana. Em lunfardo: “Costra. | 2. Persona o cosa ordinaria, de baja condición” (CONDE, 2010, p. 119).

⁵⁵² Do italiano: “Corazón” (CONDE, 2010, p. 122), em lunfardo, e “coração”, em português.

⁵⁵³ Variante gráfica de “escolaso”: “juego por dinero, gralmente. ilegal” (CONDE, 2010, p. 145).

⁵⁵⁴ Do italiano “fiacca”. Em lunfardo: “Pereza, desgano, falta de voluntad. | 2. Holganza. | 3. Hambre.” (CONDE, 2010, p. 156).

⁵⁵⁵ Do inglês. Expressão em lunfardo “a full”: “con toda la energía posible, bien; mucho; sobrecargado de obligaciones” (CONDE, 2010, p. 164).

⁵⁵⁶ Do siciliano. Em lunfardo: “Técnica de robo llevaba a cabo por dos o más asaltantes, en la cual, mientras uno distrae a la víctima, el otro – o los otros – la atacan por la espalda, pasando un brazo por su cuello para inmovilizarla, y así despojarla del dinero y otros efectos personales” (CONDE, 2010, p. 165).

⁵⁵⁷ Tomado do espanhol familiar. “Centavo”, “peso”, em lunfardo (CONDE, 2010, p. 178).

⁵⁵⁸ Castelhanização do termo inglês “hall”, em lunfardo: “Vestíbulo” (CONDE, 2010, p. 191).

⁵⁵⁹ Expressão formada por “pasar”, no sentido de enganar, e “mula”, como engano, mentira (CONDE, 2010).

⁵⁶⁰ Do americanismo “macana”. Mentira ou algo prejudicial (CONDE, 2010, p. 207).

⁵⁶¹ Do italiano de gíria “morfa”. Em lunfardo: “Comer [dado por el DRAE]” (CONDE, 2010, p. 224).

⁵⁶² Do inglês. Condutor de bondes e trens (CONDE, 2010, p. 225).

“pesto”, “*piantar*”⁵⁶⁶, “*pibe*”⁵⁶⁷, “*prima*”⁵⁶⁸, “*puchos*”⁵⁶⁹, “*seco*”⁵⁷⁰, “*tirarse a muerto*”⁵⁷¹, “*varita*”⁵⁷², “*yantar*”⁵⁷³. Vejamos como ocorrem as inserções de tais vocábulos nos trechos abaixo:

*Los noviazgos son largos y seguros. Hay leyes tremendas que defienden a las mocitas contra los que les hacen una macana. Gruesas indemnizaciones pecuniarias, cárcel o casamiento. Y la ley no es nada, pero nada indulgente en dicho sentido. Desdichado del que se mete a hacer el novio y luego quiere tirarse a muerto. Va bien muerto.*⁵⁷⁴ (ARLT, 2013a, p. 100, grifo nosso)

El ladrón en el extranjero

*“Este sí que es un lindo país para el asalto, el descuido, la furca y el escolazo. Sin embargo, extraño la Argentina. La extraño. ¿Dónde va a encontrar usted un cuadro quinto como el nuestro? ¿En dónde, muchachos de ley como los nuestros, que tanto sirven para ‘saltar un burro’ como para una delicadísima acción de peca?”*⁵⁷⁵ (ARLT, 2013a, p. 173, grifo nosso).

Observa-se que a maior concentração de termos lunfardos ocorre para narrar personagens e contextos marginais. Identificou-se, ainda, dentre as palavras do lunfardo, dois casos de *vesre*: “*feca*” e “*grone*”, que como já fora mencionado, trata-

⁵⁶³ Da expressão francesa: “*pas: no*”. Em lunfardo: “*pas de...: nada de...*” (CONDE, 2010, p. 246).

⁵⁶⁴ Em lunfardo: “*Niña [dado por el DRAE]. | 2. Jovencita, adolescente*” (CONDE, 2010, p. 249).

⁵⁶⁵ De etimologia incerta. Em lunfardo: “*Estafa realizada a través de un juego de azar*” (CONDE, 2010, p. 249).

⁵⁶⁶ Do italiano “*spiantare*”. Em lunfardo: “*Forma aferética de espiantar*”. (CONDE, 2010, p. 256). Espiantar: “*Huir, escapar; ir. | 2. Tr. Echar, despedir. | 3. Quitar, sustraer; robar. | 4. Sacar con disimulo*” (CONDE, 2010, p. 147).

⁵⁶⁷ Do genovês “*pivetto*”, derivado do italiano de gíria “*pivello*”. Em lunfardo: “*Niño, joven. | 2. Fórmula de tratamiento afectuosa [dados ambos por el DRAE]. | 3. Hijo, gralmente precedido por el adjetivo posesivo*” (CONDE, 2010, p. 257).

⁵⁶⁸ Do italiano “*prima*”. Da expressão em lunfardo “*de prima: de primera, sobreentendiéndose clase, calidad, categoría, etc.*” (CONDE, 2010, p. 268).

⁵⁶⁹ Do quíchua “*puchu*”. Em lunfardo: “*Resto, residuo, pequeña cantidad sobrante de alguna cosa [dado por el DRAE]*” (CONDE, 2010, p. 269).

⁵⁷⁰ Do espanhol “*seco*”. Em lunfardo: “*Falto de dinero*” e a expressão “*quedarse seco: impresionarse vivamente por algo*” (CONDE, 2010, p. 289). Equivalente à gíria “*liso*”, no português. A aplicação, no entanto: “*seco de bellezas brasileñas*” denota cansado.

⁵⁷¹ Fingir-se de morto.

⁵⁷² Do espanhol “*varita*”. Em lunfardo: “*Agente de policía que dirige el tránsito*” (CONDE, 2010, p. 312).

⁵⁷³ Do espanhol antigo “*yantar*”. Em lunfardo: “*Comer*” (CONDE, 2010, p. 321).

⁵⁷⁴ “Os noivados são longos e seguros. Há leis tremendas que defendem as mocinhas contra aqueles que lhes ‘aprontam uma’. Pesadas indenizações pecuniárias, prisão ou casamento. E a lei não é nada, mas nada indulgente nesse sentido. Coitado daquele que se mete a se fazer de noivo e depois quer se fazer de morto. Está perdido” (ARLT, 2013c, p. 310).

⁵⁷⁵ “O ladrão no estrangeiro. ‘Este sim que é um lindo país para o assalto, o descuido, bater carteira e a jogatina. No entanto, tenho saudades da Argentina. Tenho saudade dela. Onde mais o senhor vai encontrar um time como o nosso? Onde, rapazes de leis como os nossos, que tanto servem para ‘depenar o caixa’ como para uma delicadíssima operação de ‘treta’ nas cartas?’” (ARLT, 2013c, p. 356).

se de uma inversão silábica na ordem das palavras, neste caso, “café” e “negro”, respectivamente. Arlt emprega, por vezes, num mesmo texto ou parágrafo, as duas grafias: “*Se sienta y le traen el **feca**. Sin agua. ¿Se da cuenta? En un país donde hace tanta calor, le sirven el **café** sin agua*”⁵⁷⁶ (ARLT, 2013a, p. 74, grifo nosso).

Há ainda a presença de estrangeirismos⁵⁷⁷, que pode ser definido como “o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua” (BECHARA, 2001, p. 599), tais como: “*piccolo navio*”, “*lasciate ogni speranza*” e “*salute, Garibaldi*”, emprestadas do italiano; “*poste restante*”, do francês; e “*Underwood*”, “*super dreadnaughts*” (*sic*), “*groggy*”, “*leader*”, “*pfnnings*” e “*matches*”, do inglês. Todos esses termos foram grafados com o uso de itálico, com exceção de “*salute, Garibaldi*”, entre aspas, e “*Underwood*”, sem marcações e em maiúscula por tratar-se do nome da fabricante norte-americana de máquinas de escrever de modo que o nome da marca substitui o uso do substantivo comum.

É possível que haja um erro tipográfico no que se refere ao termo “*bottiglieriís*” na publicação do jornal *El Mundo* ou no processo de compilação em livro – provavelmente no primeiro, uma vez que Pacheco (2013a) utiliza-se do itálico para grafá-lo, evidenciando-o. Ribeiro (2001) comenta o uso do termo “*botiglierías*” em “*No era ése el sitio, no...*” (06/07/1931) como mescla do espanhol “*botillería*” e do italiano “*bottigliería*”. No caso do termo grafado na água-forte carioca, parece-nos que se trata da inserção do termo italiano, considerando a possibilidade de erro tipográfico no ditongo final, e que é traduzido por Pacheco (ARLT, 2013b) e por Ribeiro (ARLT, 2013c) de modo distinto:

*¡A las once de la noche, cuando en la calle Corrientes la gente se asoma a la puerta de los bodegones para empezar a hacer la digestión! ¡Ah, **bottiglieriís** de la calle Corrientes! Se me hace agua la boca.* (ARLT, 2013a, p. 57)

Às 11 da noite, quando na Avenida Corrientes as pessoas aparecem na porta dos botequins para começar a fazer a digestão. Ah,

⁵⁷⁶ “Senta-se e lhe trazem o cafezinho. Sem água. Percebem? Num país onde faz tanto calor, servem o café sem água” (ARLT, 2013c, p. 295).

⁵⁷⁷ Alguns termos anteriormente inseridos como lunfardo também podem ser considerados estrangeirismos, como é o caso dos termos “*prima*” e “*pas de*”, do italiano e do francês, respectivamente, e que no lunfardo mantêm a grafia de sua língua de origem. Foram incluídos como lunfardo porque constam no *Diccionario etimológico del lunfardo* (2010) e, portanto, de uso mais corrente entre os argentinos.

botequins da Avenida Corrientes! Sinto agua na boca. (ARLT, 2013b, p. 69)

Às onze da noite, quando na Corrientes as pessoas aparecem na porta dos botecos para começar a fazer a digestão! Ah, “botiglerías”, os botequins da Corrientes! Me dá água na boca. (ARLT, 2013c, p. 282)

O uso de lunfardo e estrangeirismos é uma das características que marca a escritura arltiana, ora criticada por leitores e estudiosos da época, ora concebida como uma marca literária de sua modernidade. No entanto, o que buscaremos demonstrar, nas linhas seguintes é o uso do português brasileiro especificamente, que caracteriza as águas-fortes cariocas.

Arlt insere em seus textos palavras e construções em língua portuguesa, sendo essas em menor quantidade que aquelas. São recorrentes: “rua(s)”, “menina(s)”, “reis” e “conto(s)”⁵⁷⁸. Aparecem ainda “abacate”, “Boa noite”, “Meu bem”, “Muito obrigado” e o verbo “falar”⁵⁷⁹. Vejamos um exemplo:

*Mujeres achocolatadas, apoyadas con los brazos cruzados en los hierros de los balcones, siguen el movimiento de la **rua**. [...] El pibe ha estado jugando con una nena de su edad, blanca y rubia. Y veo: el nene alarga gravemente su mano a la chiquita. Ella también, con seriedad, le corresponde; los dedos se apretan y se dicen:
- **Boa noite**. (Buenas noches.)⁵⁸⁰ (ARLT, 2013a, p. 51)*

Outras, no entanto, aparecem como uma tentativa de representação. Maria Paula Gurgel Ribeiro (2013) anota em sua tradução das águas-fortes cariocas os termos “*testón*” e “*mociña*” como portunhol, bem como a construção “*Sua Excelencia poe dexar a leito...*” (ARLT, 2013a, p. 77).

O primeiro termo refere-se, portanto, à palavra “tostão”, referindo-se a medida monetária popular, vigente do Brasil da época, em que além da vogal da primeira sílaba, temos a desinência do português “ão” substituída pela desinência do espanhol “ón”. A palavra aparece grafada ainda como “*tostón*” e “*tostones*”. O segundo encontra-se inserido na frase “*La mociña está muito enferma*” (ARLT,

⁵⁷⁸ Em espanhol: “*calle(s)*”, “*niña*” o “*chica*”, “*reyes*” e “*cuento(s)*”.

⁵⁷⁹ Em espanhol: *aguacate, buenas noches, mi bien, muchas gracias e hablar*.

⁵⁸⁰ “Mulheres achocolatadas, apoiadas com os braços cruzados nos ferros das sacadas. Seguem o movimento da rua. [...] Uma senhora escura segurou seu filho de seis anos, cor de café com leite, pela mão. Vai levar o menino para dormir. O garoto estava brincando com uma menina da sua idade, branca e loira. E vejo: O garoto estende gravemente a mão para a menininha. Ela também, com seriedade, corresponde; os dedos se apertam e eles se dizem: – Boa noite (Buenas noches)” (ARLT, 2013c, p. 279).

2013a, p. 133), na qual percebemos uma tentativa de transcrever uma oração dirigida em português ao autor que mistura o artigo feminino do espanhol e o substantivo em portunhol ao predicado em português. “*Mociña*” é, portanto, o resultado da tentativa de escrever o vocábulo “mocinha” aplicando o conhecimento fonético do espanhol onde o som [ɲ] é representado por “ñ”, empregado por Arlt, e que é representado pela junção de “nh” no português, ignorado pelo autor.

Dessa forma, podemos dizer que Arlt emprega o portunhol que seria a confluência entre o português e o espanhol, resultado do desconhecimento deste ou daquele em graus variáveis. Outras palavras que resultam desse encontro de línguas são: “*acua yelada*”, “*aryentino*”, “*bocequín*”, “*facenda*”, “*feitón*”, “*feyón*”, “*freguecias*”, “*Journal*” ou “*Jornale*”, “*minino(s)*”, “*muyto obrigado*” e “*travallo*”. Observe-se que, no caso arltiano, essa confluência entre as duas línguas ocorre ao atribuir características fonéticas do espanhol às palavras do português. Vejamos como isso ocorre nos textos e a forma como o autor concebe e descreve o idioma falado no Brasil.

Na nota “*De todo un poco*” (04/04/1930), o argentino trata do idioma associado à figura feminina, como fizera na nota de anúncio, ressaltando a sua musicalidade: “*El idioma portugués, hay que oírlo conversar a una **menina**, es de lo más delicioso que puede concebirse. Es un parlamento hecho para boca de mujer, nada más*”⁵⁸¹ (ARLT, 2013a, p. 24) e, mais adiante, tratando dos preços dos sorvetes, retoma o assunto: “*Precio general de 18 a 35 centavos... y por 18 a 35 centavos le sirven a usted un refresco que es tan delicioso como una boca de **menina** hablando portugués*”⁵⁸² (ARLT, 2013a, p. 24). Em “*Algo sobre urbanidad popular*” (10/04/1930), a associação entre a musicalidade do idioma e a presença feminina aparece ao narrar a cena de um casal: “*Y de pronto escucho que ella dice: - Meu bem. (Mi bien.) Este ‘**meu bem**’ ha salido de la boca de la mujer impregnado de dulzura espesa, lenta, sabrosa*”⁵⁸³ (ARLT, 2013a, p. 53). Em “*¡Pobre brasilera!*” (04/05/1930), sobre a jovem que se encontra enferma, relata: “*Ella me miraba y*

⁵⁸¹ “O idioma português... É preciso ouvir uma menina conversar, é a coisa mais deliciosa que se pode conceber. É uma fala feita para boca de mulher, nada mais” (ARLT, 2013c, p. 262).

⁵⁸² “Preço geral, de 18 a 35 centavos... e por 18 a 35 centavos lhe servem um refresco que é tão delicioso como uma boca de menina falando português” (ARLT, 2013c, p. 262).

⁵⁸³ “E de repente, escuto ela dizer: – Meu bem (mi bien). Esse ‘meu bem’ saiu da boca da mulher impregnado de doçura espessa, lenta, saborosa” (ARLT, 2013c, p. 280).

*sonreía. Le daba risa el idioma, como a nosotros nos hace reír el portugués*⁵⁸⁴ (ARLT, 2013a, p. 134). Mais adiante, volta ao assunto do idioma ao tratar de sua visita à moça: “Le digo al entrar: ‘¿Cómo le va a la **menina**?’. Y ella se ríe; porque ella hace un buen rato que ha dejado de ser **menina** y es señorita ya. Yo sé que le causa gracia el idioma ‘**aryentino**’⁵⁸⁵ (ARLT, 2013a, p. 135), demonstrando que o estranhamento em relação ao idioma do outro é recíproco.

Há algumas referências ao idioma que não se restringem a inserir termos do português e do portunhol. Na citação anterior em que a mulher se dirige a seu companheiro, Arlt traduz uma construção em português logo na sequência dessa, entre parênteses. O mesmo ocorre na citação anterior em que duas crianças se desejam boa noite. Em outros momentos, o autor busca explicitar o significado ou o emprego de um determinado vocábulo aos leitores portenhos. Em “*De todo un poco*” (04/04/1930), explica: “*He descendido de un peso a tres centavos, porque tres centavos en este bendito país tienen por nombre ‘testón’ y con un testón usted se da una buena vuelta de **ruas** en tranvía*”⁵⁸⁶ (ARLT, 2013a, p. 23). Em “*Cosas del tráfico*” (28/04/1930), sobre os inspetores dos bondes, Arlt (2013a, p. 111) relata: “*Se llaman ‘fiscales’. Usted les sobra la pinta y dan ganas de reírse. Esos fiscales van peor maltrechos que nuestros guardas de ómnibus suburbanos*”⁵⁸⁷. O riso aqui se produz pela ironia com que o escritor trabalha com os sentidos da palavra fiscal em português e em espanhol.

Arlt também distingue a forma como são chamados os automóveis, observando uma possível confusão com o espanhol: “*¿Y si lo pisa un **carro**? (A los ómnibus los llaman ‘carros’ en este país. A los carros, no sé cómo los llaman)*”⁵⁸⁸ (ARLT, 2013a, p. 155). Essa confusão deve-se ao fato de que os ônibus eram designados como “carros” no Brasil, sendo este termo utilizado, no espanhol da Argentina, para referir-se às carroças.

⁵⁸⁴ “Ela me olhava e sorria. Achava graça no idioma, assim como o português nos faz rir” (ARLT, 2013b, p. 146).

⁵⁸⁵ “Digo ao entrar: ‘Como vai a menina?’ E ela ri; porque deixou de ser menina há um bom tempo, e já é senhorita. Eu sei que acha graça do idioma ‘argentchino’. Fica me olhando por alguns instantes” (ARLT, 2013b, p. 147).

⁵⁸⁶ “Baixei de um peso a três centavos porque três centavos nesse bendito país têm por nome ‘un teston’, e com um teston você dá uma boa volta nas ruas, de bonde” (ARLT, 2013c, p. 261).

⁵⁸⁷ “Chamam-se Fiscais. Você dá uma olhada na pinta deles e dá vontade de rir. Esses fiscais são mais maltratados do que os nossos guardas de ônibus suburbanos” (ARLT, 2013c, p. 316).

⁵⁸⁸ “E se um ‘carro’ passar por cima dele? (Os ônibus são chamados de ‘carros’, neste país. Os carros, eu não sei como são chamados.)” (ARLT, 2013c, p. 344).

Em “Os *mininos*” (16/05/1930), em que há também o uso do portunhol, Arlt faz essa distinção entre as formas como são chamados os meninos no Brasil em relação ao “*pibe*” portenho, incluindo ainda a menção ao “*botija*” uruguaio. Para referir-se à forma como são chamados os meninos argentinos, Arlt utiliza-se de uma palavra no lunfardo, ao invés de “*niño*” ou “*chico*” e emprega aquele na sequência, que pode designar também o filho: “*Pero este de minino es magnífico y dulce. ‘Ven per cá, minino’, le dice la madre al niño cuando le quiere dar el pesto y el pibe raja como gato escaldado*”⁵⁸⁹ (ARLT, 2013a, p. 177).

Outra referência por meio da qual o autor busca explicitar o uso do português a partir de uma diferença significativa refere-se à forma de tratamento. Em “*¡Qué lindo país!*” (26/04/1930), Arlt afirma que ao viajar, pode-se conversar com qualquer um, e todos são gentis e amáveis, e completa: “*Hasta el tuteo es respetuoso. Nosotros decimos ‘vos hablás’, ellos se llaman ‘o senhor’, así, en solamente tercera persona*”⁵⁹⁰ (ARLT, 2013a, p. 101). Ao referir-se ao “*tuteo*”, forma que emprega a segunda pessoa do singular do espanhol, utilizada em contextos de proximidade, o autor observa que os brasileiros respondem em terceira pessoa o que no espanhol demonstra um distanciamento, hierarquia e respeito. No entanto, no Brasil, é comum o emprego das formas verbais da terceira pessoa para o tratamento coloquial, como é o caso de “você”, que acabou por superar o uso do “tu”.

No entanto, esse trecho demonstra, assim como os outros desvios já mencionados, que Arlt acaba interpretando algumas características linguísticas de um modo equivocado. Cabe observar que, em alguns dos diálogos relatados por Arlt, os interlocutores são falantes do mesmo idioma. Além do amigo portenho que o recebe em sua casa num primeiro momento, com quem trava diálogos nas notas “*En la caverna de un compatriota*” (05/04/1930), “*Tipos raros*” (13/04/1930) e “*Por qué vivo en un hotel*” (16/04/1930), Arlt relata também que conversou com jovens jornalistas, argentinos e amigos, em “*Amabilidad y realidad*” (07/05/1930), com um senhor catalão, em “*Fiesta de la abolición de la esclavitud*” (14/05/1930) e com um argentino em “*El que desprecia su tierra*” (15/05/1930).

⁵⁸⁹ “Mas isso de minino é magnífico e doce. ‘Ven per cá, minino’, diz a mãe ao menino quando quer lhe passar um pito, e o garoto sai chispando como gato escaldado” (ARLT, 2013c, p. 358).

⁵⁹⁰ “Até o tratamento informal é respeitoso. Nós, dizemos ‘você fala’, eles, ‘o senhor’, assim, em solene terceira pessoa” (ARLT, 2013c, p. 311).

Sobre o diálogo com interlocutores que não falam o espanhol, cabe mencionar o momento relatado por Arlt no qual é apresentado ao português que morava na mesma casa em que o compatriota que o hospedou:

- *Un gran periodista lisbonés en desgracia...*
- **Muito prazer en counucerlo.**
- *Muito obrigado – respondí yo por contestar algo...*
- *Lo protejo – continuó mi amigo –. El proveedor me tiene una confianza ilimitada.*
- El señor de pijama y de piernas peludas se inclino nuevamente ante mí y me dijo:*
- **Ou senhor está en la sua casa. Esteja a gosto.**
- *Yo estoy a gusto en todas partes, compañero... pero, hablando de todo un poco, ¿no hay pulgas aquí?*
- *No.*
- *¿Peste bubónica ni fiebre amarilla, tampoco?*
- **Ou senhor está brincando...** (*Cachando, quiere decir.*)⁵⁹¹ (ARLT, 2013a, p. 29)

Na sequência, Arlt relata que o homem de pijama faz perguntas em um português tão “*cerrado*”, que o autor não compreende nem a metade daquilo que lhe é falado e por isso responde a tudo com um “muito obrigado”. Em outra nota o autor volta à essa questão e afirma: “*Le he dicho al periodista portugués, con quien alcanzo a entenderme un poco ahora*”⁵⁹² (ARLT, 2013a, p. 70).

Há ainda a nota “*Elogio a una moneda de cinco centavos*”, em que Arlt ganha de uma senhora, também argentina, uma moeda de cinco centavos argentinos. A partir de sua leitura pode-se pensar que a solidão que o autor nega porque tem “uma companheira” refere-se também a uma interlocutora, ainda que imaginária, em seu idioma:

Te voy a colocar en un marquito en mi pieza. Cuando entre y salga, cuando esté solo, meditando macanas y pensando pavadas, levantaré los ojos, te juraré de rabillo y diré: “Bueno; no estoy solo, tengo una compañera”. Charlaremos. Nos batiremos nuestros mutuos infortunios. Vos me contarás las angustias de los crostas por

⁵⁹¹ “– Um grande jornalista lisboeta em desgraça... – Muito prazer em counucerlo. – Muito obrigado – respondi eu para responder alguma coisa... – Eu o protejo – continuou meu amigo –, o provedor tem uma confiança ilimitada em mim. O senhor de pijama e de pernas peludas se inclinou novamente diante de mim e disse: – Ou senhor está em sua casa. Esteja a gosto. – Eu estou a gosto em todos os lugares, companheiro... mas falando de tudo um pouco: não tem pulgas aqui? – Não. – Peste bubônica, nem febre amarela? – Ou senhor está brincando... (*cachando*, ele quer dizer)” (ARLT, 2013c, p. 265).

⁵⁹² “Eu disse ao jornalista português, com quem agora consigo me entender um pouco” (ARLT, 2013c, p. 291).

*cuyos bolsillos pasaste peregrina, sin poder durar en ninguno; me narrarás la odisea de innumerables vagos acosados de mil necesidades y yo te contaré, a mi vez, las broncas que no puedo escribir; alacranearé a esta gente y ¡pobre los dos! nos consolaremos como hacen los patos de verdad, pero que hablan el mismo idioma.*⁵⁹³ (ARLT, 2013a, p. 139)

Ao final da nota, o idioma argentino reaparece como laço comum que os une. Esse idioma é descrito como “*resonante, machoso, bravo, retobado, compadre*”⁵⁹⁴ e contrasta com a pequenez da moeda. É possível considerar a presença de interlocutores de língua espanhola como indicativo das dificuldades encontradas pelo autor em estabelecer diálogos com falantes do português do Brasil, ainda que o faça, uma vez que os descreve em algumas notas.

Essa dificuldade é percebida também pelas inclusões de palavras em portunhol, como vimos, ou ainda relatada pelo escritor. O idioma do senhor lisboeta pode parecer carregado, mas também aquilo que falam os jornalistas na redação do jornal aparece como incompreensível: “*Yo oigo conversar, pero como no entiendo ni medio, miro; sonrío a los que me sonríen y luego sigo en la máquina. Laburo. Oigo que alguien dice: – Un periodista argentino. Vuelvo la cabeza y digo: – Muyto obrigado*”⁵⁹⁵ (ARLT, 2013a, p. 163-164). O emprego de “*argentino*” decorre do fato de que o vocábulo “*argentino*”, em português, emprega um fonema próximo ao do “*y*” do espanhol portenho e muito diferente do “*y*” e do “*g*” do espanhol. Retomando a cena na redação final, é o caso de concordar que, de fato, não é necessário falar bem para obter a simpatia das pessoas no Brasil, mas talvez o seja para compreendê-las.

Com a inclusão de palavras em português ou em portunhol em seus textos, Arlt tenta passar para seus leitores argentinos certo exotismo que pretende dar às crônicas um tom de realidade que mantém o estranhamento perante o outro.

⁵⁹³ “Vou te colocar numa moldura no meu quarto. Quando eu entrar e sair, quando estiver sozinho, meditando besteiras e pensando bobagens, eu levantarei os olhos, te espiarei com o rabo dos olhos e direi: ‘Bom’, não estou tão sozinho assim, tenho uma companheira. Conversaremos. Desembucharemos nossos mútuos infortúnios. Você me contará a angústia dos pés-rapados por cujos bolsos você passou, peregrina, sem poder durar em nenhum; você vai me narrar a odisséia de inumeráveis vadios acoados por mil necessidades, e eu te contarei, por minha vez, as broncas que não posso escrever; destilarei veneno e nós dois, coitados, nos consolaremos como fazem os duros de verdade, mas que falam o mesmo idioma” (ARLT, 2013c, p. 333).

⁵⁹⁴ “Ressonante, machão, bravo, enfezado, *compadre*” (ARLT, 2013c, p. 333).

⁵⁹⁵ “Eu ouço as conversas, mas como não entendo patavina, olho; sorrio aos que me sorriem e depois continuo na máquina. Dou duro. Escuto alguém que diz: – Um ‘jornalista argentino’. Viro a cabeça e digo: – *Muyto (sic) obrigado*” (ARLT, 2013c, p. 350).

PALAVRAS FINAIS

A trajetória empreendida teve como intuito o estudo das águas-fortes cariocas de Roberto Arlt, buscando inseri-las dentro de uma obra maior, sendo necessário, portanto, dedicar-nos a diversos aspectos acerca da vida do escritor argentino e de sua obra.

Compreendemos que a realização desse percurso através da obra arltiana enriqueceu a leitura à qual nos propusemos aqui, uma vez que alguns temas são recorrentes na escrita de Arlt e que há também momentos em que o próprio autor se refere à sua produção literária, evidenciando assim um diálogo interno na obra e, diante do qual propusemos o desdobramento do conceito de biblioteca, proposto por Samoyault (2008) em “biblioteca lida” e “biblioteca escrita”, de forma que a “biblioteca lida” se refere ao uso que o autor faz de outras obras literárias através da intertextualidade presente em sua obra e a “biblioteca escrita” se refere também à retomada de textos literários, no entanto, não daqueles lidos por Arlt, e sim escritos por ele. Nesse sentido, Arlt dialoga tanto com as obras que leu, como com as obras que escreveu.

A leitura das águas-fortes proporcionou a constatação de que Arlt opera de modos distintos para descrever o Brasil. Primeiramente, recorre às imagens e representações resultantes de um processo de construção do Brasil e dos brasileiros – ao qual se dedicou França (2012) – considerando a leitura das narrativas de viajantes ao Brasil, sobretudo de viajantes argentinos, cuja leitura, ainda que breve, proporcionou a constatação de vários pontos de contato em relação àquilo que despertou o interesse de Arlt em terras brasileiras, tais como a força do sol e de suas paisagens, a diversidade étnica, a beleza das mulheres, a língua portuguesa falada no Brasil, bem como a constatação de um suposto atraso dessa sociedade que se alterna com a percepção da necessidade de aproximação entre as nações.

O autor descreve o Brasil a partir de aspectos da realidade observada, porém, ao mesmo tempo, ficcionaliza outros aspectos acerca do contexto em que está inserido, como personagens reais e acontecimentos. A ficcionalização em narrativas de viagem, mais do que uma atitude consciente, ocorre seja pela existência de uma biblioteca coletiva comum à cultura e ao momento histórico em que está inserido,

seja para preencher as lacunas de sua compreensão em relação à sociedade que o rodeia.

Arlt recorre às imagens com as quais tem familiaridade, em um processo de tradução do outro onde autoimagem e heteroimagem são colocadas em cenas e constantemente modificadas. Essa característica pode ser encontrada sobretudo em relação à representação das figuras femininas, no tratamento a elas dispensado, no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, quando a partir da imagem do outro consegue ver a si mesmo, e aos portenhos. Apesar disso, a visão acerca das mulheres cariocas mantém, de forma geral, a visão patriarcal presente nas águas-fortes portenhas e suas ambiguidades.

Diferentemente das mulheres, personagens constantes em suas notas, surgem nas águas-fortes cariocas os personagens negros, de diversos matizes. A profusão de tons não apenas chama a atenção do argentino como ele lança mão de inúmeros adjetivos para tentar abarcá-la, incluindo referências preconceituosas e racistas. A escravidão é o único aspecto da história brasileira abordado por Arlt que, no entanto, é rapidamente abandonado, evidenciando assim a despreocupação do escritor em tratar das questões históricas do país e das implicações desta no contexto em que estava inserido.

Por fim, e uma vez que Arlt não compreende a língua portuguesa, ainda que tenha assimilado algo durante sua estadia, é possível pensar que o desconhecimento do autor em relação ao idioma pode justificar as lacunas em relação à compreensão social, histórica, política e cultural do Brasil.

Nas águas-fortes cariocas, Arlt, mais do que equivocar-se, ignora. Ignora tanto no sentido de desconhecer como de rejeitar. Arlt não entrevista personalidades políticas nem literárias porque se nega a “*macanear*”. Ele demonstra-se indiferente pelas questões históricas em alguns aspectos. Em outros, a história o incomoda a tal ponto que opta por concebê-la como ficção. Ele desconhece e julga como irrelevante a cultura brasileira porque, ainda que tenha presenciado manifestações culturais, provavelmente não as tenha enxergado como tais e as que assim considera, não tenha encontrado aqui.

Em muitos aspectos podemos conceber a possibilidade de que a língua apareça como uma barreira. Assim como os portugueses interpretavam as atitudes dos indígenas em seu primeiro contato com estes a partir de suas concepções, crenças e vontades, Arlt também julga o outro a partir de sua visão de mundo,

eurocêntrica também, por não querer ou ainda por não conseguir compreendê-lo de modo satisfatório.

No entanto, em relação aos demais aspectos de sua obra, talvez a maioria, o que prevalece é mesmo essa forma peculiar de ver o mundo. Assim como os textos sobre Buenos Aires, onde o peso dos desvios de uma linguagem própria se equilibra com o de uma concepção de mundo que também o diferencia, o mesmo consideramos ocorrer no Brasil. Um viajante que não domina a língua do outro e que vê esse outro a partir de uma visão incomum. Um argentino com visão eurocêntrica de mundo em terra estrangeira, mas que defende, em seu país, uma linguagem das ruas e os teatros de bairro. Através de um discurso contraditório em linguagem insólita, Arlt aproxima-se na mesma medida em que se distancia do país visitado e de sua terra natal, do *outro* e de si mesmo.

REFERÊNCIAS

ABÓS, A. Mil días con Roberto Arlt. *La Nación*. Buenos Aires, 19 mayo 1999. Suplemento Cultura. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/214788-mil-dias-con-roberto-arlt>>. Acesso em: 29 out. 2016.

ANDRADE, M. Prefácio interessantíssimo. In: ANDRADE, M. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 59-77.

ANTELO, R. El guión de extimidad. In: _____. *Crítica Acéfala*. Buenos Aires: Editorial Grumo, 2008. p. 13-29.

ARLT, M. Arlt en España. In: ARLT, R. *Aguafuertes españolas*. 3. ed. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1971. p. 7-11.

_____. Prólogo. In: ARLT, R. *El amor brujo*. 2. ed. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1972. p. 7-14.

ARLT, R. *Aguafuertes* (andaluzas, marroquíes, galegas, asturianas, vascas y madrileñas). Compilación e introducción de Toni Montesinos. Madrid: Hermida Editores, 2015a.

_____. *Aguafuertes cariocas*. Investigación y prólogo de Gustavo Pacheco. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2013a.

_____. *Aguafuertes españolas*. 3. ed. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1971.

_____. *Aguafuertes gallegas y asturianas*. Compilación y prólogo de Sylvia Saïtta. Buenos Aires: Losada, 1999.

_____. *Aguafuertes madrileñas: presagios de una guerra civil*. Prólogo, compilación y notas de Sylvia Saïtta. Buenos Aires: Losada, 2000.

_____. *Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires: Losada, 2010a.

_____. *Aguafuertes porteñas: Buenos Aires, vida cotidiana*. Buenos Aires: Losada, 2005.

_____. *Aguafuertes porteñas: cultura y política*. Buenos Aires: Losada, 2008a.

_____. *Aguafuertes uruguayas y otras páginas*. Recopilación y prólogo de Omar Borré. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1996.

_____. *Águas-fortes cariocas e outros escritos*. Trad. e org. Gustavo Pacheco. Rio de Janeiro: Rocco, 2013b.

_____. *Águas-fortes portenhas seguidas por águas-fortes cariocas*. Ensaio introdutório, tradução, compilação, nota biográfica e cronologia de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2013c.

_____. *Al margen del cable*. Crónicas publicadas en *El Nacional*, México, 1937-1941. Recopilación, introducción y notas de Rose Corral. Buenos Aires: Losada, 2003.

_____. *Art fundamental*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2010b.

_____. *Cuentos Completos*. Buenos Aires: Losada, 2012.

_____ et al. *Roberto Arlt: Diez aguafuertes comentadas*. Prólogo de Sylvia Saïtta. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015b.

_____. *El amor brujo*. 2. ed. Presentación por Mirta Arlt. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1972.

_____. *El paisaje en las nubes: crónicas en El mundo 1937-1942*. Edición literaria de Rose Corral; prólogo de Ricardo Piglia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

_____. *Entre crotos y sabihondos*. Buenos Aires: Edicom, 1969.

_____. *Nuevas aguafuertes*. Buenos Aires: Losada, 2010c.

_____. *Obras*. Tomo I. Novelas. 2. ed. Ensayo preliminar de David Viñas. Buenos Aires: Losada, 2008b.

_____. *Obras*. Tomo II. Aguafuertes. Ensayo preliminar de David Viñas. Buenos Aires: Losada, 1998.

ARRIGUCCI JR, D. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, n.1/4, p. 43-53, jan./dez. 1985.

BAGGIO, K. G. Ricardo Sáenz Hayes, um intelectual argentino no Brasil durante o Estado Novo: relações internacionais, modernidade e política. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, p. 1-10, jul. 2001. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300847521_ARQUIVO_KatiaGerabBaggio_texto_ANPUH_2011.pdf> Acesso em: 23 jun. 2016.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BIOY CASARES, A. *Unos días en el Brasil (Diario de viaje)*. Buenos Aires: La Compañía de los Libros, 2010.

BROUÉ, P. *A Revolução Espanhola (1931-1939)*. Trad. Alice Kyoko Miyashiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

CAMINHA, P. V. de. *Carta a El-Rei D. Manuel*. Int., org. de texto, glossário, bibliografia e índices de Leonardo Arroyo. São Paulo: Dominus, 1963.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: _____. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CARBONETTI, A. Tuberculosis y literatura en Córdoba en la primera mitad del siglo XX. *Cuadernos de Historia*. Serie Economía y Sociedad. n. 5, Secc. Art. CIFYH-UNC, Córdoba, 2002. p. 7-31. Disponível em: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/cuadernosdehistoriaeys/article/view/9896/10576>>. Acesso em: 13 set. 2015.

CARRIZO RUEDA, S. M. Contrucción y recepción de fragmentos de mundo. In: _____. (Ed.). *Escrituras de viaje: construcción y recepción de "fragmentos de mundo"*. Buenos Aires: Bilbos, 2008. p. 9-33.

CONDE, O. *Diccionario etimológico del lunfardo*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2010.

_____. *Lunfardo: un estudio sobre el habla popular de los argentinos*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2011.

CORRAL, R. "Un argentino piensa en Europa": Roberto Arlt en sus últimas crónicas. In: ARLT, R. *El paisaje en las nubes: crónicas en El mundo 1937-1942*. Edición literaria de Rose Corral; prólogo de Ricardo Piglia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009. p. 13-35.

ESTEVEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

ESTEVEVES, A. R.; ZANOTO, S. A. Literaturas de viagem: viagens na literatura. In: _____. (Org.). *Literaturas de viagem: viagens na literatura*. Assis: Triunfal; FCL-Assis-UNESP, 2010. p. 13-28.

FAUSTO, B. *História concisa do Brasil*. 3. ed. atual. e ampl. Colaboração de Sérgio Fausto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FAUSTO, B.; DEVOTO, F. J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Editora 34, 2004.

FERRERAS, N. O. Entre a expansão e a sobrevivência: a viagem de Albert Thomas ao Cone Sul da América. *Antíteses*, v. 4, n. 7, p. 127-150, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/5280/8836>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

FRANÇA, J. M. C. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.

_____. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos (1531-1800)*. Rio de Janeiro: EdUERJ; J. Olympio, 1999.

FRENKEL, E. Crônicas de R. Arlt em Rio de Janeiro: ¿hospitalidad u hostilidad? *SURES Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História*, Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, n. 3, 2014. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/161/137>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GALÁN, A. S. Nota del editor. In: ARLT, R. *Arlt fundamental*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2010. p. 453-454.

GARCÍA MÉROU, M. *El Brasil intelectual: impresiones y notas literarias*. Buenos Aires: Félix Lajouane Editor, 1900.

GONZÁLEZ LANUZA, E. *Roberto Arlt*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1971.

GONZÁLEZ, H. *Arlt. Política y locura*. Buenos Aires: Colihue, 2008.

IANNI, O. A metáfora da viagem. In: _____. *Enigmas da modernidade-mundo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civ. Bras., 2003. p. 12-31.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00>> Acesso em: 06 jan. 2017.

JITRIK, N. *Panorama histórico de la literatura argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2009.

JORGE, J. E. Roberto Arlt, um escritor torturado? *Revista Estação Literária*. Londrina, v. 12, p. 537-559, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art35.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2015.

_____. Uma Buenos Aires de palavras: a devoradora cidade de Roberto Arlt. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. v. 15, p. 54-63, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24909/18255>>. Acesso em: 09 ago. 2015.

KLEIN, H. S. Novas interpretações do tráfico de escravos do Atlântico. *Revista de História*. São Paulo. n. 120, p. 3-25, jan./jul. 1989. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18589>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1969.

KULIKOWSKI, M. Z. M. *Seria cômico se não fosse trágico: o discurso grotesco de Roberto Arlt*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1997.

_____. Roberto Arlt: a experiência radical da escritura. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 47, p. 105-128, set./nov. 2000.

LAFON, M. Posfacio. In: BIOY CASARES, A. *Unos días en el Brasil (Diario de viaje)*. Buenos Aires: La Compañía de los Libros, 2010. p. 63-82.

LATTES, Z. R. de. Urbanización. In: LATTES, Z. R. de., LATTES, A. E. *La población de Argentina*. Buenos Aires: C.I.C.R.E.D. Serie, 1974. p. 113-147.

LÓPEZ, M. P. A los golpes. In: ARLT, R. et al. *Diez aguafuertes comentadas*. Prólogo de Sylvia Saítta. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015. p. 27-30.

MARTÍNEZ, V. Roberto Arlt y las mujeres en las *Aguafuertes porteñas*. *Ciberletras*. v. 3, aug., 2000. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v03/Martinez.html>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

MASOTTA, O. *Sexo y traición en Roberto Arlt*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

MEIRELLES, D. *1930: os órfãos da Revolução*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MENDEZ, C. E. Alfonsina Storni: escritora y periodista. Analisis de dos crónicas de viaje publicadas en La Nación. *Hologramática*. Facultad de Ciencias Sociales UNLZ Número 6, Vol. 5, p. 3-23, 2007. Disponível em: <<http://www.cienciared.com.ar/ra/doc.php?n=522>>. Acesso em: 22 out. 2016.

MOISÉS, M. A crônica. In: _____. *A criação literária*. Prosa II. A prosa poética, o ensaio, a crônica, o teatro, outras expressões híbridas, a crítica literária. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 101-120.

MOLINA, D. A. Argentina y Brasil en tres acercamientos. *abehache*. Ano 4, n. 7, p. 10-32, 2014.

MORAIS, F. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVER, M. R. Imágenes del Brasil. *SUR*. Buenos Aires, n. 110, p. 26-48, dic. 1943.

PACHECO, G. Introdução. In: ARLT, R. *Águas-fortes cariocas e outros escritos*. Trad. e org. Gustavo Pacheco. Rio de Janeiro: Rocco, 2013a. p. 5-16.

_____. Prólogo. In: ARLT, R. *Aguafuertes cariocas*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2013b. p. 5-7.

PASERO, C. A. Viajeros argentinos en el Brasil: representaciones en tránsito de la lengua portuguesa. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: Linguagens em diálogo, n. 42, p. 133-155, 2011.

PASTOR, B. *Roberto Arlt y la rebelión alienada*. Gaithersburg, MD: Hispamérica, 1980.

PIGLIA, R. Prólogo. In: ARLT, R. *El paisaje en las nubes: crónicas en El mundo 1937-1942*. Edición literaria de Rose Corral; prólogo de Ricardo Piglia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009. p. 9-12.

_____. Um cadáver sobre a cidade. In: _____. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 31-34.

QUEVEDO, F. de. *El buscón*. Advertencia y notas de Américo Castro. Madrid: Espasa-Calpe, 1960.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 578-606.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 22. ed. Madrid, 2001.

RIBEIRO, M. P. G. Roberto Arlt e as águas-fortes. In: ARLT, R. *Águas-fortes portenhas seguidas por águas-fortes cariocas*. Ensaio introdutório, tradução,

compilação, nota biográfica e cronologia Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2013, p. 9-24.

_____. *Tradução de águas-fortes portenhas, de Roberto Arlt*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2001.

ROCCA, P. Dos notas sobre Roberto Arlt. *Fragments*. Florianópolis, núm. 32, p. 65-74, jan./jun. 2007.

ROCHA, N. A. *A constituição da subjetividade feminina em Alfonsina Storni: uma voz gritante na América*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ROMERO, J. L. *Breve Historia de la Argentina*. 7. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

SÁ, J. de. *A crônica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

SÁENZ HAYES, R. *El Brasil Moderno*. Buenos Aires: Editorial del Instituto Americano de Investigaciones Sociales y Económicas, 1942.

SAÍTTA, S. Apuntes para una (auto) biografía de Roberto Arlt. In: ARLT, R. *Agua-fuertes gallegas y asturianas*. Compilación y prólogo de Sylvia Saítta. Buenos Aires: Losada, 1999. p. 23-35.

_____. *El escritor en el bosque de ladrillos. Una biografía de Roberto Arlt*. Buenos Aires: Debolsillo, 2008.

_____. El nombre secreto de Roberto Arlt: hallaron su partida de bautismo. *Revista* N.º 27 jul. 2011. Disponível em: <http://www.revistaenie.clarin.com/literatura/secreto-Roberto-Arlt-hallaron-bautismo_0_524947701.html>. Acesso em: 30 maio 16.

_____. Roberto Arlt en sus biografías. *Iberoamericana. América Latina - España - Portugal*. Vol. XIII, N. 52, p. 129-137, 2013.

_____. Rumo ao Brasil em primeira classe: Roberto Arlt no Rio de Janeiro. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. *Revista USP*. São Paulo, n. 47, p. 116-120, set./nov. 2000.

SAMOYAUULT, T. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTOS, C. P. *Nostra Signora del Mar Dolce: A (re)criação da viagem na narrativa de Gemma Ferruggia*. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista: Assis, 2014.

SARLO, B. Buenos Aires, Cidade Moderna. In: _____. *Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arlt e Meios de Comunicação*. Trad. de Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 199-217.

_____. *Escritos sobre literatura argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

SARMIENTO, D. F. *Viajes*. 2. ed. Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARTZ, J. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: EdUSP; Iluminuras; FAPESP, 1995.

SECRETO, M. V. *Negros em Buenos Aires*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 362-400.

SOUSA, C. H. M. R. de. *Do cá e do lá: introdução à imagologia*. São Paulo: Humanitas, 2004.

STORNI, A. *Obras. Poesía*. Tomo I. Prólogo, investigación y recopilación de Delfina Muschetti. Buenos Aires: Losada, 1999.

TODOROV, T. A viagem e seu relato. Trad. Lea Mara Valezi Staut. *Revista de Letras*. São Paulo, v. 46, n. 1, p. 231-244, jan./jun. 2006.

TROUCHE, A. *América: história e ficção*. Niterói: Ed. UFF, 2006.

VILLORO, J. La crónica: ornitorrinco de la prosa. 2006. *La Nación*. Suplemento Cultura. 22 de enero de 2006. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/773985-la-cronica-ornitorrinco-de-la-prosa>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

VIÑAS, D. Trece recorridos con las novelas de Arlt. In: ARLT, R. *Obras. Novelas*. Tomo I. 2. ed. Buenos Aires: Losada, 2008.

REFERÊNCIAS DE JORNAIS

DIARIO DA NOITE. Rio de Janeiro: 28 de março de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/221961_01/1890>. Acesso em: 27 jul. 2016.

DIARIO DA NOITE. Rio de Janeiro: 1º de maio de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/221961_01/9>. Acesso em: 03 nov. 2016.

DIARIO DA NOITE. Rio de Janeiro: 10 de maio de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/221961_01/89>. Acesso em: 03 nov. 2016.

DIARIO DA NOITE. Rio de Janeiro: 23 de maio de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/221961_01/1890>. Acesso em: 09 ago. 2016.

DIARIO DA NOITE. Rio de Janeiro: 29 de maio de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/221961_01/252>. Acesso em: 03 nov. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 25 de março de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/1259>. Acesso em: 27 jul. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 15 de abril de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/1591>. Acesso em: 21 dez. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 16 de abril de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/1605>. Acesso em: 21 dez. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 17 de abril de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/1621>. Acesso em: 21 dez. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 18 de abril de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/1631>. Acesso em: 21 dez. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 23 de abril de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/1721>. Acesso em: 21 dez. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 25 de abril de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/1750>. Acesso em: 21 dez. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 11 de maio de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/1999>. Acesso em: 03 nov. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 23 de maio de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/2187>. Acesso em: 09 ago. 2016.

O *JORNAL*. Rio de Janeiro: 29 de maio de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/2287>. Acesso em: 27 jul. 2016.

O *PAIZ*. Rio de Janeiro: 29 de março de 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_06/808>. Acesso em: 27 jul. 2016.

ANEXO I - MATÉRIA DE O JORNAL, 25 DE MARÇO DE 1930

"O RIO DE JANEIRO E' O DIAMANTE DO ATLANTICO"

E' O QUE DIZ UM JORNALISTA ARGENTINO QUE NOS VISITA PELA PRIMEIRA VEZ, O SR. ROBERTO ARLT, REDACTOR DE "EL MUNDO"

Entre os viajantes chegados, hontem, pelo "Darro", procedente de Buenos Aires, estava o nosso confrade argentino, sr. Roberto Arlt, redactor do importante diario portenho "El Mundo". Esse nosso confrade, falando-nos sobre os motivos da sua vinda ao Brasil, disse-nos:

— "O fim de minha visita é simples. Ha dois annos, que em Buenos Aires escrevo um typo de informações jornalísticas sob o titulo: "Aguas Puertes Portenas", informações que desenvolvem temas urbanos e citadinos. Por ellas desfilam os typos das nossas ruas, desde o verdureiro até á moçinha que bota "prosa" no bonde, desde o garçon de café que esmola a propina até ao malandrino e á "melindrosa".



Sr. Roberto Arlt

Penso em fazer no Brasil o mesmo. A cidade do Rio de Janeiro, confesso que me surpreendeu, ou para melhor dizer, me produziu vertigens com o seu contraste de cores, de mudanças e bairros distinctos. Isto não é cortezia de viajante, mas a expressão exacta de tudo que tenho de escrever sobre esta cidade polychroma, para a qual é pauper-rima qualquer adjectivação.

Tem-se dito que Buenos Aires é a "perola do Plata". E' verdade. Mas, o Rio de Janeiro é o diamante do Atlantico. Insisto em dizer que as palavras são pobres de expressão para este luxo e variedade riquissima de matizes. Nós, os portuehos, não suspeitamos sequer o que é o Rio de Janeiro. Os nossos turistas dirigem-se erradamente ás pralas uruguayas; é necessario tornar conhecido este Brazil de sonhos e de allucinação para os argentinos."

O sr. Arlt falou-nos, em seguida, do seu diario:

— "O sr. Muzio Saens Peña, um dos nossos melhores jornalistas, embora novo, tomou conta de "El Mundo", em plena decadencia, levantando-o bem depressa a tal altura, que é actualmente o diario de leitura obrigatoria para as classes médias. E é precisamente esta classe média, que gosta de passear e para ella o Brasil tem de interessal-a, inevitavelmente."

O nosso confrade não é apenas jornalista. E' também escriptor e adeantou-nos:

— "Publiquei duas novellas. Uma, em 1926, intitulada "El Jaguete Rabloso", e outra em fins de 1929, "Los Siete Locos". Collaboro também em varias revistas argentinas.

O sr. Roberto Arlt pretende demorar-se entre nós, escrevendo chronicas de ambiente para o seu jornal, servindo ao paiz que tanto o encantou, desde logo, para tornal-o cada vez mais conhecido dos argentinos, conforme nos disse sem poder esconder a satisfação que lhe ha de dar esse mistér.

ANEXO II - MATÉRIA DO DIARIO DA NOITE, 28 DE MARÇO DE 1930

DIARIO DA NOITE

A RAINHA DAS NORMALISTAS

A coroação, hontem, no Instituto Nacional de Musica, da senhorita Graziella Caselli

Foi hontem, á noite, no salão de concertos do Instituto Nacional de Musica, que se realizou a coroação da senhorita Graziella Caselli, vencedora do concurso instituido pelos nossos collegas do "Correio do Brasil", Rainha das Normalistas.

O amplo recinto estava repleto, contendo um publico selecto, onde se destacavam a sra. Anna Amelia Carneiro de Mendonça, rainha dos estudantes, a senhorita Maria Campos, rainha dos preparatorianos, representantes das altas autoridades, professores e alumnos da Escola Normal, numerosas familias e representantes de nossos jornaes e revistas.

Logo após á chegada da nova soberana, teve inicio a festa, com o discurso do nosso collega de imprensa, sr. Cyro Basilio de Araujo que annunciou a primeira parte do programma, que consistiu em trechos de piano e violino, executados pelo maestro Oswaldo Pires Ferreira e pela laureada violinista senhorita Rosina Bessa; declamação pela poetiza senhorita Maria Sabina de Albuquerque e sr. Paulo de Magalhães; palestra humoristica pelo actor Manoelino Teixeira e musica pelo trio do Gymnasio Vera Cruz.

Terminada esta parte artistica, seguiu-se a coroação da senhorita Graziella Caselli, que apparece em scena acompanhada pela rainha dos preparatorianos, sendo recebida com applausos. Fala, então, o sr. Joaquim Campos, director do "Correio do Brasil", que tece considerações em torno do ephemero reinado, que a juventude, com a sua vivacidade e idealismo, tanto anima, terminando por pedir á senhorita Maria Campos, rainha dos preparatorianos, que coroe á sua nova collega, o que é feito entre applausos de toda a assistencia.

Por fim, discursou a senhorita Maria Campos, saudando a nova rainha, após o que terminou a brilhante festividade.

Um pavoroso incendio destróe 700 casas no Japão

TOKIO, 28 (H.) — Telegramma de Komatsumachi annuncia que pavoroso incendio acaba de devorar ali cerca de setecentas casas, entre as quaes o edificio da municipalidade.

O numero das victimas reduzia-se a um bombelro, morto na desesperada luta travada contra as chammas e tres pessoas gravemente feridas. Os prejuizos materiaes eram avaliados em mais de um milhão de "yens".

TOKIO, 28 (U. P.) — Um incendio causou enormes estragos na prefeitura de Ishikawa. As primeiras noticias dizem que pelo menos se registraram cem mortes, tendo sido destruidos oitocentos edificios.

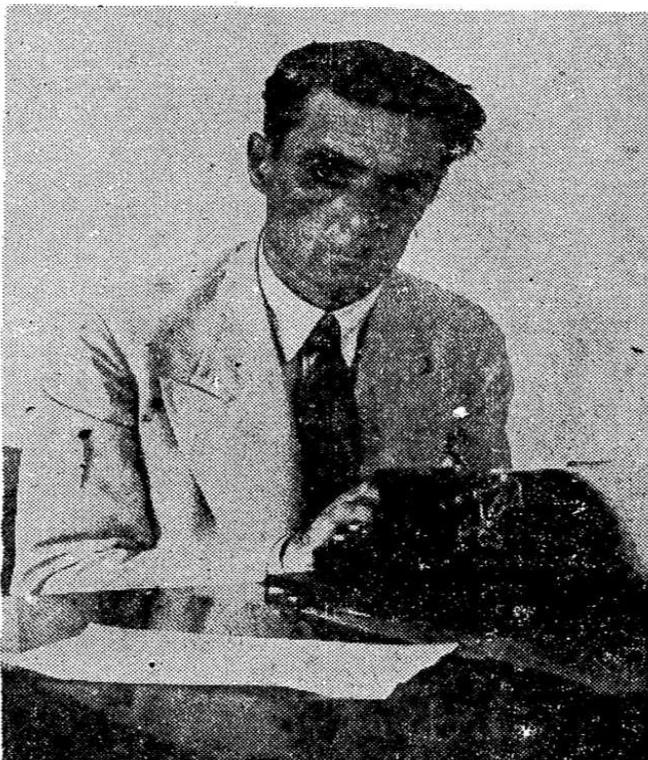
Calculam-se os prejuizos em um milhão de dollars.

AS SAIDAS DE CAFE' PELO PORTO DE SANTOS

Cifras comparativas do movimento nos primeiros tri-

Impressões de um jornalista portenho sobre o Brasil

"O turismo é um factor economico que valoriza a riqueza de um povo" — disse-nos o jornalista argentino, senhor Roberto Arlt, enviado especial de "El Mundo" ao Brasil



O jornalista Roberto Arlt, na redacção do DIARIO DA NOITE, escreve-nos as suas impressões e seus projectos

A bordo do "Desna" chegou hontem a esta capital, o illustre jornalista portenho sr. Roberto Arlt, redactor do "El Mundo", de Buenos Aires.

Encontrando-o hoje, não nos foi difficil obter do confrade argentino o objectivo da sua viagem ao nosso paiz e as impressões que lhe tivesse despertado a nossa capital.

PARA QUE VEIU AO BRASIL

E o sr. Roberto Arlt, nos disse:

— As minhas impressões? Não saberia resumil-as. Estou, simplesmente, deslumbrado. Sabia, por referencias, do prodigio da natureza brasileira, que não admitte referencias. Na realidade supera a qualquer descripção, por genial que ella seja. Prefiro, pois, não falar della, para sentir a caricia que este espectáculo da terra brasileira realiza no meu espirito.

za de um povo. Não comprehendendo este afastamento das realidades. Acaso, porque o aphorismo de Roosevelt: "Semeemos amizades e colheremos mercados" — haja impressionado mais os estadistas que pensam que são as vinculações economicas as que mais approximam os povos, sobre tudo quando ellas hajam posto de lado as especulações do espirito? Não sei.

E ahi terminou a nossa conversa com Robert Arlt., redactor do "El Mundo", de Buenos Aires.

A SITUAÇÃO PRECARIA DA GUARDA CIVIL

Os novos "luxos" da Inspectoria e as possibilidades necuniaras dos civis

VIVENDO NOS PRIMEIROS TRIMESTRES DE 1929 E 1930

É este o quadro comparativo das saídas de café no porto de Santos no primeiro trimestre dos annos de 1929 a 1930:

Em 1929: janeiro, 807.010 saccas; fevereiro, 782.754; março, 597.028.

Em 1930: janeiro, 1.084.877; e fevereiro, 967.249; e em março, 587.526.

As saídas no mez de março estão somente computadas até a data de 27.

Em dezembro de 1929 a saída de café pelo referido porto foi de 775.043 saccas, contra 809.337 em igual periodo de 1928.

O director da E. F. Central do Brasil determinou que do mez vindouro em diante as entradas de café para o porto de Santos serão na base de 38.000 saccas diariamente comprehendendo á quota ordinaria.

O director da Central scientificou aos chefes de estações a resolução daquella estrada.

O sr. Prado Junior visitou o Posto de Assistencia de Copacabana

E recolheu excellente impressão

Em companhia do sr. Pacheco Chaves, inspector de Mattas e Jardins, o dr. Antonio Prado Junior, prefeito do Districto Federal, visitou hoje, pela manhã, o Posto de Assistencia de Copacabana, na Avenida Atlantica.

Recebidos pelo director, dr. Clovis de Moura e os medicos de plantão, drs. Brandão e Ferreira Pontes, o governador da cidade percorreu todas as installações, recolhendo a melhor impressão.

A desta manhã foi a primeira visita que o sr. Prado Junior fez ao Posto de Assistencia de Copacabana, ha dias inaugurado.

Queixou-se ao juiz criminal de Nichteroy de que fôra espancado numa delegacia de policia

A 1ª delegacia auxiliar fluminense está procedendo a requerito solicitado pelo juiz criminal de Nichteroy para apurar a queixa de espancamento de que diz ter sido victima Manoel Valentim de Jesus por autoridades da 2ª circumscripção, quando o mesmo estivera preso, envolvido num furto em Santa Rosa.

O queixoso foi mandado a corpo de delicto no gabinete medico legal, e allega ser um homem de bem empregado num açugue da rua Alcares de Azevedo n° 55 e nada ter com o furto praticado por Eduardo Silva, preso na mesma occasião em que fora o queixoso.

Em abono da sua idoneidade, Jesus apresenta alguns moradores das immediações da casa onde elle é empregado.

ra brasileira realza no meu espirito.

Talvez lhe interesse mais conhecer o proposito que ao Brasil me trouxe, proposito que se relaciona com o diario portenho "El Mundo", a cuja redacção tenho a honra de pertencer. Pouco ou nada conhece o povo do meu paiz acerca dos homens e das coisas brasileiras. Continuamos vivendo mais em contacto com Pekin que com o Rio de Janeiro! É natural: respondendo á nossa indole de americanos que se desinteressam de suas coisas, olvidando a propheta do poeta argentino, "America dona do Futuro" — para nos preocuparmos com a dor de callos que possa soffrer o senhor Mussolini. "El Mundo", em cuja direcção se encontra uma das intelligencias mais brilhantes da Argentina, senhor Muzio Saenz Pena, quer contribuir de certo modo a sanar este absurdo, offerecendo aos seus leitores um pouco da maravilha brasileira, e neste sentido me convidou a realizar uma visita á patria do venerado Castro Alves. Homem dado á publicidade, ávido de novas sensações e enamorado de toda a belleza, aceitei o convite e aqui me tem o confrade: entontecido de sensações novissimas, encantado por esta terra de promessa e, o que é mais, começando a orgulhar-me do contacto com o espirito brasileiro.

UM LIVRO SOBRE COISAS E HOMENS DO BRASIL

— O meu proposito é simples: vou escrever notas de caracter popular, isto é, conservando-me no nivel do diario a que pertenço, de ampla circulação na classe media argentina, sobre as cosas e os homens do Brasil, afastando-me dos assumptos politicos. Considerar-me-el felicissimo, se dentro desse plano de conducta chego a contribuir para que o Brasil seja um pouco mais conhecido do que é, actualmente.

— O confrade tem-se dedicado a outro genero que não seja o fatigante jornalismo diario?

— Pois não. Escrevi duas novelas. A mais recente, que mereceu a honra de um acolhimento feliz, tem o titulo de: "Los Siete Locos". Uma satyra envolvendo uma tragedia... Typos de psychologia turva... fronteiriça...

O BRASIL AFASTADO DAS REALIDADES

— E conta demorar-se muito tempo entre nós?

— Ha 24 horas apenas que estou no Rio e já me sinto um pouco brasileiro — desculpe a confissão, que é sincera. A propaganda no exterior é nulla. Nenhum outro paiz está em melhores condições do que o Brasil para attraír o turismo. novo factor economico incorporado á rique-

des pecuniarias dos civis

Estamos informados de que a situação precaria da guarda-civil vai ser agora violentamente aggravada por um capricho injustificavel da Inspectoria.

Como se sabe, os benemeritos colaboradores da policia civil compõem uma classe do funcionalismo dos mais mal remunerados possiveis. Os vencimentos dos guardas de primeira e segunda categoria são irrisorios. Os de terceira classe, então, ganham uma perfeita miseria, que absolutamente, não dá para a sua manutenção com a vida cara actual.

Pois, justamente os guardas de terceira classe é que são os mais attitudados pelas actuaes providencias de luxo e hygiene requintada que a Inspectoria tomou. Esse departamento, sem mais nem menos, exigiu sob pena de multa uso de puniões e collarinhos irreprezivelmente engomados e limpos para a guarda-civil. Isso vem, está claro, obrigar a corporação a excessos de despesa a que nem bem ou mal os guardas de primeira e segunda conseguem attender, nem por um milagre poderão fazer-o os de terceira classe.

E vamos dizer porque.

Um guarda de terceira vence mensalmente 300\$000. Mensalmente e simples vilheria. Os guardas-civis são meros diaristas, com as falhas descontadas e, além disso, sujeitos a multas.

Acontece ainda que, nas folhas, os guardas de terceira soffrem os seguintes descontos, em prestações mensaes:

Nomeação (de sellos que não constam nos respectivos titulos): 390\$000. Fiança e equipamento: 240\$000. Fardamento: 650\$000 Caixa Beneficente (que não se sabe para que serve): 6\$000.

Acrescente-se a isso as falhas descontadas tambem. O guarda que adoece, para não ser multado tem que apresentar attestado medico e guia da seção central para o que se chama "justificação de doença em detalhe". Essa justificação evita a multa mas não impede o desconto das folhas. Se falta a justificação além do desconto das diarias, ha a multa. Resta ainda o facto de não haver assistencia medica: mais uma despesa que o guarda-civil tem que fazer por conta propria.

No meio disso, os fiscaes, com automoveis particulares e vencendo grandes ordenados gosam favores excepcionaes, falham ao serviço por molestia ou não e não sendo nem descontados nem multados. E, por cima disso é que a Inspectoria se lembrou de exigir rigoroso assae e elegancia dos guardas civis, esquecendo-se de que os seus ordenados dão quando muito, para morar e comer mal, e para vestir-se como seja possível. Pesar-lhes o orçamento para com essa disposição iniqua é preparar a miseria definitiva para a classe efficiente do. dedicados servidores da ordem publica na policia civil.

ASSOCIAÇÕES

Syndicato Medico Brasileiro — Realiza-se, ás 20 1/2 horas, a reunião do Conselho Deliberativo do Syndicato Medico Brasileiro para tratar dos seguinte assumptos: a) preços mínimos; b) peculio medico; c) assistencia hospitalar gratuita; d) reparos na "Casa do Medico".

ANEXO III - ÁGUAS-FORTES URUGUAIAS E CARIOCAS

Segue abaixo a lista com os textos publicados por Roberto Arlt decorrentes de sua primeira viagem ao exterior. Trata-se, portanto, dos relatos de viagem pelo Uruguai e pelo Brasil no ano de 1930 e denominados originalmente como *Informaciones de viaje*, *Aguafuertes uruguayas*, *Notas de a bordo*, *Notas de viaje* e *De Roberto Arlt*, incluindo ainda as águas-fortes portenhas publicadas a partir da nota de anúncio da viagem e que dela tratam.

Uma vez que alguns desses textos foram publicados em compilações dispersas antes de terem o seu conjunto reunido em livro – ainda que mesmo com as tentativas de reuni-los em uma única obra nem sempre todos os textos estejam presentes, como é o caso do textos sobre o Uruguai – e para facilitar a localização dos mesmos, propomos aqui a bibliografia das águas-fortes uruguaias e das águas-fortes cariocas, como acabaram sendo denominados os dois conjuntos, a partir da “Bibliografía de Roberto Arlt” proposta por Saítta (2008) e indicando as obras em que tais textos foram publicados em livro pelos números abaixo:

- (1) *Nuevas aguafuertes porteñas* (Buenos Aires: Hachette, 1960)
- (2) *Cronicón de sí mismo* (Buenos Aires: Edicom, 1969)
- (3) *Nuevas aguafuertes* (Buenos Aires, Losada, 1975/2010)
- (4) *Aguafuertes uruguayas* (Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1996)
- (5) *Roberto Arlt: su vida y su obra* (Omar Borre, 2000)
- (6) *Aguafuertes cariocas* (Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2013)
- (7) *Águas-fortes cariocas e outros escritos* (Rio de Janeiro: Rocco, 2013)
- (8) *Águas-fortes portenhas seguidas por águas-fortes cariocas* (São Paulo: Iluminuras, 2013)
- (9) *El País Cultural*⁵⁹⁶ (Montevideo)

Segue, portanto, a lista de obras agrupadas conforme o título da seção do jornal e apresentadas com o título da nota, local e data de publicação original, seguido pelo(s) número(s) que localiza(m) sua publicação em livro(s).

⁵⁹⁶ De acordo com Pablo Rocca (2007, p. 69) em *Dos notas sobre Roberto Arlt*.

Aguafuertes porteñas:

“Con el pie en el estribo”, *El Mundo*, 8 de marzo de 1930. (4, 6, 7, 8)

“Frente al viaje”, *El Mundo*, 9 de marzo de 1930. (4)

“Au revoir”, *El Mundo*, 10 de marzo de 1930.

“Y me voy en martes”, *El Mundo*, 11 de marzo de 1930. (4)

“Regalos de boda”, *El Mundo*, 12 de marzo de 1930.

Informaciones de viaje:

“Ya estamos a bordo”, *El Mundo*, 13 de marzo de 1930. (4)

“Como ministros”, *El Mundo*, 14 de marzo de 1930. (2)

“Ya lejos”, *El Mundo*, 15 de marzo de 1930. (4)

“Elogio de la mujer uruguaya”, *El Mundo*, 16 de marzo de 1930. (9)

“Alpinismo rioplatense”, 17 de marzo de 1930. (4)

“La calle del pecado”, *El Mundo*, 18 de marzo de 1930. (4)

“Cartas que emocionan”, *El Mundo*, 19 de marzo de 1930.

“Van muertos los turistas”, *El Mundo*, 20 de marzo de 1930. (4)

“La calle Grecia”, *El Mundo*, 21 de marzo de 1930. (4)

Aguafuertes uruguayas:

“Hablemos con sinceridad”, *El Mundo*, 22 de marzo de 1930. (4)

“El tablado de Arlequín”, *El Mundo*, 23 de marzo de 1930. (4)

“Canciones ‘da terriña’”, *El Mundo*, 24 de marzo de 1930. (9)

“No simpatiza conmigo”, *El Mundo*, 25 de marzo de 1930. (4)

“Fiaca radiotelefónica”, *El Mundo*, 26 de marzo de 1930. (4)

“Quería ser mi secretario”, *El Mundo*, 27 de marzo de 1930. (4)

Recuerdos Porteños:

“Una carta olvidada”, *El Mundo*, 28 de marzo de 1930. (2)

Notas de a bordo:

“Rumbo al Brasil en 1ª clase”, *El Mundo*, 31 de marzo de 1930. (8)

“Se lo regalo al océano”, *El Mundo*, 1º de abril de 1930. (8)

“Ya estamos en Río de Janeiro”, *El Mundo*, 2 de abril de 1930. (6, 7, 8)

“Costumbres cariocas”, *El Mundo*, 3 de abril de 1930. (6, 7, 8)

Notas de viaje:

- "De todo un poco", *El Mundo*, 4 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "En la caverna de un compatriota", *El Mundo*, 5 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Hablemos de cultura", *El Mundo*, 6 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Los Pescadores de perlas", *El Mundo*, 7 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "La ciudad de piedra", *El Mundo*, 8 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "¿Para qué?", *El Mundo*, 9 de abril de 1930. (1, 2, 3, 6, 7, 8)
- "Algo sobre urbanidad popular", *El Mundo*, 10 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Y la vida nocturna ¿dónde está?", *El Mundo*, 11 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Trabajar como negro", *El Mundo*, 12 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Tipos raros", *El Mundo*, 13 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Ciudad sin flores", *El Mundo*, 14 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Ciudad que trabaja y se aburre", *El Mundo*, 15 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Porque vivo en un hotel", *El Mundo*, 16 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Río de Janeiro en día domingo", *El Mundo*, 22 de abril de 1930. (6, 7, 8)

De Roberto Arlt:

- "Divagaciones y locomotoras de fantasía", *El Mundo*, 24 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Castos entretenimientos", *El Mundo*, 25 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "¡Qué lindo país!", *El Mundo*, 26 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Dos obreros distintos", *El Mundo*, 27 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Cosas del tráfico", *El Mundo*, 28 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Llamémoslo 'jardín zoológico'", *El Mundo*, 29 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Sólo escribo sobre lo que veo", *El Mundo*, 30 de abril de 1930. (6, 7, 8)
- "Se lo recomiendo para combatir el calor", *El Mundo*, 1º de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "La belleza de Río de Janeiro", *El Mundo*, 3 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "¡Pobre brasilerita", *El Mundo*, 4 de maio de 1930. (5, 6, 7, 8)
- "Elogio de una moneda de cinco centavos", *El Mundo*, 5 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "No me hablen de antigüedades", *El Mundo*, 6 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "Amabilidad y realidad", *El Mundo*, 7 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "¡Treinta y seis millones", *El Mundo*, 8 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "Elogio de la triple amistad", *El Mundo*, 11 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "Vento' fresco", *El Mundo*, 12 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "Redacción de O Jornal", *El Mundo*, 13 de maio de 1930. (6, 7, 8)

- "Fiesta de la abolición de la esclavitud"*, *El Mundo*, 14 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "El que desprecia su tierra"*, *El Mundo*, 15 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "Os mininos"*, *El Mundo*, 16 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "Espérenme, que llegaré en aeroplano"*, *El Mundo*, 21 de maio de 1930. (1, 2, 6, 7, 8)
- "Viaje a Petrópolis"*, *El Mundo*, 22 de maio de 1930. (6, 7, 8)
- "Diario del que va a viajar en aeroplano"*, *El Mundo*, 29 de maio de 1930. (2, 6, 7, 8)
- "Proposiciones comerciales"*, *El Mundo*, 30 de maio de 1930. (1, 2, 8)
- "Éste es Soiza Reilly"*, *El Mundo*, 31 de maio de 1930. (1, 2, 8)
- "¡Es lindo viajar en hidroavión!"*, *El Mundo*, 1º de junho de 1930.
- "Se continúa con el asunto del avión"*, *El Mundo*, 2 de junho de 1930.